1952

ABRIL - N. 419

# EU SEI TUDO

5 CRUZEIROS

NESTE NÚMERO: Deve o jôgo ser legalizado?
SEU FILHO É ONYCHOPHAGO?
Não faça isso com o seu marido!



# TODOS OS ESPORTES!

TODOS OS TIMES DE FUTEBOL, EM CÔRES, VOCÊ ENCONTRARÁ NO ANUÁRIO ESPORTE Ilustrado de 1952

BREVEMENTE EM TÔDAS AS BANCAS

UMA VERDADEIRA ENCICLOPÉDIA ESPORTIVA



MÓVEIS
e
DECORAÇÕES

TAPÊTES E PASSADEIRAS

de forração, em côres lisas e com flores

GRUPOS ESTOFADOS

— especialidade de nossas oficinas







65 Rua da CARIOCA, 67 — RIO

# "PERNAMBUCO *falando para o* MUNDO"

ONDAS DIRIGIDAS SIGNIFICAM EFICIÊNCIA ABSOLUTA E ALCANCE ILIMITADO NAS TRANSMISSÕES

Em qualquer parte
do Brasil
ou do Mundo
é ouvida
com absoluta
eficiência
e perfeição
a voz potente
do

## RADIO JORNAL DO COMMERCIO

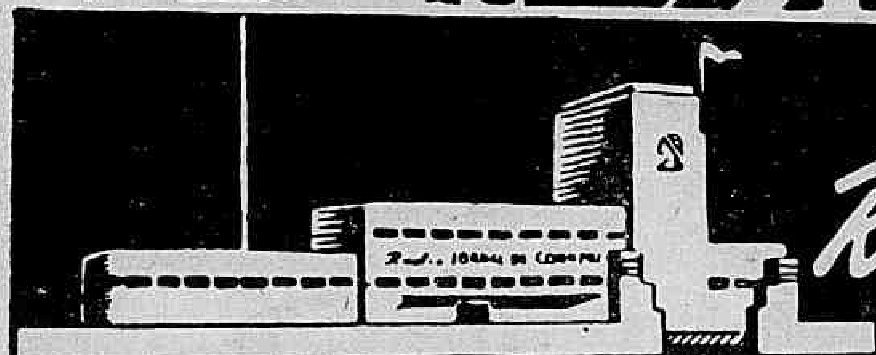
Sempre no ar, a serviço de ouvintes e anunciantes, duas **ONDAS CURTAS** dirigidas e uma **ONDA MÉDIA**

Onde quer que Você esteja ligue o seu receptor para estas frequências:

**PRL - 6**
780 Kcs. Onda de 384,6 mtrs.

**ZYK - 2**
15.145 Kcs. Onda de 19,81 mtrs.
6.085 Kcs. Onda de 49,3 mtrs.

**ZYK - 3**
9.565 Kcs. Onda de 31,37 mtrs.
11.825 Kcs. Onda de 25,37 mtrs.



*Radio* JORNAL DO COMMERCIO
RECIFE PERNAMBUCO BRASIL

Propriedade da Emprêsa JORNAL DO COMMERCIO S.A. - Rio: R. México, 164-9º - S. Paulo: R. Formosa, 409-3º

BOLOS BISCOUTOS e MINGAUS de

**CREME de MILHO LUX**




**Em pacotes de celofane de um e meio quilo**

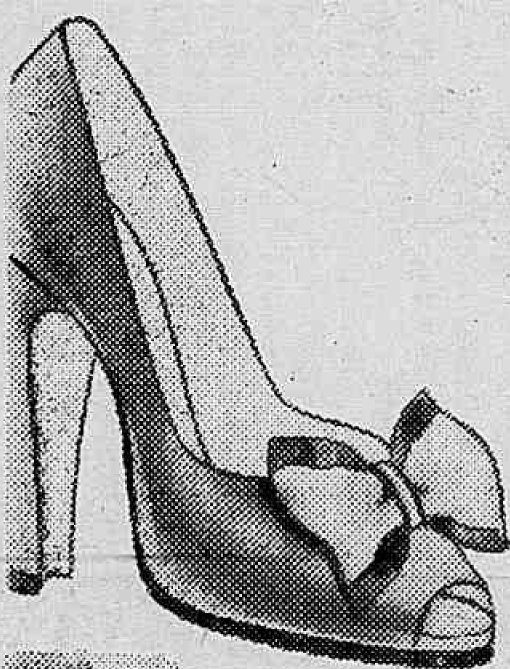
Produto muito imitado, mas nunca igualado, alimento ideal para adultos e crianças, em mingaus, bolos e biscoutos. —

AT. SEMOGI.

# Que maravilha!

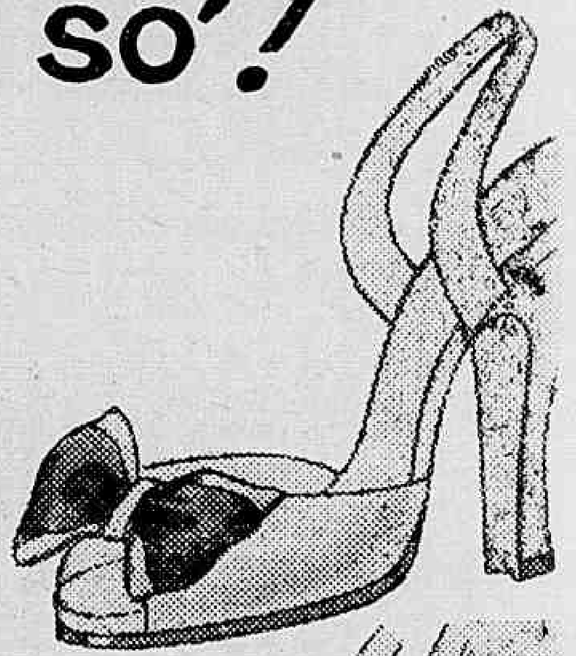
## UM SAPATO PARA DIVERSAS TOILETTES

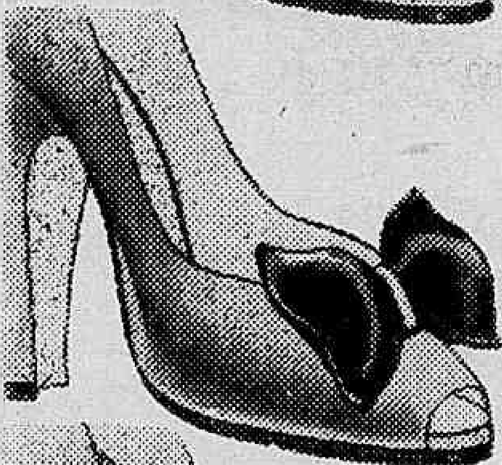
*Diversos* PARES EM UM SÓ!





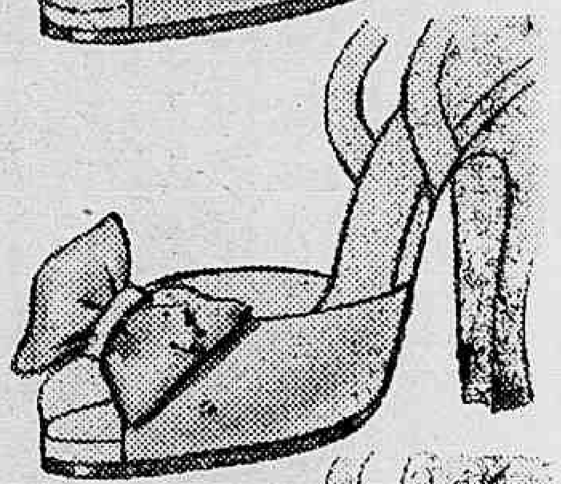

113



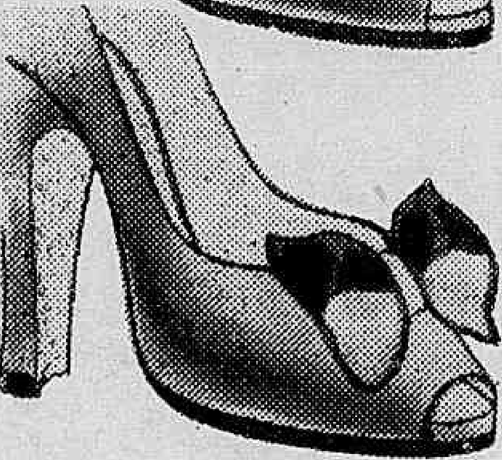


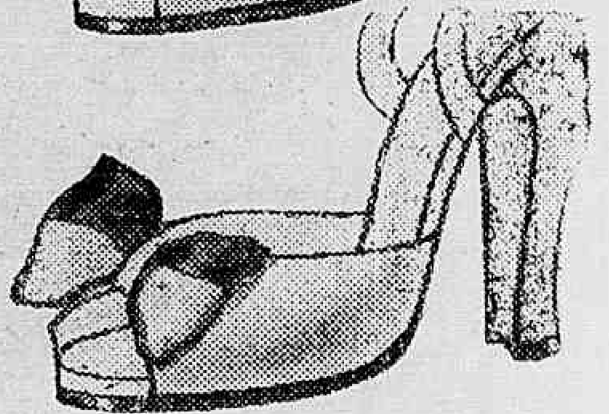



114



*Criação da* SAPATARIA MAIS QUERIDA *da cidade*





REMETEMOS PARA TODO O BRASIL. Porte 5 cruzeiros. Não fazemos reembôlso.

Preço único 250 cruzeiros. Saltos 5 ½ e 8 centímetros. Côres — prêto — branco — azul.

Cada sapato é acompanhado de 3 laços de côres diferentes adaptáveis às toilettes mais exigentes. Uma maravilha!

# insinuante

UMA GALERIA A SUA DISPOSIÇÃO COM ÁGUA GELADINHA SEMPRE ÀS SUAS ORDENS

**CARIOCA, 46-48 – SETE DE SETEMBRO, 199-201**





Diretor: GRATULIANO BRITO

**Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA**

Redator-chefe: M. R. de Castro

Redação: Rua Visc. de Maranguape, 15, Rio de Janeiro.End. Tel.: "Revista". Tels.: Redação — 22-4447; Administração e Publicidade — 22-2550. Chefe de Publicidade: Severino Lopes Guimarães. Distribuição e Publicidade em São Paulo: Agência Zambardino, rua Capitão Salomão, 69, telefone: 34-1569. Representantes: — nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West, 44th. Street, New York City, N. Y. Em Portugal: Helena A. Lima, Avenida Fontes de Melo, 34, 2dt., Lisboa. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spano, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratório & Ciac., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: Inter-Prensa, Florida, 29, tel. 33, Avenida 9109, Buenos Aires Número avulso em todo o Brasil — Cr$ 5,00. Número atrasado — Cr$ 6,00. Assinatura anual: Registrada — Para o Brasil: Cr$ 60,00; para o estrangeiro: Cr$ 100,00.

MAGAZINE MENSAL ILUSTRADO — CIENTÍFICO, ARTÍSTICO, HISTÓRICO E LITERÁRIO (FUNDADO EM 1917)


# A grande SURPRÊSA

Novela de

**FLORENCE JANE SOMAN**

QUANDO Joe Carlin deixou a Universidade e foi para Nova York, não tardou a obter trabalho numa emprêsa de publicidade. Era uma firma pequena, porém Joe tinha a impressão — e a esperança — de que, um dia, seria coisa grande, como um rio caudaloso... e êle levado com a correnteza. Durante os primeiros anos — refletiu algumas vêzes — contentar-se-ia com o que lhe podiam dar. E essa foi a razão por que alugou um apartamento pequenino, na parte dos fundos de um bom edifício e comprou alguns móveis com parte do seu magro capital.

Correndo o tempo, Joe conheceu um jovem e encantador casal, no elevador. Não tardou muito a ser convidado para jantar na residência dêsses amigos, Emmy e Harry Sloane, que tinham um lindo apartamento, encantadoramente mobilado, no quinto andar. Para Joe, tornou-se um hábito dos mais agradáveis subir, uma vez por semana, para jantar com êles e passar o resto da noite numa boa palestra.

Uma noite tocou a campainha, porém em vez de Emmy, quem veio abrir a porta foi uma desconhecida. Era muito jovem, cabelos claros e brilhantes e olhos ainda mais brilhantes e de um azul, um azul... difícil de explicar, mas certamente delicioso!

— Olá... — disse ela com uma vozinha intimidada, olhando para cima, para Joe, tão alto. Para um e outro houve uma curta pausa de respiração.

— Olá... — disse Joe, hesitante.

— Se está vendendo livros — disse ela — aqui só sabemos ler se fôr em letras maiúsculas, de tipo bem grande. Mas se é Joe, pode entrar!

Joe só então sorriu. Entrou, olhando para baixo, para ela.

— Ignorava que os Sloane podiam pagar uma diretora de recepção. — disse êle.

— Meu nome é Janie — disse ela — Janie Fulton.

O rostinho agora estava sério.

— "E hoje fui "reservada" para você! — acrescentou com o mesmo arzinho sério.

Êle estacou, fitando-a, assombrado:

— Para mim?

Ela fêz que "sim" com a cabecinha dourada, enquanto caminhava para o **living.**

— E' o que se pode deduzir dessa manobra. — disse ela — Convidam a você e a mim, na mesma noite... e desaparecem em algum lugar, escondidos, no justo momento em que imaginam que a campainha vai tocar...

Voltou o rostinho para êle, piscando um ôlho.

— E' um joguinho muito conhecido, êsse! Deixar o campo livre para nos conhecermos à vontade. Creio que, agora, só nos resta sentar um ao lado do outro e iniciar as **revelações...**

Joe não pôde conter uma boa gargalhada.

— Quem vai principiar a confissão? — perguntou

QUE ATITUDE DEVE TOMAR UMA MULHER, QUANDO O HOMEM, POR QUALQUER MOTIVO, NÃO A PEDE EM CASAMENTO

êle — De qualquer forma, êsse é um negócio muito arriscado. A história pode ser desinteressante e o ouvinte ficar com muito sono e não ouvir o final... O melhor será resumir e deixar que o acaso e o tempo contem o resto...

— Assim também penso...

★

A noite tôda, Joe não se cansou de olhar para sua companheira. Janie tinha um jeitinho de jogar a cabeça para trás, quando ria, deixando ver a delicada curva da garganta; quando olhava francamente para êle, qualquer coisa indescritível mas infinitamente agradável invadia todo o seu ser.

A partir dessa noite, Joe passou a ver Janie duas ou três vêzes por semana... Tinham, então, horas deliciosas. Êle não tinha recursos mais fartos que sòmente pensar em ter uma espôsa que trabalhasse. A idéia de uma penosa e triste união, com o lápis incansàvelmente fazendo "contas de chegar", num quarto acanhado e sem cortinas e a vida sem esperanças, fazia-o tremer, angustiado e irritado. E, além do mais, alguém podia adoecer, sofrer um acidente... — êsse pensamento fazia Joe estalar os dedos, furiosamente. Não! Isso não servia para êle! O casamento precisava de outra moldura. Começar a vida nessas condições seria simplesmente uma loucura, só praticada pelos que se deixavam cegar pelo amor ao ponto de perderem a cabeça.

Algumas vêzes tentou dizer tudo isso a Janie e concluir afirmando que não podia mais vê-la — pois êsses encontros sòmente poderiam ser prejudiciais para ela mesma. Porém, a cada vez, antes de que começasse a falar, ela dizia qualquer coisa alegre. Riam ambos, e êle pensava, sentindo-se



lhe permitissem levá-la a outros lugares além de um cinema, porém ela não parecia notar nada disso. Por sua vez, não tinha família na cidade e vivia,também, num apartamento mobilado, coisa modesta, pois trabalhava como chefe de departamento numa grande loja do centro. Tinha muitas relações — segundo êle imaginava — embora jamais tivesse conhecido qualquer delas. Aliás, as noites que passavam juntos eram por demais preciosas para pensar em algo... fora dêles próprios. Punham os outros, os amigos, fora do pensamento, com a maior facilidade, e ficavam entregues a si próprios. Para Joe a vida começou a ter outra significação, ganhando maior importância do que antes de conhecer Jannie. Imaginava — esperava — que com Janie ocorresse o mesmo.

Porém Joe começou a ficar preocupado. Não ganhava o suficiente para casar e causava-lhe horror culpado: **"Mais tarde... Falarei mais tarde..."**

Na verdade, êle se extasiava ao lado de Janie. Sentia que jamais poderia ser feliz longe dela. Nem via como poderia deixá-la partir... E só ao pensar que, mais tarde ou mais cedo, isso teria que acontecer sentia um grande frio e um pêso no coração.

Uma noite, Emmy e Harry foram calcar a campainha de sua porta.

— Quinta-feira é o aniversário de Janie — disse Emmy — Estamos pensando em lhe oferecer uma festa **de surprêsa.** Leve-a ao cinema, Joe, mas traga-a de volta, sob qualquer pretexto, às nove e meia!

★

Tudo correu normalmente até que a noite chegou e, do cinema, apressando sua companheira, Joe voltou ao apartamento... para encontrá-lo não mais

frio e triste mas cheio de risos abafados, até que, repentinamente, antes de que pudesse com a mão alcançar o comutador, tôdas as luzes brilharam, reforçadas por lâmpadas mais fortes, e umas vinte Janie!" A seguir, como loucos, todos entraram a falar e a rir sem parar...

Joe ficou um pouco surpreendido, também. Jamais conhecera os amigos e colegas de Janie antes de os encontrar, ali mesmo, no seu próprio apartamento, todos muito simpáticos e constituindo jovens casais, risonhos e agradáveis.

Porém o que mais o surpreendeu foi verificar que tôdas aquelas jovens espôsas tinham seus empregos... e quase todos os maridos estavam iniciando suas carreiras...

E, longe de procurar aparentar grandezas, eram muito francos, parecendo até achar graça na vida apertada que levavam. Um dos casais explicava que quase não pudera ir porque fôra forçado a trabalhar quase duas horas com sacos e baldes, a fim de retirar tôda a água que inundara o apartamento, devido à chuva forte que caíra. Mas tal não tornaria a acontecer logo que pudesse pagar o consêrto de uma janela...



...umas vinte pessoas, a um só tempo, gritaram: «Parabéns, Janie!»

Joe estava estupefato. Parecia-lhe que marido e mulher deviam estar preocupados e fatigados e, ainda que procurassem esconder as dificuldades com que viviam, envergonhados por ter tão pouco. Mas, ao contrário disso, eram alegres e felizes!

Com o correr da festa Joe compreendeu por que todos êsses casais tinham feito do casamento um verdadeiro êxito... com pouco dinheiro. **Porque tinham coragem e confiança — confiança em si mesmos e em seu amor!**

Qualquer coisa o tornou mais alegre. Através do living, encontrou os olhos de Janie, quentes e claros. Sentiu mais calor dentro do peito. Também ela tinha confiança... Êle, sim, êle era o único covarde!

Por isso, mais tarde, reconduzindo-a a casa, pediu que fôsse sua espôsa.

— Não desejava, querida, que você continuasse trabalhando. Mas, já que não há outro remédio, vamos deixar as coisas assim mesmo...

Janie, recolheu-se aos seus braços, por alguns instantes, com um risinho indecifrável e que só ela mesma poderia explicar.

Ficou combinado que residiriam no apartamento dêle, que, embora acanhado, sempre era mais espaçoso que o dela. Tudo isso foi idealizado por telefone, na manhã seguinte. À noite Jannie apareceu, para uma primeira inspeção do local que seria o seu futuro lar. Trazia a cabecinha cheia de planos. Positivamente estavam, ambos, cegos de excitação, de felicidade e de amor. Após alguns momentos inocentes, Janie respirou profundamente.

— Devemos ser práticos. — disse ela — Precisamos agora mesmo de uma fita métrica. Você sobe até ao quinto andar e pede uma, emprestada, a Emmy. Assim decidiremos mais depressa sôbre a colocação dos móveis e o resto...

Joe obedeceu. Porém Emmy não estava em casa, quando Joe tocou a campainha. Foi Harry quem veio abrir a porta e foi procurar a fita métrica.

— Emmy deve ter, sim, uma fita métrica — disse êle com solicitude — mas creio que não vai ser muito fácil encontrá-la.

Felizmente, juntos, puderam encontrá-la e Joe já se preparava para retornar ao seu apartamento.

— Foi uma festa encantadora, a de ontem — comentou, já com a mão no trinco da porta.

— Sem dúvida — disse Harry com um sorriso largo — Apenas não pude compreender muito bem o que tinha que fazer na festa tôda aquela gente. Tôdas as moças são casadas e trabalham na mesma loja de Janie, mas continuo a não entender por que tôda a turma foi convidada.

Bocejou e depois prosseguiu:

— Janie não os conhecia, todos, muito bem. Suas amigas íntimas são, em sua maioria, solteiras...

Joe deteve-se, pensativo:

— Nessas condições... por que Emmy os convidou? — perguntou, hesitante.

Foi a vez de Harry refletir. Depois, desanuviando a fronte, explicou:

— Isso foi conspiração, meu caro! — declarou — Não foi, de fato, Emmy quem os convidou... Serviu apenas de intermediária... Deve ter sido a própria Janie quem idealizou tudo e pediu a Emmy que convidasse tôda aquela gente...

Joe abriu a bôca, muitas vêzes, estupefato, antes de poder dizer:

— Mas... Como podia fazer isso? Aquela festa não era uma surprêsa para ela?

Harry não conteve uma gargalhada.

— Ora, Joe! — exclamou — As mulheres não gostam de surprêsas... Então não sabe?

Descendo a escada, Joe tinha as idéias embaralhadas, sentindo-se ligeiramente ofendido por ter sido colocado fora do segrêdo. Então, quando abriu a porta e viu Janie, de pé, no centro da sala, esperando-o, sentiu que braços e pernas se paralisavam. No rosto dela leu todo o seu amor por êle próprio. Sentiu, por sua vez, um soluço dentro do peito. Nada pode dizer. Limitou-se a contemplá-la, imóvel.

— Que aconteceu, Joe? — disse ela com uma voz aveludada e carinhosa — Alguma coisa errada?

Êle caminhou ao seu encontro e acolheu-a nos braços trêmulos, assim permanecendo algum tempo, calados, sentindo as pancadas de cada coração, como se só êles pudessem conversar.

— Nada, querida — disse êle mais emocionado do que desejava parecer — Eu a quero muito... **E' só isso!**

**Por alguns instantes permaneceram abraçados; depois, afastando-se ligeiramente, êle perguntou:**

— Afinal, para quem foi reservada a "surprêsa" da festa de ontem? Você sabe?

Ela empalideceu ligeiramente, como se receasse alguma reação, mas depois, pela expressão dos olhos dêle, seu rostinho voltou a se mostrar radiante de felicidade. Riu mansamente, enquanto seus braços voltavam a enlaçá-lo e êle sentiu que êsse casamento seria tão perfeito como sempre havia sonhado.

— Para você, querido — disse ela, num sussurro, fechando os olhos e oferecendo os lábios — **Para você, Joe!**

# O HEROISMO DE FLETCHER

HANK Fletcher era um covarde. Todo o mundo em Moretown estava farto de saber isso, pois que sempre, desde rapazola, se revelara covarde em múltiplas situações. Quando menino, os garotos da rua o cercavam com graçolas e zombarias, êle fechava os ouvidos, encolhia o corpo, passando rente às paredes, procurando apressar os passos das pernas trêmulas. Até mesmo as meninas, ao passar por êle, a caminho da escola, cantavam versinhos zombeteiros, comparando-o com um rato ou com um cão rastejante...

Hank, apesar disso, gostava de brincar e de praticar esportes, assim continuando até mesmo quando foi cursar a Escola Superior de Moretown. Entretanto, desistiu de uma vez, dêsses esportes atléticos, quando levou um empurrão mais violento e o adversário o ameaçou de pancada.



Anos depois resolveu ingressar no "Old Fellows", para atender a uma louvável ambição de seu pai e de seu avô, que tinham sido respeitados membros dessa fraternidade. Foi proposto e aceito, porém na noite em que, de acôrdo com os estatutos, foi incumbido de dirigir um bode rebelde por determinado caminho antecipadamente indicado, deixou o animal fugir, só conseguindo encontrá-lo três dias depois.

Quando os Estados Unidos entraram na guerra (Primeira Grande Guerra), Hank perdeu noites e noites, sem poder dormir, apavorado, pensando no triste papel que por certo desempenharia entre os seus companheiros de luta. Positivamente, não era um valente! Felizmente foi recusado por fraqueza visual.

Segundo era geralmente conhecido, a coragem moral de Hank era absolutamente contrária à de um homem bravo. Por isso mesmo foi difícil, quase impossível para os que o conheciam desde muitos anos, entender como pôde êle, da noite para o dia, transformar-se num herói.

Na cidade de Springvale, que se avizinhava de Moretown, pelo norte, residia Melissa Crouse, viúva de Hiram C. Crouse, que fôra um dos homens mais ricos do lugar — e também o mais avarento. Quando o velho "pão-duro" morreu, sem deixar testamento, sua jovem e linda viúva herdou considerável fortuna.

Durante o seu curto período de casada, Melissa jamais conseguira que Hiram afrouxasse um pouco os cordões de sua bôlsa; por isso, enviuvando, entrou ela a deitar algum dinheiro em circulação.

Um dia, estando Hank Fletcher passeando em Springvale, ocorreu que também ela estava no centro comercial, tôda faceira, no seu vestido de sêda — o primeiro que possuía, de boa qualidade.

Hank, que parara o seu automóvel numa vaga distante, caminhava na direção do centro comercial e não deixou de olhar longamente para ela, quando surgiu na rua principal.

Nesse instante, um medonho mastim surgiu de uma ruazinha lateral, lançando-se contra Melissa e derrubando-a na calçada. Dois homens, nas proximidades, paralisados pela surprêsa, a tudo assistiam sem ânimo para auxiliar a vítima que se debatia em vão sob o formidável animal.

Hank avançou, correndo. Com movimentos certeiros, agarrou o enorme cão pela coleira, arrancando-o brutalmente de cima da pobre mulher e, a seguir, com violento pontapé, atirou o animal longe, ganindo e se arrastando para fugir.

Melissa tinha o vestido inutilizado, o rosto e as mãos sujas, porém não estava ferida. Afinal, tudo não passara de simples brutalidade do cão, sem outra intenção senão "afagar" ou brincar com Melissa. Isso porém não foi aceito pela viúva, que insistiu afirmando que Hank lhe salvara a vida e proclamando-o um herói. E ficou tão agradecida e tão cheia de admiração que, pouco depois — com grande surprêsa para Hank — procurou o seu "salvador" propondo-lhe casamento. E, de fato, alguns meses mais tarde estavam casados.

E ninguém jamais revelou-lhe que aquêle terrível cão... **pertencia ao próprio Hank!**

★

## O TRABALHO

O trabalho é a aplicação das faculdades humanas à satisfação de nossas necessidades. — **Bastiat.**

★

O trabalho é o melhor contraveneno para a dor; é a fonte de saúde e de riqueza para o indivíduo; a causa principal da grandeza e da prosperidade das nações. — **Mantegazza.**

★

Que cada qual se ocupe e que o faça do melhor modo que a sua capacidade o permita, de maneira que, quando a morte se aproximar, tenha a convicção de ter feito o melhor que lhe foi possível. — **Sydney Smith.**

★

O trabalho é a sentinela da virtude. — **Homero.**

★

A alegria que provém do trabalho é grande e grande é, também, a que procede da habilidade, porém bem maior ainda, sem comparação, é a que deriva do trabalho hábil. — **Edmundo de Amicis.**



# UM CAIXOTE CHEIO DE BRINQUEDOS

**Pelo GENERAL CARLOS P. ROMULO**
**(Secretário dos Negócios Exteriores das Filipinas)**

QUANDO Pearl Harbour foi atacada pelos Japonêses eu me encontrava nas Filipinas. Imediatamente deixei meu filhinho de três anos de idade e sua mãe, juntando-me ao General MacArthur. Juntos fomos para Bataan e ali lutamos durante quatro longos meses. Durante todo êsse tempo nada tivemos além de um punhado de arroz para comer, diàriamente, cada cinco horas da tarde. Vivíamos esfomeados e sentíamos o corpo doente. Esperávamos socorros dos Estados Unidos. Porém os socorros não chegavam. Poucos de nós conseguiram fugir; o resto teve que se render. Enquanto isso, os Japonêses destruíam tudo o que era possível destruir em meu país.

Meu filhinho de três anos, com a mãe, têve que fugir, subindo para as mais altas montanhas e ali passando a viver durante três anos e meio. Viveram em 159 locais diferentes, sendo forçados a mudar, daqui para ali, várias vêzes por mês, sendo que em certos períodos várias vêzes num mesmo dia, em razão das marchas efetuadas pelas colunas japonêsas. Após a libertação das Filipinas, levei-os comigo numa viagem aos Estados Unidos. A primeira vez em que o coloquei numa cama macia e confortável êle ficou tão contente que começou a saltar de alegria. Interroguei-o, então: *"Por que está tão feliz, meu filho?"*

Eu pensava que fôsse porque, enfim, dormia numa cama limpa. Porém a resposta dêle foi diferente: *"Porque... sei que vou despertar na mesma cama, amanhã, papai!"*

MAIS tarde, chegando a San Francisco, corri em busca da primeira casa de brinquedo que fôsse possível encontrar. Roberto tinha agora seis anos. Por isso pensei em comprar brinquedos para lhe oferecer. Levei tudo para um dos nossos quartos do hotel, ali deixando para que êle os descobrisse. Quando voltei os brinquedos tinham desaparecido. — ?Onde *estão os brinquedos?"* perguntei. Na verdade êle os apanhara e fôra guardar tudo num caixote! Aquela era a primeira vez que êle via brinquedos! Não sabia o que fazer com êles!

Nos anos de paz que decorreram desde então, tenho me esforçado para que êle recupere todos êsses anos de infância que perdeu.

Vamos, todos, tratar de que êsses brinquedos nunca voltem a desaparecer do mundo infantil!

# Esteja em dia com o mundo



Nas minas de rubi de Mogok, Burma, os trabalhadores nativos são obrigados a usar uma espécie de capacete-mordaça, a fim de evitar que engulam as preciosas gemas que encontram sob as picaretas.

★

Na ponte sôbre o rio Delaware, ligando Filadélfia a Camden, os **chauffeurs** que não possuem, no momento, vinte e cinco centavos para pagar a taxa de travessia podem deixar qualquer artigo ou objeto, como garantia. Freqüentemente muitas pessoas estão deixando êsses objetos e jamais retornam ao local para recuperar êsses bens, representados muitas vêzes por pneumáticos, máquinas fotográficas, instrumentos musicais, distintivos de clubes... e até mesmo alianças matrimoniais!

★

E' muito maior o número de pessoas que sofrem de **hemeralopia** (ou incapacidade de ver tão bem durante o dia como à noite) que de **nyctalopia** (incapacidade de ver à noite, senão com o auxílio de poderosa luz artificial).

★

As bactérias podem viver mais tempo e melhor nas temperaturas frias ou quentes que qualquer outra forma de vida; certas espécies conseguem sobreviver a 250 graus abaixo de zero, enquanto outras resistem bem até temperaturas de 180 e 200 graus... acima de zero! Alguns germes foram encontrados em condições razoáveis de vida, em depósitos de carvão com cêrca de cem milhões de anos de existência!

★

Um inquérito, realizado entre numerosos psicologistas norte-americanos, revelou que noventa e dois por cento dêles não acreditam que a natureza humana possua qualquer qualidade instintiva capaz de tornar impossíveis os conflitos internacionais armados!

★

Qualquer indivíduo pode ser eleito Presidente dos Estados Unidos da América do Norte com apenas trinta e um por cento da votação popular.

★

A velocidade do som não depende da sua maior ou menor intensidade mas da elasticidade e densidade do meio. Esta é a razão por que as ondas de som viajam apenas a aproximadamente 259 metros por segundo, através dos gases de ácido carbônico; 327, através do ar livre; 1.419 metros através da água; 3.270 metros através da madeira do pinheiro e 4.710 através do ferro.

★

Cêrca de cinqüenta negros têm a sua biografia na nova edição do **Who's Who,** famoso catálogo editado na América do Norte; isso é resultado das medidas recentemente tomadas pelo govêrno em favor de iguais direitos para Brancos e Prêtos naquela nação. Entre os nomes estão os de Mary Anderson, Paul Robson, Bill Robinson, Ethel Waters e Richard Wright.

★

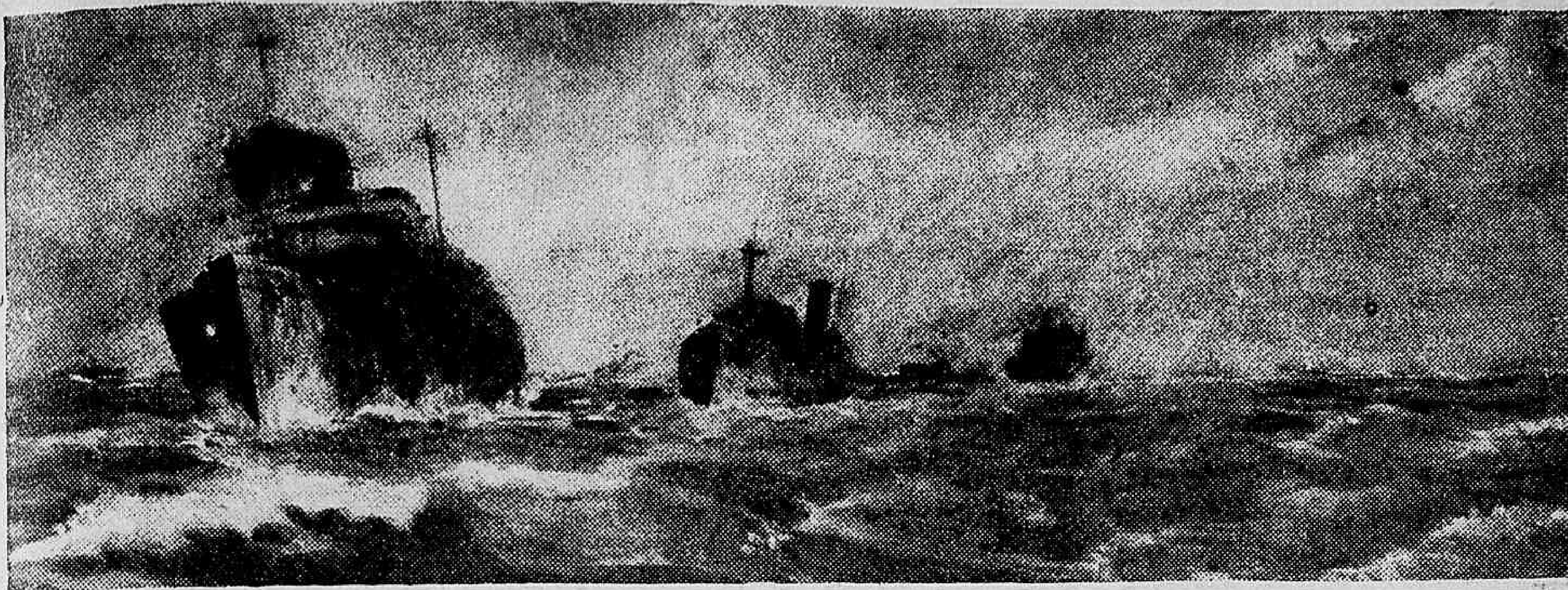
Os Japonêses da mais elevada posição social, consideram a queima do incenso uma arte importantíssima. Não apenas usam o incenso numa infinita variedade de ritos e cerimônias, mas também perfumam muitas coisas, inclusive as residências, os móveis, as roupas e os cabelos. Também é empregado em concursos em que os disputantes se esforçam por distinguir entre as 178 diferentes variedades conhecidas de odores.

★

A mais popular palavra em licores e vinhos é o "velho". E' usado em cêrca de setecentas marcas de **whiskies** fabricados nos Estados Unidos. Se fôssemos juntar os tipos fabricados na Inglaterra e Escócia e somar, ainda, os existentes nas indústrias do vinho de todos os demais países vinhateiros do mundo, então teríamos, sem dúvida, muitas dezenas de milhares.

★

A despeito da sua tremenda voltagem e da sua grande fôrça potencial de destruição, os relâmpagos provocados pelos raios, caso pudessem ser aproveitados comercialmente, não produziriam, em média, mais de seis cruzeiros

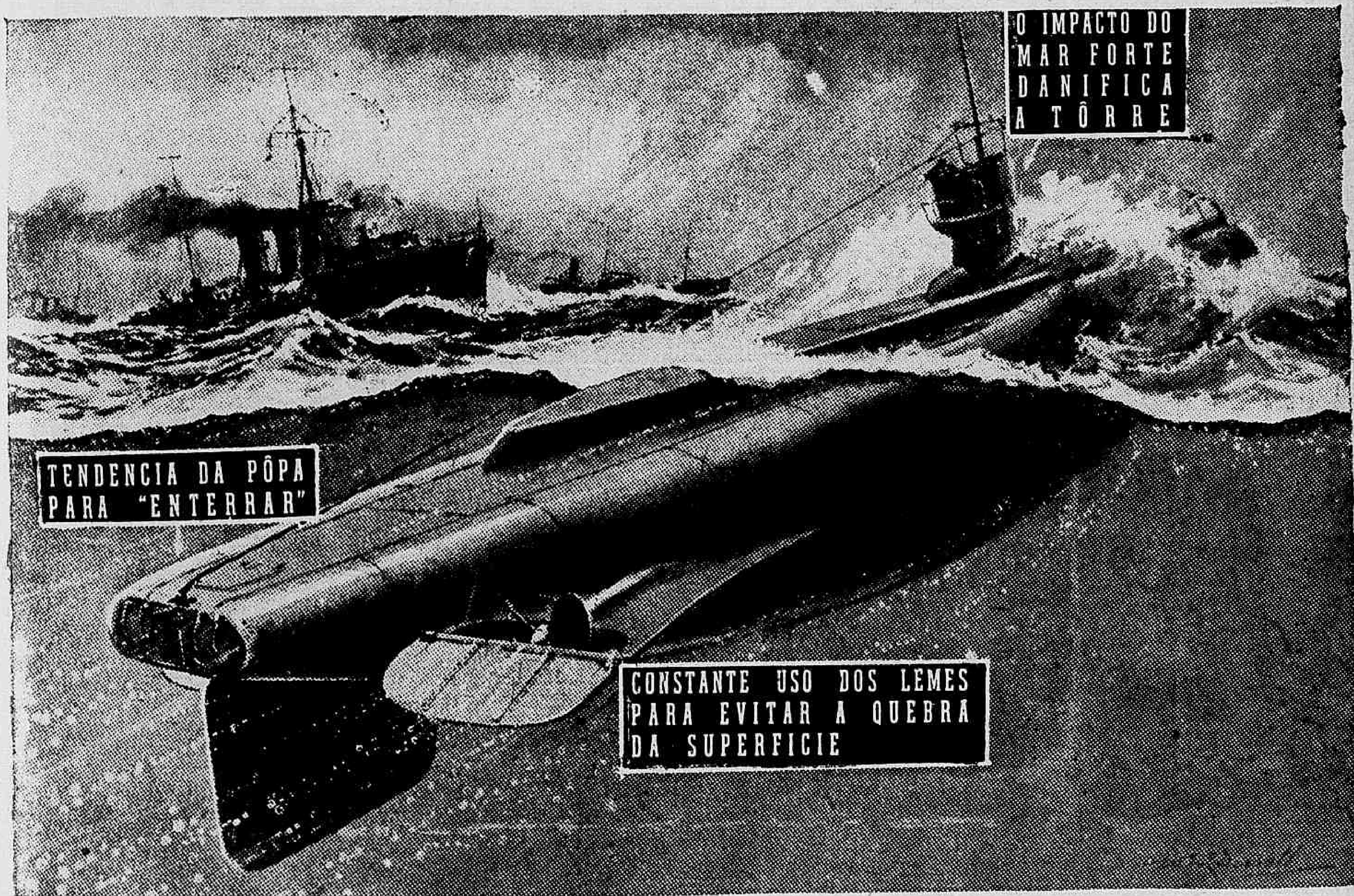


**UM COMBOIO NAVEGANDO À NOITE, PODE ESTAR A SALVO DOS ATAQUES DOS SUBMARINOS — A experiência revela que os comboios podem, de fato, passar quase sem perigo pelos trechos mais infestados de submarinos, pois ficam protegidos pela nenhuma visão e pelo empinamento das vagas em redor.**

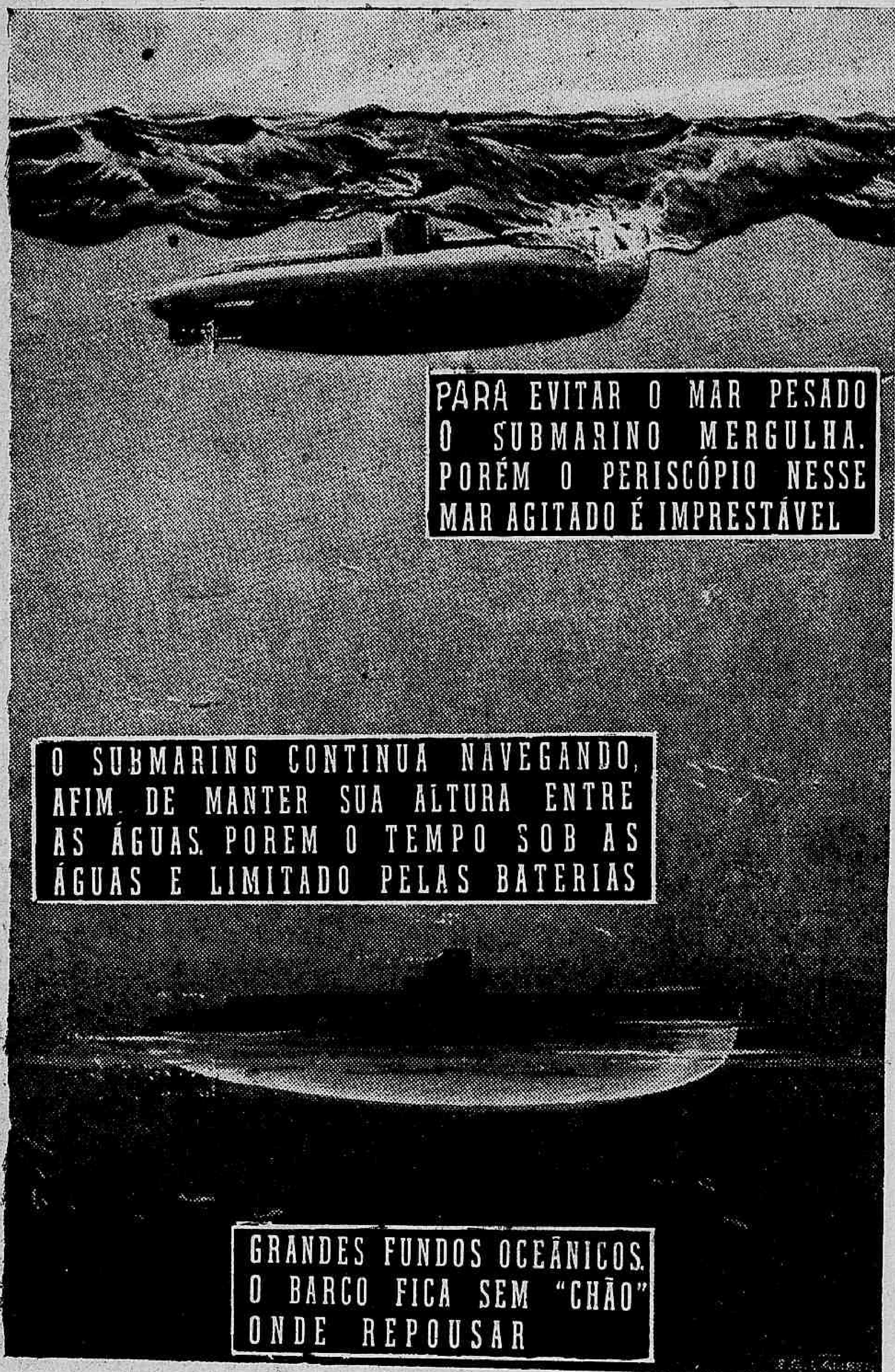
# Os grandes problemas navais da última guerra

**Por FRANK C. BOWEN**

O assunto interessa, por certo, não apenas aos técnicos navais e aos que estão ligados às coisas do mar mas também aos leitores em geral, pois sempre é curioso conhecer o que ocorre com navios, submarinos e aviões nos períodos de luta internacional. Os trechos marítimos de maior importância estratégica para a guerra naval têm sido, nos tempos modernos, o Mar do Norte, o Atlântico Norte e o Mediterrâneo. Foi nesse longo roteiro marítimo que os submarinos alemães e italianos maior perseguição moveram contra os navios cargueiros aliados criando, dia a dia, novos e mais complexos problemas para os chefes navais inglêses e norte-americanos, cujas esquadras se viam obrigadas a




**O MAR PESADO TENDE A «APRESENTAR» O SUBMARINO AOS SEUS PERSEGUIDORES — Um submarino, navegando a profundidade de periscópio tem a tôrre acossada pelas vagas que, dessa forma, levantam a proa, fazendo-a emergir. Para impedir êsse mal o leme de profundidade é colocado numa depressão de 1 ou 2 graus. Porém alterando-se constantemente as condições do mar, o timoneiro não pode descansar um só minuto, a fim de livrar o seu barco da pontaria dos artilheiros inimigos.**




**MAR GROSSO PREJUDICA A AÇÃO DO SUBMARINO — Com um mar grosso, muito comum no Atlântico Norte, o submarino pode mergulhar o suficiente para ficar livre dos seus embates. Porém surgem então as dificuldades. Não pode fazer uso dos seus torpedos com o periscópio submergido. Permanecendo repousado sôbre o fundo poupará baterias, mas sofrerá a ação das correntes inferiores e adernará ou será arrastado perigosamente; por outro lado, há largos trechos do Atlântico com profundidade considerável e não podendo atingir o fundo o submarino é obrigado a permanecer entre duas águas. Para não afundar de uma vez tem que permanecer navegando incessantemente. Que fazer? Voltar à superfície? Ali, entretanto, seu periscópio também é inútil, devido à altura das ondas. Situação precaríssima.**

Assim, por exemplo, quando chegava o inverno os submarinos tinham que suportar muitas semanas de incessantes tempestades mais ou menos importantes, especialmente nas proximidades ocidentais das costas britânicas, zona em que mais fàcilmente encontravam suas vítimas, mas que, nessa estação do ano, também apresentavam suas desvantagens. Um verão sempre igual, com mar calmo e liso é o que menos deseja o comandante de um submarino, pois êste não poderá navegar com o periscópio fora d'água porque será visto desde grande distância, além do rastro que deixa na água. Da mesma forma não poderá navegar sem estar bastante mergulhado, pois do contrário, o mesmo periscópio, apesar de escondido, provocará características ondulações na superfície, embora sem causar espuma. Ao contrário, quando o mar está forte ou picado, especialmente varrido pelo vento, a superfície se apresenta sempre coberta por "cavalos brancos" (espuma correndo e se reformando a todo instante) poderá apontar o periscópio, pois a tripulação dos navios de superfície dificilmente os descobrirá, distraída que é pela agitação e a espuma incessante, surgindo e morrendo, a todo momento, na superfície. Êsse mar picado — e razoàvelmente agitado — é porém muito diferente do mar que se apresenta no pior período do inverno.

★

Na última guerra, por exemplo, a fraca visibilidade dos meses de inverno nessa zona marítima prejudicava a ação de ambos os lados. Porém, sem dúvida, os submarinos sofriam muito mais. Na escuridão e na névoa não podiam fazer uso eficiente do periscópio, mesmo os mais modernos e providos das melhores lentes; nessas condições, as longas noites de inverno eram, apesar de tudo, favoráveis aos navios de comércio (embora também êles nada pudessem ver) desde que se mantivessem absolutamente às escuras. Isto, porém, dependia sempre de oportunidade e habilidade em escolher posição, sem contar que um submarino, na superfície, em razão da sua escassa flutuação, perdia muito de sua velocidade, principalmente com o mar agitado, enquanto que um navio mercante qualquer era pouco afetado. Eis por que, caso deixasse passar a primeira oportunidade de visar e torpedear a prêsa, pouca espe-

patrulhar, por assim dizer, tôda essa fantástica extensão, sem esquecer a vigilância nos demais recantos do mundo onde houvesse um pôrto a proteger, uma rota mercante a garantir ou uma costa a defender.

Entretanto, alemães e italianos, por sua vez, lutavam contra dificuldades crescentes, criadas pela melhoria da técnica de defesa, empregada pelos adversários que não mais se deixavam afundar sem causar verdadeiras hecatombes entre as unidades atacantes.



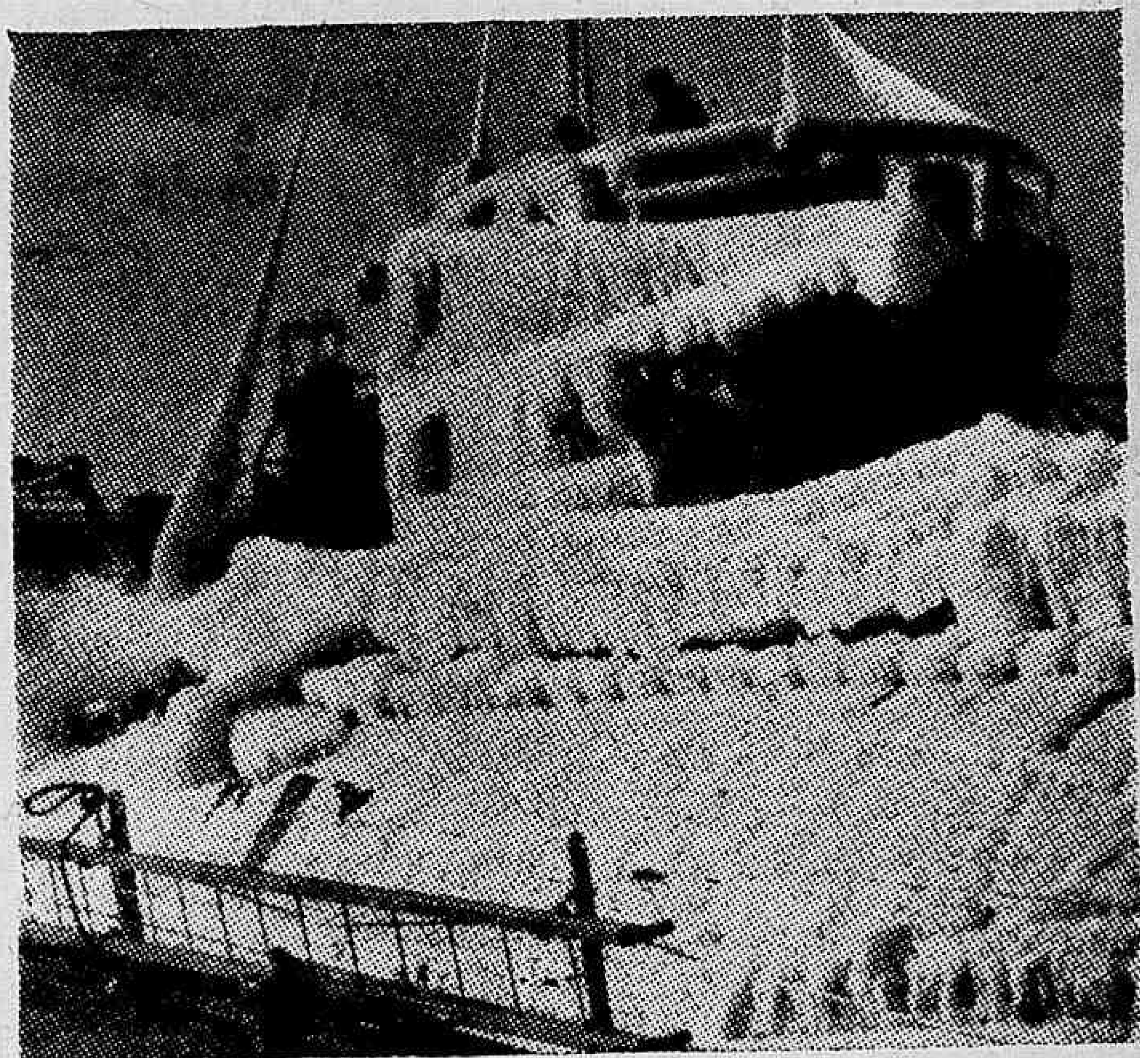

**COMO UM MAR PESADO PODE DESVIAR O CURSO DE UM TORPEDO — O submarino simplesmente perdeu um precioso torpedo, que, a despeito dos seus lemes estabilizadores foi desviado do seu curso por um traiçoeiro embate de onda. No clichê acima note-se a ação da hélice propulsora, quase à superfície, enquanto a cabeça do torpedo não tem qualquer base de sustentação. A atividade de um submarino, nessas condições, tem que ser grandemente reduzida.**

rança havia para o submarino na perseguição do alvo, a não ser em se tratando de algum velho casco de marcha morosa ou de um comboio.

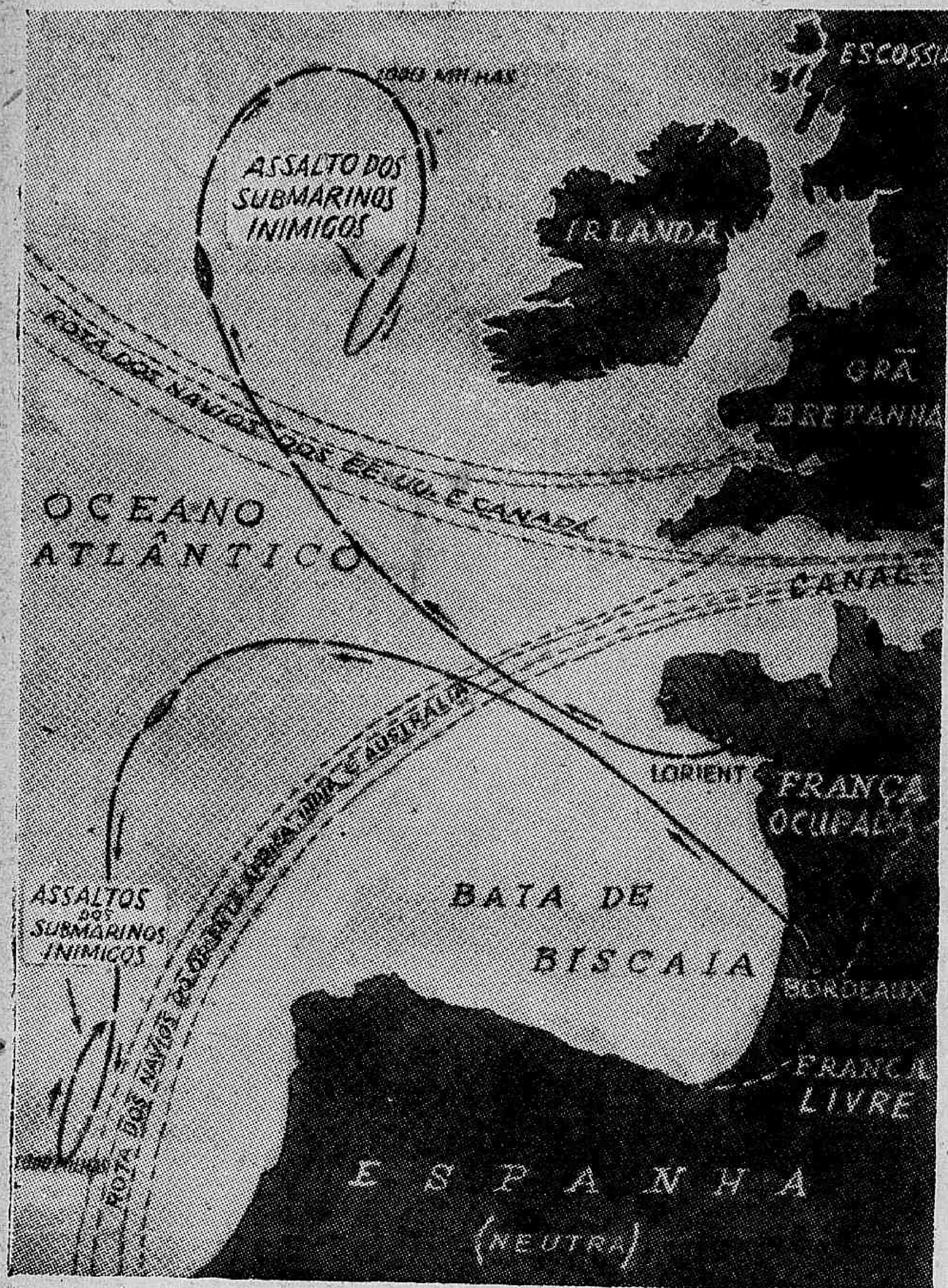
Em meio a uma terrível tempestade, o submarino podia, naturalmente, mergulhar o suficiente para fugir à influência das grandes vagas, porém não podia fazer uso dos seus torpedos, sem contar que o seu tempo de mergulho era limitado pelas matérias, que garantiam a manutenção da profundidade, além do problema — então insolúvel — da necessidade de renovação do ar respirável. Para repousar no fundo e poupar baterias, precisava ter os tanques cheios de água, a fim de se manter equilibrado sem o que adernaria perigosamente. Depois, para reiniciar a marcha, era forçado a violento esfôrço e desgaste de energias preciosas, a fim de expulsar tôda a água dos tanques.

A estabilidade dos submarinos varia, naturalmente, segundo o seu desenho, mas em regra geral, são excelentes embarcações e podem suportar tempestades tão fàcilmente — e talvez com mais facilidade — que outras embarcações de superfície e da mesma tonelagem. Isto não quer dizer que sejam confortáveis embarcações para seus tripulantes, pois que, com o mar grosso, o barco submarino oscila, em muitas ocasiões, até 70 graus, sem porém se desgovernar como era de esperar. De qualquer modo, com a terrível crise de espaço em seu bojo, o submarino é sempre de confôrto muito relativo, principalmente para os que agem em geral nas partes mais baixas da embarcação. Mesmo êstes,porém, encontram um pouco de confôrto, colocando-se na subida da tôrre, onde recebem ar fresco e sofrem menos os embates das vagas, longe da atmosfera viciada de baixo.

Antes, porém, a situação dos tripulantes, era muito pior. Quando, em 1915, o submarino alemão "U-53", por exemplo, foi enviado aos Estados Unidos, seu comandante recebeu ordens que não podiam ser alteradas por qualquer pretexto ou sob quaisquer condições e teve que viajar no meio de tremenda tempestade de vento antes de se afastar da costa britânica. O Almirante Scheer descreveu, num relatório sôbre essa viagem, como os homens, no alto da tôrre cônica e agarrados às correntes e à base do periscópio, com o alçapão da tôrre fechado, tinham água até ao pescoço e como as roupas de borracha que os protegiam da água em compen-



**UM DOS INÚMEROS PROBLEMAS CRIADOS PELO MAU TEMPO NO INVERNO — Essa é uma das dezenas de milhares de fotografias que chegavam às mãos dos técnicos navais, durante a última Grande Guerra, para que conhecessem perfeitamente o que a Natureza fazia contra as embarcações em geral e principalmente com os submarinos navegando à superfície, em razão da sua pouca flutuação e dos incessantes embates das vagas e as varreduras de espuma sôbre o pequeno tombadilho e a tôrre do periscópio. Muitas vêzes o alçapão da escotilha ficava perigosamente soldado pelo gêlo e o periscópio impossibilitado de manobrar.**




**O PROBLEMA RESUMIDO EM FORMA DE DIAGRAMA: OS DOIS ROTEIROS PRINCIPAIS PREFERIDOS PELOS SUBMARINOS ALEMÃES: AO LONGO DAS COSTAS FRANCESA E ESPANHOLA E BARRANDO A IRLANDA E AS ÁGUAS LIMITANDO A ENTRADA DO CANAL DA MANCHA — A posse das costas francesa e norueguesa, com seus portos estratégicos concedeu considerável vantagem aos submarinos que operavam contra a navegação aliada, pois dava aos submersíveis maior mobilidade que na Primeira Grande Guerra, quando apenas contavam com as bases germânicas, e algumas, na Holanda. Podiam assim caçar as embarcações e «desovar» as minas destruidoras à entrada dos portos inglêses, transformando a navegação nesses trechos num verdadeiro inferno e quase uma tentativa de suicídio.**

sação os deixavam quase gelados. Depois de sete dias dessa medonha viagem, a tripulação se achou em tal estado de exaustão que o capitão já decidira regressar à sua base, desistindo da missão, quando, repentinamente, a tempestade amainou.

★

Quando o submarino viaja à superfície, com seus motores -diesel funcionando com o cuidado necessário para que a água não penetre pela escotilha aberta, a tripulação pode subir ao estreito tombadilho. Aproveita, então, para fazer funcionar os ventiladores, que levam o ar para o interior da embarcação. Êsses ventiladores devem ser então elevados tanto quanto possível, para que colha o ar **mais distante** da superfície do mar e, portanto, da maresia desagradável. Porém o consumo dêsse ar pelos motores diesel é tão grande que reduz consideràvelmente o ar fresco, indispensável à tripulação, sendo necessário estar sempre apelando para as reservas de oxigênio. Em tais circunstâncias o comandante conduzirá o barco não muito depressa embora um lastro **extra** de água, que aumenta a estabilidade do barco reduza a sua marcha. Há ainda a assinalar o trabalho intenso a bordo dessas embarcações, com a tripulação sempre atenta aos maquinismos, registros, alavancas, etc., até ficar com os músculos doloridos. Tudo, porém, chega ao dramático quando a tripulação é atacada de náuseas... e os homens têm que continuar de pé, agindo, atendendo aos comandos, sem cessar.

Quando o submarino navega com seus **diesels**, sempre é possível obter calor com o vapor ou por meio dos tubos de exaustão dos motores. Porém, quando mergulhado, só é possível obter calor dos fogões elétricos, o que causa novo desgaste das baterias; e, contudo, se o submarino se encontrar totalmente cercado de água, no inverno, fica tão frio que os homens têm grande dificuldade de atender a suas obrigações, especialmente aquelas mais delicadas. A espuma das ondas, passando constantemente sôbre a tôrre cônica poderá cobrir e soldar com gêlo o alçapão da escotilha e mesmo impedir a manobra do periscópio. E como a forma de um submarino, em geral, dá a êsse tipo de barco ligeira estabilidade, na superfície, o pêso do gêlo, formado sôbre o seu tombadilho poderá reduzir apreciàvelmente o pouco que já possui e mesmo dificultar ou impossibilitar que os homens subam para remover êsse gêlo, **pois com isso reduziriam mais ainda**, com o próprio pêso, a já quase nula estabilidade!

Outra séria desvantagem do mau tempo é a obrigação de um considerável aumento do consumo de combustível, que constituiu, durante a última guerra, uma das maiores preocupações a bordo não só dos grandes submarinos como também nos de pequeno porte, tão numerosos na armada germânica.

Navegando à profundidade de periscópio, o movimento oscilatório não é muito grande, embora a situação continue longe de ser confortável. A constante imersão do periscópio torna difícil o seu uso com absoluta clareza logo após à sua emersão,

apesar de todos os recursos empregados no sentido de libertar a lente da água salgada e isso tem causado a perda de muitas boas oportunidades, sem contar que o submarino pode ser visto antes de ver o adversário, o que pode constituir perigo mortal.

Viajando a profundidade de periscópio, em mar pesado, obriga a uma constante atenção aos lemes de profundidade, porquanto os choques das ondas contra a parte anterior da tôrre cônica tem de levantar a proa, fazendo-a surgir fora da água, o que, além de perigoso (pois aumenta o alvo para o adversário sempre vigilante), dificulta grandemente a marcha da embarcação. E' quase uma regra, por isso mesmo, dar ao leme de profundidade uma depressão de um ou dois graus, a fim de contrabalança aquela ação das vagas. Porém, apesar disso, como as condições do mar podem mudar numa fração de segundo, o homem do leme é obrigado a uma atenção ininterrupta, sem o que a proa empinará e dará a posição do barco aos treinados artilheiros a bordo dos navios mercantes ou dos vasos de guerra que sempre protegem os comboios.

O mar pesado também afeta — e muito — a marcha correta dos torpedos, não apenas em razão do violento balouço do submarino, dificultando a pontaria, como porque é muito difícil calcular a distância e a velocidade de marcha do alvo, em razão do mesmo surgir em intervalos e furtivamente no quadro do periscópio; também as fortes marolas em redor do navio visado e que salta, por sua vez, com violência, podem fazer fracassar a ação ofensiva do submarino. Assim, os torpedos disparados com o mar nesse estado, em geral são perdidos, pois passam muito à frente dos navios visados.

O efeito do mar pesado sôbre a marcha do próprio torpedo varia, principalmente segundo suas características. Sua profundidade de navegação é incerta, em qualquer condição, com uma tendência para mergulhar demasiadamente, passando sob o navio visado. Sua capacidade de manter o curso dado também pode ser consideràvelmente afetada por um mar simplesmente picado (muito menos, entretanto, por um mar grosso, porém sem ondas ponteagudas ou partidas).

Por sua vez o trabalho dos artilheiros é pràticamente impossível num mar pesado. Em seus relatórios técnicos, referentes à primeira Grande Guerra, Von Forstner, o famoso comandante de submarinos, tendo que usar o seu canhão de proa, quando os torpedos começaram a se tornar raros para os Alemães, afirmou que seu canhão, montado no ligeiro tombadilho, diante da tôrre, estava constantemente varrido pelas marolas e seus artilheiros castigados e sem poder agir quando era devido.

A boa pontaria, nessas circunstâncias, era quase nula, mesmo a curta distância. Porém os navios modernos estão melhor armados nesse sentido e, com uma tripulação treinada, os navios mercantes sempre levaram vantagem contra os submarinos, apesar de oferecer um alvo maior contra um muito menor. Por isso mesmo os submarinos sempre preferiram usar seus torpedos, quando era preciso decidir ràpidamente a luta.

A guerra futura dirá, porém, para que lado penderão as vantagens, sabendo-se que, se os modernos navios de superfície estão poderosamente armados e dispõem de meios de defesa mais eficientes, também os submarinos muito ganharam em poder de fogo, em certeza de tiro e, principalmente, conquistaram pulmões mais poderosos, e por assim dizer, inesgotáveis, além de um prodigioso aumento do seu raio de ação e também velocidade. Sôbre êsses submarinos-atômicos publicaremos, breve, sensacionais revelações.

★

# A "BÔA RESPOSTA" DO MÊS...

O avião conduzindo altos funcionários civis norte-americanos, foi assaltado por violenta tempestade sôbre o Planalto Central brasileiro. Estando o copilôto nos contrôles, o comandante do avião, um calmo Texano, repousava no seu banco, tendo mesmo retirado os sapatos. Não tardou porém que o "importante" passageiro surgisse à porta da cabine.

— **Essa tempestade é perigosa?** — perguntou.

O capitão, com um dedo, fêz sinal que "não".

— **Não seria melhor voar mais alto, para maior segurança?** — insistiu o "importante" passageiro — **O senhor não compreende que estamos voando sôbre o mais áspero terreno do mundo? Esta parte do Brasil é muito rochosa, cheia de precipícios e de cobras!**

Nesse instante um terrível "turbilhão" forçou o avião a perder altura, caindo velozmente mais de oitenta metros.

Agarrando-se ao comandante, para não cair, o passageiro gritou:

— **Eu não disse? Vamos cair, capitão! Que vai o senhor fazer?**

— **Bem...** — disse o capitão, desviando o olhar para a janela — **Se o solo é tão áspero e cheio de cobras, como senhor disse, vou calçar os sapatos!**

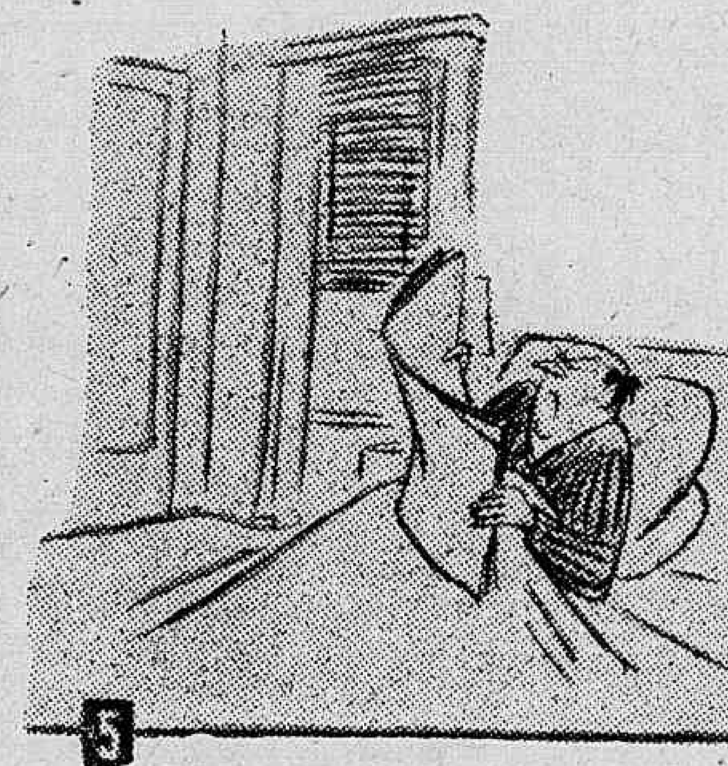


# RETÔRNO AO NORMAL

Por CLAUDE










## AS CONTAS DE UM PATRÃO IRLANDÊS

Um Irlandês foi pedir aumento de ordenado ao seu patrão. Êste, depois de refletir algum tempo, respondeu:

— Mas, meu amigo, na realidade você não trabalha para mim! Façamos a conta:

— "O ano tem 365 dias. Você dorme 8 horas por dia, o que dá um total de 122 dias por ano. Subtraindo-os dos 365 dias, restam sòmente 243. Você tem, ainda, mais 8 horas de repouso por dia, o que dá um total de mais 122 dias. Há dessa maneira, um saldo de 121 dias. Mas temos 52 domingos para deduzir, restando portanto 69 dias. Não se trabalha aos sábados, na parte da tarde, o que faz um total de outros 26 dias sem trabalho. Tudo isso deduzido, você tem apenas 43 dias. Mas há ainda uma hora por dia, para almoço e, portanto, mais 16 dias por ano. Restam 27 dias. Deduzindo-se dêsse total as 2 semanas de férias, verifica-se que você tem sòmente 13 dias de trabalho, anualmente. Mas... e os 12 feriados nacionais do ano, quando os escritórios fecham as portas?

"Chegamos assim à conclusão de que só resta um dia do ano!

"E êsse dia, é o da festa de São Patrício...

E concluindo, com ar escandalizado:

— E quem é que trabalha nesse dia?

★

«Sempre me surpreendi ao ver certos bispos e membros do clero esforçando-se por conciliar a Bíblia com a ciência e a história modernas. Por que conciliar? Se se recebe uma mensagem que alegra o coração e fortifica a alma, promete o encontro com os sêres que nos são caros num mundo mais vasto e generoso, por que inquietar-se com a forma e a côr do envelope manchado em viagem, e indagar se está devidamente selado, se a data e o carimbo do correio estão certos?» — (Winston Churchill — «Minha Mocidade»).

★

«Lamento os estudantes ao ver a vida frívola que levam muitos dêles, quando se lhe oferecem oportunidades tão numerosas e tão benéficas. Afinal, a vida de um homem deve ser consagrada ao pensamento ou à ação. Fora do trabalho não há prazer.» — (Winston Churchill — «Minha Mocidade»).

# Seu filho é onychophago?

O problema do "menino que rói as unhas", continua a preocupar os médicos. Já falamos, há algum tempo, dessa deplorável "mania", que deixa os pais desolados, e contra a qual os meios coercitivos — devemos reconhecer — pouco adiantam.

**A onychophagia** (êsse é o nome científico dêsse hábito) **tem alguma causa orgânica? E' provocada,** como já se afirmou, **por uma deficiência cálcica,** uma verdadeira "fome de calcium", que leva a criança a procurar instintivamente o calcium... **onde o encontra?**



Isso tem muito fundo de verdade, pelo menos em parte e, em alguns casos, pois que, aumentando a quantidade de calcium na alimentação, os médicos já conseguiram, em determinados casos, curar a onychophagia e mesmo em algumas semanas de tratamento! Entretanto, o principal papel cabe, sem dúvida, ao sistema nervoso. E êste, por sua vez, está muitas vêzes sob a influência de uma deficiência endócrina.

E' possível determinar, exatamente, até que ponto essa opinião é exata?

Dois médicos procederam, não há muito, a um interessante inquérito estatístico, que trás para o assunto nova luz. O primeiro dêsses inquéritos foi realizado em uma clínica infantil, especializada em crianças nervosas e deficientes; o segundo em um ambiente escolar normal.

## DETALHES QUE TINHAM SIDO ESQUECIDOS

O primeiro ponto se referia a determinar com exatidão a freqüência da onychophagia. Até recentemente, os médicos não concordavam sôbre êste ponto: suas anotações iam de 10% a 44%. Segundo os dois recentes inquéritos, a cifra global, até à puberdade, seria de aproximadamente 15%.

A idade em que a criança começa a roer as unhas é, em média, de três anos: o máximo se estabelece entre seis anos e a puberdade.

O sexo, por sua vez, desempenha importante papel. **Haveria,** de fato, **duas vêzes mais onychophagos entre os meninos que entre as meninas!**

E — outro fato muito curioso — o nascimento da criança desempenharia também papel preponderante. As crianças mais predispostas à onychophagia seriam, de um lado, os filhos únicos e, por outro lado, os caçulas. Os primogênitos vêm em segundo lugar. A freqüência da onychophagia vai decrescendo com o segundo, o terceiro, o quarto e o quinto... **com a condição de que não haja mais algum dêles!**

## OS BONS E OS MAUS ALUNOS ROEM AS UNHAS

O estudo do nível intelectual de numerosos onychóphagos pelo método dos testes teve resultados surpreendentes e que damos a seguir:

| | |
|---|---|
| Nível normal ou suficiente | 63% |
| Nível anormal | 37% |

Entretanto, nas escolas, os exames referentes ao progresso intelectual dessas crianças chegaram a cifras ligeiramente diferentes:

*Escolaridade:*

| | |
|---|---|
| Muito boa | 8% |
| Boa | 36% |
| Média | 9% |
| Medíocre (Atraso de 1 a 4 anos) | 47% |

Parte das crianças anormais que não freqüentam a escola foram também examinadas porém os dois inquéritos não puderam coincidir exatamente. Foi possível, entretanto, verificar que:

"Por um lado, o fato de roer as unhas não está forçosamente ligado a uma deficiência intelectual;

— "por outro lado, porém, bom número de onychophagos são "retardados", o que não quer dizer: anormais, pois o retardamento escolar pode ter outras causas além da deficiência intelectual (ausências por enfermidades; impossibilidade de freqüentar a escola, como é o caso dos pequeninos paralíticos; viagens freqüentes da família, etc.).

## UMA QUESTÃO DE CARÁTER?

A onychophagia, ao contrário, parece ter uma ligação estreita com o **comportamento** da criança. Muitos professôres notaram que as crianças que roem as unhas são geralmente irrequietos, brigonas, desobedientes e rebeldes.

Eis o resultado dos dois inquéritos no que concerne ao temperamento físico:

| | No colégio | Na clínica das crianças nervosas |
|---|---|---|
| Instabilidade motora | 18% | 28% |
| Crises de côlera | 18% | 21% |
| Fabulação (crianças que inventam histórias extraordinárias) | 11% | 8% |
| Agressividade | 10% | 7% |
| Preguiça, apatia | 12% | 7% |

E', aliás, — na maioria dos casos — devido a perturbações caracteriais que as crianças onychophagas são levadas à consulta médica e não pela onychophagia pròpriamente; pôsto que os pais consideram esta última como um ligeiro defeito inestético — em todo caso, coisa sem perigo.

Devemos notar que os onychophagos pertencem em geral a ambientes familiares desfavoráveis. O divórcio, a morte ou o abandono de um dos pais são encontrados em 10% dos casos examinados em meio escolar normal, e em 20 a 30% dos casos examinados nos consultórios médicos.

★




**PARA REMOVER MOIRÕES** — Para remover um moirão de um cercado sem grande esfôrço, um fazendeiro imaginou aproveitar um simples varal de carroça, ao qual adaptou uma haste de aproximadamente quarenta centímetros, em cuja extremidade prendeu um grampo de arado. Assim, com essa alavanca de ponta encurvada e o ligeiro pêso do corpo, conseguiu, sem grande esfôrço, e em poucas horas, remover várias dezenas de moirões.

Em todo caso, as preocupações, as "responsabilidades" (até mesmo uma criança tem lá suas...) parecem desempenhar papel saliente, como o demonstra a estatística que citamos atrás e que revela a particular freqüência da onychophagia entre os que se aborrecem (os filhos únicos) e entre os que não têm a preocupação dos irmãos e irmãs menores (os caçulas) — o que faz com que roam as unhas com uma freqüência maior que os outros.

Os dois inquéritos permitiram estabelecer que a onychophagia está freqüentemente associada a outras perturbações, particularmente à **enuresia** (criança que tem micções noturnas) que é encontrada em 13 casos sôbre 100, entre os onychophagos observados nas escolas.

A gagueira também é freqüente: a consulta médica para casos de deficientes acusa até 12 casos sôbre 100 onychophagos. Quanto aos canhestros, foram encontrados 5 casos sôbre 100.

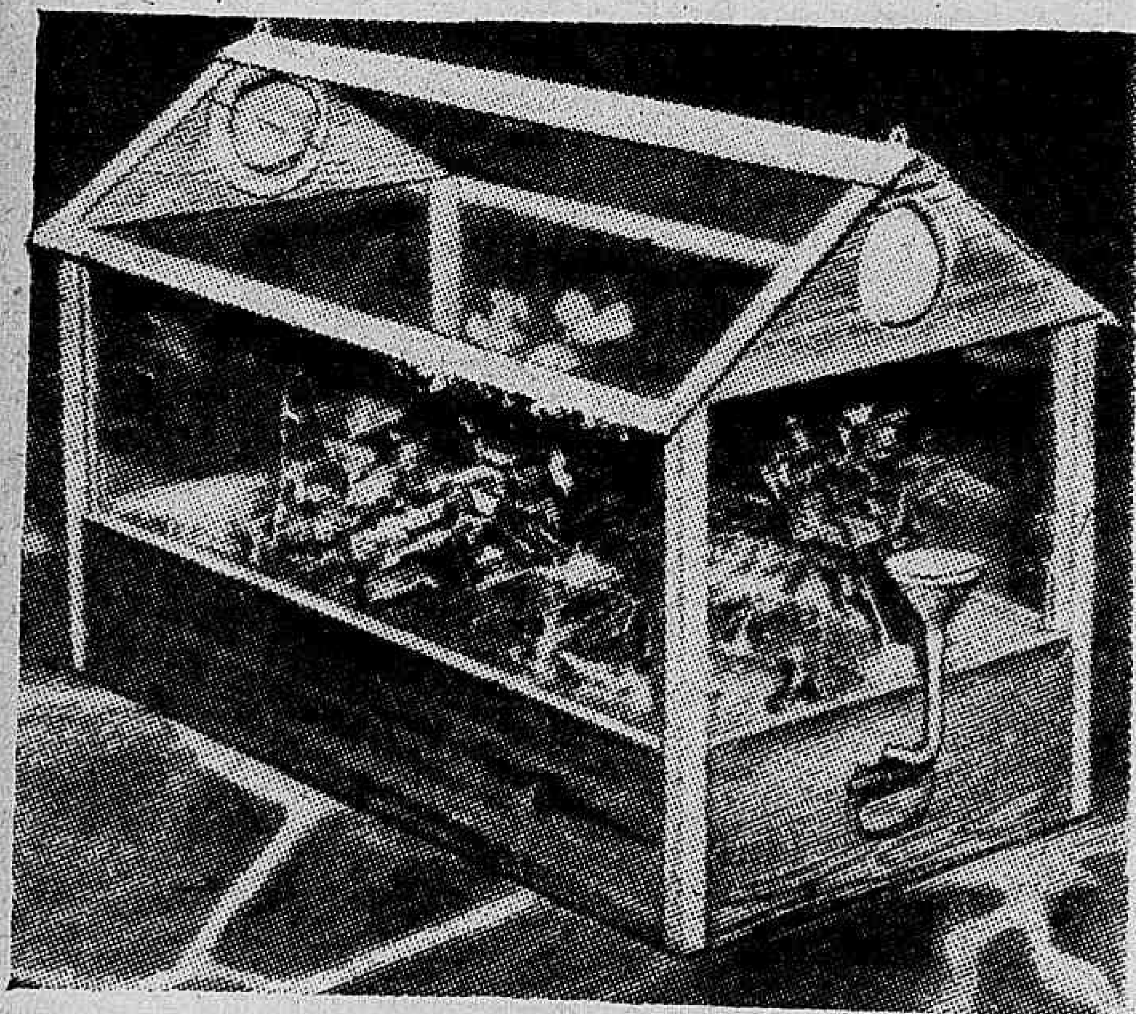
Muito freqüentes são também os atrasos do desenvolvimento sexual (8% dos casos), assim como as perturbações endócrino-vegetativas (6%). Tais perturbações são diversas: ora é encontrada a obesidade, ora o gigantismo ou, ao contrário, o nanismo. A hipertrofia tiróidiana também é encontrada.

Entretanto, parece ser quase sempre do lado das perturbações nervosas que o médico deve procurar a causa profunda da onychophagia. Graves ou ligeiras, essas perturbações estão sempre presentes. O menino que rói as unhas nem sempre é um retardado ou um doente, **mas é,** sempre, uma criança nervosa!

★

Estas conclusões não têm ùnicamente um interêsse teórico; sua incidência prática nos darão as idéias diretoras do tratamento. Sabemos que a severidade é quase sempre de resultado negativo. Ao contrário, a higiene, o repouso, uma boa alimentação, em certos casos a mudança de ambiente, constituem o melhor remédio.

★





**PEQUENA ESTUFA PORTÁTIL — As senhoras que se dedicam à jardinagem e principalmente as plantas de estufa poderão mandar construir o tipo acima indicado, portátil, bonito e de grande eficiência, a qual, por suas dimensões e formato permitem fácil remoção. Possui um simples sistema termostático, irrigação subterrânea, aquecimento por meio de lâmpadas elétricas e ventilação à vontade. Poderá ter as dimensões de 40x80. As flores primaveris poderão crescer no interior dessa estufa, embora o terreno, exterior, esteja coberto pela geada.**

# Recadinhos para o leiteiro...

São muitos e variadíssimos os serviços que pode prestar um leiteiro. Uma multidão de pequeninos problemas caseiros e individuais (alguns angustiantes) podem ser resolvidos por êsse visitante matinal, que vai de casa em casa, noite ainda, depositar as garrafas dêsse nosso primeiro alimento diário. Quantos recadinhos encontram êles, escritos em estilos variados, uns lacônicos, outros mais detalhados e com o infalível "ficarei muito agradecido". Aqui estão alguns exemplos, entre os quais o leitor talvez encontre a cópia de algum bilhetinho que também já escreveu.




"Você é o mesmo leiteiro que encontrei na madrugada de quinta-feira, ao voltar para casa? Se é, quer ser bastante camarada para esquecer que horas eram? Por mim estou tentando esquecer."

"Você tem algum cão, em casa? Nós sempre temos muitas sobras da comida e também alguns ossos apetitosos, que jogamos na lata do lixo. Querendo, pode deixar um aviso. E, por favor, procure trazer o leite mais cedo, Sim? Meu filhinho acorda antes das 5... E com uma fome!"

"Por favor, leiteiro. Toque umas dez vêzes a campainha, esta manhã, pois meu despertador está desaranjado. Muito agradecida!"

"Leiteiro. Por favor, deixe também uma garrafa de leite para o vizinho da direita. Êle "esqueceu" de deixar a garrafa vazia do lado de fora, hoje. Mas afirmo que êle pagará amanhã. Ficou encabulado, entende?"

"Obrigada por ter trazido o pacotinho de café. Quando quiser tomar uma xícara conosco é só aparecer, **depois de nove horas.** Será um prazer."

"Querido leiteiro: não queremos leite todos os dias. Queremos leite assim: hoje queremos leite. Amanhã não queremos. Mas no outro dia será como no dia anterior ao que não quisemos, sim? — Margaret."

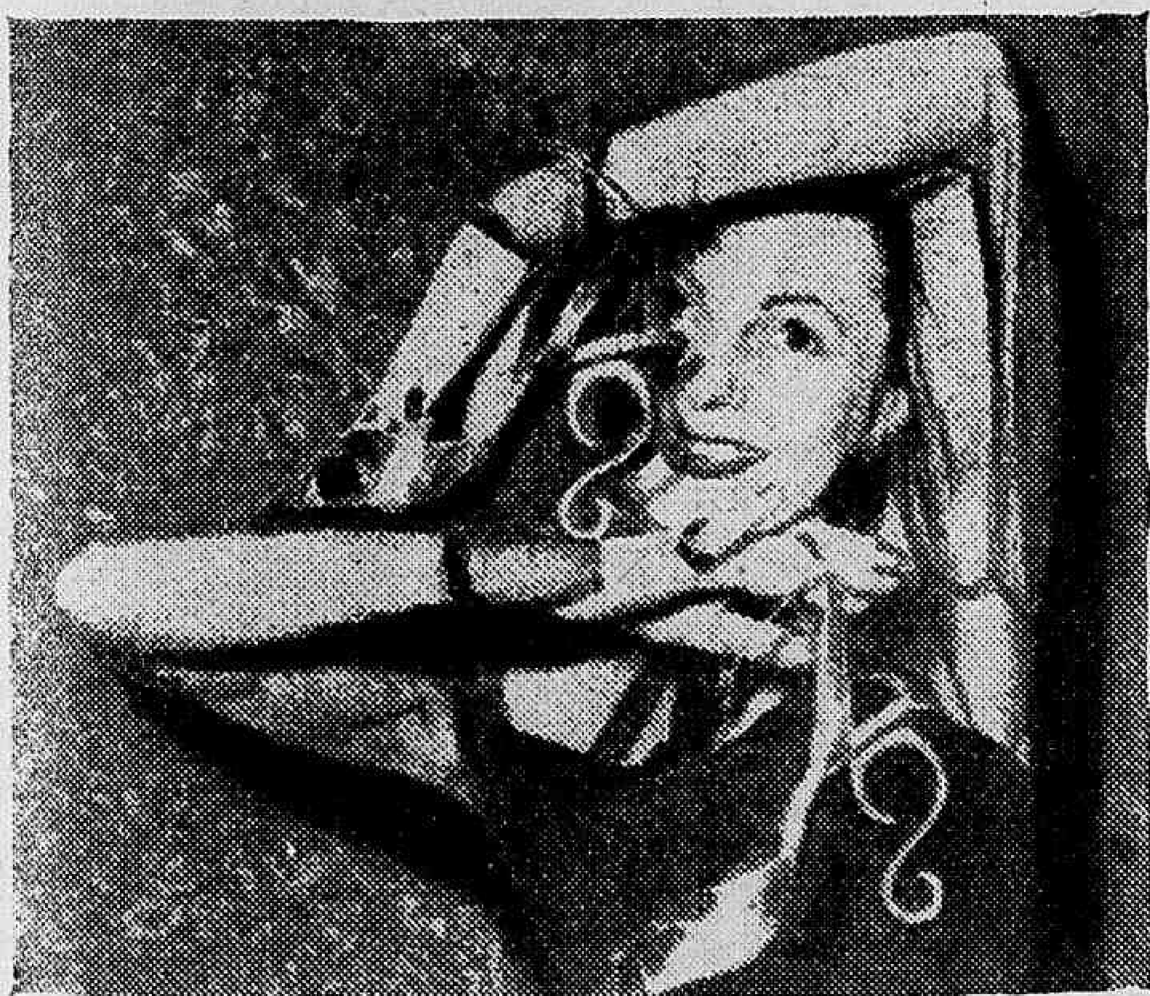
"Se você não tem as pernas fracas, tortas ou quebradas, por favor, sobe a escada e deposita a garrafa onde **nós** residimos. — Moradores do terceiro andar."

"Você foi um amor não cobrando a conta ontem. —Max."

"Por favor, leiteiro. Pode deixar também uma pequena lata de creme. Se minha mulher recusar pagar êsse acréscimo, você não liga e continua deixando o creme, **todos os dias.** Às nove horas, diàriamente, deixarei a importância e mais um charuto para você, **okay?** — Sr. Artur."

"Querido leiteiro. Por favor, deixa esta cartinha com o rapaz que mora no 138, sim? Não esqueça, hein? Obrigada."

★



**ASSIM, NAS MÃOS, ESTÃO BEM, MAS NOS PÉS...** — «Salambô» é o nome dado por seu criador a êsse modêlo de calçado, inspirado hiperbòlicamente no que deve ter protegido os pés do personagem imortalizado por Flaubert. Visto assim, nas mãos, não são muito feios. Receamos, porém, que qualquer mulher calçará muito mal êsse modêlo. Mas há gôsto para tudo, em matéria de moda...



**CONTRA A TROCA DE CAVALOS DE CORRIDA** —Eis o novo processo empregado nos Estados Unidos para evitar que os cavalos de corrida sejam trocados por outros, mais corredores ou **fecha-raias**, favorecendo os apostadores desonestos. Consiste em tatuar o interior do lábio superior do animal, o que não causa dor e assegura a sua identificação. O processo foi autorizado pelo Jockey Club dos Estados Unidos e aceito pela Soc. Protetora dos Animais, bem como pela Ass. dos Proprietários de Cavalos de Corridas. Na foto vemos a aplicação do processo.

# O TÚNEL SOB O MONTE BRANCO

## "MAIS UM CAMINHO PARA SE CHEGAR A ROMA..."

VOLTAM os jornais a falar na abertura de um túnel sob o Monte Branco, como recurso extraordinário para encurtar distâncias, acabando com os riscos e os esforços até agora exigidos para a travessia dos Alpes.

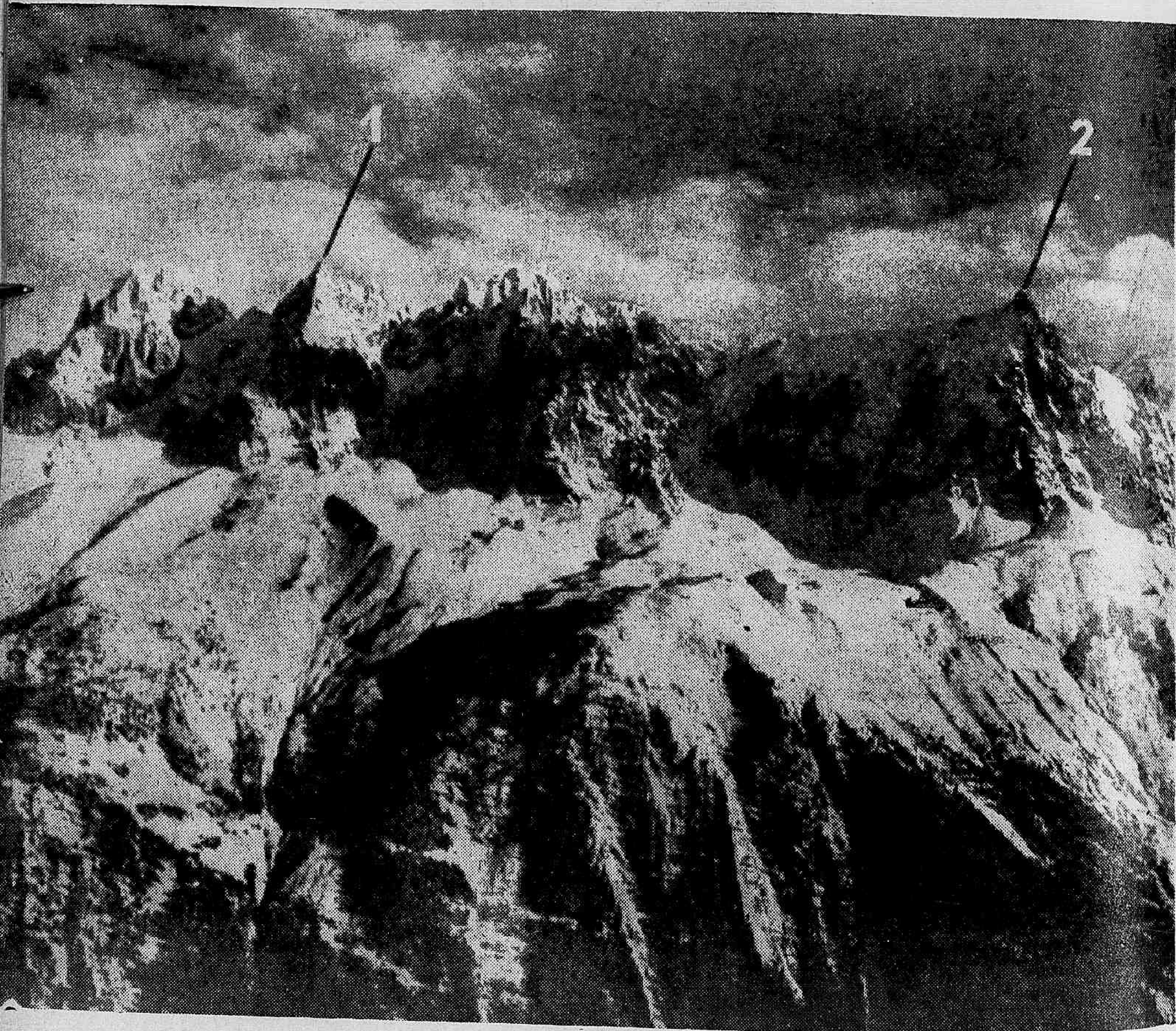
Convém recordar que, de tempos em tempos, também se fala na construção de um túnel sob o Canal da Mancha. Entretanto, se para o segundo a construção continua a ser tão problemática como (por exemplo) a "paz de Pan Mun Jong", para o primeiro, segundo revelam os telegramas, está tudo pesado, traçado e resolvido. O túnel será aberto, concorrendo para tal o esfôrço e o dinheiro dos governos francês e italiano!

Um dos mais recentes "Gabinetes" da França, embora com a vida tão curta como os seus precedentes e os seus sucessores, teve tempo de discutir, votar e aprovar o acôrdo preliminar, realizado entre a França e a Itália, no sentido de perfurar essa famosa via de comunicação, esperando-se que os trabalhos comecem brevemente **do lado francês.**

Assim frisamos porque, **do lado italiano** a coisa já começou a ser feita desde muito tempo. **Já hoje uma galeria imponente penetra pela rocha além de 1 quilômetro!**

Não se acredite, porém, que o govêrno italiano é mais dinâmico ou disponha de mais recursos do que o govêrno francês e que, sem aguardar a assinatura do acôrdo, tenha votado os créditos necessários e iniciado o trabalho colossal.

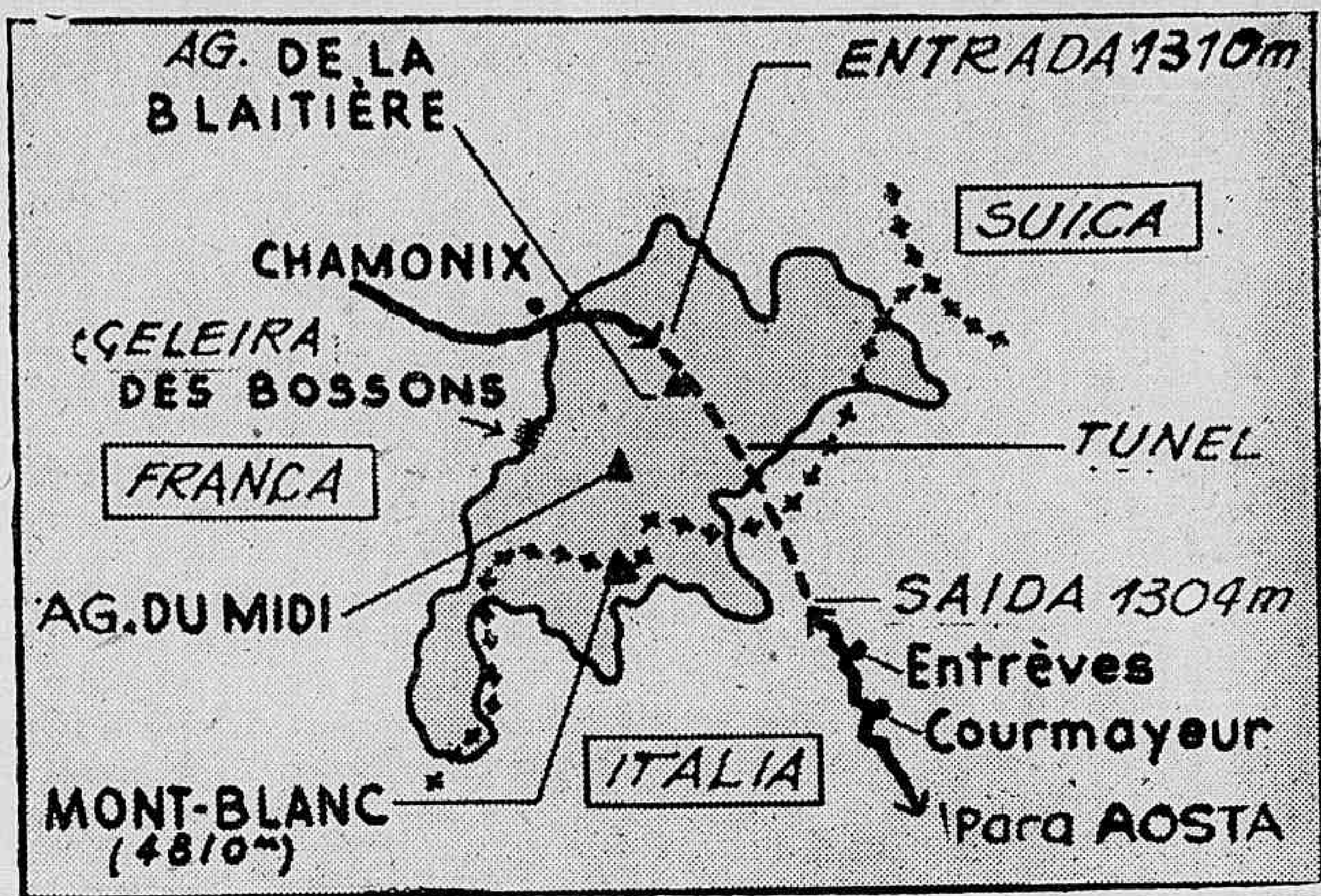
Não. Os ministros romanos estão na mesma situação dos seus




TODOS OS CAMINHOS LEVAM A ROMA: O MACIÇO DO MONTE BRANCO SOB O QUAL PASSARÃO AUTOMÓVEIS — Vê-se (1) A Agulha de Blaitière sob o qual passará o túnel de 12 Kms. de compri-

colegas franceses. Sem verbas e ignorando por quantos dias mais continuarão nas respectivas pastas. Nada tiveram que ver com a abertura dêsse trecho do túnel. O responsável por tal iniciativa é um simples particular, engenheiro e, principalmente, multi-milionário. Trata-se, de fato, do conde Dino Lora-Totino, principal chefe e proprietário das usinas Fiat. Foi êle quem, um belo dia, decidiu abrir um largo trecho dêsse túnel, não para satisfazer uma dessas fantasias de homem rico, mas para provar que uma tal emprêsa era perfeitamente realizável, encerrando de um só golpe uma longa e enfadonha história, em que se procurava **descrever** o túnel mas não realizá-lo.

Essa história começa nos primeiros anos do século passado.




**EIS AQUI O TRAÇADO EXATO DO TÚNEL — Para uns êsse túnel medirá 11 km. 900 metros e para outros, 12 km. 650 metros.**



**mento; (2) A Agulha du Midi e (3) A geleira des Bossons.**

Depois de haver escalado o Monte Branco, o Genovês H. de Saussura declara que "em dia próximo (sic) uma via carroçável passaria sob o gigante", que êle acabava de vencer. Na ocasião as suas palavras causaram riso e surgiu mesmo quem afirmasse que o alpinista estava com o "miolo mole", em razão da formidável escalada que havia realizado, o que forçosamente teria que provocar perturbações cerebrais!

Em 1936, um intendente da Alta Sabóia formulou oficialmente a idéia do Genovês. Sua proposta foi acolhida como convinha, isto é: com os sorrisos de cumplicidade que se acompanham com o gesto do dedo, em verruma, contra a têmpora.

No entanto, trinta e oito anos mais tarde, a Assembléia Nacional francesa se mostrava interessada pelo assunto, por ocasião de um pedido de apoio financeiro, que lhe fôra dirigido pela companhia suíça do túnel do Simplon. Se tinham que pagar pela abertura de um túnel, mais valia pagar... por um túnel francês! Em virtude dêsse princípio **bleu-blanc-rouge**, o pedido suíço foi recusado. Porém, ao mesmo tempo, os deputados alvitraram "que se procurasse uma passagem sob os Alpes para ir da França à Itália". Uma comissão foi nomeada e escolheu o túnel sob o Monte Branco, tendo sido encarregados os engenheiros Gaudin e Lépinay de estudar o projeto.

O estudo foi concluído em 1876, sendo colocado em grande moldura e protegido por vidro. Depois foi esquecido. Em 1889 voltou ao cartaz, quando se falou na construção da via férrea La Roche-sur-Foron-Le Fayet. Depois foi esquecido mais uma vez.

Em 1907, um engenheiro, Arnold Monod, retomou a idéia. Durante sua mocidade, no correr das excursões que o conduziam até à Itália, pelo maciço de Chamonix, sempre havia sonhado com coisa mais prática: um túnel! Nessas condições organizou um sindicato, preparou todos os planos... e o enviou à Câmara francesa, que o discutiu ùnicamente.

As coisas ficaram assim, mais ou menos paralisadas, até que, em 1934, cansado de esperar, Monod voltou a insistir junto dos poderes públicos. Tratava-se não mais de um túnel ferroviário mas de uma estrada de rodagem. Foi então criado um Sindicato do Monte Branco! Compreendia nove membros: um suíço, quatro italianos e quatro franceses.

Em 1935, um projeto "convidando o govêrno a entabolar negociações úteis com a Itália" foi apresentado à Câmara. Desta vez teve-se a impressão de que os acontecimentos iriam ser acelerados e que, antes mesmo de dez anos, todos os caminhos levariam a Roma, **mesmo sob o Monte Branco.**

Os acontecimentos se precipitaram realmente: **estourou o "caso da Etiópia"...**

Terminada a guerra, esquecida a luta a França reencontrou sua irmã latina, já agora livre das camisas negras que escureciam as

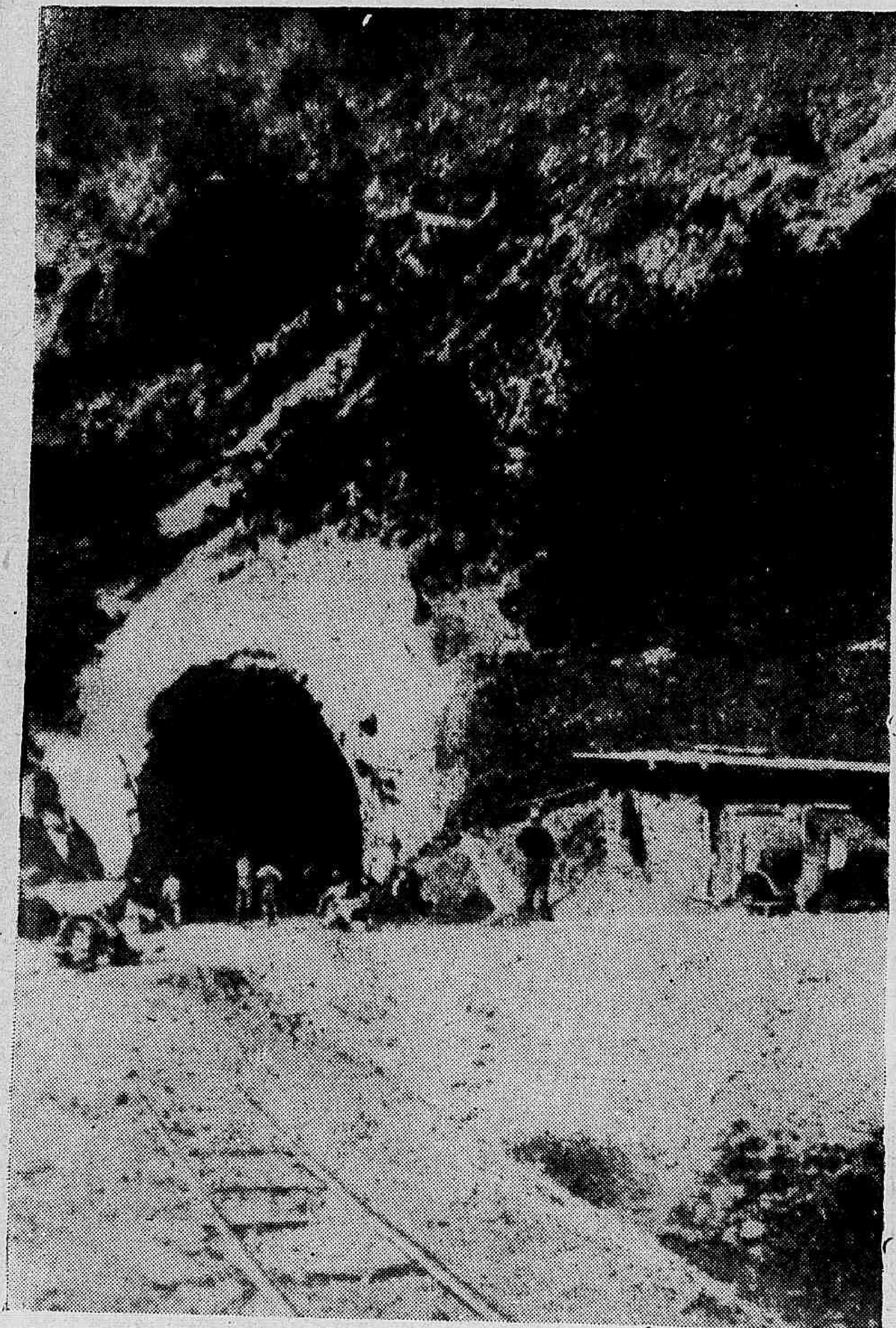
suas relações. Tornaram a falar no túnel. Porém simplesmente falaram. Nada mais!

Eis que o conde Dino Lora-Totino entrou em ação, a título individual. Comprou, em Entrèves, perto de Courmayeur, os 200.000 metros quadrados de terreno necessários para o estabelecimento de depósitos de material, plataforma de acesso ao subterrâneo, na vertente italiana, contratou operários e começou a abrir o túnel, que progrediu, desde então, à razão de 9 metros por dia!

Sua iniciativa provocou sorrisos céticos. **"Por mais rico que seja, êle não poderá ir muito longe! Em 1930 calculou-se que o conjunto dos trabalhos custaria 300 milhões de francos!"**

Porém o conde não desanimou. Tomou um navio para os Estados Unidos, e retornou com um empréstimo de setenta milhões de dólares!

Por um fenômeno estranho, os políticos descobriram bruscamente tôdas as vantagens que poderia apresentar o futuro túnel. A Suíça se interessou, **porque o caminho de Roma passaria por Genebra.** A França e a Itália, igualmente, **porque o novo túnel faria ganhar aos automobilistas cinco horas no verão e, pelo menos, vinte e quatro no inverno, sôbre o percurso normal!**



**O CONDE LORA-TOTINO, DIRETOR-PRINCIPAL DA FIAT, E' UM HOMEM AUDACIOSO. Começou, à sua custa, a perfuração do Monte Branco para a construção do túnel, na vertente italiana.**

O projeto — se assim podemos dizer — foi desenterrado dos arquivos, onde por certo dormiria ainda por muitos anos. Foram nomeadas comissões e tudo, agora, permite supor que dentro de poucos anos o túnel será uma realidade.

O túnel sob o Monte Branco (que, na realidade, **não passará sob** o Monte Branco, **mas ao lado,** sob a Agulha de Bilaitière) medirá entre 11 km. 900 mts. e 12 km. 650 mts. (não se chegou ainda a um acôrdo sôbre o seu comprimento definitivo. Passará, através da montanha a cêrca de 1.000 metros de altura. O cume mais elevado, sob o qual passará, não excederá a 3.500 metros. A espessura do terreno que o cobrirá não será superior a 2.500 metros, máximo que o recomendável segurança pode permitir.

A ventilação estará assegurada por oito ventiladores, que deverão eliminar nas horas de maior tráfego (cêrca de 350 veículos a hora) 650 metros cúbicos de óxido de carbono. Será iluminado a luz fria (neon). Seu preço de custo estará recuperado em 50 anos, juros inclusive (total de 300 bilhões e meio de francos), graças à taxa cobrada das 200.000 pessoas que passarão pelo novo caminho, anualmente.

Tôdas as informações técnicas são favoráveis à sua realização. Sabe-se que não serão encontradas as torrentes de água fervente que tanto prejudicaram a abertura do túnel do Simplon; sabe-se também, que os métodos modernos pouparão aos operários o martírio suportado pelos seus predecessores do túnel de São Gotardo.

★

Como curiosidade diremos ainda que os materiais que serão extraídos da montanha, se colocados sôbre um terreno de dez metros de lado, representariam uma coluna de seis mil metros de altura, ou seja: uma vez e um quarto a altura do Monte Branco ou... vinte vêzes a altura da Tôrre Eiffel.

# De Sheriff de cinema a Sheriff de verdade

## (EPISÓDIO REAL)

OS que consideram Hollywood uma eterna "fita", longe da realidade da vida, estão intimados a considerar o extraordinário caso de Gus G. Anderson.

Êste cidadão, por muitos e muitos anos — tantos que êle mesmo já perdeu a memória — desempenhou papéis em filmes cinematográficos. Tinha um tipo todo especial, que os diretores dos estúdios sempre queriam aproveitar para as **histórias do Oeste**, as aventuras de **Cow-boys**. Olhavam para o homem e logo diziam:

— **Okay. Você será o sheriff!**

E comentavam, satisfeitos, terminada a filmagem, afirmando que nunca tinham visto outro indivíduo representar o papel de autoridade com mais naturalidade.

Assim, de filme para filme, agindo diante das "cameras", Anderson, habilíssimo cavaleiro, foi aplicando a Lei e, em muitas ocasiões, escorando a sua autoridade com dois poderosos revólveres.

Até mesmo Zane Grey, que escreveu muitos enredos aproveitados em filmes de **cow-boy**, alguns de enorme êxito, nos tempos do cinema silencioso, como "Water Hole" e "The Vanishing American", considerava Gus Anderson como a **própria incarnação da Lei e da Ordem**, aplaudindo sem restrições o seu trabalho.



Anderson, que foi um dos "ases" dos "rodeios", em sua mocidade, foi "descoberto" pelos cinematografistas em Weld County, no Colorado, quando exibindo-se em "shows" do domador de cavalos, exibindo-se em "shows" do estilo "Oeste Bravio". Por sua vez o Cinema o atraiu e, assim, desistindo das "tournées" e dos "rodeios", deixou as arenas ingressando nos estúdios, onde tratou de progredir em sua arte.

A coragem, a habilidade e a técnica de Anderson, dominando cavalos e bandidos, não tardou a despertar a atenção dos produtores e do público, firmando definitivamente o seu tipo dentro de um estúdio. Por mais uma dúzia de anos, o antigo "ás" dos rodeios tornou-se bastante conhecido entre os colegas como **"o Sheriff Anderson"**. Os filmes do Oeste já foram descritos como a mais real expressão da arte cinemática, exigindo, porém, certas particularidades e um maior ou menor estoque de espetáculo e bom seguimento. Quando o cinema ganhou som, os atores passaram a ser subordinados ao microfone, que fêz uma nova seleção, enquanto os filmes passaram a ser rodados com maior cautela e quase entre quatro paredes. Com o decréscimo dos filmes de **cow-boys**, fenômeno verificado durante largo tempo, a necessidade de bons sheriffs caiu na mesma proporção.



**Gus G. Anderson**

Anderson e sua espôsa, Lunda, ambos nascidos no Colorado, regressaram para Weld County. Foi então que aconteceu o inesperado. Amigos que haviam visto Anderson, durante anos seguidos, sòmente através dos filmes, sugeriram que se candidatasse a sheriff de Weld, **sheriff de verdade**. Isso foi aceito. Anderson se candidatou ao pôsto que deve ser conquistado por meio de eleições bienais.

Quando os votos foram contados verificou-se que Anderson vencera por larga margem. Em 1950 continuava nesse pôsto, sem interrupção, e foi reeleito pela sétima vez, conquistando uma maioria jamais alcançada por qualquer outro candidato (8.000 votos sôbre seu oponente). Antes dêle nenhum outro pudera ser eleito por mais de dois períodos!

A verdade é que, nessa parte do Colorado, hoje não há mais roubo de gado, problema que chegou a constituir verdadeira praga na gestão de seus predecessores. O sheriff não revela como conseguiu isso, mas na verdade os fatos falam por êle. Sabe-se, entretanto, que uma de suas primeiras medidas foi organizar a "Weld County Cattlemen's Association" (Associação dos Criadores de Gado do Condado de Weld), com mais de 300 associados. Estabelecendo um escritório central para os indispensáveis registros das marcas e dos animais, depressa obteve a entusiasmada cooperação de todos os vaqueiros, trabalhando num só esfôrço para a proteção geral. E como testemunho da eficiência dos seus métodos, os rancheiros mais recentemente o elegeram presidente da agremiação.

Os roubos e as desordem mantinham o condado de Weld em um estado de verdadeiro cáos, quando o sheriff de cinema foi transferido para a vida real... no mesmo pôsto. Os assassinatos eram também freqüentes, porém Anderson acabou depressa com êsse estado de coisas, prendendo e desarmando os valentões e impondo-se ao respeito geral com uma atitude severa, honesta e justa. O seu record aponta um só crime cujo autor não pôde ser apontado e prêso, em todos êsses anos. Tratava-se, porém, do achado de uma ossada, cuja identificação não pôde ser completada.

Anderson, que considera qualquer classe de crime, em seu condado, como uma

afronta pessoal, moveu céus e terra, durante meses, a fim de descobrir o assassinato e roubo contra a pessoa de Harry A. Radtke, rico fazendeiro de Lakewood, ocorrido há pouco mais de dois anos.

Sem desanimar um só instante, ajudado pela polícia estadual o sheriff descobriu uma testemunha que declarou ter visto um velho automóvel, incendiado, numa ruim estrada não distante do Hudson.

Usando essa pista como base, Anderson, raciocinando depressa e ajudado por informações colhidas por detectives diversos, prendeu um antigo trabalhador de circo e interrogou-o com paciência, obtendo a total confissão do seu crime.

Anderson, apesar de Sheriff, tem uma vida de verdadeiro rancheiro e criador de gado, possuindo mais de 500 cabeças de superior qualidade.

Embora reconheça que não há grande diferença entre a vida de sheriff cinematográfico e a de sheriff de verdade, afirma preferir o seu atual trabalho.

— **Em ambos os casos** — costuma êle dizer — **o essencial é saber seguir o "script"...**

★

# É CRIME...

## SE UMA ESPÔSA DEITA ÓLEO DE RÍCINO NO WHISKY DO MARIDO? OS JUIZES NORTE-AMERICANOS PROFEREM SENTENÇAS REALMENTE EDIFICANTES!

OS problemas das relações entre marido e mulher têm provocado mais de uma consulta aos magistrados. Aqui estão algumas recentes crises dêsse gênero resolvidas pelos tribunais e que merecem ser lidas e meditadas.

★



**Intervenção** — Pode uma espôsa deitar óleo de rícino no **whisky** do marido? SIM, porque é um direito da espôsa tentar reformar o marido — declarou o juiz da Côrte de Apelação do Kentucky.

**Uma história diferente** — Deve um homem deixar de inspirar confiança nos negócios... pelo fato de não inspirar confiança em amor? NÃO — sentenciou o juiz da Côrte de Apelação de Oklahoma — porque é geralmente sabido que mesmo os homens mais honrados e dignos de confiança numa cidade... não inspiram a menor confiança a suas espôsas com referência às demais mulheres.

**Sempre o Dinheiro** — E' crueldade mental para um marido estar sempre ouvindo a espôsa se queixar de que o dinheiro que êle ganha não chega? NÃO, porque todos os maridos sofrem do mesmo mal! — sentenciou a Suprema Côrte de Michigan.

**Espôsas, cuidado!** — Se o marido de uma criaturinha que gosta de flirtar, por simples esporte, vê algum "lobo mau" nas proximidades, deve preveni-la contra êsse perigo? — CERTAMENTE! — declarou o juiz da Côrte de Apelação de New Jersey, que acrescentou: **"Um marido, sabendo que sua espôsa gosta de flirtar, embora inocentemente, tem o dever de alertá-la quando verifica que se aproxima do fogo".**

**Fiu-Fiu!** — E' crime tentar falar com uma desconhecida bonita? NÃO (!), porque "essa é uma tendência geral dos homens, quando vêem alguma linda jovem caminhando à sua frente, por uma rua" — sentenciou o tribunal de Florida City.

**Punição** — Se a espôsa que abandonou o lar para ir viver com "mamãe" deseja regressar, pode o marido exigir que ela vá dormir no quarto da criada, até que êle esqueça a sua culpa? NÃO. Deve recusar a continuação da vida em comum ou aceitá-la em têrmos elevados e com o devido respeito indispensável na vida de um casal — declarou o juiz de um tribunal da Flórida.

**Cantiga para dormir** — Pode um marido que adormece quando a espôsa pronuncia acusações de infidelidade, solicitar divórcio, alegando crueldade mental da parte dela? NÃO, porque se o que diz a espôsa provoca o sono do marido, como pode ela ser acusada de exercer crueldade mental? — pergunta a Côrte Suprema de **Oklahoma.**

# O Japão que saíu de San Francisco escolhe seu destino

APESAR de todos os temores criados pela intensa propaganda de Moscou, que realizou, direta e indiretamente, um desesperado esfôrço para que a conferência de San Francisco da California, iniciada em 4 de setembro de 1951, fôsse um fracasso, a paz foi assinada entre o Japão e as demais nações aliadas.

Em San Francisco, num dia por todos os motivos memorável, o povo japonês recuperou a sua soberania, concedida, naturalmente, sob condições ditadas por seus antigos adversários.

Não ficaram os noventa milhões de japonêses — como teria desejado a Rússia — livres totalmente da vigilância norte-americana, ali continuando parte da antiga tropa de ocupação.

Não adiantou, igualmente, que a rádio comunista chinesa advertisse ao Japão, afirmando que **se o tratado de San Francisco fôsse assinado sem que no mesmo documento pacificador figurassem a China e a Rússia, êstes dois países considerariam tal tratado como uma "verdadeira declaração de guerra".**

Aliás, a extrema lentidão das cansativas conversações de Kaesong e a chegada de incessantes reforços comunistas à frente da Coréia, não pode ter outra explicação: o **clan** comunista tentava por todos os meios sabotar a paz de San Francisco.



**Uma japonêsinha que representa a resistência dos tradicionalistas japonêses. Povo velhíssimo, de hábitos velhíssimos, merecia ter sido estudado mais a fundo e cautelosamente, antes de assumir atitudes irrevogáveis e de ditar leis variadas...**

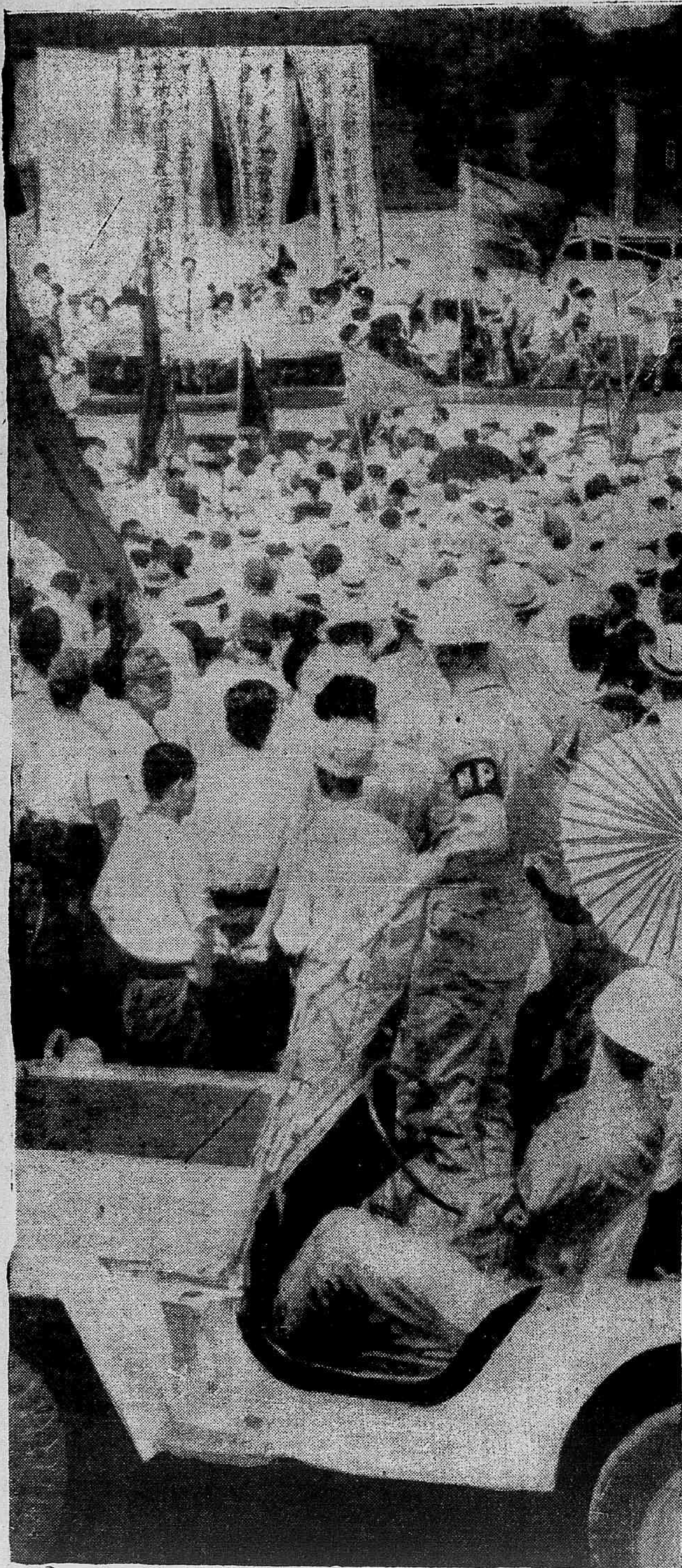


**Um cidadão japonês orando diante do túmulo de um parente, morto em Hiroshima pela bomba-atômica. Se os norte-americanos não esquecem Pearl Harbour, os japonêses jamais esquecerão Hiroshima...**

Antes mesmo de que o delegado soviético, Gromyko, embarcasse para San Francisco, a diplomacia e a propaganda soviéticas propuseram um "pacto dos cinco", conforme os leitores devem recordar.

## "SAN FRANCISCO VIOLA YALTA E POTSDAM"

Ao mesmo tempo, o ministro dos assuntos exteriores da China, Chu-En-Lai, anunciava que o seu país não reconheceria o tratado de paz japonês de San Francisco "nem mesmo que o mesmo fôsse assinado pelos Es-



tados Unidos e **seus satélites**". Afirmava também que o referido tratado era "hostil aos povos da Ásia", tendendo a converter o Japão em "uma base avançada de agressão norte-americana no Extremo Oriente."

O projeto de San Francisco estava destinada a sabotar uma paz verdadeira e sincera entre o Japão e todos os ex-beligerantes — afirmou o ministro do Exterior de Pequim — porquê:

1) As cláusulas territoriais concediam aos Estados Unidos uma "curadoria" sôbre Hiroshima e as ilhas Riu-Kiu e omitiam a "restituição" à China e à União Soviética de Formosa, Ilhas dos Pescadores, Kurilas e Sakhalina meridional, tendo por fim facilitar a intenção norte-americana de agressão e prolongar a ocupação do Japão.

2) O tratado favorecia uma remilitarização do Japão e concedia aos Estados Unidos um contrôle sôbre a economia japonêsa.

3) Descuidava e sacrificava o problema das reparações.

Chu-En-Lai declarou, ainda, que o projeto de tratado constituia uma violação dos acordos internacionais de El Cairo, Yalta e Potsdam, assim como da declaração das Nações Unidas (1 de nov. de 1942) e das diretrizes da Comissão do Extremo Oriente (19 de jun. de 47).

Entretanto, em resposta, Washington advertia Moscou de que os têrmos do tratado de paz com o Japão seriam invariáveis. Uma nota oficial informava ao govêrno soviético "para evitar tôda responsabilidade de malentendido", que a conferência teria início no dia 4 de setembro (1951) em San Francisco, tendo por objetivo "a conclusão e assinatura do projeto de tratado já comunicado aos países interessados **e não a discussão das cláusulas do referido projeto.**"

O tratado constituiria, na verdade, um pacto de segurança norte-americano-japonês. Além do pacto seriam assinados em San Francisco dois importantíssimos documentos, que não seriam publicados. Tratariam de tôdas as questões resultantes da cessão pelo Japão aos Estados Unidos de bases mili-

**O policiamento sob o regime de ocupação é representado no cliché acima muito significativamente. Uma reunião ao ar livre. A patrulha — do exército norte-americano — circulando num jeep, pára no local, para ver e ouvir durante alguns minutos...**

tares e bases de acantonamento de tropas norte-americanas no Japão. Tratariam ainda da criação de exército, marinha e aviação japonêses.

No mês de junho, de 1950, Mr. John Foster Dulles, embaixador dos Estados Unidos, foi a Tóquio, explicar ao comandante geral das tropas de ocupação:

a) que o rearmamento japonês não era urgente.

b) Que não era desejável um tratado de paz com o Japão.

c) Que a China e a Rússia deviam colaborar na elaboração do futuro tratado.

Porém as horas sombrias da guerra da Coréia fizeram Washington refletir. Mr. Dulles, em nova visita a Tóquio, em fins de janeiro de 1951, disse o contrário da primeira vez.

## POR QUE O JAPÃO NÃO QUER O REARMAMENTO?

— Tem o Japão o dever de rearmar-se! — disse o embaixador ao primeiro ministro japonês, Yoshida, chefe do partido conservador.

No entanto, o primeiro ministro japonês opinava que o rearmamento era impossível, **no momento.** Os Japonêses não podiam pensar ainda em rearmamento. Preferiam reconstruir sua economia e restaurar suas finanças — o que é todo o contrário do rearmamento.

Os Alemães, na Europa, necessitam de um exército, embora não sejam lá muito partidário dêle. Mas só com um exército próprio poderão garantir a sua independência contra qualquer ameaça da esquerda ou da direita. No Japão, porém, o problema é diferente. Apesar das ameaças da China e da União Soviética, o Japão corre menos perigo de sér sovietizado que a Alemanha ocidental. O Japão tem exatamente a mesma **ótica** política que a Rússia. Não deseja bater-se... por enquanto. Deseja organizar-se e orientar suas populações imensas e sempre crescentes, conquistando mercados industriais e comerciais.

★

Hoje, os indícios e as estatísticas comerciais revelam que o Japão é o primeiro vendedor de algodão de todo o mundo. Suas exportações dobram todos os anos. Já ocupa o terceiro lugar entre as potências mundiais de embarcações mercantes.

O Japão é o país da Ásia mais rico em técnicos e em operários qualificados. Tem mão de obra nu-



**As roupas ocidentais predominam entre a espessa e variada multidão na larga Ginza, que vem a ser a Broadway de Tóquio. Porém roupa não significa que o país esteja democratizado...**



Provàvelmente — e apesar de tudo — não terão sido maiores que êste, tão airosamente vencido por seu filho, o príncipe Akihito, de 18 anos, seu herdeiro e sucessor, os obstáculos vencidos em sua vida pelo imperador Hirohito. O jovem príncipe se empenhou profundamente nesta proeza e vale a pena notar a tensão de nervos e o esfôrço dispendido.

merosíssima e barata. Tem, acima de tudo, juventude! O povo japonês possui, atualmente, um potencial formidável: sua juventude. Há trinta e oito milhões de japonêses menores de vinte anos. Os estadistas não podem prever o que semelhante cifra representa para o futuro, do ponto de vista industrial e econômico.

## O OBJETIVO JAPONÊS: A UNIDADE ASIÁTICA

Os dirigentes japonêses estão convencidos de que haverá outra guerra mundial antes de vinte anos. Querem trabalhar, produzir, para que o Japão se converta durante êsse período em potência comercial e industrial irresistível, em tôrno da qual se realize, fatalmente, a unidade da nova Ásia.

Os governos japonêses podem mudar. Porém seguirão sempre a mesma política, a fim de realizar, mais cedo ou mais tarde, a unidade asiática.

Os dirigentes japonêses são capazes de modificar totalmente a sua tática e a sua estratégia. Porém seu objetivo não varia.

"A Paz de Reconciliação" proposta pelos Estados Unidos foi acolhida com alegria, em Tóquio, porque surgiu como um instrumento de recuperação nipônica, como **pingo de óleo** especialíssimo no maquinismo construtor japonês, e numa hora em que a imensa fôrça produtora do país, em pleno impulso, precisa de tranqüilidade e segurança, sem recear ver-se esgotada por um rearmamento prematuro.

Alguns técnicos já perguntam, com inquietação, se a recuperação japonêsa será democrática...

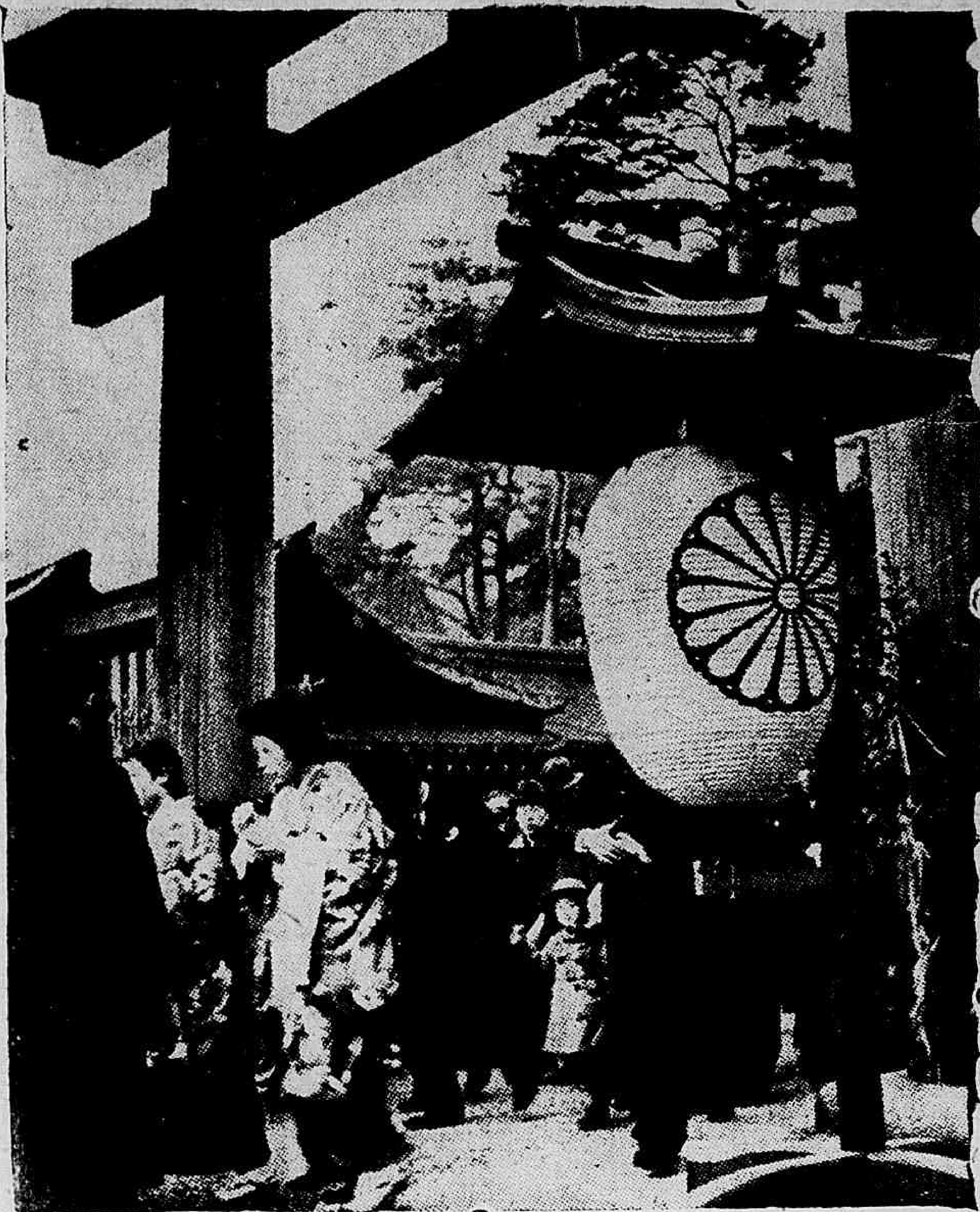
Eis uma pergunta que carece de sentido. O europeu tem uma compreensão da democracia total-



A moderna polícia japonêsa, num desfile em Tóquio. Chegando ao fim de três largas eras de contrôle, o Japão reemerge com uma navíssima, porém antiga ideologia: «Japanismo»!

mente diferente da que tem o cidadão dos Estados Unidos. O japonês foi obrigado, pela fôrça das circunstâncias, a considerar a democracia norte-americana como uma doutrina de importação totalmente estranha; uma espécie de lei do vencedor e de um vencedor fantasioso, que nem sempre procurou compreender um país velhíssimo e um povo igualmente velhíssimo, com costumes velhíssimos.

Por tudo isso não acreditamos que em 1945-46 tenha ocorrido — como se espalhou aos quatro ventos — uma revolução democrática com base real no Japão. Nem acreditamos que isso se realize jamais!



Túmulo de Meizi Zingu, em Meizi Satu, num dia 3 de novembro, considerado feriado nacional, em razão das comemorações anuais pelo nascimento do grande imperador Meizi.

## O JAPÃO DO FUTURO

Quando se assinou a paz, um jornal norte-americano perguntou:

— "Agora que a paz está assinada e o imperador volta a ser imperador, podendo dirigir-se ao seu povo quantas vêzes achar necessário, que restará das reformas democráticas impostas pelo general Mac Arthur e modificadas por seu sucessor, o general Ridway?"

E acrescentava:

— "Provavelmente, pouca coisa!"

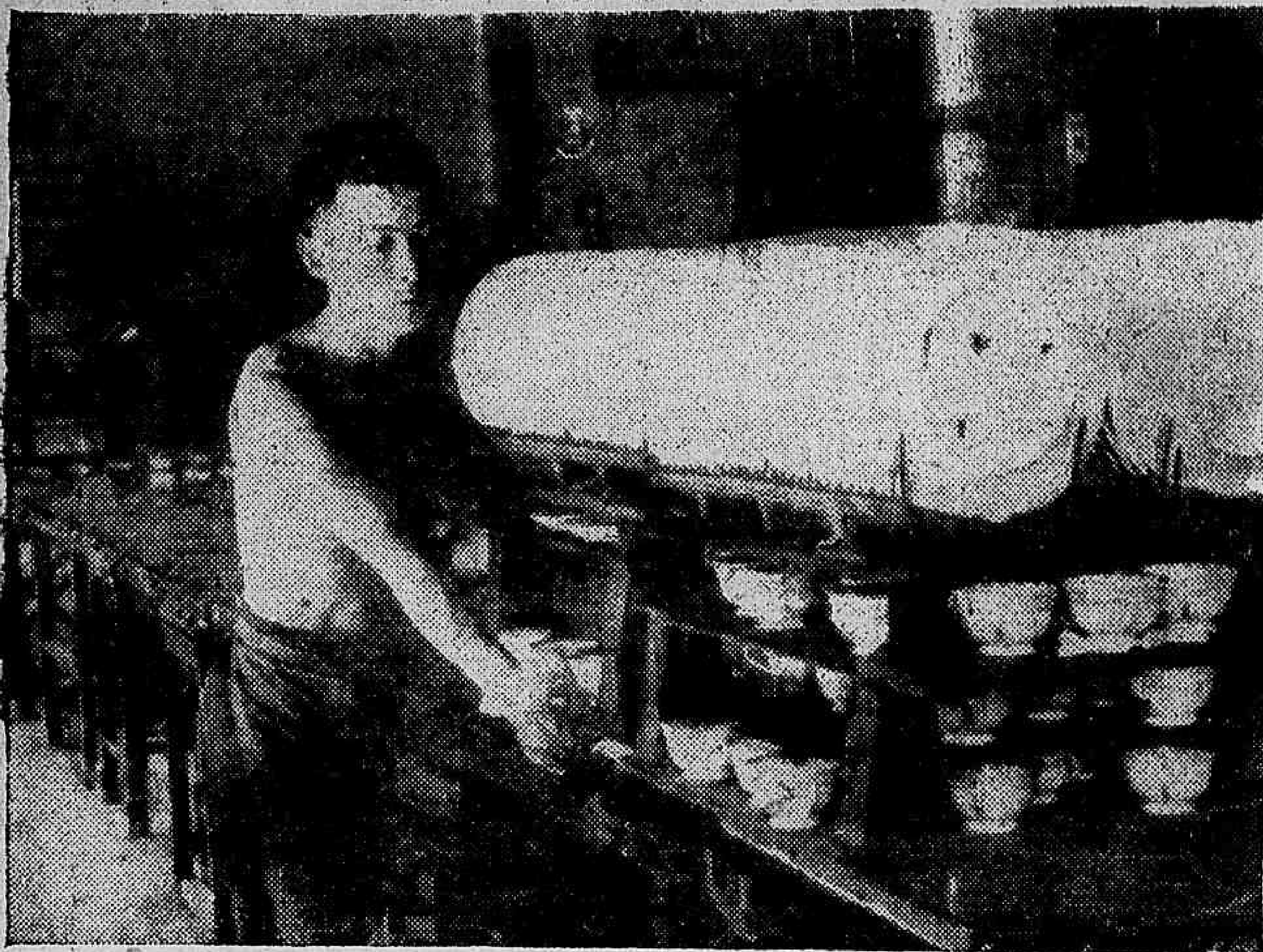
Porque é o caso de se indagar: **os Japonêses terão sido sinceros, aceitando as leis referentes à educação, à criação de sindicatos, à atividade do partido comunista** (primeiramente imposto pelo ocupante; a seguir proibido por êle), **à emancipação da mulher** (até mesmo as "taxi-girls" e as "pam-pam girls") ao enfraquecimento constitucional do prestígio do imperador, que, convertido em homem, foi ainda mais amado e respeitado por seu povo? A verdade é que tais reformas e as reformas dessas reformas, que certamente virão, tiveram e terão sempre um caráter provisório... O Japão, como todos os grandes povos, sabe que as ruinas do passado são sempre ruinas... Da mesma forma que a Alemanha futura não será nem democrática à maneira de Weimar ou de Bonn, nem nacional-socialista, à maneira de Nuremberg. O Japão não viverá no passado. Os mitos e doutrinas das sociedades religiosas e nacionalistas serão transpostos para outro plano menos místico, porém mais prático.



Numa antiga fábrica de sêda uma jovem japonêsa, vestida à ocidental, repete os gestos de suas avós, que vestiam segundo a tradição.

★

Seria um êrro acreditar que os Japonêses nada aprenderam durante a ocupação norte-americana. Ao contrário, muito aprenderam em contato com os vencedores. E' muito fácil enumerar o quanto de **mau** aprenderam. No domínio da técnica, do comércio, da indústria e, em geral, do sentido prático da vida, souberam



**Numa fábrica de objetos de porcelana, na industrial cidade de Nagoya, um operário, com o busto nu a fim de abrandar o calor dos grandes fornos, separa o material recem-fabricado.**

aprender a lição. E agora é quando vai começar a grande revolução japonêsa.

Atrevemo-nos a profetizar que constituirá ela um fenômeno de extraordinária amplidão, que terá na Ásia as maiores repercussões.

Dê fato, o Japonês, em contato com o ocupante norte-americano, seu vencedor, foi liberado não só de certos preconceitos de casta, mas também de certos complexos de inferioridade.

A Austrália e a Nova Zelândia representam, no Pacífico, o papel que a França tem na Europa. Esta nação está alarmada com o ressurgimento alemão, não obstante seja êle necessário para a defesa do continente contra uma possível ação ofensiva da Rússia. A Austrália e a Nova Zelândia, por sua vez, não estão menos assustadas pelo tratado de San Francisco. Imediatamente, pediram aos Estados Unidos garantias sinceras e assinaram com Washington um pacto de defesa que contrabalança a aliança americano-japonêsa.

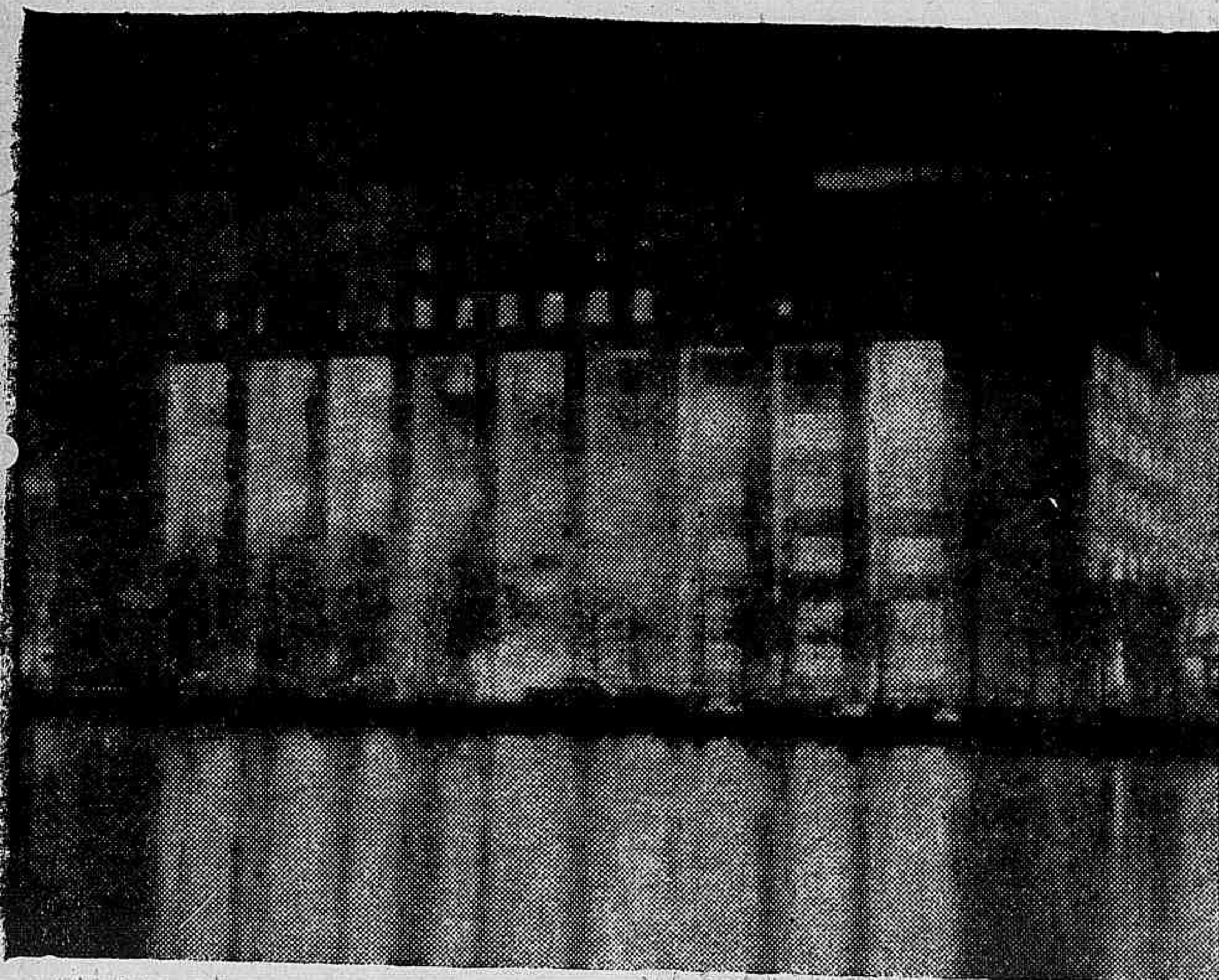
O futuro nos dirá do valor dêsses tratados. Ninguém tem o direito de duvidar do seu valor, julgando antecipadamente. Porém os que guardam em suas mãos o destino dos povos ocidentais não deveriam cometer mais uma só falta grave. Há muita coisa confusa ainda hoje. Principalmente no passado alemão e no japonês.

Houve um tempo em que a Rússia, o Terceiro Reich e o Império do Sol Nascente estiveram a ponto de formar um só bloco e uma só vontade. Vamos esperar que êsses tempos não voltem mais.

**E. G. RAINS**



**Um operário japonês trabalhando. O Japão é o país mais rico da Ásia e um dos primeiros do nundo em operários qualificados.**



**Êsse é o edifício do Dai Ichi, em Tóquio, onde está instalado o Quartel General das fôrças norte-americanas de ocupação.**

★

## 185.000 INCÊNDIOS EM APENAS UM ANO!

Ocorreram 185.000 incêndios florestais, nos Estados Unidos, em 1950, o que vem a ser um cada três minutos. Entretanto, em 1951 as coisas melhoraram muito, pois que, segundo a mesma fonte estatísticas, no último ano ocorreu apenas um incêndio... cada 21 minutos!

★

O Cardeal Cabrières, que então era simples Monsenhor, mas que logo se tornou Eminência, quando se candidatou à Academia Francesa, visitou Anatole, (como é hábito entre os candidatos... Suas primeiras palavras foram:

— Senhor — disse o bispo — confesso que nunca li os vossos romances...

— Monsenhor — respondeu Anatole, com respeitosa curvatura — confesso que li os vossos sermões!

# Não faça isso com o seu marido...



**Oh! Deixar um homem, de pé, no canto de uma rua, aguardando indefinidamente! E convém não esquecer: andam «sôltas» tantas mulheres bonitas!**

ALGUMAS mulheres não escondem a sua estupefação e mesmo o seu despeito ao ver o triunfo de outras mulheres. A estupefação é mesmo maior que o despeito; e perguntam a si mesmas de que recursos se valeram as vitoriosas.

Não compreendem como tais criaturas puderam conservar o amor e o respeito de homens que escaparam a elas próprias e, mais ainda, como puderam essas rivais odiadas seduzir rapazes sôbre os quais nenhuma mulher pudera até então alcançar qualquer influência.

A nossa impressão — se podemos falar como homens habituados a sofrer os assaltos de sedução de muitas mulheres — é a de que **a arte de agradar aos homens** é extraordinàriamente difícil, extremamemente delicada, **principalmente**, mas pode ser, de fato, desenvolvida com êxito.

As mulheres precisam saber, antes de tudo, **isto:** não é bastante ser bonita... Nem sequer é necessário ser bonita...

Comumente, estamos vendo em nosso redor mulheres de incontestável beleza, elegantíssimas e graciosas; no entanto, não são elas as que alcançam maior êxito! Poderíamos apontar várias dezenas dessas criaturas, tôdas de esplêndida aparência e que, apesar de tudo, queixam-se noite e dia do abandono em que as deixam os homens — ou pelo menos de não conseguir um noivo e — o que mais importa: um marido!

Uma dessas criaturas é, moralmente, uma criança de doze anos, com a qual não é possível a um homem ter qualquer conversação. Outra faria muito bem conservando-se muda, pois que, na verdade, não tem assunto ou só pensa e diz... tolices! No entanto é magnífica **para se olhar**... Seria, **num** lar, um esplêndido... **móvel!** Mas, apesar de tudo, se muitas vêzes desejamos possuir e adorar um móvel, jamais nos lembraríamos de apertá-lo nos braços...

Outra mais tem um gênio na verdade intragável. Não será preciso ir além. Será preferível examinar as suas irmãs, menos brilhantes — talvez — porém mais felizes.

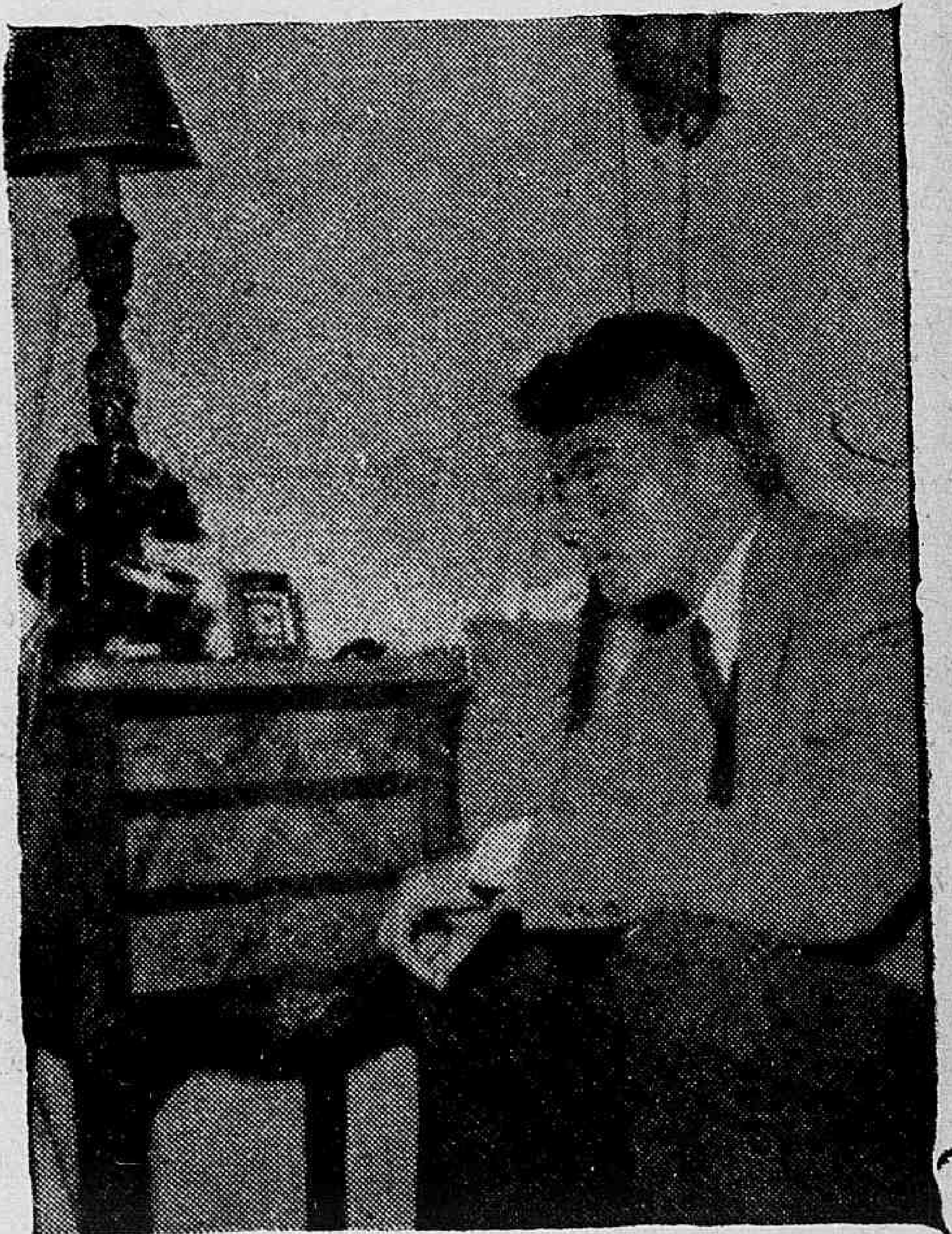
A explicação para uma tão imprevista situação? Muito simples e muito triste! Foram as outras mulheres que nos deram a **pista** que nos guiou na solução do mistério.

E se pudéssemos ter bastante autoridade para aconselhar diríamos a nossas leitoras que, em sociedade, é muito possível vencer mais depressa com aquilo que não se faz do que com o que se faz.

★

Um homem não precisa — como pensam muitas mulheres — de uma "ama-sêca", de uma espôsa que lhe dê o nó da gravata e que se lembre de lhe comprar cordões para os sapatos. E vamos parar nestes exemplos, pois há piores!

Dia chega em que êle a despresa, considerando-a como uma simples criada de servir, primeiramente no sentido da palavra, isto é, "pertencendo à casa"; mais tarde, como criada para seu exclusivo serviço!



**Ela devia telefonar às 10 horas? Oh! Cuidado! Na certa êle tem muitos números de outras tantas lindas criaturas em seu caderninho...**



Quando a espôsa é uma «jóia» não detém os passos do marido diante da vitrina das joalherias. Isto o arruina ou o encabula penosamente.

constituirão o mais feliz dos casais. Sim. Há muitas coisas que que devem ser evitadas!

Não procure irritar o seu marido com coisinhas insignificantes. Não imagine que a sua alimentação é coisa sem importância e que o seu estômago é tão sólido como o do avestruz. Não cozinhe vagens... se êle tem horror a vagens. Não sacrifique o seu sono, isto é, não o obrigue a deitar tarde para ir visitar pessoas que só a você divertem. Não gaste todo o seu dinheiro: êle não pode fabricá-lo como se fôsse a "Casa da Moeda"! Não se atire **de lança em riste** contra as mulheres que êle elogiou (êle as cortejará, quando mais não seja, só para a aborrecer).Não! Se notar que êle é atraído por uma criatura qualquer, procure ridicularizar essa criatura de maneira indireta. Será muito mais hábil e eficiente.

★

A principal **habilidade?** Mas, é claro! Será conservar-se tão sedutora como as outras que êle possa encontrar, o que vale dizer: bem penteada sem **parecer** forçadamente "arrumada". Estar sempre disposta a concordar com os seus desejos de saídas, passeios e outros recreios. Êle tem mais direito de escolher, pois é quem trabalha e assume tôdas as responsabilidades. Não se apresente jamais ao seu marido sob um aspecto desfavorável. O gabinete de **toilette** pertence a

As nossas leitoras devem ter notado, inúmeras vêzes, que, entre a mulher insuportável e voluntariosa, que marca um encontro e não aparece ou chega tarde, e a que entrega a capa e o guarda-chuva ao marido, no instante em que êle vai sair de casa, a fim de que tenha conforto e não se molhe, é a primeira — infelizmente — a que triunfa.

Mas cuidado! Isto não quer dizer que a mulher deve ser intratável e insuportável para o homem pelo qual se interessa. Ao contrário! O que convém é proporcionar-lhe repouso; dar-lhe tudo aquilo que o mundo exterior não lhe concede: a felicidade física, sem dúvida. Mas também gentileza, ternura e qualquer coisa como uma colaboração, **em pé de igualdade**, em que não admitirá que êle a considere como a sua criada; uma colaboração em que também êle muito se esforce para dar confôrto e alegria à companheira. Nessas condições



Nada poderá interessar mais ao seu marido, prezada leitora, do que as suas próprias histórias. Por isso é preciso ouvi-lo com atenção.

você, primeiramente, a êle a seguir, por vários minutos cada manhã.

Não deve ser esquecida a imensa virtude da limpeza e do asseio. Muitas mulheres, por certo, não esconderão sua revolta por mencionarmos êste detalhe, pois que são **instintivamente** e **naturalmente** asseadas. Mas, desgraçadamente, não é êsse o predicado de **tôdas** as mulheres!

★

Impossível esperar de um marido a perfeição! Mas a mulher deve obrigá-lo a um esfôrço permanente. Por sua vez, êle tem o direito de esperar que a espôsa seja — pelo menos — tão interessante e jovial como as outras mulheres que êle conhece e elogia. Sem êsse cuidado — é claro... — a partida estará perdida.

Como ganhá-la?

Disraeli, o grande "premier" britânico desposou uma mulher doze anos mais idosa que êle próprio e, no entanto, costumava dizer: **"Jamais tive que me aborrecer com ela!"**

As **cenas** devem ser evitadas a todo custo. Os homens têm horror a essas coisas. E, se êle, por acaso, fôr um verdadeiro "artista" para criar "cenas", então mais vale não desposá-lo. Antes de tudo deve ser temida a sogra, a mãe do seu marido, que fazem rir, nas comédias teatrais, mas — na vida real — constituem real ameaça. Oh, o número de casamentos que elas demoliram! A proporção é realmente incrível.



**Não deve a espôsa criticar constantemente as gravatas do marido. Isto é muito importante! Êle terá a impressão penosa de atar não uma gravata em redor do pescoço, mas uma corda!**

As imagens que cercam o presente artigo darão igualmente boa idéia de um certo número de coisas que devem ser evitadas. E' claro e natural: nenhuma mulher é perfeita. Mas não devem elas acreditar que um homem tem ilimitada paciência. Se ela se mostra sempre desatenciosa se sempre chega atrasada, se revela ter gênio discutidor e desagradável, criticando os amigos dêle, afastando tôdas as relações que lhe são úteis em seus negócios e, principalmente, se desdenha pentear-se e estar sempre limpa e perfumada, se dá a êle a impressão de que gasta o dinheiro obsequiando todo o mundo salvo êle próprio, **como se sentirá o marido?**

E' preciso que as espôsas reflitam sôbre êsses detalhes. Como um homem recusará olhar para as mulheres que (justamente porque



**Senhora! Mesmo que tenha absoluto domínio sôbre o seu espôso, dirigindo-o à vontade... não escolha o que êle deve comer! Êle próprio comerá com maior prazer se tiver a liberdade de pedir os pratos que mais deseja...**

ainda não o reduziram à sua mercê) que se mostram atenciosas e agradáveis? E' mais provável que, depois de os haver conquistado, também elas se mostram aborrecidas.

Também é muito provável que, depois de haver conquistado o hómem eleito, também elas se tornem aborrecidas, implicantes, enfadonhas... Porém já o mal terá sido feito! A espôsa terá perdido o carinho... e a companhia do marido!

Êsses são fatos que assistimos todos os dias. Portanto, não estamos inventando histórias, para alarmar as nossas leitoras. Longe de nós essa intenção! Desejamos, ao contrário, em troca de conselhos, e apontando exemplos edificantes, dar-lhes para o futuro mais tranqüilidade de espírito, mais segurança para a sua posição de espôsa!

Porque há em tudo isso uma verdade incontestável: o homem mais paciente, mais sério, mais resignado, depois de uma primeira "fraqueza", de um **flirt** externo, tomará gôsto pela aventura, habituando-se depressa a esquecer os seus deveres, acostumando-se a estar longe da espôsa. E será, dia a dia, mais difícil trazê-lo de volta!

A atitude de uma espôsa bem merecia ser aprendida numa Academia especializada, que tivesse como catedráticas criaturas com longa experiência conjugal (longos dissabores conjugais, principalmente! Nada ensina melhor do que um revés.)

Há criaturinhas que erram, dia e noite, fatalmente, convencidas de que estão sendo habilíssimas nas atitudes com o espôso. Oh! Como estão longe de acertar! A arte de lidar com um marido é extremamente delicada, exingindo qualidades histriônicas de uma versatilidade sem igual!



**Não discuta com os «chauffeurs» de «taxi». Seu marido tem horror a essas «cenas»...**



**Nenhum homem suporta ver uma mulher...** ao natural. **Arrumem-se, portanto!**

Levar o chinelo e apresentar o pijama a um marido, pela manhã, não tem muita graça e dá a ela uma destas duas sensações: a impressão de um servilismo que pode ser sincero mas aborrecido, (pode haver submissão exagerada ou segunda intenção...) ou simplesmente a idéia de uma lembrança tardia, falta de ordem, etc. Muito melhor, muitíssimo melhor até, será deixar (infalìvelmente) tudo arrumadinho sôbre um móvel determinado, camisa, meias, etc. Com isso mostrará ser uma espôsa **que conhece a sua posição e os seus deveres** — e com o predicado de dar o bom exemplo de ordem, o que tornará um marido pouco cuidadoso com as suas coisas um indivíduo arrumado, que depressa se habituará, por sua vez, a deixar a roupa usada em determinado local, para ser recolhida. E se orgulhará de ser arrumado... **sem esquecer que deve isso a uma espôsa ordenada.**

Mas... Aí está um detalhe importantíssimo! A espôsa não dirá com que roupa o marido sairá de casa! Também não opinará na escolha da sua gravata! Por favor! Não faça isso com o seu marido, amabilíssima leitora! Seria uma **gaffe** imperdoável! Poucas coisas aborreceriam tanto a um homem quanto a crítica sôbre a sua gravata. E' coisa de gôsto personalíssimo. Assim como a "fachada" de um indivíduo. E ninguém gostaria de ouvir uma pessoa (menos ainda a própria espôsa) dizer com ar enjoado: **"Não! Não saia hoje de casa com essa gravata... Experimente outra..."**

Se não acreditam, façam a experiência! Façam sugestões sôbre a meia, o lenço, etc. O homem não



**Não faça «sondagens» nos bolsos do seu marido. Êles estão cheios de coisas que não devem ser lidas por uma espôsa...**

se mostrará amuado com essa velada censura ao seu gôsto pessoal. Procurem, depois, opinar sôbre a gravata. O menos que pode acontecer é êle mudar de fisionomia e **engolir a própria língua** até ao instante de sair de casa.

Não se esqueçam também de que, se êle já fazia veladamente, passará a fazer de modo muito mais franco e até agressivo, o exame da própria espôsa, tentando compará-la com outras que êle viu, durante o dia, na rua, no restaurante, etc., bem arrumadas, é claro! Nem sempre a espôsa levará vantagem dessa comparação.

Na rua, assumem a atitude da **companheira** e não a de um **embrulho** desagradável que êle carrega como criado. Também não ostentem ares submissos nem acanhados. Sejam naturais, sem exagêro. O homem tem horror às cenas estudadas. Mostrem-se atenciosas com os amigos que êle lhes apresente com verdadeiro prazer. Ouçam com atenção o que fale essa pessoa, pois o marido sofre quando um amigo fala e a espôsa está de cabeça e olhar desviados... para uma vitrina!

★

E' também necessário à espôsa, esquecer que êle já deixou de usar babador e aventalzinho. No restaurante, se êle gentilmente oferece à espôsa, o "menu", para a escôlha dos pratos, não está significando que precisa que lhe aponte o que vai comer. Por isso ela escolherá sem pressa mas também sem muita demora o que deseja. Mas não escolherá também o que êle deve comer. Isso é coisa que êle mesmo há de preferir fazer, principalmente num restaurante, à vista de estranhos.

Podem acreditar no que afirmamos: são as próprias mulheres que favorecem o aparecimento das rivais. E não pensem que, para vencê-las, será bastante ser incomparàvelmente belas...

As mais belas criaturinhas que conhecemos são, em sua maioria, enfadonhas ou pouco hábeis. A tôda hora estão levando a pior em confronto com as que são apenas simpáticas, mas sabem tirar dêsse pouquinho, com raciocínio e senso de oportunidade, grandes vantagens.

Não pensem, igualmente, que será indispensável possuir uma inteligência brilhante e uma cultura acima do normal, aliados a um dom de réplica verdadeiramente voltairiano! E' preciso ter apenas um pouco de lucidez espiritual e saber tirar da vida a maior experiência possível.

Evidentemente, se um marido possui uma espôsa simpática, gentil, agradável e verdadeiramente espiritual, tôdas as demais mulheres lhe serão nulas, neutras, tolas, sem graça...

★

Mas, talvez, nem mesmo será necessário ter todos os modestos predicados apontados... Chegará, para prender um marido, ser para êle uma amiga atenta, sedutora, bem cuidada, possìvelmente jovial e mesmo engraçada, sempre indulgente... Porque é preciso dar repouso a êsse homem, que não perde os hábitos de rapazola e que, já agora, fica fatigado depressa.

A espôsa será, então, o feliz pôrto de refúgio que não fará o marido pensar, jamais, em arriscar-se ao mar livre.



**Quando um homem come com ar tão paciente... é que o seu estado não permite dizer uma palavra sequer.**



**Dr. Alberto Ramón Real, assistente Literário da Chefatura de Polícia de Montevidéu e Professor da Faculdade de Direito e Ciências Sociais do Uruguai.**

# DEVE O JÔGO SER



## SIM! E' UMA TRANSAÇÃO, IMPOSTA PELA REALIDADE, QUE TEM A VIRTUDE DE TRANSFORMAR EM BEM UM MAL. — ALBERTO RAMÓN REAL.

A respeito do Jôgo e da conveniência ou não de ser o mesmo regulamentado inúmeras têm sido as opiniões, caminhando o problema de mal para pior, observando-se um aumento crescente de casas de tavolagem clandestinas, onde se joga muito dinheiro, longe da fiscalização, sem qualquer lucro para os cofres públicos, além de apresentar perigo maior para a bôlsa e a segurança física dos jogadores. Qual o remédio? Legalizar o jôgo? Regulamentá-lo, impondo taxas elevadas, fiscalização rigorosa, limitando-se ainda não apenas às zonas permitidas à existência de Cassinos como as épocas do ano próprias para o funcionamento das roletas e outros jogos considerados "de azar"?

Considerando que tôda opinião baseada em boa argumentação pode ajudar, publicamos a seguir o que opina o Sr. Alberto Ramón Real, Professor da Faculdade de Direito e Ciências Sociais do Uruguai e Assistente Literário da Chefatura de Polícia de Montevidéu (onde existem grandes Cassinos para os quais são canalizados muitos milhares de cruzeiros, semanalmente, por intermédio de visitantes brasileiros).

"E' imprescindível assinalar, preliminarmente, que o critério de política legislativa, com que o governante e o homem de ciência encaram os problemas policiais de costumes (os chamados vícios sociais) é — e deve ser — bem diferente do critério ou melhor: do ponto de vista com que os diferentes sistemas de moral, religiosa ou laica, encaram as mesmas questões.

A moral e a religião preconizam soluções radicais, puras, ideais, que não encontram qualquer obstáculo no campo meramente imaginativo da pura ideação. Porém o sociólogo, o criminalista e o político (no sentido superior, aristotélico, da palavra) trabalham sôbre o base da realidade social, para regulamentá-la e melhorá-la, dentro de possibilidades limitadas.

A ciência social e a política legislativa não podem criar soluções teóricas, boas para um mundo irreal, todo de anjos, mas sim soluções práticas, eficazes, para homens de carne, ossos e nervos, com virtudes e defeitos, tomados como dados **de fato** e cuja modificação perfectiva só pode, razoàvelmente, ser alcançada através de esforços educativos seculares. A realidade histórica e as experiências recentes, bem conhecidas, comprovam que o jôgo, como a prostituição e o alcoolismo, são fenômenos sociais **ineliminàveis** (Zanobini), **que, preferentemente devem ser mantidos sob contrôle, para que façam o menor dano possível.** As tentativas absolucionistas por meio do autoritarismo legislativo, em países não preparados pela prévia evolução cultural e social, só têm conduzido ao fracasso e à acentuação dos males que se queria evitar.



ESTATUTOS
DA
Liga Nacional
PRÓ
Regulamentação do Jôgo

Fundada a 4 de Fevereiro de 1950

Registrada sob o número 2721 de acôrdo com Decreto-Lei 4850 de 9 de Novembro de 1939.

RIO DE JANEIRO
— 1950 —

**No Rio de Janeiro, acreditem ou não, já existe uma Liga Nacional Pró Regulamentação do Jôgo! Eis a capa de rosto dos Estatutos da «Liga» e o Decreto-Lei em que está enquadrado.**

# LEGALIZADO!





Virgilio W. Peterson, rotariano de Chicago, autor de um livro sôbre o jôgo, publicado recentemente, é membro da «Crime Commission», da referida cidade.

**NÃO! LEGALIZAR O JÔGO NADA RESOLVE, NEM PODE RESOLVER O PROBLEMA QUE O PRÓPRIO JÔGO CONSTITUI.** — VIRGILIO W. PETERSON.

A moderna sociologia jurídica acabou com o mito da onipotência legislativa, já combatido pelos gênios mais preclaros da antiguidade e dos tempos modernos, como Aristóteles e Montesquieu: **"A abundância das leis penais é o sintoma mais grave de enfraquecimento dos costumes: quantos textos, como as leis sôbre a vadiagem ou a pornografia, por exemplo, são menos remédios eficazes que terríveis revelações?** Não há necessidade de reprimir a antropofagia... (*) A fraqueza do rendimento social da coação repressiva convence de que a solução de tais problemas se encontrará sòmente por meio do fomento das fôrças morais espontâneas da sociedade.

Os "substitutivos penais" de que falava Ferri, o eminente sociólogo-criminalista italiano, são a verdadeira solução. A elevação do nível, material, intelectual e moral, de vida das massas, o fomento dos esportes, dos centros de sadia sociabilidade e de difusão de cultura geral e técnica, das bibliotecas e dos museus, o cuidado e proteção efetivos dos menores abandonados ou delinqüentes, em suma, os meios positivos, construtivos de melhoramento do povo e não apenas a pura repressão autoritária, são os únicos caminhos pelos quais é possível perseguir, sincera e eficazmente, a eliminação dos vícios sociais.

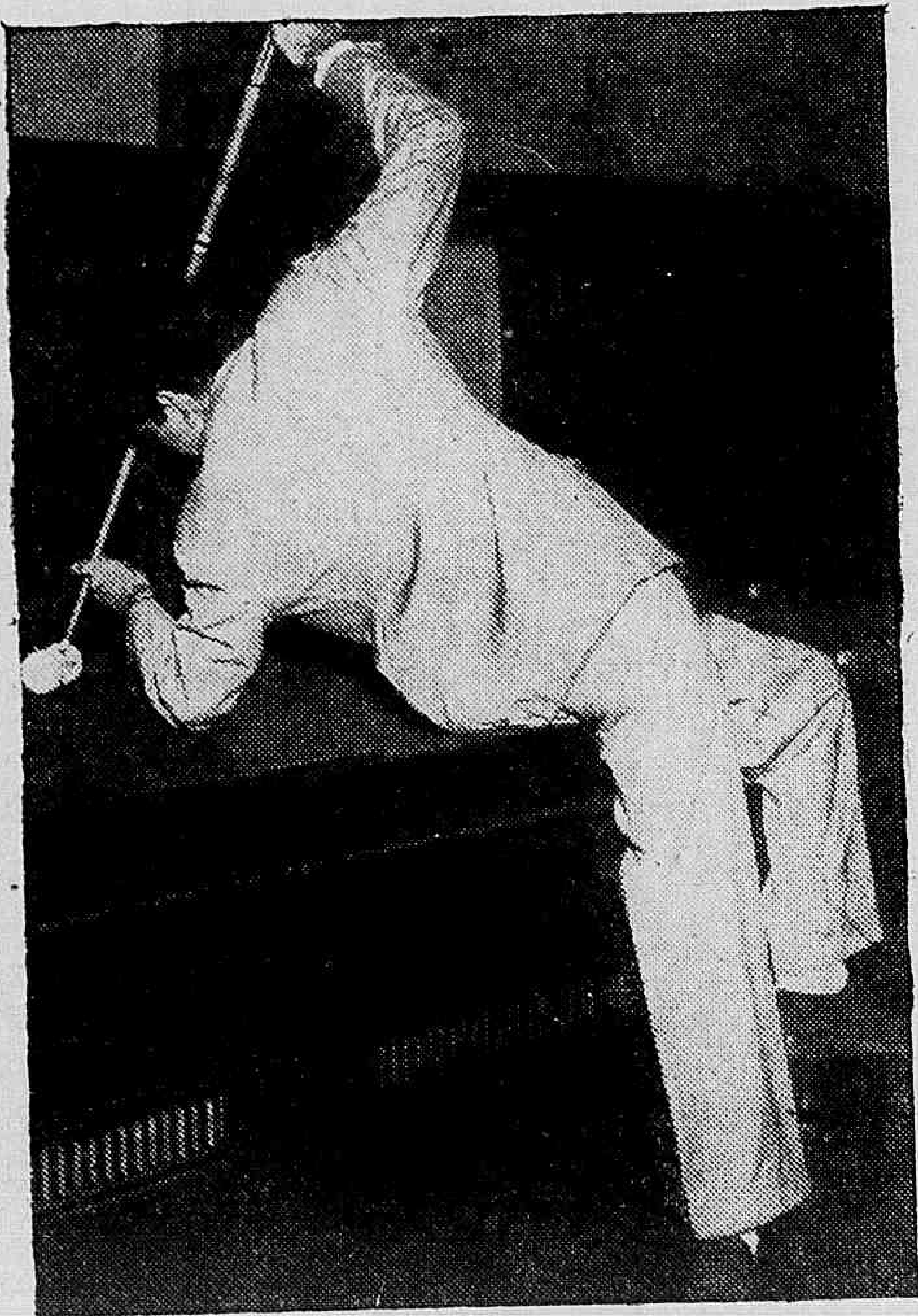
O exemplo de certas pequenas grandes nações democráticas, como a Suécia, a Dinamarca, a Suíça, etc., prova a quem se dedicar a observar a sua vida, que a evolução perfectiva do progresso social elimina por si só os vícios sociais.

Assim como não é necessário reprimir a antropofagia, entre os povos civilizados, porque ela foi eliminada pela evolução dos costumes, da mesma forma não será necessário reprimir os vícios sociais quando os governantes agindo através de séculos com paciência e zêlo sôbre as suas causas geradoras, descubram finalmente que os extirparam com raiz. A ação sôbre o efeito é a reação do homem primitivo. A mentalidade evoluída procura compreender, explicar, as causas dos males físicos e sociais e eliminar essas causas. As outras soluções não poderão escapar jamais às imputações — geralmente injustas — de hipocrisia.

## A SOLUÇÃO PARA OS JOGOS DE AZAR

Reconhecida a impossibilidade de eliminar autoritàriamente o fato social do jôgo de azar, praticado com intuito de lucro, é necessário, sem renunciar totalmente à sua repressão, em certas condições, dirigir essa tendência irreprimível para modalidades lícitas, que redundem — indiretamente — na obtenção de benefícios sociais.

Esta é a solução a que chegaram os Estados que



Quem ignora que se joga a dinheiro (e dinheiro alto) nos salões de bilhar, onde os que vão simplesmente jogar por distração formam minoria? Há gente que vive do «taco» e são muitos os que não jogam bilhar mas apostam nos campeões.

---

(*) Jean Cruet, "La Vie Du Droit et L'Impuissance des Lois", Paris, 1918, página 237.




**Com o fechamento dos Cassinos surgiram mil e uma modalidades de «passatempo»... a dinheiro. O «Bingo», por exemplo, constituiu, até há bem pouco tempo, verdadeira paixão, jogado em clubes e sociedades e até mesmo em salões de cinemas, após encerrado o programa cinematográfico.**

como o Uruguai, oficializaram a exploração do jôgo de loteria e anexos, a fim de obter recursos aplicáveis ao amparo e desenvolvimento dos serviços sanitários, que emprestam assistência aos econômicamente inferiores, etc. Análogas são as orientações legislativas uruguaias em matéria de corridas de cavalos e cassinos.

Procura-se dificultar o acesso dos grupos menos pudentes da sociedade a tais jogos, o que é feito por meio da imposição de ingressos, de preço elevado e submetido a fortes impostos, para penetrar nos locais onde se praticam, além de outras medidas.

As rendas proporcionadas com os impostos sôbre as corridas de cavalos e os jogos de azar, praticados nos cassinos, são destinadas a fins de elevado interêsse social, de melhoria geral da vida do povo. Dêsse modo se transporta, sem violência, parte do que sobra a alguns para os que carecem do necessário.

E' uma transação, imposta pela realidade da vida e que tem a virtude de converter em bem o mal inevitável. Não é o ideal, mas também é um caminho para a perfeição, só atingível, a meu ver, por medidas positivas, de fomento do progresso, dentro da relatividade essencial das possibilidades humanas.

●

A seguir, para equilibrar a questão, transcrevemos a opinião do rotariano de Chicago, Virgilio W. Paterson, autor de um livro sôbre o jôgo, recentemente editado, além de membro da "Crime Comission" da referida cidede norte-americana.

— "Procurar uma "saída" fácil para um problema não significa resolvê-lo. Porém foi isso, exatamente, o que tentaram os que advogam a legalização do jôgo. Fazê-lo equivaleria a transigir com o mal, como se Munich não tivesse sido a confirmação plena de que o apaziguamento, no terreno da prática, simplesmente é ineficaz, não importa quão sedutor possa parecer a seres fracos, preguiçosos e indiferentes.

O jôgo, como negócio, é condenável. E não se trata de um preconceito herdado de puritanos antepassados, mas de uma sólida conclusão, que figura na jurisprudência norte-americana, concebida nos seguintes têrmos:

**O jôgo prejudica moral e fisicamente o povo em seu bem-estar; não apenas está dentro da alçada da Polícia a supressão do mesmo em tôdas as suas formas, como sem dúvida é seu dever fazê-lo.** Tal

tem que ser o ponto de partida de todo adequado estudo dêsse problema. Tem por base não apenas o aspecto moral, mas também e principalmente, o fato incontestável de que o jôgo subtrai dinheiro da corrente normal do comércio, de vital importância para o bem-estar da nação ou da comunidade respectiva.

O jôgo, por sua própria índole, é parasitário. Não cria riqueza nova nem realiza serviço útil algum. No melhor dos casos limita-se a determinar que a riqueza em mãos de muitos passa para as mãos de uns poucos. E o punhado de indivíduos assim favorecido sói estar integrado por gente que sempre viveu fora da lei, que corrompe os negócios e corrompe finalmente o govêrno!

Porém o jôgo é parte da natureza humana — comentam aquêles que advogam a sua legalização — e ninguém pode mudar a natureza humana — concluem.

Também é possível dizer que "errar é humano", o que não constitui obstáculos ao esfôrço que constantemente é realizado para frustrar as atividades de violadores, incendiários, ladrões e assassinos. Combatemos sem descanso tais indivíduos, e nossa luta se torna mais eficaz à medida que aperfeiçoamos nossos meios e aumentamos o nosso poder. Não cruzamos os braços só porque se apresenta muito difícil a solução de algum problema.

Porém êste argumento da natureza humana tanto se generalizou que a êle daremos especial atenção. Talvez uma das melhores respostas que sôbre o problema já surgiram seja a do professor Byron, catedrático de Sociologia da Universidade Northwestern. Afirmava que os que dizem que "as pessoas jogam por instinto", apenas ressuscitam uma psicologia desacreditada.

"Há muito — acrescentava — afirmei na Academia Norte-Americana de Psicologia que não existe razão alguma nisso que chamamos de biologia do ser humano, que nos condene à guerra... Se tivermos que basear a nossa discussão nos instintos seremos forçados a dizer que... a prostituição teria que ser legalizada, como conseqüência do instinto sexual."

Da mesma forma, se admitirmos que o homem tem o instinto do jôgo, daí não teremos que concluir na necessidade da legalização dêsse vício. Ao contrário, a história inteira da civilização poderia ser descrita como um continuado esfôrço tendente a suprimir ou a reorientar as tendências humanas, a fim de que se resolvam em incremento do bem-estar humano.

O jôgo organizado não se harmoniza com a honradez: é fraudulento! Tem por base exclusiva fato-



**Como é possível impedir tais flagrantes? Qualquer canto de mesa, qualquer horazinha de intervalo no serviço ou mesmo, em certos meios, o dia todo, o jôgo é lembrado, combinado, iniciado... e não pára mais, senão depois que acaba o dinheiro ou a calma de algum dos parceiros...**

res que favorecem só a **uma** das partes. Os clientes das casas de jôgo não podem receber nas mesmas nada que equivalha ao valor do dinheiro que ali deixam. Para a casa de jôgo foi eliminado inteiramente qualquer risco. Os que a exploram têm calculado o seu funcionamento com matemática exatidão a fim de contar, com certeza absoluta de lucro, ganhar sempre.

E' freqüente apelar para algum propósito caritativo como razão para permitir o jôgo. Variante de tal idéia é a que hoje se acrescenta para advogar a legalização do jôgo, afirmando-se que **pode produzir novas torrentes de ouro para o fisco.,** as quais são consideradas necessárias por êste ou aquêle motivo. Acontece porém que, assim raciocinando, incorre-se em contradição, pois se se tratasse, realmente, de incrementar as rendas fiscais o mais indicado seria conceder as maiores facilidades de ingresso para as salas de jôgo; porem tal processo conduziria a fomentar o jôgo, que constitui, em si, um mal econômico e social. A história corrobora êste raciocínio: a legalização do jôgo redunda sempre na generalização do vício, e o corolario é que a exploração do jôgo vai parar sempre em mãos de profissionais de passado pouco recomendável.

Pelo menos nos Estados Unidos, a legalização do jôgo não alcançou — em têrmos gerais, os resultados que se buscavam. Em muitos casos o jôgo organizado, embora autorizado pela lei, ficou completamente à margem desta. Graças a êle os "gangsters" lograram acumular grandes riquezas e conquistar vasto poder político. Amparados pela lei podem desenvolver impunemente as suas dissolventes atividades.

A conclusão não pode ser outra: legalizar o jôgo não resolve o problema do jôgo.

Isto e devido a que são falsos os princípios em que se basearam as tentativas já realizadas em favor da sua legalização. O Conde de Tocqueville, em seu livro monumental **Da Democracia na América,** advertia que "os governos necessitam ensinar diàriamente e de forma prática, ao povo,que a riqueza, a fama e o poder são prêmios do trabalho que os grandes triunfos são a culminação de elevadas aspirações e que não se logra, seja o que fôr de duradouro, a não ser mediante afanoso esfôrço."

O mesmo escritor também falava das idéias fantásticas que prevaleciam durante o feudalismo a respeito da honra, segundo as quais **"aos homens era permitido enriquecer por meio da guerra ou do jôgo, mas nunca mediante o trabalho. . ."**

Felizmente a citada época já pertence à história. Atualmente, o trabalho é reconhecido como disciplina honrosa. Orgulhamo-nos de contar com uma avançada consciência social que não admite conduta fraudulenta, seja ela qual fôr, no campo dos negócios, nem tolera os que exploram o fraco ou o pobre. Por que, então, seria excetuado dessa regra o mais turvo de todos os "negócios": **o jôgo?**

Em lugar de fomentá-lo, mediante alguma das diversas formas de legalização do mesmo, seria recomendável receber esforços de índole educativa e destinados a combater de modo decisivo algo que é a antítese de uma vida de ordem e de trabalho.

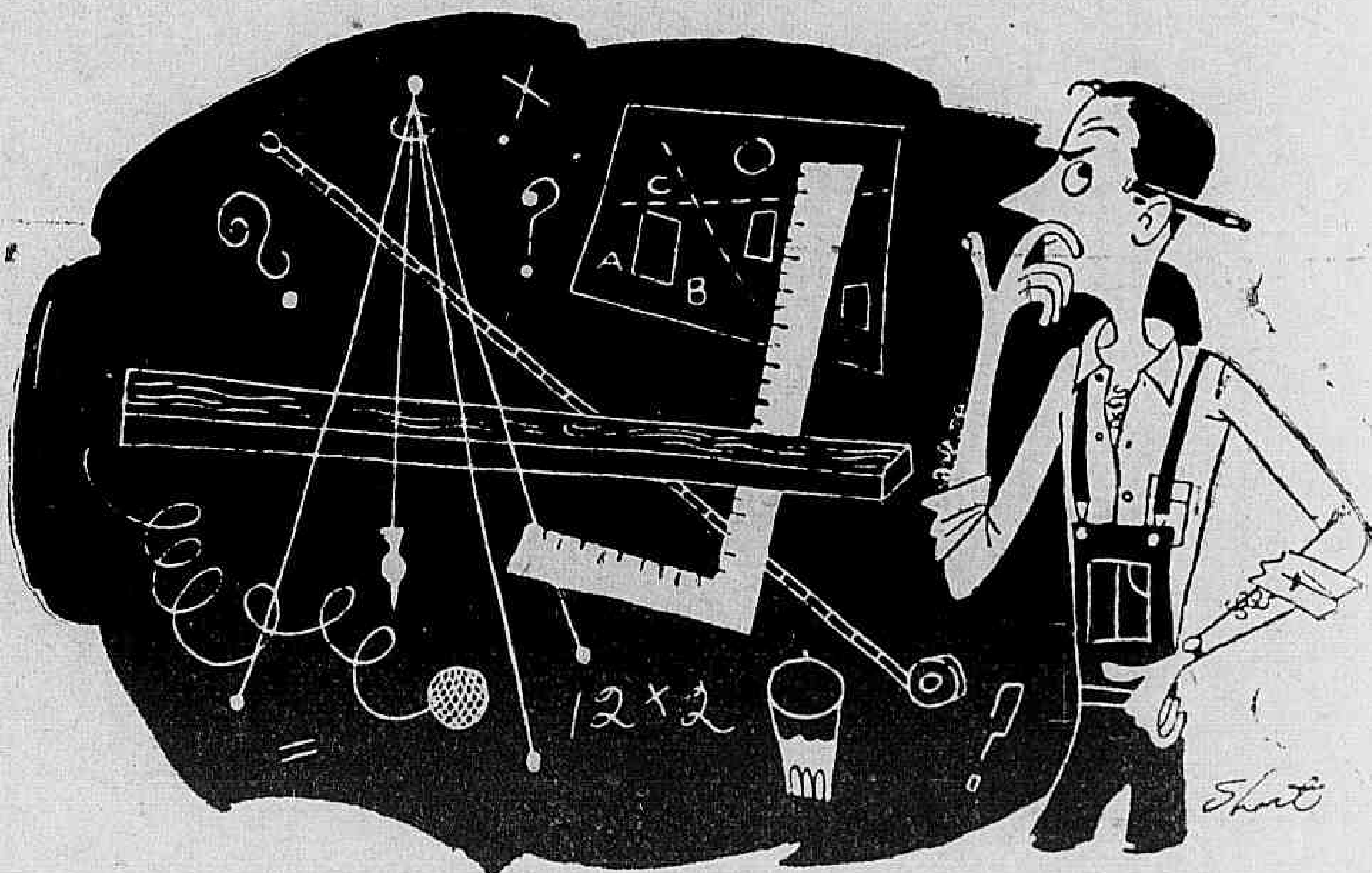
Deveria, além disso, ser dito corajosamente e com tôda a clareza, que nada existe, absolutamente, que justifique associar os interêsses fiscais aos parasitários interêsses dos tubarões. Ficou definitivamente provado que a existência bem conhecida de casas de jôgo ilegais, com todos os males que disso deriva, pode ser suprimida em qualquer momento, desde que aquêles que gozam de autoridade política assim queiram sinceramente.

Não é possível transigir com o jôgo! Adotar uma política de apaziguamento, neste campo, não poderia ter maior êxito que o alcançado em Munich. Só o derrotismo e uma lamentável ausência de fé na integridade dos governos poderia induzir à legalização do jôgo.

★

# Como você resolveria isto?

Um veterano da guerra, que estava construindo a própria casa, não distante da nossa, decidiu abrir uma janela na parede da sua garage, que estava ligada à desidência por uma cerca florida. Para não prejudicar a boa aparência do conjunto, queria abrir a janela no mesmo nível das demais janelas da casa. Não possuía, porém, qualquer instrumento de medir e calcular, nem era muito entendido em manejar com os mesmos, caso os possuisse. Entretanto, depois de refletir algum tempo entrou a agir e em pouco tempo conseguiu o que desejava: marcar a altura certa da janela. Pode o leitor dizer qual foi o recurso adotado?




No caso de o leitor não conseguir resolver o problema, encontrará a solução exata em outra página.

# O CORAÇÃO DE LUÍSA

## Romance de HENRY GRÉVILLE

Tradução de NICOLE PASCHIER

(Continuação do número anterior)

O trem chegou com grande atraso; apesar disso e da sua pouca demora na estação, houve ainda tempo para as despedidas, as recomendações, os sorrisos, os apertos de mãos, todos êsses pequeninos nadas, perfeitamente ridículos ou encantadores; finalmente, a Sra. Belfroy ficou na gare, cercada de um grupo de mulheres chorosas; o próprio médico limpava discretamente os cristais dos óculos enquanto o trem começava a se afastar.

Curvada à janela, Luísa agitava o lencinho, como um sinal carinhoso.

— Cuidado! Você pode cair! — disse Rieul, puxando-a quase rudemente pelo vestido.

Surpreendida e quase perdendo o equilíbrio, Luísa abriu a mão e o macio pedacinho de batista, levado pelo vento, fugiu não se sabe para onde, caindo sôbre o relvado úmido onde pastavam gordas vacas indolentes.

— Oh, meu lencinho lindo! — disse ela com verdadeiro pesar. Foi uma amiga de colégio quem o bordou para mim! Nem imagina como lamento perdê-lo!

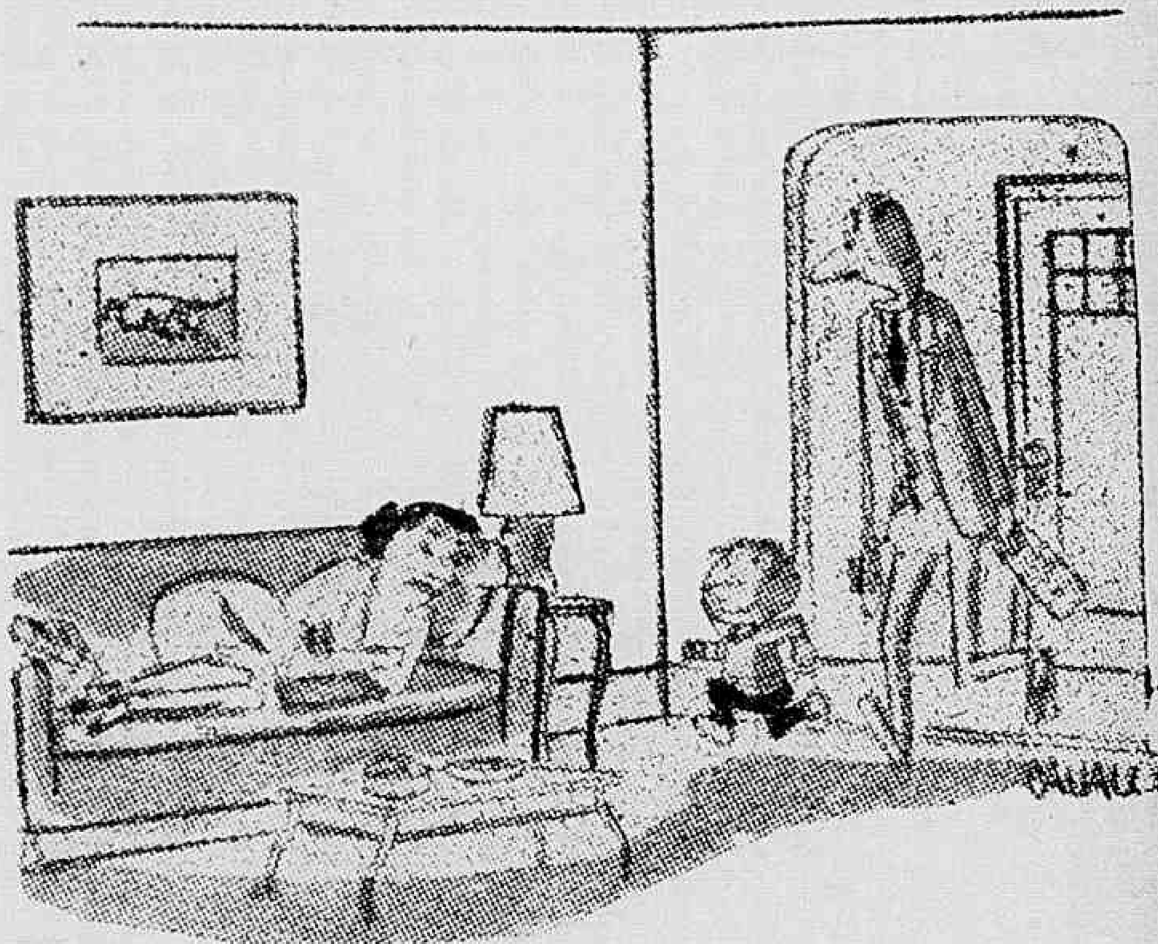
— Quando se presa tanto uma prenda assim, procura-se guardá-la com mais cuidado! — disse o marido em tom impaciente.

Jamais Luísa fôra tratada com tamanha indelicadeza; os viajantes que se encontravam no mesmo compartimento e que fàcilmente tinham compreendido, por todo aquêle borborinho que acompanhara a partida do jovem casal, que aquêle era o início de uma viagem de núpcias, trocaram olhares escandalizados em razão da rude atitude do marido.

Luísa procurou em sua bôlsa outro lenço e nada respondeu sua alma jovem e orgulhosa — e até então livre como o vento ou como o odor de lilás do seu jardim e o vôo das andorinhas em redor da catedral — sentiu que, a partir de agora, teria um senhor.

Observou o seu marido durante as duas horas aborrecidas dessa viagem, outrora tão desejada e agora tão penosa; apoiado a uma valise, Rieul, pálpebras fechadas, olhava para dentro, **para si mesmo**, e amaldiçoava o universo. Acabara de fazer um mau início, segundo sentia muito bem; e, na vida conjugal não é como nas corridas. Não há "saídas anuladas". Tôda saída é válida, irrevogável, definitiva!

O crepúsculo envolveu a campina num véu uniforme. Os empregados gritavam os nomes das ci-



**— Cuidado para não acordar a sua mãe. Eu tive um dia estafante no escritório.**



(RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA)

Na velha cidadezinha de Bayeux, tranqüila e provinciana apesar dos seus ares de nobreza, que não quer abandonar, vive a Sra. Belfroy, viúva de regular fortuna, em companhia da filha, a adorável Luísa, a quem adora. Em pequenina, durante uma pequena excursão marítima, Luísa sofrera um grande choque. Repentinamente prêsa de incêndio, a embarcação estêve prestes a naufragar com todos os seus passageiros, que se salvaram por milagre, quando tudo já parecia perdido. A partir de então, com raras exceções, tôdas as noites Luísa desperta tôda a casa com os seus gritos de incêndio, fogo, etc. Porém continuava dormindo e só se acalmava quando a Sra. Belfroy a cercava em seus braços, murmurando em seus ouvidos palavras carinhosas, como se faz com as crianças. O Dr. Brochaux, velho médico e amigo da família, que a vira nascer, sempre afirmara que êsse choque nervoso desapareceria quando tivesse a vida nova proporcionada pelo casamento. E agora mesmo a Sra. Belfroy teimava em arrancar da filha a decisão: aceitava ou não o jovem Jacques Rieul, empregado num banco local, para marido? E Luísa, que já tivera dez pretendentes e vira todos recusados por sua mãe, via agora esta apressada em casá-la com Rieul, menos brilhante que os anteriores, como se ela fôsse uma solteirona e não tivesse apenas dezenove anos. Luísa desposou Rieul, sendo abençoados por Monsenhor, para quem Luísa bordara uma véstia maravilhosa. No mesmo dia, no correr da festa oferecida pela viúva Rieul revelou ser egoísta, autoritário e ciumento, conquistando assim a geral antipatia dos convidados e causando à sua noiva, à sua sogra e ao velho médico as primeiras apreensões.

dades; depois, um resplendor avermelhado, sempre mais vivo e maior, anunciou Paris... E o trem, sempre forçando a marcha, pois queria tirar o atraso.

Os choques, os solavancos, as oscilações faziam Luísa empalidecer, cambalear e estremecer; seu marido a tomou em seus braços, para a amparar e também para dela se apossar; depois acompanharam o fluxo dos viajantes e Luísa, a linda e frágil Luísa, agora Sra. Jacques Rieul, entro na vida conjugal pela estação de S. Nazário.

## IV

Retornando da viagem de núpcias, o jovem casal, segundo as convenções antecipadamente assentadas, instalou-se num belíssimo quarto da residência da Sra. Belfroy, que era realmente muito grande para ela só.

Em vão, amigos e parentes se haviam esforçado no sentido de alertar a boa senhora, afirmando que viver em companhia de um genro é o maior êrro de tática que pode praticar qualquer mãe sinceramente dedicada à sua filha e desejosa de ajudar a sua felicidade presente assim como a futura. A Sra. Belfroy fechou os ouvidos a todos êsses conselhos.

Era uma dessas mulheres dotadas de certa inteligência, a quem as circunstâncias muitas vêzes deram razão e que, por isso concluíam, ingênuamente, que ninguém saberia julgar melhor que elas uma situação; uma dessas mulheres que costumam dizer: — **"Oh! Isso acontece, sim, com muita gente... Mas comigo jamais!"**

Por isso, tendo a Sra. Belfroy decidido que seu genro e ela própria viveriam em perfeito acôrdo e seriam citados mais tarde como realizadores daquilo que ninguém vira antes dêles nem tornaria a ver depois dêles, a saber: o perfeito acôrdo do gato e do ratinho, do genro e da sogra, foi preparar um quarto maravilhoso, não se esquecendo de recomendar a Jeanette o maior esmero com a sua culinária.

Menos de três dias depois da volta dos jovens esposos já a calma estava perturbada. E para isso foi bastante coisa muito ligeira.

— O senhor chega atrasado, meu genro! — dissera a Sra. Clemência Belfroy no momento em que sete horas eram batidas no relógio do **hall**... e a porta era aberta sob a mão nervosa de Rieul, atrasado justamente de meia hora.

— Volto quando posso, senhora! — retorquira Jacques, que era incapaz de se mostrar cem por cento gentil fôsse lá com quem fôsse e que, com relação à sogra, especialmente, prometera a si mesmo, **"colocá-la no devido lugar"** desde o início.

Muito inquieta, pois conhecia bem o gênio de sua mãe e já tivera tempo bastante para se convencer da rigidez do gênio do seu marido, Luísa se levantara para desviar a tempestade.

— Você, Luísa, fique quieta! — ordenou Rieul em tom grave — Gosto de resolver os meus casos sòzinho. Prezada senhora — acrescentou imediatamente, voltando-se para a Sra. Belfroy que não acreditava no que ouvia — Poderemos viver em boa harmonia, se a senhora não se intrometer com a minha vida, deixando-me inteira liberdade de ação. Ao casar, prometi ser um bom marido. Pretendo manter a minha promessa; mas não me comprometi a voltar a esta ou àquela hora; se tiver que ficar mais tempo fora, retido por meu trabalho ou mesmo por alguma distração, não quero receber qualquer censura. **De ninguém!**

Os **lambris** da residência tinham ouvido, muito provàvelmente, mais de uma discussão; tinham visto mesmo, quem sabe, desembainhar muitas espadas. Mas não tinham assistido, jamais, a um conflito mais violento do que êsse em que a Sra. Belfroy teve que se considerar derrotada.

— Com que então... — disse ela à filha, quando Rieul tornou a sair de casa, batendo com a porta — Você arranjou um **Senhor!**

..— Mamãe — disse Luísa — Não **aranjei** nada... **Aceitei!** E queira Deus que eu não tenha que me queixar, jamais, de fatos mais graves que uma meia hora de atraso!

— Quer dizer então, que ainda me censura por ter feito a êle uma observação bem merecida? — retorquiu a Sra. Belfroy, voltando sua irritação contra a pobre Luísa.

A observação era merecida, mamãe; mas acho que teria sido preferível não falar. — disse Luísa, torcendo os dedos num gesto de desespêro.



Casada quinze dias antes, Luísa já aprendera a calar quando a língua pedia que se justificasse; sua alegria infantil desaparecera como essas florezinhas que surgem repentinamente na Primavera e logo são levadas pelo primeiro vento, perdendo-se sem deixar rastros. Se tinha agora que suportar as censuras e críticas injustas de sua mãe e também as do seu marido, sua pobre existência não seria muito longa.

As duas mulheres foram para a mesa do jantar sem que Rieul reaparecesse. Voltou quase às onze horas da noite — o que era terrìvelmente tarde em uma cidade como Bayeux — tendo vencido algumas partidas de bilhar e comido num bar; verdadeiro retôrno à vida de solteiro e que constituíra o divertimento de seus camaradas que não se haviam permitido, entretanto, qualquer comentário.

— "Deve ter achado a sogra muito forte para êle!" — disseram alguns.

— "Ou, talvez, tenha sido ela que se tornou intolerável para êle!" — disseram outros.

Luísa estava deitada; havia chorado muito. Que outra coisa podia fazer senão chorar? Tentar fazer a Sra. Belfroy entender a situação era tarefa absurda, segundo ela sabia muito bem. Obter concessões do seu marido? Talvez... Sentia-se capaz de tal emprêsa. Uma mulher que ama seu marido pode, com ternura e paciência, torná-lo delicado e afetuoso; infelizmente Luísa não amava seu marido!

Compreendera isso muito tarde, quando já os anéis tinham sido trocados; quando já, perante Deus e perante os homens, havia jurado amá-lo; quando o trem havia deixado Bayeux e seu lencinho voara sôbre o mato verde onde pastavam vacas pachorrentas... Aquêle lencinho havia levado a sua alegria, a sua esperança; com êle fôra também o amor, que ainda não nascera, mas que teria podido nascer, com o tempo... E a pobre criaturinha acreditara amar: aquela doce inquietação do seu jovem coração, aquela expectativa ansiosa por um futuro desconhecido e que bem podia ser belo, tudo isso ela acreditara ser amor... Era apenas o

sonho ou a miragem; o lencinho levara tudo isso, para sempre... para sempre!

Tinha a certeza!

★

Jacques, regressando, acendeu uma vela: parecia de bom humor; estava zangado apenas com a sua sogra e, na verdade, não sentindo contra esta última nem cólera séria nem verdadeiro rancor. Apenas julgara necessário deter, no início, tudo o que pudesse; mais tarde ou mais cedo, ferir os seus direitos e privilégios. Zangara-se e alteara a voz; no dia seguinte, tudo estaria acomodado.

Luísa fingia dormir; estava linda assim, com o rosto reclinado sôbre um ombro, escondido nos bordados da camisola. Rieul teve vontade de a despertar; mas receou uma crise de lágrimas e, como todos os egoístas, tinha horror às lágrimas femininas. Prudentemente, apagou a vela. Cinco minutos depois dormia.

Então Luísa se atreveu a abrir os olhos sentindo a cabeça pesada devido à longa imobilidade. Voltou-se para observar o marido que repousava ao seu lado.

**Se êle tivesse um bom pensamento, se houvesse compreendido que a fizera sofrer, se dissesse à sua espôsa que lamentava haver faltado com o respeito, diante dela, a criatura que tinha sido tudo** em sua vida, talvez Luísa tivesse perdoado e visto mais bondade e mais simpatia do que Rieul normalmente seria capaz de inspirar; poderia, talvez, forjar um marido imaginário, orná-lo com mil e uma qualidades de coração e de espírito, e adorar êsse ídolo — e viver feliz em sua ilusão.

Mas Rieul deixou escapar a oportunidade. Luísa olhava sem o ver, realmente, no quarto onde apenas filtrava a frágil claridade da lua. Entreviu a sua forma sem graça, semelhante ao seu espírito e ao seu coração incompletos; sentiu-se, então, privada de tudo que constituíra até então a sua riqueza: a liberdade de suas noites de mocinha, quando sonhava longamente com os fatos do dia, as ingêuas alegrias da vida provinciana, tão encontadora em sua aparente monotonia; viu tudo o que havia perdido e pensou que, em troca, nada recebera!

Com um suspiro dolorido, voltou-se novamente sôbre o travesseiro e, vencida pela fadiga, dormiu afinal.

Repentinamente, em plena noite, despertou com um grande grito que sobressaltou a Sra. Belfroy, dois quartos além do seu.

— **Incêndio! Incêndio!** — gritava ela — **Oh, meu Deus! Socorro!**

Rieul, levantando-se imediatamente, havia acendido uma vela: nada indicava que houvesse incêndio na velha residência. Mas já a Sra. Belfroy batia à porta.

— Abra! Abra, depressa! — pedia ela com voz desesperada.

Rieul obedeceu màquinalmente. Sua sogra logo correu para o leito, onde Luísa se debatia em sono pesado contra um perigo imaginário.

— Incêndio!... Incêndio!... — gritava ela, sem conseguir despertar.

A Sra. Belfroy tomou a filha em seus braços, afastando os belos cabelos da sua fronte banhada num suor de angústia, embalando-a, falando-lhe em voz baixa, como se fala às crianças pequeninas e, lentamente, tranqüilizada, apesar de continuar dormindo, Luísa silenciou.

A mãe e o espôso trocaram um olhar hostil.

— Isso já tinha ocorrido depois do casamento? — perguntou a Sra. Belfroy.

— Nunca! Antes...?

— O médico havia dito que uma vez casada e feliz nunca mais voltaria a sofrer êsses pesadelos...

— Quer dizer que... já os sofria, antes? — perguntou Rieul a um tempo desconfiado e descontente.

— O médico lhe dirá... O senhor mesmo tem a culpa, com o desgôsto que lhe causou... E aí está como uma pobre criança fica com a vida totalmente arruinada!

— Acho melhor a senhora voltar para o seu quarto e repousar novamente — disse Rieul em tom neutro — Amanhã falaremos sôbre êsse assunto.

— Pobre filha! — soluçou a Sra. Belfroy — Ela precisava era de felicidade!

— Realmente... Com os nervos que a senhora lhe deu, bem que precisa, sim. — respondeu êle friamente — Boa noite, senhora!

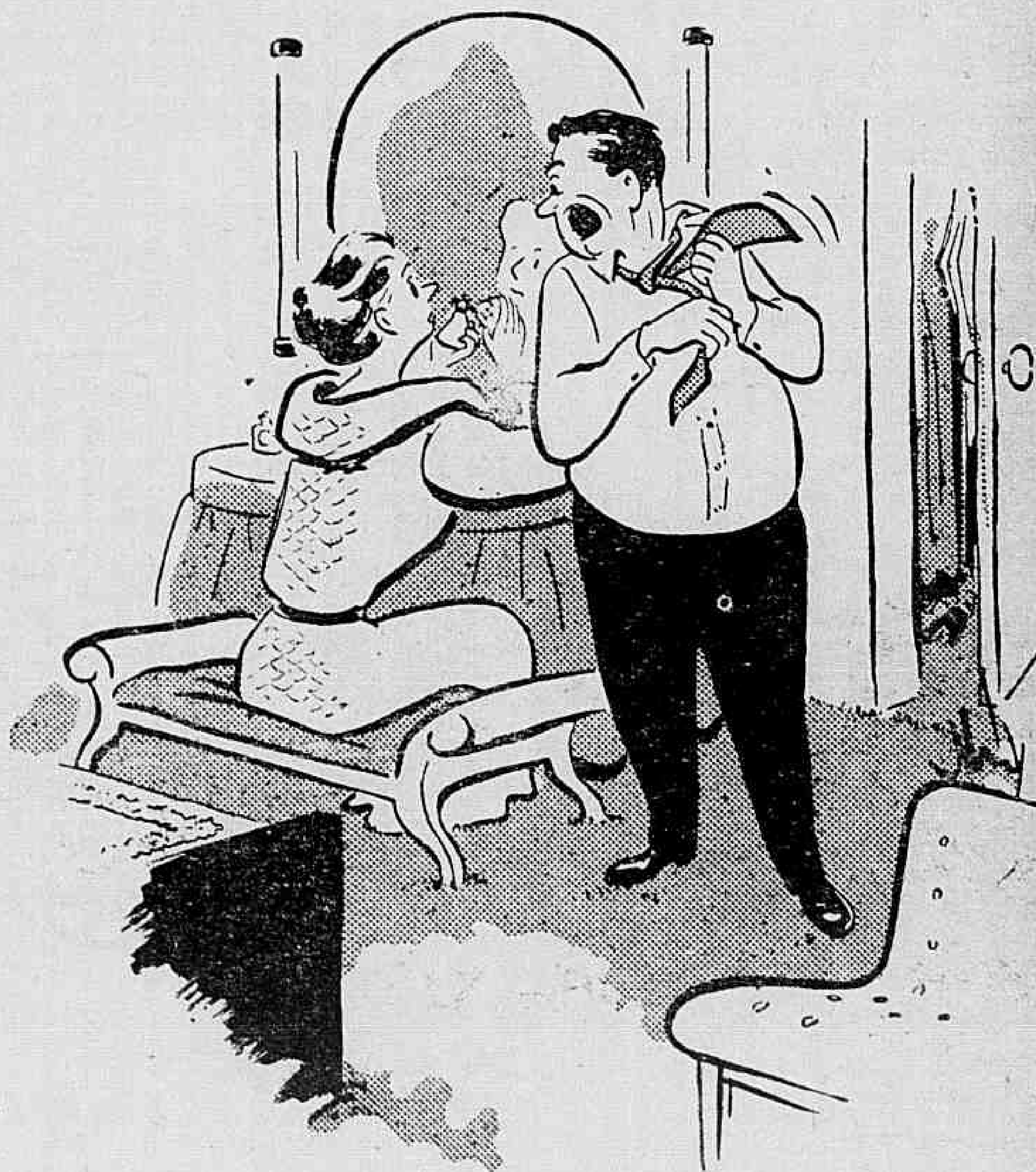
A pobre mãe hesitava, não sabendo se devia sair: antes ela ficava, velando o sono de Luísa até ao amanhecer.

— **Agora ela é minha espôsa!** — declarou Jacques — **Seja lá como fôr, ela me pertence! Cuidarei** dela sòzinho. Mas, de qualquer modo, a **senhora** bem poderia ter-me prevenido...

A Sra. Belfroy endireitou o corpo, indignada; mas, apesar de tudo falou em voz baixa.

— O doutor disse ao senhor, na minha presença que ela era bem constituída, tinha boa saúde, embora um tanto delicada e frágil. Disse ainda, que o melhor remédio para ela seria felicidade.

— Pois terá felicidade... Mas, quer saber a minha opinião? Jamais, enquanto a senhora tei-



**— Talvez se nós deixássemos de visitá-los êles deixassem de vir, também, à nossa casa.**

mar em me fazer cenas em sua presença! Diante dela ou longe dela, de resto, desejo que saiba: **não tolerarei!**

V

Na manhã seguinte, Luísa estava pálida e sentindo-se tôda dolorida; via-se que passara a noite a lutar contra o invisível inimigo de sua infância. O médico, chegado para o almôço, como por acaso, observou-a com muita atenção, sem que ela notasse.

— Hum... Você não tem um aspecto sedutor, esta manhã... — disse êle gracejando, depois de trocar algumas palavras em voz baixa com a Sra. Belfroy.

— Tem razão, doutor; sinto-me como antes, quando tinha aquêles sonhos... Entretanto, não me lembro de ter acontecido nada...

O médico trocou um olhar com a sua velha amiga por sôbre a cabeça da jovem Sra. Rieul que brincava com o talher em vez de comer.

— Já sabe! Não quero ouvir falar mais dêsses sonhos, Sra. Luísa! E como até agora não tocou nessa pobre costeleta, terá que comer dois ovos quentes. Será o seu castigo!

Após a refeição, saiu com Rieul, a pretexto de respirar um pouco de ar fresco.

— A Sra. Belfroy confiou-me que o senhor está aborrecido por não ter sido prevenido do estado geral de sua filha... Não conheço o alcance dessa censura. Lembro-me, porém, de lhe haver dito, eu mesmo, que ela era uma criaturinha delicada e exposta a acidentes nervosos. Acrescentei que êsse estado passaria com a calma e a felicidade de uma vida nova a que a maternidade acabaria de restabelecer o equilíbrio nessa natureza meiga, delicada e terna. Não tenho qualquer coisa a retocar ou a acrescentar, agora. Que desejaria o senhor que eu disesse mais?

— Teria preferido — disse Jacques em tom sêco — que me houvesse prevenido de que a minha futura espôsa era sujeita a crises que se parecem com sonambulismo ou a loucura!




— A loucura! — exclamou Brochaux inquieto — Oh! Não pronuncie jamais uma tal palavra diante dela! Nem o senhor nem eu podemos prever o que resultaria! O ser mais sadio, mais bem formado de espírito e de corpo, pode enlouquecer, **se julga estar ameaçado de loucura!** Luísa é sadia e de físico perfeito; apenas, a Sra. Belfroy a criou numa atmosfera de ternura e de mimos da qual não pode ser arrancada bruscamente, sem que fique exposta a verdadeiras crises nervosas. Bem se vê que o senhor não foi criado por uma mulher!

— Oh, não! E' verdade! — confessou Jacques — Minha mãe morreu dias depois de eu ter nascido; meu pai não tardou a seguí-la; fui entregue a parentes afastados que não se ocuparam muito comigo e por isso todos êsses cuidados e dengues me aborrecem mais do que emocionam.

— Lamento, pelo senhor mesmo! — replicou o médico, revoltado — Sua espôsa não foi feita para ser conduzida com gritos e empurrões; o senhor comprometeria a saúde dela e dos filhos que possam vir, pode ter a certeza!

— Mas, afinal — disse Rieul, exasperado e quase gritando — Isso lá é vida? Estar casado com uma criatura que, à noite, sem mais nem menos, grita: "Incêndio"?

— Ela não gritará como diz, se sua existência correr feliz durante o dia. — replicou Brochaux — E é bom que o senhor entenda de uma vez por tôdas: feliz, Luísa terá excelente saúde; infeliz, não sei o que pode acontecer. E essa é infelizmente a história de quase tôdas as mulheres. Espero que o senhor compreenda a situação e que o seu casamento venha a ser um modêlo de perfeição.

**Estavam agora no canto de uma rua; separaram-se sem amenidade, seguindo cada um para seu lado, apressadamente.**



Algumas semanas passaram. Luísa dormia bem; entre sua mãe e seu marido ela parecia feliz, embora, algumas vêzes, um vago terror aparecesse em seus belos olhos azuis. Tinha, nessas horas, o ar de uma criança que não sabe que falta cometeu para merecer olhares zangados e que receia ouvir censuras.

— Luísa — disse um dia a Sra. Belfroy, pousando o seu trabalho de agulha — Você não gosta mais de mim!

Luísa também espetou a agulha no seu trabalho, um enxovalzinho ainda muito problemático, guardando tudo no cestinho de costuras, com o ar de alguém que vê chegar, enfim, um golpe previsto.

— Por que diz uma coisa tão absurda, mamãe? — disse ela — Nunca a adorei tanto! Foi, mesmo, depois do meu casamento que compreendi verdadeiramente, todo o seu carinho por mim.

— Mas não me beija mais! — disse a pobre mãe, contendo as lágrimas com esfôrço.

Luísa se levantou. Aguardava essa frase há muitas semanas, surpreendendo-se por não ouvi-la. Com os dois braços enlaçou a cabeça adorada de sua mãe, tão amiga, embora um tanto fora da sua época; exigente, mas que a amava com ternura

indizível e a quem também ela adorava. Uma chuva de beijos, capaz de satisfazer a mais exigente das mães, caiu sôbre as faces que começavam a enrugar.

A Sra. Belfroy se desprendeu com dificuldade dos braços da filha, entre rindo e chorando.

— Sim — disse ela — Quando estamos sós, você é a mesma de antes, gentil e carinhosa, mas quando Jacques está presente, não tem uma palavra para mim; nem uma carícia!

— "Enfim. Eis a questão! — pensou Luísa, que depois falou em voz alta — E' perfeitamente verdade, mamãe; quando meu marido está presente, quase não beijo a senhora; reconheço. Mas também permaneço fria com êle, segundo a senhora saberá reconhecer!

— Não é a mesma coisa! — insistiu a Sra. Belfroy.

— Oh, não,mamãe! A senhora tem mil vêzes razão, mas se começar a ter ciúmes, serei muito infeliz!

— Não tenho ciúmes! — protestou severamente a exigente senhora.

— Mas meu marido é ciumento! — continuou Luísa — Que quer que eu faça, vivendo entre dois ciumentos? Há de compreender a dificuldade da minha posição!

A Sra. Belfroy enxugou os olhos.

— Você tem razão — disse ela — Tratarei de me dominar; mas quando se foi, durante dez anos, o único pensamento de uma filha, é muito cruel desaparecer assim, quase inteiramente de sua vida!

Luísa, apesar de quase uma menina, tinha espírito lúcido; tinha visto, muito além do presente, o momento em que a separação se tornaria inevitável e, sem nada fazer para precipitar os acontecimentos, resignava-se de antemão. E era isso o que dava ao seu rosto lindo essa expressão melancólica tão pura, tão aristocrática e que deixava extasiadas as suas boas amigas, que não compreendiam a razão dessa beleza nova, caída do céu.

— Mamãe querida... disse ela — quando se casa uma filha é preciso aceitar os inconvenientes e as vantagens da nova situação. Que diria a senhora, caso meu marido se lembrasse de me levar desta casa?

— Oh! — exclamou a Sra. Belfroy, revoltada.

— Êle tem êsse direito! — respondeu Luísa — Trate de agir, mamãe querida, de maneira a que tal idéia jamais venha a surgir na mente do meu marido, pois nesse caso nós duas seríamos realmente infelizes.

Fitou, a seguir, longamente, a sua pobre mãe, que, a partir do casamento, envelhecera extraordinàriamente: os cabelos brancos formavam grandes mechas sôbre as têmporas, enquanto os olhos se encovavam tristemente. A felicidade das filhas dependeria tanto assim das amarguras das mães? Pensando em si mesma, examinando a própria situação, Luísa sondou o próprio coração para saber se era real e suficientemente feliz para compensar tôda aquela dor.

Feliz? Não! Não era feliz... Sua vida mudara de órbita, apenas isso; girava em outro sentido, com outras preocupações; mas, felicidade? Não! Nem um pouco!

— Ah! — disse ela, com ar desalentado — Se eu tivesse previsto, jamais teria casado. Por que os pais se mostram sempre tão apressados em casar as filhas? Você mesmo — disse ela, dirigindo-se ao ser desconhecido que dormia em seu seio — se é menina, não se casará antes dos vinte e um anos. E você mesma escolherá marido. Isso eu prometo!

Fêz mais algumas carícias em sua mãe e retomou a agulha.

★

Algumas semanas depois, Jacques, muito amável, aproximou-se de sua sogra, que terminava tranqüilamente de saborear o pão com manteiga do seu primeiro almôço.

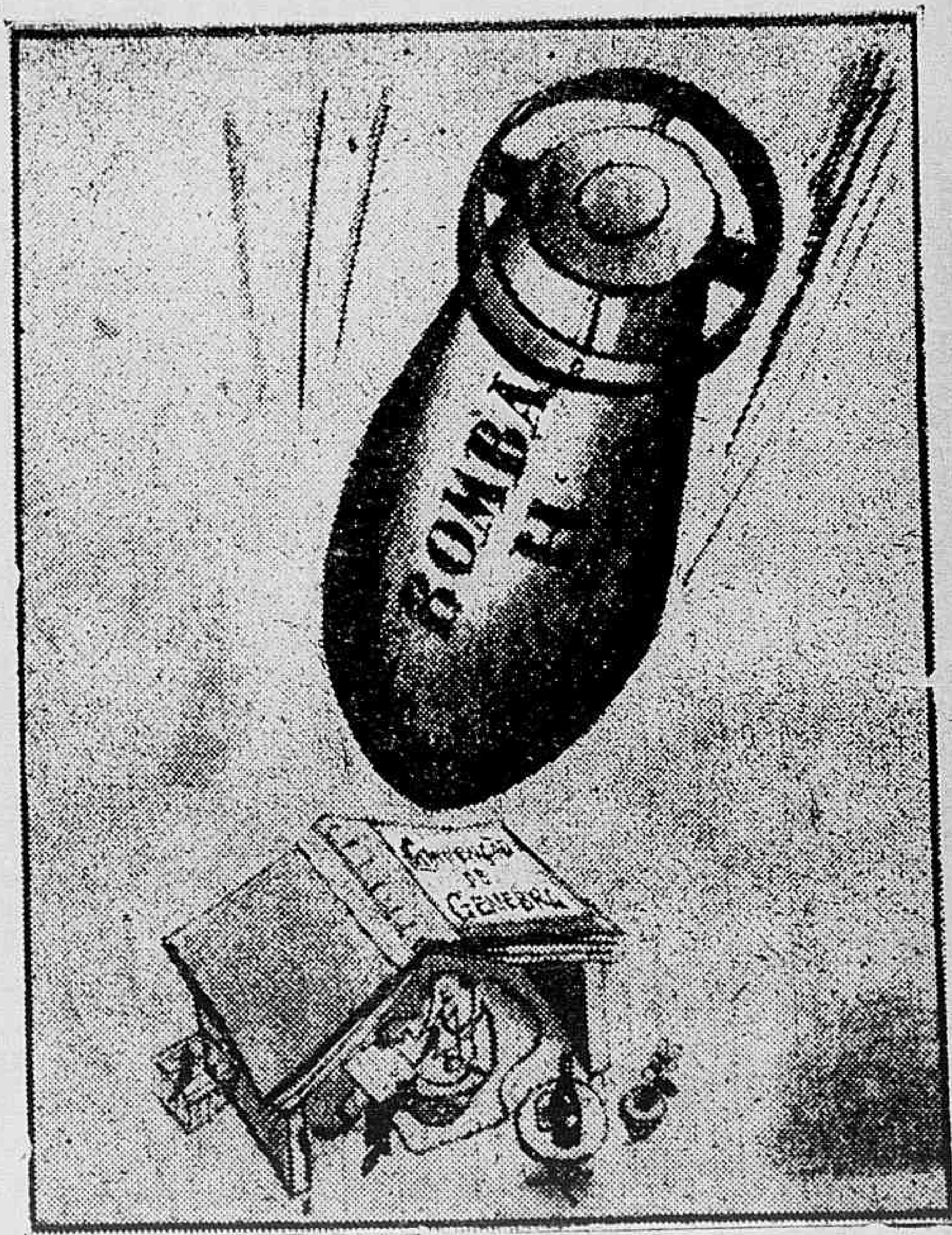
— O Sr. Joliet perguntou-me, — disse êle — em que data, exatamente, eu contava depositar os cem mil francos do dote de Luísa e que deverão conceder-me, no banco, o título e as funções de associado.

— Mas... — disse a boa criatura, um tanto nervosa, por sua vez — Isso será quando você quiser. Será bastante prevenir o Sr. Milliet. Segundo ficou combinado, essa quantia deverá ser transferida ao fim do terceiro mês...

— O terceiro mês expirou ontem. Porém o Sr. Milliet não efetuou nenhuma transferência... Poderia a senhora, por gentileza, falar-lhe a respeito? — perguntou Rieul com o seu ar mais sério.

Se havia neste mundo coisa que causasse maior horror à Sra. Belfroy, era o assunto de dinheiro. Gostava de receber suas rendas, mas não suportava a idéia de pedi-las.

— Não poderia o senhor mesmo — disse ela, corando, intimidada — falar com êle? Afinal êsse



dinheiro pertence a Luísa e ao senhor; parece-me, pois, muito natural que seja o senhor mesmo quem trate do assunto.

— Pois seja! — respondeu Rieul amàvelmente — Irei hoje mesmo.

Pouco depois apanhava o chapéu e saía.

Na rua, ordinàriamente deserta, onde o cartório Milliot exibia suas placas de cobre bem limpo e com o nome do tabelião em letras pretas, reinava uma animação desusada. Gente chegava, de todos os lados; gente de tôdas as classes, agrupando-se diante da grande porta de linhas severas, trocando comentários em voz baixa e gesticulando frenèticamente.

— Que aconteceu? — perguntou bruscamente Rieul, cortando com a sua voz sonora o murmúrio abafado dos comentários, retidos por uma extrema delicadeza, como numa câmara mortuária.

Além da porta, recuadas para a sombra da grande sala, choravam duas mulheres, vestidas de prêto; a espôsa e a filha do tabelião. E ninguém ousando perturbar o silêncio daquela sala fria...

— Então não sabe o que fêz o Sr. Milliet? — perguntou um desconhecido muito pálido ao seu lado.

— Como quer que eu saiba? — perguntou Rieul, irritado — Se acabo de chegar...

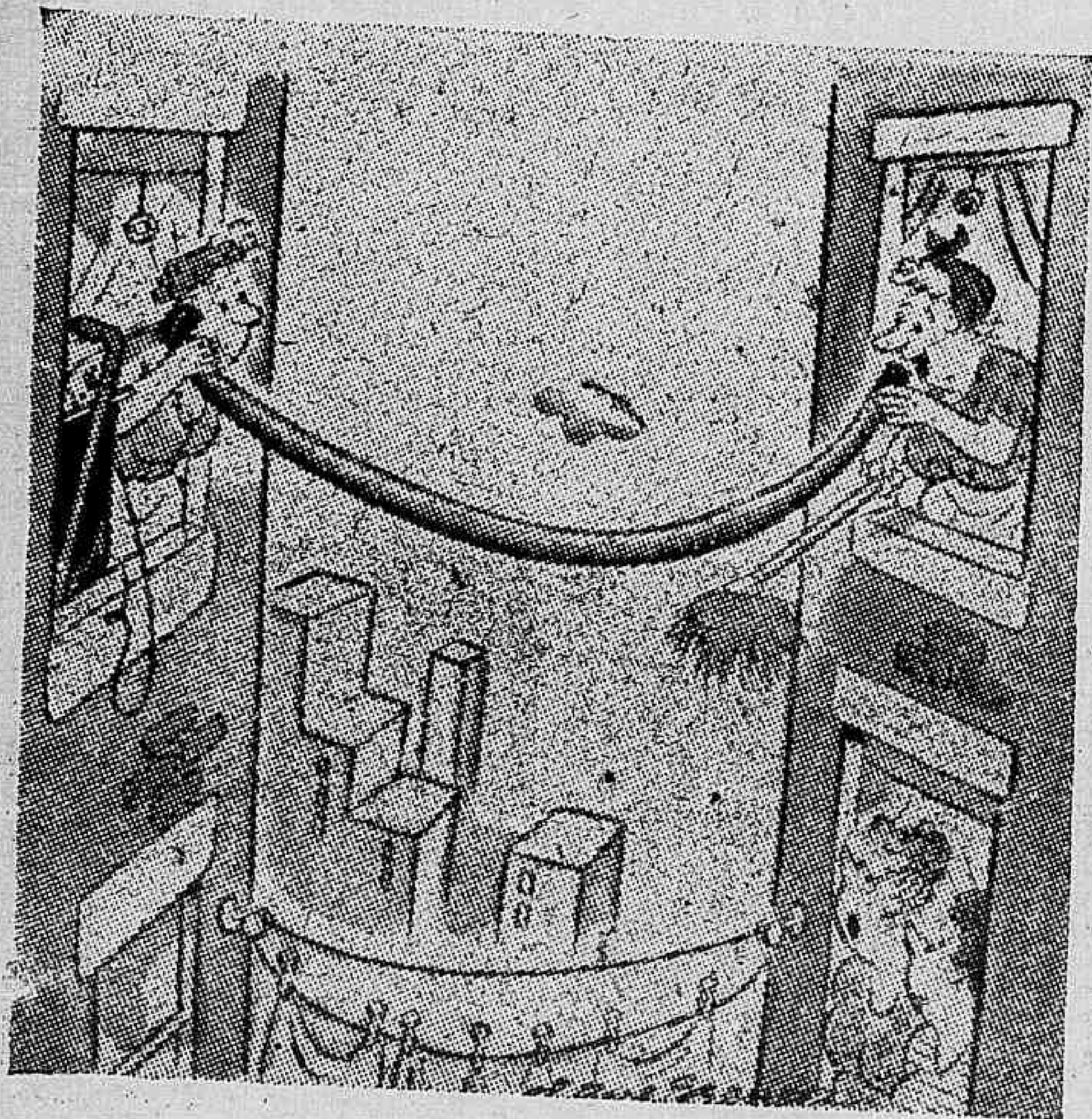
— Pois saiba, meu pobre senhor, que não verá mais o seu dinheiro senão no paraíso, pois o tabelião Milliet morreu... ou melhor: matou-se esta manhã, bem cedo. Deixa mais de cento e cinqüenta mil francos de dívidas!

Jacques Rieul, com as mãos nos bolsos ficou a olhar para a grande porta, por trás da qual desaparecera o dote de sua espôsa. Com gesto rápido, levantou o braço e tocou a campainha.

— Oh! Não adianta mais! — disse alguém junto dêle.

— Ao menos desejo uma explicação! — respondeu o marido de Luísa.

O velho porteiro, tendo os olhos vermelhos de chorar, abriu o postigo existente na própria porta.



— Sempre que elas falam de nós usam êsse processo para não ouvirmos...

— As pobres senhoras estão acabrunhadas — disse êle, antes mesmo de que Jacques tivesse podido abrir a bôca — Não podem receber visitas... Amanhã, depois do meio-dia, vamos ver o que é possível fazer.

E tornou a fechar o postigo.

Rieul voltou as costas à porta sombria e tornou a caminhar na direção de casa, onde tudo relatou à sua sogra.

— E o que se deduz de tudo isso — concluiu êle — é que o dote de minha mulher desapareceu e que eu estou...

A Sra. Belfroy se erguera do sofá, onde se instalara para ouvir os detalhes do drama. De pequena estatura e pouco altiva de ordinário, sabia assumir, em certos momentos, uma dignidade surpreendente.

— O senhor ia dizer uma palavra... **excessiva**, meu caro genro — disse ela — Alegro-me por ver que soube conter-se a tempo. O dote de Luísa não está em perigo. E' possível que eu mesma fique um tanto pobre e que o meu bem-estar se reduza a uma vida modesta; mas nem minha filha nem o senhor sofrerão com êsse drama...

Jacques Rieul ficou de bôca aberta, sem poder articular um som. Não tivera a intenção de ofender sua sogra, mas o costume de viver só e de não medir as palavras quando, fora de casa, conversava com seus camaradas, deixara-lhe êsse defeito de não controlar os próprios discursos, como deve ocorrer com tôdas as pessoas educadas.

— Enfim — disse êle, após um silêncio bastante difícil e em que, pela primeira vez, reconheceu sua inferioridade diante da mãe de sua mulher — Não será possível evitar que alguém venha a sofrer sério prejuizo...

— Serei eu a prejudicada! — respondeu ràpidamente a Sra. Belfroy — Poderá recuperar o dote de Luísa com o produto da venda desta minha casa.

Rieul ia dizer outra tolice; porém mordeu a língua e calou. Evidentemente, a mulher que acabava de lhe falar em tom tão firme lhe reembolsaria integralmente os cem mil francos estipulados no contrato; mas... **a casa? Sim**, o alojamento tão espontâneamente pôsto à sua disposição? A cama e a mesa, oferecidos a êle e à sua mulher? Tudo isso não estava no contrato e, se a Sra. Belfroy reembolsava o dote por meio da venda da casa, não poderia mais alojar e alimentar aquêles que, hàbitualmente, chamava de "seus filhos"... Ou, do contrário, seria partilhar uma mediocridade quase humilhante...

Em pouco tempo tantas coisas tinham mudado! **Pouco** tempo — de fato — e **muitas** coisas! Oito dias depois, Luísa assistiu, silenciosa, a essa operação infinitamente simples: a venda da residência.

Quando se busca um comprador não há tesouro, por mais precioso que seja, que valha grande coisa. Felizmente, o vasto jardim sombrio tentou alguns especuladores, não por suas belas e velhas árvores, mas pelo terreno, destinado a construções futuras sôbre uma rua projetada.

Residência e terreno, graças aos lances corajosos do Dr. Brochaux — que não hesitou em arriscar tôda a sua fortuna a fim de melhorar o nível do leilão — foram vendidos mais de dois têrços além do seu valor real. Deduzidas tôdas as despesas,

a Sra. Belfroy recebeu cento e cinqüenta mil francos; os móveis, curiosos e antigos em sua maioria, proporcionaram outra quantia bastante razoável. O dote de Luísa foi entregue às mãos tranqüilas de Rieul e o resto do dinheiro colocado de maneira segura, devendo proporcionar à viúva uma pensão suficiente para viver e morrer em relativa abastança.

Porém o Sr. Joliet não tinha mais qualquer desejo de tomar por associado o jovem Rieul, que teria apenas cem mil francos, pois que as demais "esperanças" tinham desaparecido com o infeliz Sr. Milliet, homem honesto mas fraco de cabeça, tão fraco que foi incapaz de enfrentar as conseqüências dos males que sua imprudência acumulara sôbre os seus próprios ombros. Comunicou sua decisão a Rieul e o fêz sem rodeios, prometendo com ares paternos conservá-lo como empregado.

A vida era triste sob os altos tetos da velha residência; dir-se-ia que, repentinamente, o cinzento das pinturas ficara mais sombrio.

Luísa não era mais a mesma; ficava horas a fio a olhar para a sua mãe — agora muda e envelhecida — e a expressão de seu rosto revelava todo o seu terror e mau presságio.

— Sra. Belfroy — disse um dia Rieul — Ofereceram-me uma boa situação em Paris e, considerando que aqui nada posso esperar que seja realmente digno de mim... Enfim: tenho uma situação subalterna, de simples empregado, quando posso esperar a posição de associado, o que é muito diferente.

— Muito diferente! — repetiu a Sra. Belfroy, como se sonhasse.

— Creio, portanto, que o melhor partido a tomar é aceitar o que me oferecem e partir...

A Sra. Belfroy volveu para a filha um olhar angustiado, através das pálpebras semi-cerradas e fatigadas de tanto chorar, nos últimos meses.

— Partir? — repetiu como um eco.

— Sim, mamãe — disse Luísa em tom calmo. — Em Paris poderei ganhar dinheiro com os meus bordados; muito dinheiro. Aqui, como a senhora deve compreender, isso é impossível.

— Você? — exclamou a pobre mãe, ultrajada em seu amor e em seu orgulho maternais — Você? Você vai bordar... para ganhar dinheiro!

— Não há outro remédio, mamãe! A vida é muito cara, em Paris! Muito mais, por certo, que em Bayeux!

E foi essa a única censura que ela ousou pronunciar contra a estranha situação que lhe impunha o marido.

Da noite para o dia, Luísa Belfroy, a alegria, o orgulho da burguesia de Bayeux, transformava-se em simples operária, forçada a somar ao ordenado do marido o produto do trabalho de suas mãos elegantes e finas.

Porém Rieul não se considerava responsável; sonhara com uma bela situação; era culpa sua se a mesma se perdera? Mais de uma mocinha lhe teria ofertado o mesmo dote... Não queria reconhecer que mais de um dote fôra tragado com o naufrágio do cartório Milliet. Não importa. Rieul não queria viver mesquinhamente nessa cidade onde todo o mundo havia invejado a sua sorte e tivera ciúmes da sua felicidade.

Correto e inteligente, com cem mil francos de depósito, encontraria boa situação sem esfôrço.

— Então — disse a Sra. Belfroy tìmidamente — Você vai partir, Luísa?

— E' preciso, mamãe! — respondeu a infeliz.

— Pois, se assim é, vai, minha filha — disse a pobre mãe, aparentemente resignada.

★

Num dia de março, sob uma brisa áspera, que enrubecia o nariz e gelava as lágrimas nos cantos dos olhos, a Sra. Belfroy conduziu a filha e o genro até à estação. Não era uma partida triunfal, como a do dia das núpcias, que tanto impacientara Rìeul.

— Você vai escrever, Luìsinha? — perguntou a mãe, extraordinàriamente calma, em aparência.

Luísa a estreitou apaixonadamente contra o próprio peito. Nem uma nem outra gostavam das manifestações públicas.

— Amanhã mesmo! — respondeu a Sra. Rieul sorrindo com o seu ligeiro e triste sorriso que a Sra. Belfroy aprendera a conhecer.

Olharam-se tanto tempo quanto lhes foi possível.

— Você vai apanhar um resfriado! — disse Jacques, segurando a espôsa pela saia, sem que esta parecesse sentir.

Mas não. Luísa sentia. Sentia e pensava no lencinho perdido naquele mesmo local, no dia de seu casamento. Pobre lencinho! Quanta coisa levara em seus fios de **batista**!

Continuou obstinadamente a olhar aquêle ponto negro, imóvel, que era a sua mãe, que era tôda a sua vida de solteira, de mulher moça, livre e feliz... Depois recuou, sentando-se. Viajavam em segunda-classe, agora. Tossiu ligeiramente e suspendeu a vidraça.

— Eu bem disse que você se resfriaria. — rosnou Rieul, com expressão amuada — Faz um frio dos diabos!



Luísa apanhou uma chale em sua bôlsa de rêde e com êle envolveu a cabeça, em silêncio.

★

Oito dias mais tarde, Rieul recebeu um telegrama do Dr. Brochaux:

**"Sra. Belfroy atacada forte gripe passa muito mal. Envie filha imediatamente".**

Rieul refletiu um instante.

— "Ora! — pensou êle — Essa gente velha vive exagerando tudo. Deve ser coisa sem importância. Melhor será esperar até amanhã. Sempre será tempo de tomar uma providência!"

Na manhã seguinte, logo às primeiras horas, Jacques recebeu do médico uma carta fulminante, que não se deu o trabalho de ler até ao fim e, logo a seguir, outro telegrama:

**"Congestão pulmonar. Não passará de hoje".**

Às pressas, pois não era realmente mau homem, mas apenas orgulhoso e convencido de sua infalibilidade, sempre sinceramente surpreendido quando os fatos contrariavam seus prognósticos, Jacques viajou com a espôsa pelo primeiro trem disponível.

Quando, enfim, chegou ao modesto e frio apartamento em que a sua mãe passara a viver, Luísa já a encontrou morta. O médico a esperava à entrada.

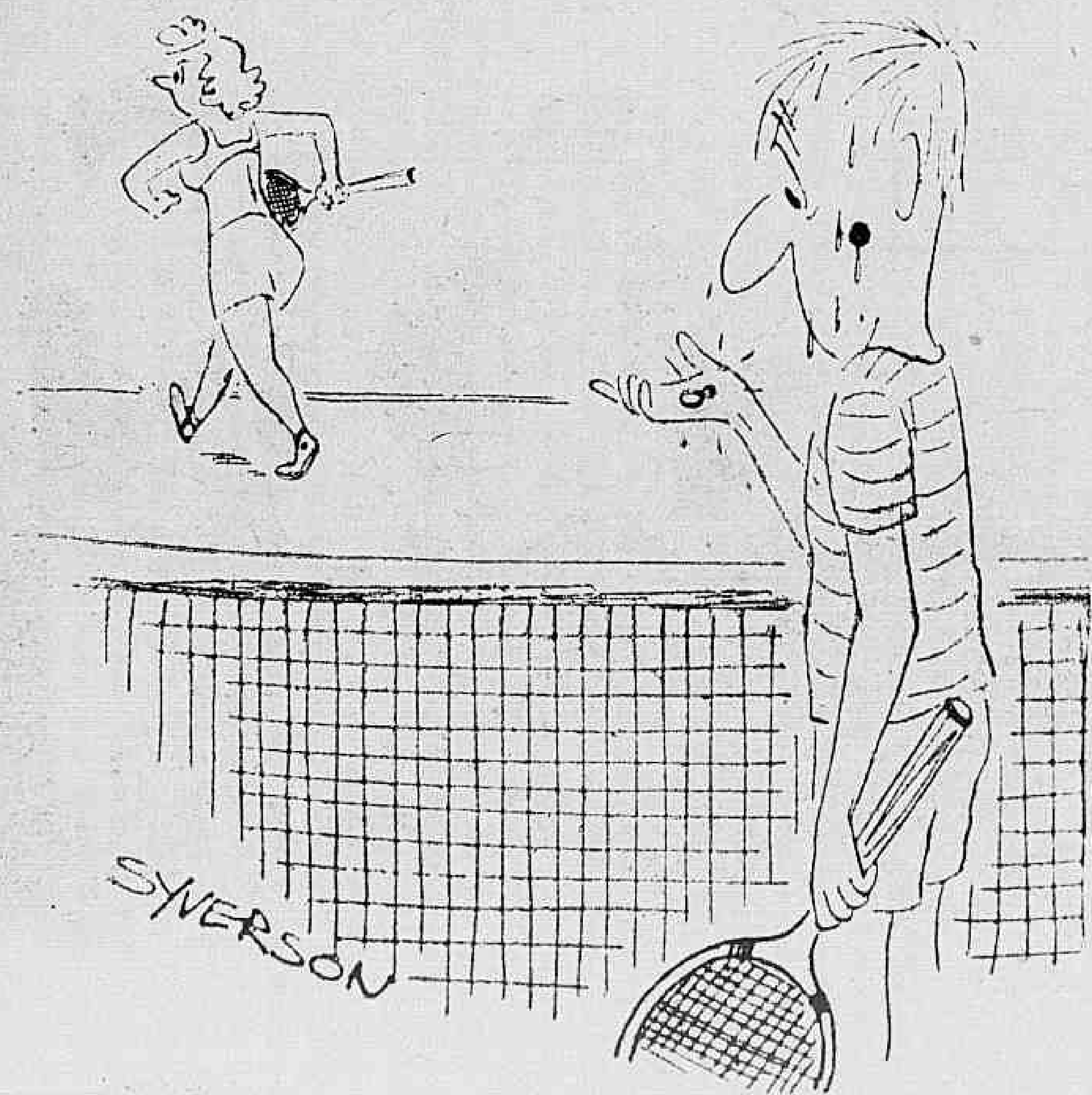
— Pensei que você preferia me ver aqui que na estação — disse êle, simplesmente.

Luísa se refugiou, como fulminada, nos braços do único amigo de sua infância. Que lhe restava agora? O doutor, seu marido...

— E os filhos que hão de vir? — disse em voz baixa o bom médico à sua jovem amiga desolada.

— Ah! O que vai chegar... Sim! Para êle preciso viver! — gemeu Luísa. Leve-me, doutor, para junto de mamãe. Terei muita calma, prometo! Espero, ao menos, que ela tenha compreendido que eu a adorava!

— Sim, minha querida... Ela compreendeu tudo.




— disse o Dr. Brochaux gravemente — E jamais outra mãe amou tanto a sua filha.

— Oh! Mãe adorada! — gemeu Luísa, chorando e, finalmente, libertada de seu pesado fardo de dor silenciosa — O senhor me contará tudo, doutor.

— Sim, tudo. Prometo. Agora, vamos. Venham comigo. Serão meus hóspedes — acrescentou êle, estendendo a mão a Jacques, que, vencido, humilhado, não sabia que atitude tomar. — Assim ela desejou e devemos obedecer.

E foi na residência do Dr. Brochaux que Rieul e sua espôsa passaram os dois inevitáveis e terríveis dias que seguem a morte dos entes amados.

## VI

A morte da Sra. Belfroy deixava aos jovens esposos uma situação bastante nítida, mas pouco brilhante. Rieul desejara deixar Bayeux, indo residir em Paris; o dote de Luísa servia-lhe como caução e fiança, porém nada mais. Quantos homens entre vinte e cinco e trinta e dois anos possuem cem mil francos e um desejo imoderado de fazer fortuna! E quantos atingem o alvo de seus desejos?

Notava-se que, no temor doentio de ver desaparecer seu pequenino capital e vir a ser, um dia, um encargo para a família, a Sra. Belfroy colocara o seu dinheiro em renda fixa, que lhe proporcionava retiradas maiores do que se depositasse em banco, mas que anulava qualquer retirada de capital cessando qualquer obrigação com a morte da depositante. Êsse cálculo, excelente, se a pobre mulher tivesse vivido ainda muitos anos, pois isso lhe teria permitido dar maior confôrto à sua querida Luísa e aos filhos desta, fôra, na realidade, a pior especulação dêste mundo, pois nem ao menos tivera tempo de receber o primeiro trimestre de sua renda. Tudo, tudo ficara nas mãos do adquirente que, êste sim, tinha feito negócio magnífico.

Rieul praguejou, resmungou, ameaçou, intimamente — mas sua cólera era tão inútil como as palavras desoladas e ternas com que sua espôsa pretendeu consolá-lo: nada mais restava a fazer senão entregar-se corajosamente ao trabalho.

— Eu bordarei — disse Luísa — E tenho a certeza de que poderei ganhar pelo menos dois mil francos por ano com a minha agulha.

O velho doutor a observava, apiedado, enquanto pelava amêndoas em seu prato. Era a última refeição que os hóspedes faziam sob seu teto.

— Não, por enquanto, Luísa! — disse êle — Antes de seis meses, pelo menos, você não trabalhará. Proíbo como amigo e, mais ainda, como médico! Não quero ver você cair doente e talvez doente ficar para todo o resto da vida; sei que bordar não é o mesmo que estar curvada sôbre a máquina de costura. Mesmo assim não convém a você, no estado em que se encontra. O senhor me entende, Sr. Rieul? Não consinta que Luísa faça imprudências!

— Entendo, sim. — disse Rieul — Porém ela fará o que bem entender; e, além do mais — convém dizer — ela fará **o que fôr necessário!** Quando tivermos três ou quatro filhos, é claro que meu ordenado não será suficiente...

(Continua no próximo número)



# O GRANDE "TROUXA"...

**(EPISÓDIO REAL)**

GEORGE semicerrou os olhos, fascinado pela infinita quantidade de dólares, contados incansàvelmente à sua frente. Passavam como colunas de soldados, iguaizinhos, em fila sem fim e que chegava a embaralhar as idéias. Em grande parte de sua vida, dedicada a extrair o dinheiro do bôlso dos «trouxas», nunca se vira ante uma situação tão sedutora — e tão fácil!

Jamais, também, encontrara amigos tão generosos e chefes de idéias luminosas, de planos admiráveis...

— E' só passá-las aos «trouxas» — explicaram êles — **O campo é vasto e livre... Leve-as para a zona suburbana e para as regiões agrícolas. Lá é ainda mais fácil, pois os bobos são em maior número e têm o costume de guardar o dinheiro em casa. Assim trocarão grandes quantias com facilidade. Será lucro certo e pago à vista!**

À vista! Dinheiro legítimo! Não êsse, que aí estava, sôbre a mesa, com seus defeitos de impressão, de colorido e a ameaça de que se sercavam... Mas **genuinos dólares americanos!**

— E você, é claro, terá uma boa parte. — afirmaram os seus novos amigos — Cuidaremos de separar a sua percentagem.

As palavras penetravam pelos ouvidos de George como deliciosa música, que encantava e confortava. Um despertar em cama macia, seguido de um banho, sem pressa, um almôço inicial, com melão e **bacon,** ovos e café, além de geléia e torradas; depois, a calma leitura dos jornais, apresentados por um criado severamente vestido e que, ao mesmo tempo, lhe diria quantas lindas criaturas haviam telefonado... Tudo isso passou por seu cérebro, em turbilhão brilhante, formando uma imagem realista e que estarrecia.

Fêz com a cabeça um sinal de entendimento e que também era de agradecimento, pois não poderia articular qualquer palavra, já sentindo a bôca entupida por algum «havana» puríssimo... Em silêncio apanhou as notas sôbre a mesa. Estavam cuidadosamente amarradas em pacotes certos. Quando seus amigos se retiraram, rasgou o laço e com dedos febris contou um pacote inteiro de notas de 20.

— **«E' só passá-las aos «trouxas»... de preferência nos subúrbios e nas zonas agrícolas...** — haviam dito os seus «sócios».

George conduziu seu automóvel, devagar, para a zona rural de Chicago. Comprou uma mão cheia de charutos e, a seguir, parou num cinema, por alguns minutos. Dali foi a uma loja para uma simples compra de um dólar. Pouco adiante, deteve-se em outra loja, onde comprou uma bela camisa. Assim prosseguiu, indo de uma rua para outra e procurando trocar o maior número possível de notas de vinte.

Tudo era ridiculamente simples!

E como tôda aquela gente era «trouxa»! Quase pediam o dinheiro ávidos por trocá-lo por qualquer bugiganga... Mas davam trôco, **trôco de dinheiro bom!** George começou a entrever o maior Natal de tôda a sua vida. Sim, porque quase um milhão de dólares para ser passado dessa forma fácil e segura. E êle teria uma grande participação no «negócio».

Com o correr das semanas, George criava mais coragem com os lucros que embolsava. A despeito de algumas denúncias isoladas, em locais distanciados, e dos anúncios nos jornais, alertando o público e o comércio, o seu capital ia crescendo.

Ao se aproximar o dia de Graças a Deus, pensou em realizar um dos seus velhos sonhos: ter um peru para uma ceia de primeira! E comprar êsse peru foi uma de suas mais esplêndidas façanhas. A facilidade com que passou para as mãos do grangeiro a nota de 20 chegou a espantá-lo. Quase riu nas bochecas do «trouxa».

— **«E nem ao menos tive que sair do automóvel** — gabou-se depois aos seus sócios, exibindo, orgulhoso, o esplêndido peru que obtivera do ingênuo criador. — **Foi lá na estrada para Des Plaines... O homenzinho foi o maior «trouxa» que já encontrei!**

Os amigos aprovaram, sorrindo. Bem haviam dito que a coisa era fácil e que a zona rural estava cheia de trouxas!

Porém, poucos dias depois, a Polícia bateu à porta de George.

— O senhor está prêso como passador de notas falsas! — disseram-lhe os detectives.

Diante do comissário Harry D. Anheier, George revelou os nomes de seus cinco associados; um litógrafo, John G. Breenan; um funcionário postal, C. Aretos; um agente de câmbio, Peter Kilkas; um criador de canários, Vito D'Agostino e Joseph Moschiano, o chefe, descrito como **indivíduo de 38 anos, «bookmaker»!**

Os policiais foram buscar todos os culpados em suas casas, conseguindo apoderar-se de **clichés,** papel e o restante equipamento. Na garage de Moschiano encontraram 350 mil dólares em notas falsas de 10 dólares. Na residência de Areto, mais 30 mil, assim como na casa de Kilkas. Outras quantias menores foram encontradas com os prisioneiros.

Calculando em 600.000 dólares, o total de dinheiro falsificado em cinco meses, o grupo de Moschiano fôra o que conseguira o maior golpe dêsse gênero, desde que outros falsificadores, em 1934 (três anos antes, portanto) tinham conseguido inundar a nação com dois e meio milhões de dólares de notas falsas, sob a direção do famoso «Conde» Victor Lustig.

Os cinco falsificadores foram processados e condenados a penas variando de 6 a 10 anos de prisão.

Mas, como pôde a polícia descobrir George? Muito fácil... Muito fácil, **depois que êle encontrou o «maior trouxa» de tôdos:** o vendedor de perus...

— «Êsse criador não pôde compreender porque você não desceu do automóvel para vigiar a balança em que pesava o bicho». — disse mais tarde o comissário Anheir a George. E ecrescentou:

— «Êle, segundo me contou, nunca havia encontrado outro comprador **tão «trouxa»!** Por isso foi que, impressionado com a ingenuidade do freguês, lançou um olhar curioso para o número do seu automóvel...

# FAÇANHAS DE

Por

HERMANN VOLK

**Uma das mais horríveis criaturas, em tôda a América do Norte, é o fabuloso "Bell Witch" que perseguiu uma família dia após dia, durante mais de dez anos.**

OS fantasmas, segundo a tradição e a descrição dos que os "virgm" são criaturas naturalmente... difíceis de ser encontradas e muito menos localizadas. Porém o famoso "Bell Witch", de Adams, Estado do Tennessee não foi uma fantasma ordinário. Nem sequer era fugitivo ou tinha a mania de se esconder, só aparecendo em ambientes sombrios ou de difícil acesso. Não! Tôda uma comunidade de mais de cem pessoas viveu sob o mêdo esmagador da sua presença — e por um período superior a dez anos pavorosos!

Respeitados os professôres vindos de todos os cantos dos Estados Unidos, da mesma forma que da Europa, investigaram o caso dêsse espantoso fantasma de mulher — e êle raramente desapontou os investigadores. Não apenas falou com êsses homens e respondeu a suas perguntas como levou o seu atrevimento ao ponto de puxar algumas barbas, atirando ainda alguns pratos contra aquêles com os quais antipatizava. A alguns deixou com um ôlho enegrecido, **por julgar que não a atratavam como era devido a uma senhora!** A despeito de alguma extravagância, êsse fantasma não era — como se diz — para brincadeiras. Segundo declarou o eminente juiz John D. Tyler, de Clarksville, Tennessee: "**Tôda sorte de investigação imaginável foi feita e não pode haver qualquer possibilidade dêsse fantasma ser uma fraude. O fantasma dessa extraordinária mulher é a prova positiva de que os mortos algumas vêzes voltam e residem entre os vivos.**" Outra eminente personagem que teve alguns "encontros" com "Bell Witch" — e dêles voltou plenamente convencido de que não se tratava de um truque — foi o General Andrew Jackson, o 7º Presidente dos Estados Unidos. Como todo estudioso da história norte-americana sabe, o difícil, teimoso e velho general não era positivo

# UM FAMOSO FANTASMA



mente homem a quem fôsse possível enganar com êste ou aquêle truque — nem mesmo um fantasma!

"Bell Witch" tirou seu nome do fato de praticar quase todos os seus desatinos e atos de vandalismo na residência de nome John Bell, residente em Adams, Estado do Tennessee.

Bell era um indivíduo altamente respeitado, religioso sincero, que tinha espôsa, Lucy, e muitos filhos. Foi a dois dêstes últimos, Richard e Joel, que o fantasma se apresentou pela primeira vez, numa noite de maio de 1818.

Os irmãos dormiam tranqüilamente quando foram sùbitamente acordados por um estranho ruído de arranhaduras. Podia ser um rato, roendo o pé da cama. Joel saltou do leito e foi examinar todos êles. Não encontrou rato algum, nem marca de qualquer dêles nos pés da cama.

A êsse tempo o ruído havia cessado e, por isso, Joel voltou para os lençóis. Imediatamente tudo recomeçou. Desta vez foi Richard quem saltou da cama para saber o que ocorria. Olhou sob os móveis, o interior dos armários e mesmo, abrindo janelas, sondou o quintal. Nada, porém, notou e, dessa vez, o ruído desapareceu para o resto da noite.

Quando os meninos contaram ao pai, na manhã seguinte, o que havia ocorrido na noite anterior, êle afirmou que ambos haviam sonhado e que tal ruído não se repetiria.

Como John Bell lamentaria tal afirmativa! Os ruídos não apenas voltariam como, associados a outros fenômenos, literalmente o enviariam para o túmulo!

Na noite seguinte os ruídos de arranhaduras contra os móveis foram mais surdos. Porém na terceira noite soaram como se fôssem feitos por um cão de grandes proporções e não mais por um ratinho. Já agora tôda a família podia ouvi-los, entrando todos os seus membros a procurar pela casa inteira, de alto a baixo, sem nada encontrar que justificasse tanto barulho.

Não tardou que os arranhões se transformassem em pesadas pancadas, parecendo algumas vêzes que grandes pedras eram arrastadas pelo soalho, por meio de correntes pesadas. Ocasionalmente ou-

viam também algum estranho som... humano! Qualquer coisa como o estalar de lábios ou de língua, prolongados suspiros e um desagradável solução, **como o de alguém que comeu demasiado!** Todos êsses ruídos eram agora ouvidos até mesmo à luz do dia e em diferentes partes da casa.

John Bell inspecionou cuidadosamente cada móvel e objeto, em todos os aposentos da casa, levando seu exame ao extremo de levantar algumas tábuas do chão, a fim de examinar os alicerces. Porém nenhum animal foi encontrado, não havendo sequer qualquer orifício capaz de dar passagem a algum roedor, dentro ou fora de casa.

Com o correr do tempo o fantasma se tornou mais e mais ousado. E parecia ter especial empenho em maltratar a linda Betsy Bell, de 10 anos de idade e que era todo o orgulho e a alegria do pai. Agarrava-a pelos cabelos, de instante a instante, o dia todo e arrancava os lençóis do seu leito, à noite. Não contente com isso espetava a pobre criança com alfinetes e levava a sua implicância ao ponto de retirar os alimentos que ela levava à bôca, impedindo-a de comer os melhores bocados.

Numa certa noite, Betsy gritou desesperadamente quando o fantasma cismou de retirar todos os cobertores e lençóis do seu leito e até tentou virar o colchão. A família correu em seu socorro e recolocou tudo no lugar. Parém, teimoso e mau, o fantasma recomeçou a brincadeira, enquanto os pais de Betsy procuravam impedir, redundando disso uma prolongada luta em que um lençol chegou a ser rasgado. Betsy só teve tranqüilidade quando foi dormir com os pais.

As coisas assim continuaram, todos tratando de esconderem aos de fora o que se passava na casa. Não queriam que os vizinhos dissessem que **a casa estava habitada pelo diabo.** Porém, depois de um ano dêsse verdadeiro inferno, Bell decidiu pedir ajuda a mais alguém, mesmo de fora, pois sentia-se sem fôrças para continuar lutando sòzinho.

Assim, o primeiro estranho a ter um encontro com o terrível fantasma foi John Johnson, homem educadíssimo e religioso, vizinho da família. Primeiramente mostrou-se cético, mas quando ouviu o fantasma arrastando as suas invisíveis correntes e quando o mesmo ousou até beliscar-lhe a ponta do nariz, reconheceu tôda a triste verdade.

John não procurou lutar **catch-as-catch-as-can** com o fantasma, mas dirigiu-lhe um discurso na linguagem "clássica": **"Em nome de Deus, quem é você?"** — gritou. Isso deve ter assustado um pouco o fantasma, pois levou dois dias para tornar a aparecer.

John opinou que se devia chamar outros vizinhos, para que também dissessem o que pensavam do fenômeno. Isso foi feito e em breve a história do fantasma se espalhou por todo o país. Os cidadãos organizaram **comités** para investigar as origens do fantasma, enquanto outras pessoas viajaram grandes distâncias, apenas por curiosidade. Houve quem se esforçasse por demonstrar que tudo não passava de um truque. Porém todos se retiraram, convencidos de que tinham tido contato com o sobrenatural.

Algumas pessoas se lembraram de fazer algumas perguntas ao fantasma, tais como **"Quantas pessoas estão nesta sala".** E as respostas corretas eram sempre "raspadas" no scalho por mão invisível.

Pouco depois foi noticiado que o fantasma estava procurando... **falar!** Primeiro eram sons indistintos, quase inaudíveis, que progrediram até que um lamento pôde ser ouvido, desde que todos, na sala, ficassem em silêncio. A seguir o fantasma não apenas "aprendeu" a falar em voz baixa e roufenha, de mulher, mas passou a ser mais incômodo que antes. Gritava, quando todos começavam a dormir. Divulgava segredos que embaraçava os presentes ou cantava coisas impróprias...

O fantasma às vêzes deixava a casa em paz por dois ou três dias, porém quando voltava trazia um lote de picantes revelações sôbre a vida dos demais residentes da cidade. Por essa razão, todos passaram a temê-lo — e com muita razão. Houve um benefício. E' que o povo de Adams passou a levar vida de santo. Tôda a embriaguês secreta, namôro ou jôgo, era levado pelo fantasma para o conhecimento geral. A mentira era imediatamente revelada. Ninguém mais podia viver tranqüilo, pois o fantasma penetrava em tôda parte e tinha ouvidos que tudo ouviam, penetrando em todos os lares, mesmo nos lugares de maior intimidade para ver, ouvir e, a seguir, contar aos quatro ventos.

A única pessoa que conquistou, um pouco, a camaradagem do fantasma, foi Lucy, (a espôsa de Bell) que lhe dirigia a palavra com mansidão e carinho. Quando Lucy adoecia, o fantasma levava-lhe uvas e peras, recomendando-lhe que comesse pois assim ficaria boa. Essas frutas caíam sôbre o leito de Lucy mesmo diante de testemunhas, **como se nascessem em mãos invisíveis.** O teto foi inspecionado, mas nenhum buraco ou alçapão foi nêle encontrado. E Lucy, de fato, ficava boa.

Para os que não o tratavam bem, o fantasma dava pagamento igual. Joel, certa noite, atirou-lhe um nome feio... e foi surrado impiedosamente, embora não visse o seu assaltante, tendo que recorrer à arnica e ficar imprestável vários dias.

Quando deixava a casa de Bell "temporàriamente", o fantasma não avisava para onde ia. Uma noite William Porter, respeitável solteirão de Adams se preparava para dormir, quando ouviu a voz do fantasma: **"Billy. Hoje vou dormir com você, pois está muito frio".** Com essas palavras alguém se estendia no leito, ao seu lado. Em vez de ganhar mais calor, o infeliz, batendo os queixos, sentiu o maior frio de tôda a sua vida. Porém pouco depois, fôsse lá quem fôsse, "a coisa" se assenhoreou de todos os cobertores, expulsando pura e simplesmente o desgraçado do leito.

Porter teve então uma idéia: Apanhou os cobertores e levou-os para o fogão de inverno, esperando queimá-los — e com êles o fantasma. Ao se aproximar do fogo, entretanto, tudo começou a ficar pesado, e com um mau cheiro insuportável. De tal forma que Porter teve que abandonar os cobertores no chão e sair em busca de ar fresco. Ao voltar, tudo estava onde deixara, porém normal e sem mau cheiro. O fantasma voltara para a casa de Bell.

A partir de então o fantasma não teve mais "rédeas", entrando a praticar os maiores desatinos e a criar situações lamentáveis para diversas famílias, desmanchando noivados e separando casais com as suas **intrigas.** Finalmente, em 1823, declarou que ia descansar, **mas que voltaria para atarantar novas gerações dos Bell.** Oito anos depois, dois grangeiros mataram um fazendeiro, desculpando-se com o pretexto de que **êle era uma nova "encarnação de Bell Witch".** E tão forte era a crença nos atos vandálicos dêsse fantasma que o júri reconheceu a "legítima defesa", absolvendo os assassinos!

Foi essa — felizmente, a última manifestação do mais temido fantasma que já apareceu no mundo.

Pelo buraco da fechadura pude ouvir o que dizia.



# PELO BURACO DA FECHADURA

**Conto de EUSTACE COCKELL**

**"Como fêz o seu patrão, também perguntamos: Por que Kathleen fêz isso?"**

1 de fevereiro de 1952.
Mr. Bryan Moriarity
Agência de Detectives "Ôlho Aberto"
Nova York.

Prezado Chefe:

Em atenção à sua ordem, obtive emprêgo na residência do nosso "alvo" (Mr. Donnelly) como arrumadeira. O primeiro passo foi facílimo. Convenci a antiga empregada a aceitar uma semana adiantado e eu mesma me apresentei na manhã seguinte à porta do indivíduo visado, informando que fôra enviada pela outra, para fazer o seu serviço, enquanto estivesse acamada, com febre. Êle engoliu a pílula com tamanha facilidade que logo compreendi estar diante de um ingênuo.

Agora estou tratando de analisar o homenzinho, para conhecer os seus hábitos e relações sociais, sua família, seus vícios, etc., a fim de satisfazer, como é devido, à justa curiosidade do riquíssimo Sr. Horace Cavendish (nosso cliente) que quer saber quem é realmente o rapaz que pretende desposar sua filha Gertrude. Enfim, vou descobrir se êste rapaz é ou não um "caçador de fortunas".

Kathleen O'Brien (Agente N.º 14).

---

P. S. — Junto os recibos referentes à compra de três uniformes de arrumadeira. Será favor remeter a importância.

★

7 de fevereiro de 1952

Prezado Chefe:

E' desanimador! Não consigo encontrar nada errado no nosso "alvo". Nascido numa pequena cidade do Meio-Oeste, como o segundo filho de um pastor protestante. Regularmente envia substancial quantia em dinheiro para sua genitora (o

pai é falecido). Fêz seus estudos no College & Law School, formando-se em 39, passando a exercer a advocacia em Kansas City até começar a guerra. Alistou-se na Marinha em 11 de dezembro de 41, sendo desengajado em 14 de outubro de 45 no pôsto de Major (Estrêla de Prata). Trinta e dois meses sôbre os oceanos. Tudo isto está confirmado. Além disso, na opinião do Juiz Linshaw é êle um dos "mais brilhantes jovens advogados de Nova York."

Pessoalmente acho que êle é modesto, gentil, simpático e homem de gênio encantador. (Farei melhor relatório pessoalmente. Há coisas formidáveis para contar) Enfim, o homem é perfeito e sedutor. **(Por que o Sr. Horace Cavendish cismou com êle?)**

Ontem a filha do nosso cliente, Miss Gertrude Cavendish aqui estêve, jantando, em companhia de amigos. Pessoalmente, acho Miss Cavendish insípida, fria, superficial e de uma educação duvidosa. Não tem gôsto para se vestir.

K. O. B. (Agt. N.º 14).

P. S. — Recebeu as notas referentes aos uniformes? Por favor; queira remeter o dinheiro.

★

8 de fevereiro de 1952

Prezado Chefe:

Miss Cavendish apareceu hoje, cedo e interrogou-me exaustivamente a respeito dos hábitos do seu pretendente, além de outros detalhes de interêsse geral. Respondi, favoràvelmente a tôdas as perguntas recusando dar, naturalmente, informações específicas e que iriam de encontro à ética de uma perfeita empregada doméstica. A vida tranqüila e ordenada do nosso "alvo" pareceu desapontar profundamente a filha do nosso cliente e, ao mesmo tempo, ao se referir, acidentalmente a um jogador de polo, chamado Sonny McGuire, Miss Cavendish pareceu vibrar de entusiasmo. Achei-a, mesmo, mais romântica e menos superficial ao se referir a Mr.McGuire. De qualquer forma esperei até muito tarde o regresso do nosso "examinado", que foi jantar com colegas. Regressou resfriado e preparei-lhe uma limonada bem quente. Tivemos, a seguir uma interessante palestra sôbre amor e economia. Assunto muito interessante e no qual êle parece muito forte.

K. O. B. (Agt. N.º 14).

★

10 de fevereiro de 1952

Prezado Chefe:

"Alvo" continua resfriado. Piorou muito, ao anoitecer, chegando a ter 39 e meio graus de temperatura. Com isso andei muito cheia de serviço. Tive que arranjar um meio de dormir em baixo, no **hall,** para estar mais perto do enfêrmo. Mrs. Gibbon, a cozinheira, trouxe a sua cama para junto da minha, a fim de evitar que alguém faça mau juizo.

K. O. B. (Agt. N.º 14).

★

14 de fevereiro de 1952.

Prezado Chefe:

"Alvo" muito pior. Temperatura de 40 e meio! E nem posso compreender o que está acontecendo. Com a elevação da temperatura, êle parece ter sofrido **violenta desintegração moral.**

Na verdade trata-se de um caso de esq... (O Médico e o Monstro, entende?) E o **Monstro** parece estar em ascendência! Esta manhã estava escaldando de pele e de gênio.

A primeira coisa que fêz foi telefonar para a copa informando que não queria ser incomodado. Queria estar só. Fechou-se, mesmo, no quarto. Porém vi, pelo buraco da fechadura, que êle telefonava para alguém chamado McGill. Passo a transcrever o que pude ouvir:

— **"O pai é rico! Posso afirmar!**

— **"Por favor espere um pouco mais e pagarei tudo! Êle já está muito velho e não deve durar muito!**

— **"Preciso casar antes de que Horace descubra!**

— **"Não! Esta é mais rica que a Ernestina!"**

Depois de ouvir algum tempo, êle tornou a falar. Então anotei mais algumas coisas como **"O velho sofre do coração... Não tardará a espichar as pernas... e Gertrude é uma tolinha..."**

Mais tarde, quando levei o almôço, o "Alvo" resmungou contra tudo, afirmando que **aquilo não era comida para gente!** Enfim: um grosseiro!

Porém no dia seguinte os aposentos dêle estavam cheios de copos ainda contendo **whisky** e manchados de **baton,** enquanto os cinzeiros transbordavam de pontas de cigarros. Muito lamentável! Posso hoje concluir meu exame, afirmando que **o "alvo" das nossas investigações** é pessoa pouco recomendável e, positivamente um esq... (aquilo do Médico e o Monstro, entende?)

K. O. B. (Agt. N.º 14).

P. S. — Para seu govêrno informo que foram tiradas mais duas cópias do presente relatório, que enviei diretamente ao Sr. Horace Cavendish e sua filha Gertrude.

★

Agência de Detectives "Ôlho Aberto"

New York City

16 de fevereiro de 1952.

Kathleen:

Assunto encerrado esta manhã, com a fuga de Miss Gertrude Cavendish e Sonny McGuire. **Por favor responda explicando:**

1) A violenta desintegração moral" **de você mesma",** evidenciada pelo ato desonesto e agressivo à ética de enviar cópias de um relatório fantasioso ao nosso cliente Horace Cavendish e sua filha.

2) Por que os têrmos dêsse relatório são tão contrários aos que foram enviados após às preliminares investigações desta agência, inclusive as que você mesma realizou?

3) Por que você fêz **isso,** Kathleen?

Bryant Moriarity.

★

Bryant Moriarity.

Agência de Detectives "Ôlho Aberto".

New York City.

Prezado Senhor:

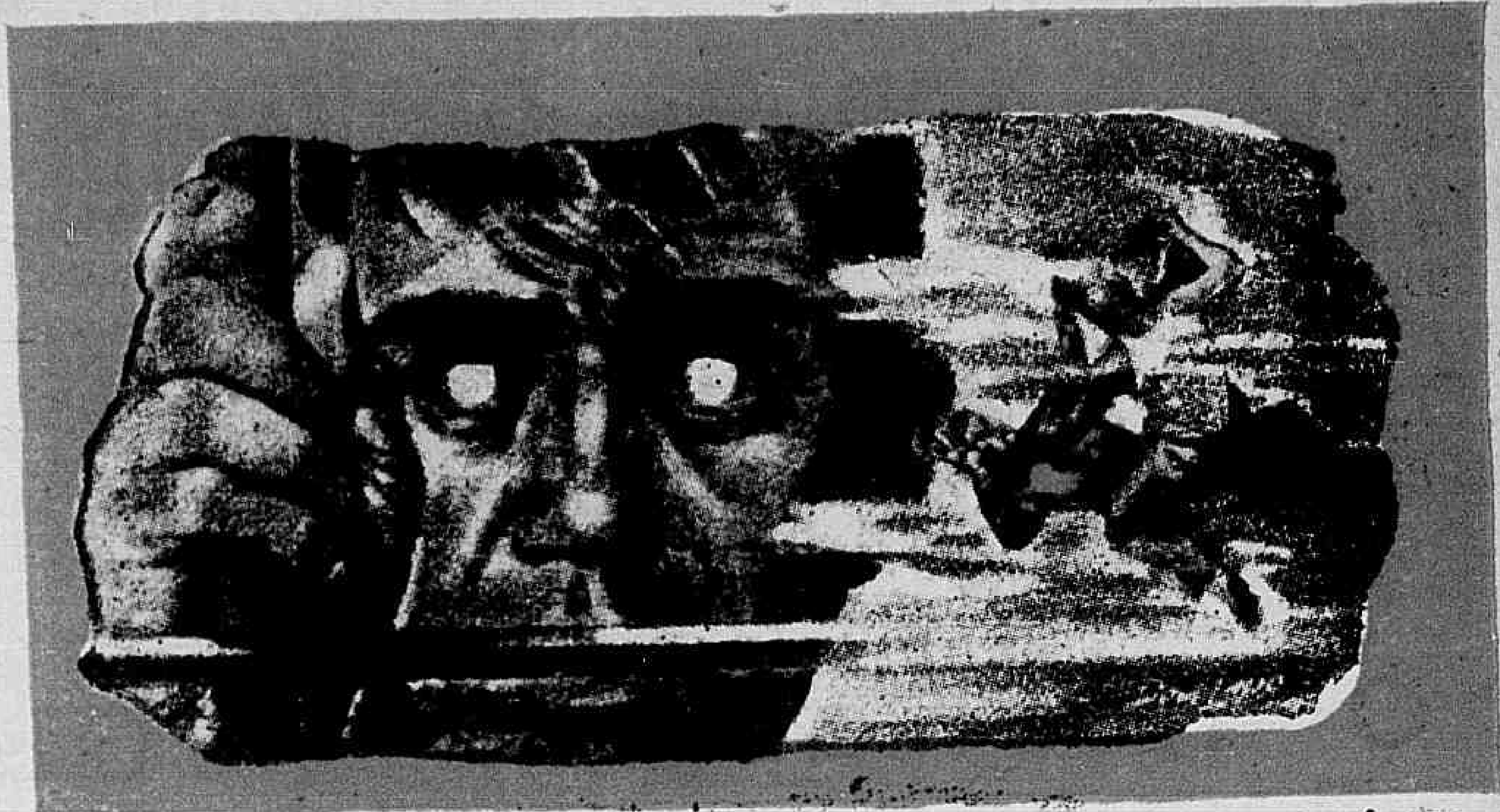
Com a presente venho solicitar, nesta data, a minha irrevogável demissão. Casei-me esta manhã.

Atenciosamente,

Kathleen O'Brien.

P. S. — Favor remeter cheque referente à despesa com os três uniformes, **pagável à Sra. Marshall H. Donnelly.**

# "MILAGRE" NO PRESÍDIO



(EPISÓDIO REAL)

DEPOIS de longas e estafantes buscas, as autoridades de Ontário, Canadá, conseguiram, finalmente, descobrir e prender William Holder. Isso ocorreu no ano de 1937 e o criminoso era procurado desde 1930, pelo assassinato de um **chauffeur** de "taxi". Porém durou pouco a satisfação causada por essa captura. Isto porque, enquanto aguardava processo, na prisão de Brantford, Holder, repentinamente, ficou cego!

As autoridades policiais, contrariadíssimas com o fato, que colocava o prisioneiro em situação, talvez, de fugir ao castigo merecido por seu crime, resolveram investigar e conseguiram saber que Holder havia sofrido um acidente, quando trabalhava numa fábrica — uma das raras vêzes, em sua vida de delinqüente em que resolvera aceitar um emprêgo honesto. Souberam, ainda, que êle estava recebendo uma pensão da **Workmen's Compensation Board**, como indenização devida pelo referido acidente.

Como era natural, tornaram-se menos rigorosos com o prisioneiro, dedicando-lhe mesmo certa simpatia em vista da situação aflitiva em que agora se encontrava. Entretanto, o juiz que presidia ao andamento do processo de Holder decidiu que o mesmo fôsse examinado por um médico especialista, o qual declarou que as **chances** do prisioneiro recuperar a visão eram muito remotas.

Durante todo o longo processo policial e judiciário, o homem apresentava patética figura. Conservava a cabeça nessa característica atitude de quem procura ouvir tudo em seu redor, como fazem os cegos; quando de pé, titubeava, trocando passos com grande precaução e identificando as pessoas ùnicamente pelo som de suas vozes.

Os jurados, considerando Holder culpado, não esconderam a piedade que o réu lhes inspirava. O próprio juiz recomendou clemência, aconselhando a pena simples de dez anos, quando, pelo crime praticado, merecia a forca.

Os guardas nem sequer algemaram Holder, em caminho para a prisão de Kingston. Novos testes, realizados na prisão, confirmaram plenamente o que havia declarado o especialista.

Por tudo isso, Holder passou a ter uma vida tôda especial, na prisão. Não podendo executar qualquer serviço cumpriu sua sentença favorecido por mil e uma regalias e mesmo tratado carinhosamente

No ano de 1946 William Holder, vestido decentemente e bastante firme e simpático ainda, nos seus 49 anos de idade, deixou a Prisão de Kingston e recebeu os efusivos cumprimentos de um oficial do Exército de Salvação, que havia sido designado para reconduzir o prêso até ao local de sua residência, nos subúrbios de Toronto. Holder encetou a marcha, auxiliado por uma bengala branca, ofertada pelas autoridades da prisão, às quais agradeceu, emocionado, tudo quanto haviam feito em seu favor.

Em Toronto, o automóvel em que viajavam parou diante de um edifício de tijolos vermelhos e Holder foi deixado, a seu pedido, sob a marquise do prédio. Ali ficou ainda alguns instantes. Depois, voltando a cabeça para um lado e para outro, fêz uma careta colérica:

"Não quero viver nestas condições!" — exclamou. E imediatamente, meteu-se entre os transeuntes que enchiam a calçada, desaparecendo entre os mesmos. No chão deixou, feita em pedaços, a bengala branca.

Teria William Holder recuperado a visão tão bruscamente como a havia perdido? A polícia começou a refletir sôbre o caso, poucos dias depois da saída de Holder das grades, e receando ter cometido a maior tolice de tôda a sua história.

Entretanto, jurìdicamente, o caso Holder estava encerrado. Mesmo assim, as autoridades entraram a vigiá-lo discretamente e, desta vez, de olhos bem abertos, com a esperança de poder prendê-lo de novo.

Em Toronto, Holder tratou de ir visitar um amigo não distante de Brantford, e que fôra designado para receber a sua pensão, enquanto estivesse na prisão. A visita, porém, serviu igualmente para que êsse amigo lhe arranjasse um emprêgo numa lavoura.

Para um homem cego, Holder trabalhava até muito bem, nessa fazenda. Também não foi obstáculo, a cegueira, para que notasse a beleza de uma rapariga de 25 anos, com a qual casou ao fim de apenas um mês de namôro.

Êsse casamento, porém, realizado em 23 de março de 1946, durou apenas pouco mais que o próprio namôro, pois desentendendo-se com o cunhado, Holder o agrediu violentamente, sendo imediatamente prêso. Dias depois, o agredido falecia, em conseqüência dos ferimentos recebidos.

Quando o Juiz, Mac Kak sentenciou Holder a prisão perpétua, o condenado não precisou auxílio dos guardas para encontrar o caminho de sua cela. Da mesma forma, para saber as novidades,

pois entrou a ler fàcilmente todos os jornais que lhe caíam em mãos.

Apesar disso, recusou discutir o **mistério** da estranha recuperação da visão. Negou ter representado uma comédia, fingindo-se de cego durante dez anos.

Sua jovem espôsa, porém, atribuiu essa recuperação a um "milagre". Segundo relatou, isso ocorrera pouco depois do casamento, quando foram viver numa casinha nos bancos do canal, próximo de Brantford.

— "Ao voltar para casa, no primeiro dia — contou ela — meu marido foi sentar-se num canto da sala e quando acendi o lampeão êle levou uma das mãos aos olhos, para proteger-se da luz.

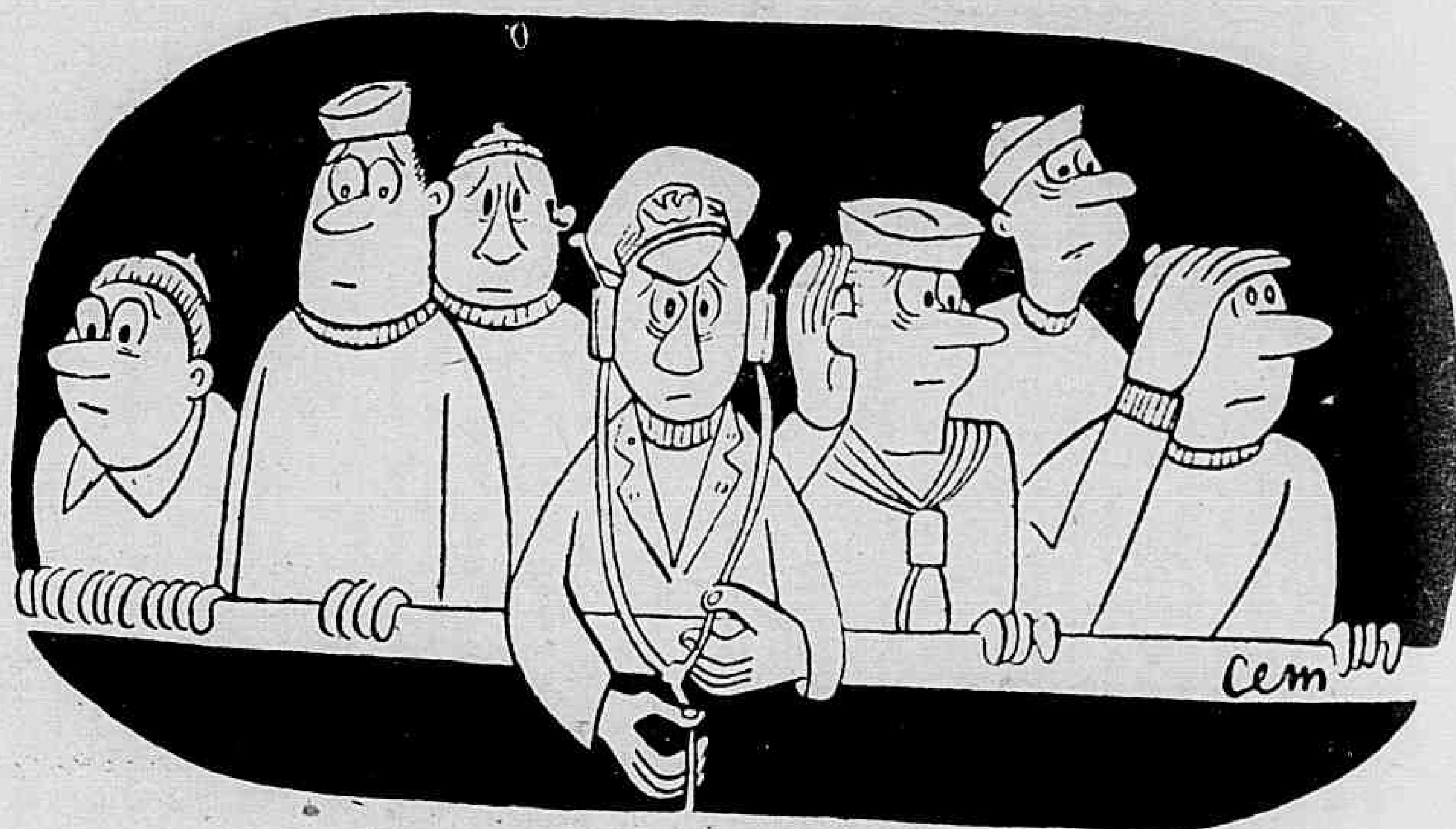
"Depois notei, ao amanhecer, que êle não mais piscava muito. Finalmente, deixou de andar tateando as paredes e então compreendi que não era mais um cego. Foi um verdadeiro milagre!"

Porém a polícia, que já conhecia o homem, não acreditou que Holder, com a espécie de vida que sempre tivera, tivesse merecido do Céu êsse milagre.

★

# O IMPALPÁVEL SUBMARINO

**(UM EPISÓDIO DA ÚLTIMA GUERRA)**




Em plena guerra, quando os submarinos alemães constituiam a maior ameaça para os intuitos aliados, até mesmo os botes-torpedeiros da base de instruções estabelecida em Newport foram para o alto mar, ajudar a esquadra a vencer a Batalha do Atlântico.

Ao anoitecer de cada dia, êsses pequenos barcos armados com pequenos canhões, dois tubos lança-torpedos e uma metralhadora anti-aérea, iniciavam uma teimosa caçada aos submarinos, a despeito de não existir a bordo o radar ou os aparelhos captores de som.

Para contrabalançar êsse **handicap,** um dos tripulantes do bote-torpedeiro carregava um hidrofone portátil — um simples **fone-de-escuta,** submarino, que êle pendurava até penetrar na água cêrca de três metros. Logo na primeira noite, o hidrofone captou um ligeiro som, intermitente e perturbador, semelhante ao ruído provocado pelos motores Diesel, dos submarinos.

Excitadíssima, a tripulação se preparou para a ação, iniciando caçada ao perigoso adversário, enquanto olhos e ouvidos se abriam, sondando as sombras negras do mar. Porém, por mais que o bote-torpedeiro se movesse daqui para ali, por mais que os seus tripulantes ouvissem e calculassem a intensidade do som, êste era **sempre o mesmo!** O submarino devia estar bem pertinho, parecendo até que era êle o que perseguia, procurando localizar e afundar o bote.

Essa caçada às cegas continuou ainda por muitas horas, até que o jovem oficial que comandava o bote-torpedeiro apareceu, furioso, no estreito tombadilho:

— Marinheiros! — disse êle, raivosamente — Êsse ruído queestamos ouvindo não é de nenhum submarino. Estamos perseguindo, todo êsse tempo, o nosso maldito refrigerador!

★




**PARA ABRIR MELHOR A PORTA DE UMA GARAGE OU DEPÓSITO** — Tais portas, em geral, embora bem lubrificadas, empacam e exigem vários arrancos para correr e dar passagem. Entretanto, se a ela fôr amarrada uma tira de couro, pedaço de rédea de animais de tração ou uma corda, na altura indicada pelo desenho, essa operação será feita com grande facilidade.

**ACÊRCA DO MATRIMÔNIO**

O matrimônio é como a morte: poucos chegam a êle bem preparados. — **Tommaseo.**

A melhor espôsa é aquela da qual não se fala nem bem nem mal. — **Tucídides.**

Ninguém, com razoável critério, escolherá uma espôsa ùnicamente pela sua beleza. Esta, sem dúvida, tem grande influência; mas bem depressa o homem reconhecerá que, relativamente, essa é de pouca importância. — **Smiles.**

# HITLER E O MISTÉRIO DE SUA MORTE

**(Continuação)**

(Opina um técnico francês, comentando declarações do comandante Hein Schaeffer, do submarino alemão «U-977), que se entregou às autoridades argentinas de Mar del Plata em agôsto de 1945, depois de passar três meses misteriosos em pleno mar.)



**Hitler cumprimenta Sirovy, antigo ministro da Defesa da Tchecoslováquia, na sede do Govêrno de Praga. Sirovy foi grande propagandista do nazismo em sua terra.**

Nascido de uma iniciativa do Exército norte-americano, corservado vários anos nos arquivos do Departamento de Estado e nos *dossiers* pessoais do Presidente Truman, o documento que estamos publicando — e que foi até recentemente confidencial — pertence, de fato, à história. Descreve o homem que foi um dos enigmas do nosso século, ao mesmo tempo que era um dos flagelos do mundo: Adolf Hitler.

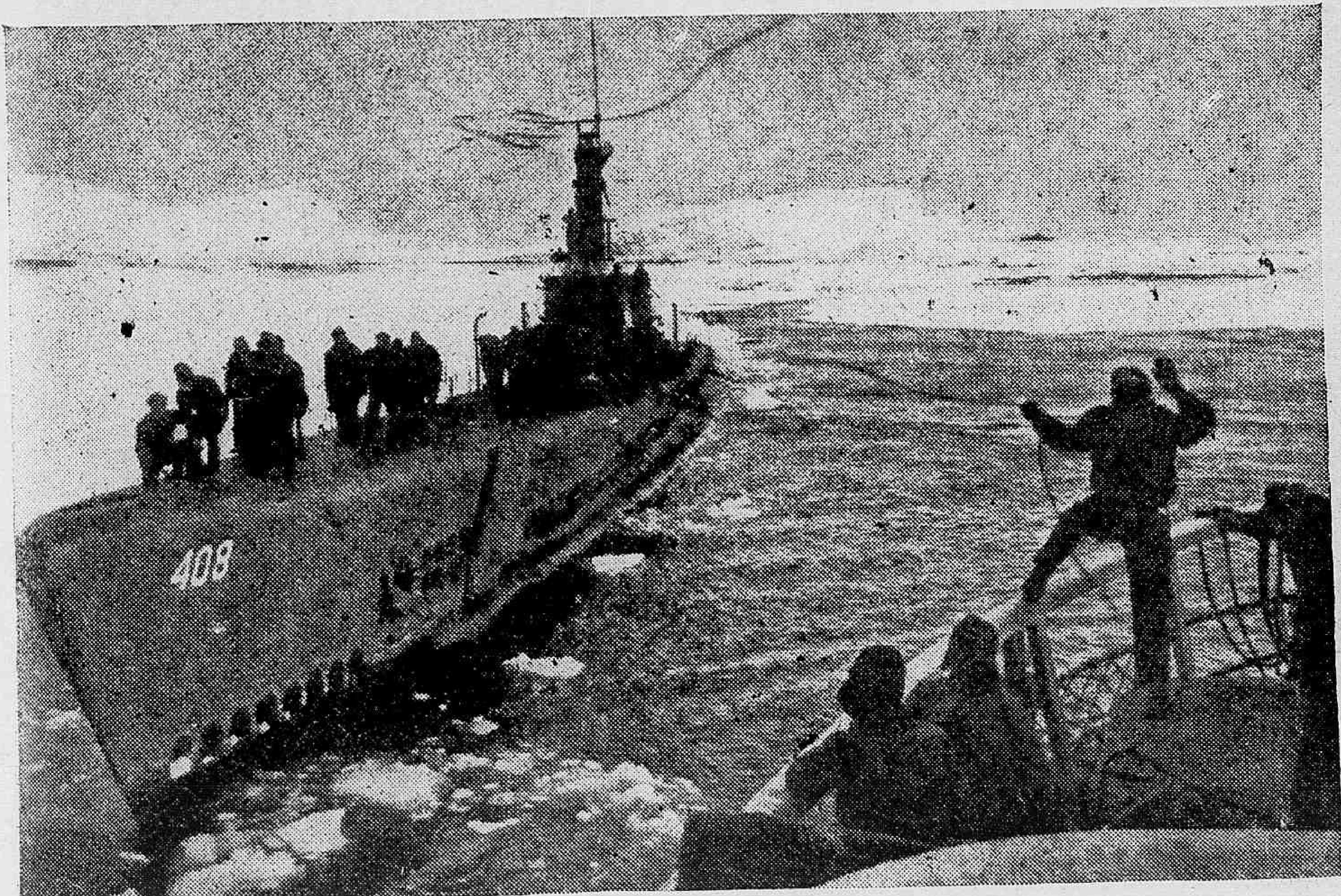
★

Não era possível acreditar, também, que os campos de experiências militares nas proximidades dos Estados Unidos, fôssem tão pouco seguros que se apresentasse como indispensável o transporte dessas unidades para o Polo Sul. Em suma, via-se desde logo que os verdadeiros motivos eram diferentes dos têrmos do comunicado oficial e dos comentários oficiosos de Washington.

Que motivos seriam êsses?

Durante um certo tempo, acreditou-se, firmemente, que a expedição Byrd não era mais que o começo de um "rush" internacional sôbre o urânio da Antártica Mas, quando se soube que, entre os técnicos da expedição, não figurava nenhum especialista da **energia atômica,** abandonou-se inteiramente esta hipótese. Devemos salientar, aliás, que **existem jazidas de urânio na quase totalidade dos países do globo.** E, de resto, por que o almirante Byrd teria levado porta-aviões, canhões e outros engenhos de guerra, **se se tratasse de uma missão científica,** exigindo apenas a presença de geólogos e outros especialistas dêste gênero de pesquisas?

Não! Apesar do dilúvio de notícias e afirmativas a respeito de preparativos do exército antártico, ninguém entreviu a verdade e a questão se tornou confusa, mais ainda, quando se soube que **as fôrças de Byrd já haviam feito expedição análoga, no Círculo Ártico, poucos meses antes, em ligação com unidades da Armada canadense.**




**O submarino «Sennet» abordado pelo «Northwind». A caça aos submarinos alemães chegou até aos Polos.**



**Hitler examinando planos de campanha, tendo ao seu lado esquerdo o General Keitel e, à sua direita, o Marechal Goering, que até ao fim, desaconselhou a invasão da Rússia...**

Foi o almirante Byrd em pessoa quem deixou entrever seus projetos, no momento em que o grosso da expedição partiu de Norfolk, em 2 de dezembro de 1946.

Confirmou que 4.000 homens, aproximadamente, tomariam parte na expedição. Sua missão — disse êle — consistiria, de um modo geral, em explorar o último continente desconhecido: mais de 14 milhões de quilômetros quadrados de terras geladas, cercando o Polo Sul!

— "Minha expedição é de caráter militar — acrescentou Byrd."

E prosseguiu, indicando: "Um dos principais objetivos desta expedição será o de obter dados completos sôbre as regiões terrestres e marítimas, que serão visitadas **"com o intuito de se obter informações estratégicas"** e com o desejo de **"observar as atividades marítimas, aeronáuticas e terrestres de outras nações na Antártica, reconhecendo enfim suas intenções investigadoras, comerciais, científicas e militares."**

Ora, perguntamos: **"Quais seriam essas nações** cujas atividades militares deviam ser observadas na Antártica, com o concurso de um verdadeiro exército?

Uma só atividade se tornava evidente. Apenas os Alemães tinham desenvolvido, na Antártica, uma atividade tal que estava exigindo um inquérito completo.

Evidentemente, o Exército Antártico norte-americano ia à Antártica verificar que atividades tinham sido essas; partia em busca do refúgio que existe naquela região. E levava fôrças suficientes para vencer qualquer resistência armada. O almirante Byrd não ignorava que Hitler e seu grupo poderiam opor desesperada resistência caso fôssem descobertos nesse Novo Berchtesgaden **camouflado** e fortificado. O almirante Byrd receava ser forçado a travar um duro combate na Antártica e, por isso mesmo, preparara-se para ganhar essa batalha. Eis o verdadeiro motivo do silêncio completo cercando êsses longos preparativos da expedição, cujos membros tinham feito um "ensaio" nos terrenos gelados do Manitoba, no ano precedente.

O almirante Byrd falou muito claramente. Não podia declarar, sem rodeios, que sua verdadeira missão era a de capturar o **Fuehrer** e seus companheiros; mas permitiu entrever seus projetos com esta declaração que foi uma maneira de resumir tudo o que se passou desde a rendição dos dois submarinos alemães em Mar del Plata. Em outros têrmos: **em Londres como em Washington, sabia-se a verdade sôbre o desaparecimento de Hitler, desde fins de 1945, mas necessitavam de tempo para organizar a gigantesca emprêsa da captura.**

No dia 2 de dezembro de 1946, as autoridades navais norte-americanas anunciaram ao mundo que uma parte da frota de treze navios destinada à



**O Conde Ciano por ocasião de uma de suas visitas a Hitler, em Berlim, como Encarregado dos Negócios Estrangeiros da Itália e representante de seu sogro, Mussolini, que mais tarde mandaria matá-lo como traidor!**

expedição da Antártica havia partido para as regiões polares.

Desde o início sabia-se que a aviação desempenharia papel importante na exploração do sexto continente. Antes da partida da expedição, os aviadores navais haviam declarado que fariam vôos sôbre a Antártica, utilizando aparelhos equipados com máquinas fotográficas de modêlo especial e que, em cada missão, cobririam 2.400 quilômetros (cada aparelho)! Um dêsses aviadores, interrogado pelos jornalistas, afirmou:

— "Se os vôos se realizarem em condições favoráveis, poderemos examinar cêrca de 5.000.000 de quilômetros quadrados das regiões da Antártica ainda desconhecidas."

Em 1 de janeiro de 1947, ao receber a notícia de que os três grupos da frota tinham atingido os seus objetivos, o almirante Richard Byrd partiu por sua vez na direção da Antártica. Chegou às costas da Pequena América em 27 do mesmo mês, ainda a tempo de saber que os aviões do Pine Island haviam descoberto uma cadeia de montanhas **e de terras livres de gêlo nas regiões inexploradas da Terra de Eliswirth, ao sul do Mar de Roosevelt.**



Enviado especial de Hitler, Bormann (à esquerda) sempre foi um grande viajante. Hoje ainda é visto no Chile, na Espanha e até mesmo na própria Alemanha...

No dia 12 de fevereiro seguinte, o almirante Byrd anunciou:

— "Descobriu-se na Antártica um "oásis" formado por lagos de água lamacenta, de côr verde escura. Essa região lacustre, de 30 quilômetros de largura e de 65 quilômetros de comprimento, é totalmente desprovida de gêlo e se encontra a curta distância da costa de Knox."

Dezoito dias mais tarde, as **"fôrças expedicionárias do almirante Byrd"** — tal foi a própria expressão do comunicado — anunciaram que haviam descoberto outro "oásis" na Antártica. O capitão Robert Quackenbusch, chefe do pessoal da expedição, foi mais minucioso:

— "Êsse oásis se encontra próximo dos Montes Westfold, a uns oitocentos quilômetros a oeste da região dos lagos multicôres e desprovidos de gêlo, descobertos em 11 de fevereiro." declarou.

★

A verdadeira missão das fôrças expedicionárias do almirante Byrd era, justamente, a exploração aérea do Continente Antártico, pois que dos 4.000 homens que formavam a expedição, 197 apenas desembarcaram no continente. Levantaram seu acampamento sôbre a Pequena América. A atividade principal dessa expedição consistiu em sobrevoar metòdicamente as grandes regiões desconhecidas da Antártica e a organizar mapas fotográficos. Ora, segundo as próprias declarações do almirante Byrd sôbre os resultados obtidos **os aparelhos fotográficos empre-**



O conquistador no castelo de Hradcan, ditando ordens ao Presidente Hachas, o homem que se viu forçado a ir até Berlim assinar um tratado de inteira submissão sob pena de invasão e bombardeio e mais tarde, foi pôsto à frente do «govêrno» do Protetorado.

**gados por seus aviões funcionaram em combinação com detectores termomagnéticos. Êsses detectores, extremamente sensíveis, podem assinalar a presença de um ser humano a milhares de metros de distância, mesmo que esteja esc ndido no interior de um edifício!** No correr de suas declarações, Byrd afirmou que os seus aviões sobrevoaram ao todo 2.000.000 de quilômetros quadrados, mas os resultados dessas explorações não foram revelados. Porém o fato dessa expedição se haver ocupado apenas com as explorações aéreas, explica igualmente por que suspendeu tão bruscamente seus trabalhos que não duraram sequer sessenta dias. Os porta-aviões, bases dos aviões exploradores, não podem permanecer nos mares gelados da Antártica durante o inverno e, nessas condições, com a aproximação dessa estação, forçoso foi suspender a atividade da aviação



**Depois da ocupação da Tchecoslováquia, Adolf Hitler chega a Praga como conquistador...**

★

Mais recentemente, outro grande jornal editado na Suíça publicou sensacionais "revelações" de um jornalista italiano: Giancarlo Ottani.

Essas revelações confirmam de maneira indiscutível, a presença de uma colônia alemã, escondida na Antártica. No citado artigo, do qual transcreveremos o essencial, Giancarlo Ottani explica de que modo Hitler e seus acompanhantes podem ser municiados incessantemente por cúmplices instalados na América do Sul.

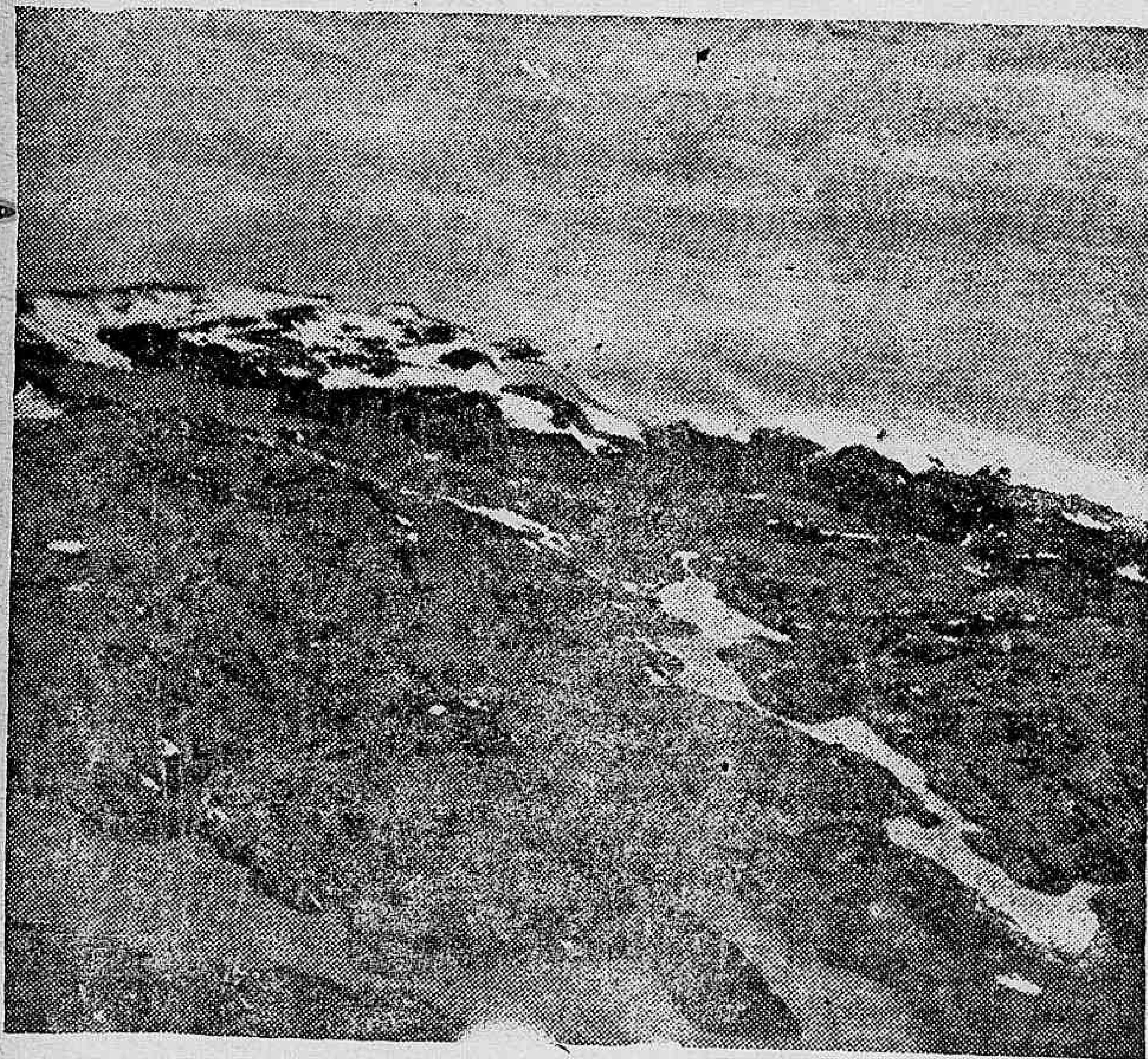
"A primeira pessoa que me falou de uma colônia alemã, instalada desde 1945, numa ilha do canal de Boogle, Terra do Fogo, foi Mr. MacKay, administrador de uma das mais importantes "estâncias" da poderosa Companhia Menendez. Foi quando junto viajamos, em novembro de 1949, num avião comercial argentino, que faz duas vêzes por semana o trajeto Buenos Aires-Ushuaia. Eu me dirigia, justamente para a última localidade, a fim de obter informações sôbre a colônia de italianos, emigrados em 1948 para essa cidade do extremo sul do continente sul-americano.

"Como jornalista, isto deveria ser anotado pelo senhor — disse-me MacKay — Todos aqui temos a certeza de que Martin Bormann se esconde nesta cidade".

Eu já ouvira falar vagamente, na própria redação de "La Prensa", da presença de Bormann na Terra do Fogo. Mas não prestara grande atenção. A insistência do Escocês me animou a fazer algumas pesquisas por conta própria entre os residentes de Ushuaia, Rio-Gallegos e Punta-Areñas. Pude, então, chegar às seguintes conclusões: não apenas Bormann se encontrava na Terra do Fogo, como deixavam que ali vivesse tranqüilo; possuía grande barco a motor, graças ao qual podia atingir as costas da Patagônia e também um excelente automóvel de marca americana, que lhe permitia ir de Punta-Arenas ao Chile. Possuía papéis que protegiam inteiramente seu anonimato, podendo igualmente contar com a solidariedade da colônia alemã (nazista cem por cento), espalhada pela Patagônia chilena, nas fazendas situadas a cinqüenta ou cem quilômetros dos centros habitados.

"E aqui estão as provas do que afirmo:

**FORNECIMENTOS PARA UM REGIMENTO** — Já me haviam afirmado várias vêzes que uma colônia alemã se estabelecera na ilha da Decepção. Eu ia, afinal, veri-



**A costa desolada onde Hitler pode ter encontrado refúgio. No meio dos gelos da Austrália, um «oásis» de clima temperado.**



**O almirante Byrd, que sempre declarava ser muito dispendioso conduzir cem homens ao Polo Sul, pediu que lhe fôssem entregues quatro mil em 1947.**

ficar êsse fato, graças a Mr. MacKay, que me ofereceu hospitalidade. Eu encontraria em sua residência Mr. Stuart, excelente tosquiador de carneiros. Contou-me Mr. Stuart com a sua fleuma britânica que na manhã de 28 de junho de 1945, ocupado com uma pescaria de salmão nas margens do canal de Beagle, surpreendeu-se ao ver um estranho objeto navegar ao longe. **"Uma espécie de chaminé — segundo declarou — que saía da água meio metro pelo menos."** Movido pela curiosidade, acionou o motor de sua embarcação para se aproximar do objeto, não distante da costa. Ia já alcançá-lo quando o mesmo desapareceu. Imaginou imediatamente que se tratava de um submarino, provàvelmente da Marinha de Guerra argentina. Poucos dias depois, a Rádio oficial argentina anunciava a captura de um submarino alemão. Comunicou-se com as autoridades locais, que não pareceram interessadas pelas suas declarações. As coisas morreram ali mesmo. Todavia, ninguém pôde convencer Mr. Stuart de que não se tratava do "U-530".

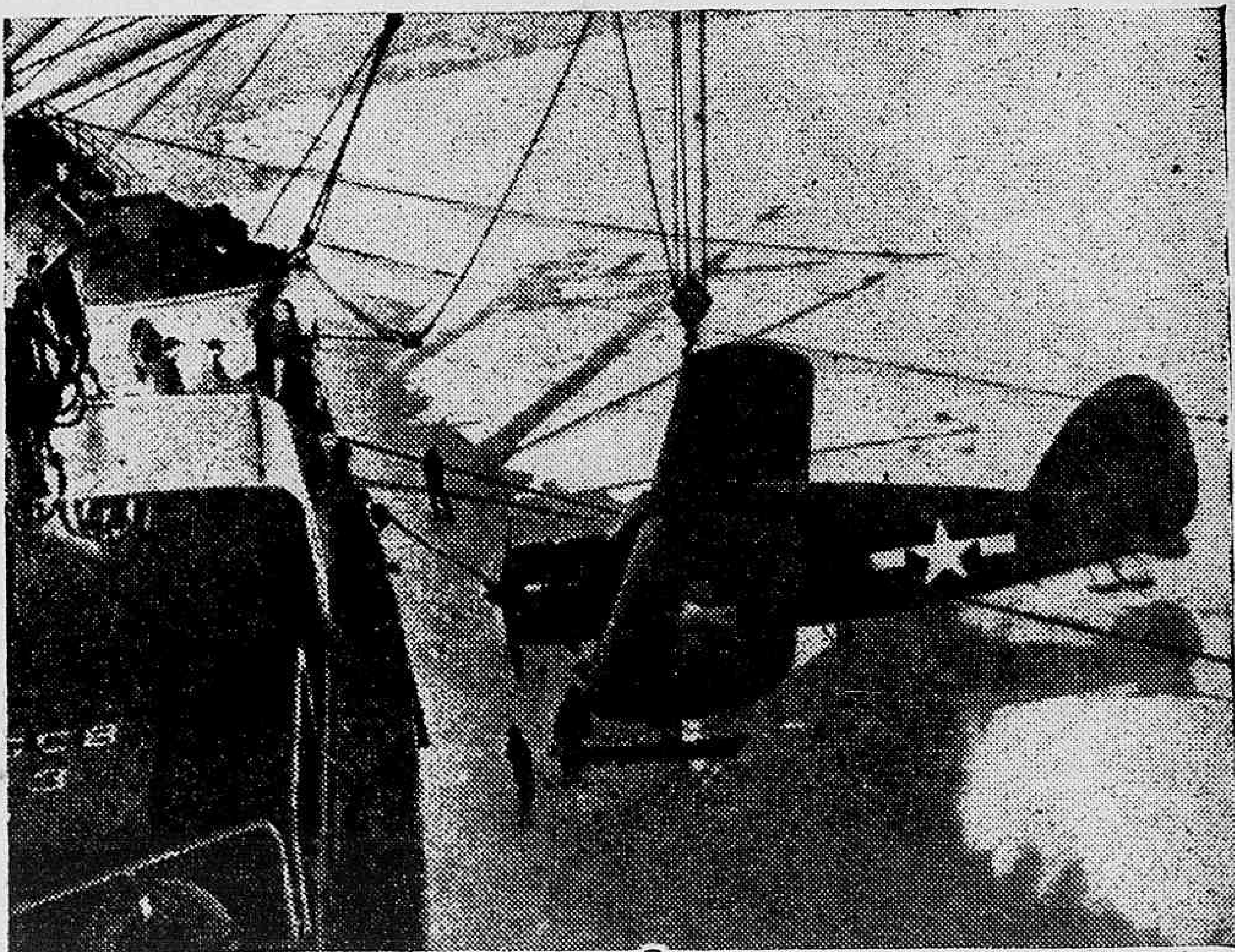
"Eu fazia compras no grande armazém de Guttierrez, quando ali entraram quatro desconhecidos. Eram Alemães, sem dúvida. Um índio, Onas, os acompanhava. Como não falassem espanhol e eu conheço bastante o alemão, servi de intérprete entre os desconhecidos e Gutierrez. **Êles compraram o suficiente para todo um regimento! Gutierrez propôs mandar tudo no enderêço dos compradores, porém êstes recusaram informando que residiam MUITO LONGE. Com a ajuda de um caminhão alugado, transportaram as compras para uma grande embarcação que aguardava no pôrto.**

Agradeceram e, a seguir, rumaram para o mar alto, na direção de Ushuaia. Ninguém mais tornou a ver êsses homens!

Decidido, porém, a seguir êsse caso, dirigi-me ao armazém de Gutierrez, que confirmou tudo o que eu já sabia e acrescentou:

— "O senhor, que vai a Ushuaia, poderá fàcilmente interrogar Pasqualino. E' um Italiano que conhece os canais da Terra de Fogo como a palma da própria mão. Se alguém pode saber alguma coisa é êle. Leve-lhe uma garrafa de vinho e será recebido como se fôsse o presidente da República."

"Dois dias mais tarde, retomei o avião e três horas depois de alçar vôo desembarcava em Ushuaia, na margem direita do canal de Beagle, situada em frente à ilha Navarrino, pertencente ao Chile. Nevava e ventava furiosamente sôbre Ushuaia, que é a cidade localizada mais ao sul do continente sul-americano. Além dela penetra-se numa região a princípio coberta de bosque bem nutrido e, a seguir, absolutamente nua e varrida por um vento glacial, que sopra impetuosamente vinte e quatro horas por dia e durante doze meses de cada ano. E' a região pré-antártica. Os habitantes de Ushuaia são em sua maioria Chilenos, oriundos de brancos e índios do lugar (Terra de Fogo). São poucos os cidadãos argentinos e muitos os suecos e alemães. Os italianos são também em bom número. Ushuaia está situada em território pertencente à Argentina.



**Os Americanos desembarcam um avião de reconhecimento. Mas como encontrar um pequeno campo dentro de um espaço tão grande?**



# AS PEDRAS

Por H. M. VANDERCOOK

KOLA aceitou o desafio. Era a isso obrigado, como curandeiro, o homem-todo-poderoso da pequenina aldeia da África central. E bem sabia quais seriam as conseqüências, caso fracassasse com as suas **mágicas,** perante os da sua tribo!

Sòmente o seu filho ficara ao seu lado, prêso pela fé inquebrantável no poder paterno. Kola sempre desejara que um dia seu filho único e adorado, Bokawa, pudesse tomar o seu lugar e proteger a sua gente com boa experiência, cuidados infatigáveis e larga visão.

Já ocorrera muitas vêzes o que agora se repetia. Os elementos moços, irreverentes e progressistas da aldeia clamando por uma transformação nos velhos hábitos, aos gritos de **"Fora com as velhacarias! O poder de Kola não serve mais para nada!"**

Até então, sempre o curandeiro conseguira dominar essa impetuosidade cega dos moços e conquistar o seu respeito não isento de temor.

Entretanto — segundo o próprio Kola reconhecia, com ar pensativo e desolado — tudo aquilo que gritavam era verdade. Êle estava ficando velho, muito velho mesmo. Dentro de poucos anos mais iria reunir-se aos espíritos de seus respeitáveis antepassados. Se pudesse, ao menos, obter mais triunfo, um só que fôsse, a aldeia inteira continuaria a viver obediente aos seus conselhos até ao ano próximo, quando o seu filho atingiria a idade necessária.

— "Como pode isso acontecer? — perguntava Kola a si mesmo, o peito cheio de angústia — Como ousam negar que a aldeia prosperou sempre obediente às minhas sugestões? Como negar que me dediquei sempre à felicidade de todos?

E Kola era sincero assim refletindo, com o rosto redondo e reluzente apoiado contra o peito largo. No interior da choça sagrada as sombras já che-





# FALADORAS

**"TALVEZ TENHAMOS MUITO QUE APRENDER COM OS "MÁGICOS" AFRICANOS."**

gavam aos seus pés. Repentinamente, dobrou o escuro corpanzil numa silenciosa reverência aos seus sempre amados antepassados. Ao amanhecer teria que surpreender a gente da sua aldeia com suas secretas mágicas.

Então Kola sorriu. Sorriu em silêncio, longamente, ao pensar na sua **mágica.** Acreditava nela, como seu pai acreditara e o pai de seu pai e antes dêste outros antepassados tinham acreditado. Mas não acreditava **como acreditavam os da aldeia.** Acreditava, sim, mas de maneira diferente.

★

O sol da manhã desceu sôbre a sua carantonha coberta de traços de côres vivas e penetrou pelas suas pálpebras semi-cerradas, pois há muito estava acordado, refletindo.

Kola não deu as boas-vindas ao novo dia que chegava. Com gestos vagarosos, como alguém que age màquinalmente, tendo o espírito errando muito distante, ergueu-se e amarrou a fita enfeitada com penas de falcão, passando-a em redor da cabeça, pois era como o emblema do seu ofício. Encontrou em seu redor, tudo disposto com atencioso cuidado, leite de cabra e apetitosas bananas maduras, levadas por seu filho, como sempre fazia.

— Não tenho fome esta manhã, Bokawa — disse êle ao filho com voz triste. — Os espíritos roubaram o meu sono e a minha vontade de comer.

— Deram ao menos sabedoria e prudência, pai?

— Pedi muito, meu filho. Espero que êles não me abandonem.

★

O rei da tribo Watusi sentou-se regaladamente em seu trono forrado com pele de leopardo e ouviu

com atenção o que diziam os moços em seu redor. Era um bom rei, dedicado e honesto, segundo pensava Kola ao caminhar vagarosamente na direção do ajuntamento; porém o seu ardente desejo de acertar e fazer justiça, muitas vêzes ultrapassava os limites da sua boa intenção, tornando-se cruel. Quando Kola se aproximou do rei fêz uma profunda saudação.

Então o rei falou:

— Kola. A aldeia anda dizendo que você está muito velho e pronto para iniciar a longa jornada ao encontro dos antepassados.

— Estou velho, sim. — admitiu Kola.

Cochicos excitados seguiram-se a essas palavras e vinham do numeroso grupo formado pelos moços. Quando êsses cochichos se acalmaram e fugiram com o vento, Kola levantou outra vez a enorme cabeça e tornou a falar.

— Meu rosto conta como é grande a minha idade, mas a sabedoria, como as rugas, aumenta sempre com a passagem do tempo.

De novo os cochichos se fizeram ouvir, no seio da multidão de jovens, cochichos agora raivosos. O rei porém já não os ouvia. Atacando com dedos nervosos e grossos os ralos fios da barba enroscada, procurava pesar no cérebro pouco ágil as palavras do seu mágico.

— Por que êle não aponta o ladrão? — gritou uma voz saída do grupo de moços e logo seguida por um côro de **"Ai, Ai"**, enquanto poeira era levantada pelos pés, de sola grossa, batendo em cadência.

O rei logo ergueu a cabeça, como se tivesse achado a solução.

— Na aldeia há um ladrão... — pronunciou, enquanto com os grandes olhos amarelados, onde dançavam as pupilas injetadas de sangue, procurava ler na mente de Kola — Dez homens foram trabalhar no rio. Muito mel foi roubado de uma mulher que lavava roupa...

Com gesto largo e lento apontou para um grupo de dez homens, alinhados diante do seu trono.

—" Lá estão os dez homens. Qual é o ladrão?

Silêncio total se fêz no imenso círculo formado pela gente da aldeia. A tensão cresceu assustadoramente, como nuvem escura antes da chuva. Kola passeou o olhar pelos dez corpos bronzeados. Aquêle era um desafio a que não podia fugir!

Todos esperavam que êle, com a sua grande mágica e o poder que tinha sôbre todos os segredos depressa apontasse o culpado. Caso falhasse, a severa lei da tribo exigia que morresse na fogueira, sendo os seus ossos triturados e as cinzas espalhadas aos ventos, para expulsar seu espírito para outras terras. Tinha que pensar depressa! Repentinamente, levantando a cabeça, Kola falou — e sua voz era novamente firme.

— Bokawa! Vai apanhar para mim a grande bôlsa de pele de antílope!

Quando o filho voltou Kola abriu a bôlsa e escolheu dez pequenas pedras. Feito isso, colocou-as na palma de uma das mãos, cobrindo-as com a outra, por longo tempo.

Vagarosamente, enquanto chocalhava as pedras entre as mãos, Kola iniciou uma canção que aprendera de seu pai e êste de seu avó.

**"Figama wu gakiki** (Falem pedrinhas...)
**"Figama wu gakiki"**

Depois, voltando-se para os dez homens, falou. E sua voz era mais terrível que a voz do trovão.

— Os espíritos estão agora nestas pedras! Se a língua recusar falar, as Pedras Faladoras confessarão pelo culpado!

Aproximou-se do primeiro dos dez homens.

— Abra a bôca! — intimou. O homem obedeceu e Kola com gesto cerimonioso e balbuciando uma prece ininteligível colocou uma pedra em sua língua. E assim fêz com o segundo e com o terceiro homem e continuou até que chegou ao último homem e colocou a última pedra. Então recuou dois passos e fulminou os suspeitos com um olhar ameaçador.

— Os inocentes não devem ter mêdo! — gritou com gesto teatral — Mas o culpado... O culpado cuja língua teima em silenciar será apontado pela Pedra Faladora!

Quando sentiu que os suspeitos estavam impressionados com os seus gestos aparatosos e a sua linguagem firme e absolutamente confiante, Kola voltou ao primeiro homem e ordenou:

— Abra a bôca!

O homem obedeceu e Kola extraiu a pedra molhada de saliva. Assim fêz com o seguinte e outros mais até que retirou da bôca de um dos suspeitos uma pedra quase sêca.

Kola se voltou imediatamente para o rei e gritou para ser ouvido por tôda a aldeia:

— Eis o culpado! Foi êste o ladrão do mel!

O homem acusado logo caíu sôbre os joelhos, confessando seu crime e pedindo clemência.

Por alguns instantes a aldeia inteira ficou imobilizada e emudecida. Então, num só grito, vivas e bênçãos subiram ao ar e caíram sôbre o velho corpo de Kola, como carícias. O rosto do velho "mágico", entretanto, não exibia qualquer sinal de vitória, embora novo e delicioso alento vital acariciasse o seu coração.

De volta à sagrada choça, ornada com fetiches e raizes sagradas, Kola comeu as bananas e bebeu o leite de cabra. Quando terminou, Bokawa, que ardia de curiosidade, perguntou-lhe:

— Como pôde reconhecer o ladrão, pai?

Kola sorriu e espalmou a mão enorme e cansada sôbre um ombro do filho.

— Já é tempo que o meu filho conheça tudo. Já aprendeu o poder secreto das raizes e das fôlhas para salvar e curar os enfermos e fechar as feridas. Agora precisa conhecer o poder do espírito do homem!

Encarou o filho, com olhar bondoso e perguntou, baixando a voz:

— Está lembrado, meu filho, de quando o leão o cercou, junto do rio... e não pôde ao menos gritar?

— Sim, pai... — respondeu Bokawa, que não pudera jamais esquecer aquêle drama de sua existência — Minha bôca estava tão sêca que não podia sequer falar.

— Porque tinha mêdo, meu filho, **muito mêdo!** O espírito do mêdo secou a água da sua bôca... **como fêz com a água da bôca do ladrão, hoje!**

Um brilho de compreensão passou pelos olhos bem abertos do rapaz.

— Estou começando a entender, pai...

—Assim é preciso, meu filho.

Kola dobrou os joelhos, recolhendo as pernas mais confortàvelmente sôbre a esteira, enquanto sorria para o filho, com justificado orgulho. Não tardaria muito para a aldeia ter um novo mágico-curandeiro, moço sim, mas tão respeitado como tinha sido o seu pai e outros muitos antepassados

# EXPLORANDO O BRASIL MERIDIONAL

**(Continuação do número anterior)**

Há, contudo, outro remédio de caráter muito diferente, em que uma grande parte do povo acredita: o sublimado corrosivo de mercúrio, que os caboclos conhecem pelo nome de "sublimão". A primeira pessoa a quem ouvi falando neste remédio foi um dos meus camaradas, que havia vindo da vila do Jataí, nas margens do rio Tibagi. Fiz, mais tarde, uma visita a esta vila e verifiquei que o povo de lá acreditava muito na eficiência do "sublimão" para curar picadas de cobras. A história da descoberta desta qualidade valiosa do "sublimão" me foi contada por duas pessoas idôneas, uma das quais foi o sr. Telêmaco Borba, irmão do diretor de Colônia Teresa.

Certo homem, na província de Mato Grosso, havia sido mordido por uma cobra e, sentindo que ia morrer, mandou chamar um padre para que êle o confessasse. Quando o sacerdote chegou, aproximou-se do moribundo e começou a oficiar. Ao terminar o serviço, o padre perguntou ao doente como se sentia. Êste respondeu que a dor havia passado desde que êle chegara e que agora sentia-se bem. Em vista disso, o padre retirou-se. Ainda não ia longe da casa, quando o doente começou a se contorcer em dores, sendo êle, novamente, chamado para vir confortá-lo. O reverendo voltou e no momento em que pôs a mão no paciente, a dor cessou. O padre, sendo um homem honesto, em vez de dizer que aquela melhora se processava em virtude da presença de sua santa pessoa, explicou, cândidamente, que a sua dor não passava de uma sugestão. Saiu outra vez e a dor do pobre homem voltou novamente. O padre retornou e a dor parou. Escarafunchando o cérebro para ver se encontrava a causa dêste aparente milagre, o padre lembrou-se de que tinha consigo um pequeno pacote de sublimado corrosivo. Tirando-o do bôlso, pôs um pouquinho na parte ferida do doente e foi para o lado de fora da casa. Ao voltar, alguns momentos depois, o paciente lhe disse que não havia sentido mais dores e que estava, com tôda a certeza, melhorando. Em suma, a cura foi completa com o simples encostar (ou, como parece, meramente pela aproximação) dêste pacote de sublimado. Esta história tem qualquer coisa de fabuloso, e não sei se encerra ou não alguma coisa de verdadeiro. O certo é que o sublimado corrosivo de mercúrio é tido, por grande número de pessoas nesta província, como antídoto para mordeduras de cobras.

Na tarde do mesmo dia em que eu vi, pela primeira vez, uma jararaca viva, quase que aumentei os meus conhecimentos sôbre cobras, pisando numa Cobra Preta. Eu havia retrocedido uma pequena distância, na picada, para verificar um êrro cometido pelos picadores. O sol entrava brilhantemente pelas aberturas que haviam sido feitas na floresta, com a derrubada de algumas árvores. Eu caminhava pesadamente por uma dessas clareiras (neste dia o trabalho havia sido mais fatigante do que o habitual) quando vi o reluzir de dois olhos, no chão, fixos e imóveis, sôbre os quais eu fatalmente pisaria se desse mais um passo. Mas vi, ainda a tempo, que era uma cobra enrodilhada, pronta para dar o bote. Dei tamanho salto para trás que esbarrei no homem que me acompanhava, levando uma foice. Quando lhe mostrei o réptil, êle deu um passo para a frente e vibrou-lhe uma foiçada bem no meio, cortando-o em vários pedaços. Durante os dias seguintes eu tinha a impressão de ver uma cobra em cada galho caído na picada, embora não passássemos um dia sem que uma ou mais fôssem mortas na floresta ou no acampamento. Entretanto, passei muito tempo sem ver outra.

À proporção que se passavam os dias e o verão se aproximava cada vez mais, o calor na floresta aumentava gradativamente e, da mesma forma, também os insetos se multiplicavam. Havia uma certa abelha de côr azul e purpúrea, que era um verdadeiro suplício, pelo fato de escolher as lentes e as objetivas dos instrumentos para se abrigar. Fui, uma vez ou duas, ferroado por êste intrometido inseto, quando tentava fazer uma observação. Notei, contudo, que esta abelha evitava a côr vermelha, não pousando nunca na baeta desta côr usada por alguns dos homens. Aproveitei esta descoberta e, daí em diante, tôdas as vêzes que acabava de fazer uma observação, cobria o aparelho com um lenço de sêda vermelho claro, deixando-o assim protegido até ter de usá-lo novamente. A maioria dos insetos sentia mais ou menos ojeriza por tal côr. A exceção para esta regra, que merece registro, é uma abelha pequena, preta e destituída de cúspide, chamada *Mirim*. Êste bichinho é, ao mesmo tempo, o maior tormento e o maior presente da natureza ao habitante da floresta. E' do tamanho de uma môsca doméstica, embora tenha uma aparência mais feia. Como tôdas as outras abelhas, não aparece de manhã cedo, e raramente incomoda antes das dez horas da manhã. Depois desta hora, porém até quase às quatro horas da tarde, fica numa atividade incessante. Pousa, em grande número, atrás do pescoço e no dorso das mãos, cobrindo estas partes completamente. Quando andamos elas nos acompanham, em nuvens, esvoaçando ao redor da cabeça. Exploram cada traço do rosto detalhada e minuciosamente. E' impossível almoçar-se sem engolir uma dúzia delas ou mais. Se alguém abrir a bôca um pouco mais, para dar um grito, uma abelha aproveita a oportunidade para explorar o seu interior, terminando o berro com uma cusparada provocada pelo nojo sentido. Além de ser a mais destemida do mundo dos insetos alados — pois uma pessoa pode tocá-la, apanhá-la e examiná-la à vontade, sem que ela se amedronte — é também a que existe em maior quantidade. Encontrei abelhas desta

espécie, e quase com a mesma abundância, em tôdas as florestas subtropicais da província do Paraná. Não será exagêro se afirmar que uma pessoa, em cinco horas consecutivas, poderia matar por minuto cinqüenta dêstes insetos, que seguidamente pousar-lhe-iam no dorso da mão. Quando a gente enxota um enxame da mão ou da nuca (são as partes que estas abelhas preferem) já há outro enxame preparado para tomar o seu lugar. Elas não dão ferroadas nem mordem, mas há pessoas que não resistem a sensação de cócegas que provocam e, se não cobrirem o pescoço, terão de fugir-lhes como único recurso. Eu me acostumei a elas, depois de algum tempo, e andava o dia todo com talvez quinhentas amontoadas no pescoço, sem que me incomodasse com a sua presença. Muito interessante é que, mais tarde, vim a descobrir nelas um meio de proteção contra os mosquitos, pois, nos lugares de sua predileção (mãos e nuca), se amontoavam em tão grande número que nenhum mosquito encontrava espaço disponível por onde pudesse inserir a sua probóscida. Entretanto, não era só de couraça protetora contra outros insetos mais sanguinários que a abelha *Mirim* servia ao habitante da floresta, mas também de abastecedora de mel, que ela reserva, em grande quantidade, em tôdas as árvores, sendo êste um dos mais úteis produtos naturais dessas grandes matas. Embora sejam inúmeras estas colmeias, só um ôlho prático pode descobri-las entre os ramos. As razões disso são: primeiro, o tamanho minúsculo do próprio inseto, que sai e entra na colmeia quase invisìvelmente, por causa da escuridão da floresta; segundo lugar, vem o seu instinto cuidadoso, que lhe inspira escolher, geralmente, um lugar no tronco liso de uma árvore, aparentemente sólida, para servir de porta de sua morada. Guiada por um maravilhoso instinto, a abelha *Mirim* descobre uma parte ôca no centro de uma árvore, onde o lenhador mais experimentado não suspeitaria da existência de uma cavidade. O pequeno animal abre uma pequenina galeria através da casca, atravessando, digamos, seis ou oito polegadas de madeira sólida antes de chegar a parte ôca do interior. A fim de diminuir ainda mais as possibilidades de incursão de qualquer inimigo, pelo orifício de entrada desta galeria, ela constrói um pequenino tubo ou câmara de cêra que, quando pronto, se projeta do tronco da árvore, em ângulos retos, até uma distância de meia e uma polegada. Não fôra esta construção externa, que é, sem dúvida, destinada a ocultar a entrada de uma certa espécie de formiga vermelha, que gosta muito de subir e descer os troncos das árvores em busca de ervas e larvas, seria impossível ao ôlho humano descobrir o seu esconderijo. Nunca descobri uma colmeia de *Mirim*, e poucos eram os brasileiros que gostavam desta espécie de trabalho. Entretanto, havia um ou dois homens que possuíam um dom (pode-se dizer instinto) que os auxiliava a encontrar em horas, tantas colmeias de abelhas quanto fôsse preciso para abastecer o nosso acampamento por uma semana inteira. O mel, pròpriamente dito, não é encontrado num favo, como acontece com a abelha da colmeia, mas em saquinhos, cada um dos quais pode conter de uma colher-de-chá a uma colher-de-mesa do líquido puro. O sabor é deliciosíssimo, sendo comumente ligeiramente ácido. O mel tem sempre o gôsto frêsco, mesmo com o tempo mais abafadiço, quando o termômetro vai a 98º Far. à sombra. O inimigo principal da abelha *Mirim*, além dos homens, parece ser a formiga vermelha já mencionada. Esta formiga era, algumas vêzes, encontrada no intérior das suas colmeias — apesar da precaução tomada contra a sua intrusão — onde fazia grandes estragos entre as suas larvas. Não sei se esta formiga come mel. Os brasileiros me disseram que êles, ocasionalmente, têm cortado certas colmeias, que encontram cheias de outra espécie de formiga, preta e pequena, que tanto come o mel como as larvas: mas estas eu nunca vi. E' estranho que não encontrássemos ali, além da formiga, aves ou outros animais de qualquer espécie, que bebessem mel, aproveitando assim a grande quantidade que as abelhas *Mirim* oferecem, não se falando das outras variedades de mel que existem. Não posso deixar de pensar que, algum dia, se descobrirá que o chamado tamanduá bandeira é bebedor de mel, pois que, a sua constituição, adapta-se admiràvelmente para isto. Se assim acontecesse, a utilidade da sua longa cauda cerrada, que vem há tanto tempo embaraçando os naturalistas, ficaria completamente explicada. Seria empregada, sem dúvida, como proteção contra os ataques das abelhas enfurecidas, que esvoaçavam enquanto o animal fazia estragos na colmeia.

Além das abelhas, havia grande quantidade de mosquitos. Seus ataques começavam comparativamente cedo, quando o ar estava úmido e vaporoso e a temperatura ainda estava entre 68º e 70º. Quando o sol subia mais e a atmosfera tornava-se mais sêca, êles desapareciam da picada mais ou menos aberta, escondendo-se nas profundezas das ravinas, onde, ocasionalmente, os encontrávamos em grandes quantidades, naquelas horas.

Vespas, maribondos, abelhas grandes e mutucas eram, também, encontrados em grande número, durante certas horas do dia; mas, como mais tarde terei ocasião de voltar a falar sôbre êstes insetos, separadamente, aqui não irei além do registro da sua existência.

O mais desagradável de nossos inimigos na floresta era o repugnante carrapato. Durante o almôço, era a hora em que mais nos devíamos prevenir contra os seus ataques insidiosos. Os picadores, durante o trabalho, deslocavam muitas centenas dêstes bichos do seu lugar habitual, nas fôlhas e brotos do mato baixo, e a picada para trás ia ficando cheia dêles. Para evitarmos, o mais possível, o incômodo de sua presença, costumávamos tombar uma palmeira, lhe tirávamos as fôlhas e as estendíamos no chão para servir de tapête, e depois nos deitávamos. Muitos carrapatos, é certo, encontravam uma maneira de subir por entre as fôlhas, agarrarem-se à roupa e depois arrastarem-se até encontrar alguma parte vulnerável do corpo, onde êles, então, atacariam de tal forma que, se não fôssem imediatamente arrancados, eram, mais tarde, difíceis de ser tirados, sem que parte da cabeça ficasse enterrada na pele. Para algumas pessoas, a ferroada do carrapato é mais venenosa que a de qualquer

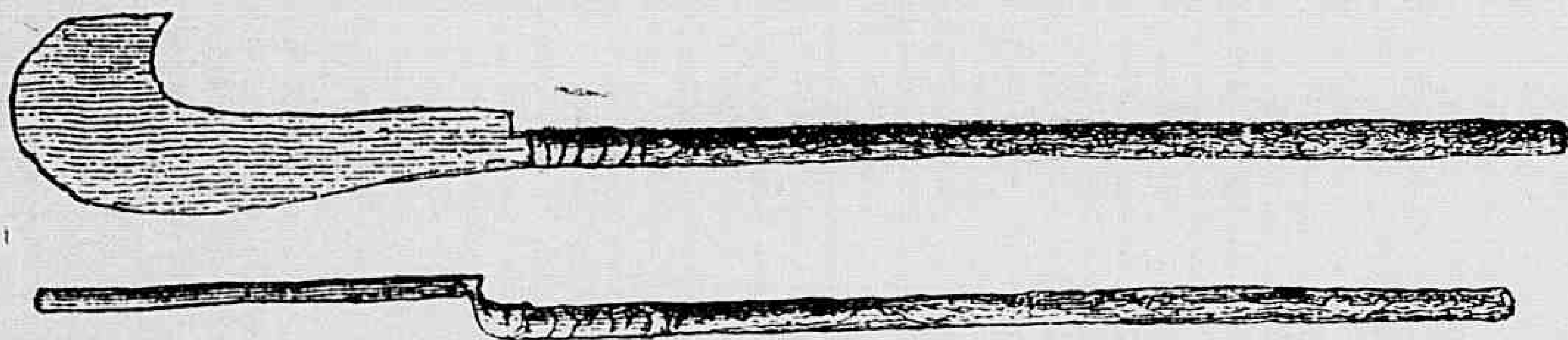
espécie de mosquito ou môsca. Eu, creio, sou uma das raras exceções para esta regra, pois nunca sofri a menor dor ou irritação produzida por êle.

Com tôda esta falta de confôrto e de possibilidades para gozar as delícias da floresta, era, geralmente, um alívio quando chegava a tarde e, mais uma vez, nos encontrávamos na clareira em que estava situado o nosso bivaque. Aí não havia mosquitos nem carrapatos para nos molestar e até mesmo a pequenina "pólvora" sempre se recolhia ainda com a luz do sol.

Em volta do primeiro acampamento existia uma extensão considerável de capoeira que, nesta ocasião, tinha menos de um ano e, por isso, a sua altura não ia além de seis pés. Entrando-se neste mato pela manhã cedo, ouvia-se, comumente, um ruído igual ao que é produzido por uma chuva de granizo, o que era ocasionado pela queda de miríades de besouros azuis e verdes. Êstes lindos bichinhos ficavam, durante as primeiras horas da manhã, privados do uso de suas asas, embora seus sentidos e instintos de conservação permanecessem muitíssimo ativos. Em cada fôlha via-se diversos dêles, os quais, se os fitássemos, soltavam-se imediatamente e, rolando pela fôlha, caíam ao chão desaparecendo entre os galhos secos.

Prendendo-se uma xícara na ponta de uma vara comprida, colocando-a sorrateiramente por baixo das fôlhas, e com outra vara apontando-se para êstes insetos, êles caem e são assim apanhados. Quando são atingidos pelos raios solares recuperam a faculdade de voar, que lhes fôra temporàriamente suspensa. Só de manhã, por êste motivo, podiam ser capturados. Depois mudei o local do acampamento, nunca mais encontrei êsses curiosos besouros.

Como estou falando sôbre insetos, não quero deixar de mencionar um dos mais lindos espetáculos que os insetos de florestas tropicais oferecem, isto é, a exibição noturna dos pirilampos, que começava nesta época. A primeira vez que tive ocasião de vê-los foi da maneira seguinte: um dia eu ficara na floresta até um pouco mais tarde além do habitual e ao chegar à margem do rio, no lugar certo que eu havia determinado para o canoeiro esperar, para levar a mim e aos homens para o acampamento, vi que, por um mal entendido qualquer, as canoas não estavam lá. Escurecia ràpidamente, não havendo, portanto, tempo de mandar um homem, pela floresta, ao acampamento, que ficava distante mais de uma milha. Permanecemos onde estávamos, dando de vez em quando um tiro, para que os homens que viessem do acampamento pudessem nos localizar. Foi o que aconteceu; dentro de meia hora chegaram duas canoas para nos conduzir. Estava, então, completamente escuro e uma chuva muito fina caía brandamente. Quando chegamos ao meio do rio, encontramo-nos flutuando entre duas muralhas brilhantes de fogo. Miríades de pirilampos tinham saído todos juntos da floresta e mostravam seu contentamento pela chuva que descia, reluzindo suas inúmeras luzes ao longo das duas margens do rio. A parte inferior destas paredes de fogo era a mais brilhantemente iluminada — os pirilampos se agrupavam, em elevado número, cêrca de uma jarda acima da superfície da água. De vez em quando uma luz mais brilhante, como um planêta de primeira grandeza, lançava-se impetuosamente da floresta escura, traçava uma órbita bem definida entre a multidão de estrêlas menores e depois adejava majestosamente por cima das cúpolas das árvores em direção à floresta. Êste era um tipo de pirilampo maior que, em adição à usual luz fosforescente da cauda, possuía duas luzes fixas em cada proeminência lateral. Suas luzes eram tão brilhantes que iluminavam os dois lados da picada, como as lanternas de uma carruagem numa estrada escura. A canoa deslizava mansamente e, de vez em quando, eu via um dêstes besouros grandes e luminosos passar voando sôbre o rio, cuja largura neste ponto era de mais de cem jardas, e o som baixo e profundo que acompanhava o seu vôo não era diferente do ronco distante de uma catarata. Nesta noite a exibição dos vagalumes, grandes e pequenos, foi mais brilhante do que o comum, por causa das condições favoráveis da atmosfera.



**A foice brasileira (Dois aspectos)**

Assim como os mosquitos, os vagalumes ficam mais ativos quando o ar está saturado de umidade e quando, ao mesmo tempo, a temperatura não está abaixo de 70º Far.

No dia 14 de outubro saímos do nosso primeiro acampamento, porque a linha de exploração tinha avançado alguma distância, embora, infelizmente, não fôsse acompanhando a margem do rio, mas penetrando quase uma milha para dentro da floresta, forçada pela natureza da região. Talvez ainda tivéssemos de penetrar ainda muito mais.

Êste novo rumo, unido à perda dos serviços de dois membros do grupo, exigia uma nova orientação na marcha da exploração.

Os acampamentos principais ainda tinham de ser situados nas margens do rio, o qual, por fôrça das circunstâncias, continuaria a ser a via de comunicação principal para o transporte de todos os equipamentos pesados.

Êstes acampamentos, entretanto, não podiam continuar a ser usados como tal, para os trabalhos da expedição. Seria muito tempo gasto indo e vindo todos os dias, comprometendo assim a rapidez e a economia do trabalho. Verificamos

que para percorrer cada milha da picada feita à mão, e preparada para êste fim, era preciso uma hora.

Tão difícil era a natureza dos terrenos — tão impossível era fazer uma picada, onde se pudesse andar através da vegetação baixa que a cobria, sem grande gasto de tempo e dinheiro — que andar uma milha neste caminho era mais exaustivo para as fôrças físicas do que dez milhas numa estrada comum.

No dia 19 de outubro êste novo sistema foi, pela primeira vez, pôsto em prática, e naquele dia, eu e uma pequena turma de nove homens partimos para a floresta, carregados de rêdes, instrumentos e provisões para uma semana. Sòmente levamos o que era absolutamente necessário à subsistência, pois as dificuldades de transporte eram muito grandes. Não levamos tendas porque não nos foi possível. Para cozinhar pudemos levar apenas um caldeirão grande de ferro e uma pequena caneca de fôlha de flandres. Feijão, farinha, toucinho, café e sal eram os únicos víveres. Assim carregados, foram necessárias quatro horas para vencermos uma distância de pouco mais de duas milhas. Quando chegamos ao fim da caminhada, as pernas da maioria dos homens que me acompanhavam, dos joelhos para baixo, estavam cobertas de sangue — em virtude dos arranhões produzidos pelos inúmeros espinhos e tocos de árvores, que se projetavam do solo, no caminho.

Nosso primeiro trabalho foi fazer um rancho ou palhoça para nos abrigarmos à noite ou por causa da chuva.

Como a construção de palhoças sempre faz parte da educação de um silvícola, descreverei o tipo mais comumente construído para nosso alojamento de trabalho. O mesmo tipo, embora levantado com um pouco mais de solidez, foi mais tarde usado em nossos acampamentos grandes.

Os únicos materiais usados são palmeiras, varas de bambu e cipós. Conquanto hajam muitas espécies desta última planta parasítica, havia uma qualidade especial que empregávamos invariàvelmente. Esta era, talvez, mais comum de tôdas, sendo encontrada em qualquer parte da floresta, com um comprimento de vinte a trinta pés, e da grossura de um dedo mínimo. Era muito forte, estando a sua resistência na casca. Retorcendo-o ligeiramente antes de usar, podia-se amarrar com êle dando nós, como o fazemos com cordão ou corda, sem receio de rebentá-lo — mesmo sem retorcê-lo, era tão flexível que podia ser enrolar em volta do cabo de um machado sem que se partisse.

São cortados três pares de estacas retas de palmeiras (para se construir um rancho pequeno, cortam-se varas finas). Estas estacas são ponteagudas em baixo e chanfradas em cima. Um par, o mais comprido dos três é enfiado no chão com a distância, um do outro, que se deseja para comprimento do rancho. Êste par sustenta o pau que serve de cumieira (também feito do tronco de uma palmeira) que é amarrado com pedaços de cipó. Os outros dois pares, que são mais curtos, ficam presos no chão em distâncias iguais, de cada lado do par central, para corresponder à largura que se deseja para o rancho. Aos últimos, prendem-se os frechais por meio de cipós. Um travessão horizontal, de cada extremidade, sustenta os três pares de estacas, terminando, assim, a parte mais resistente do rancho. As vigas são de taquara, amarradas com cipó ao pau da cumieira e aos frechais. Um ou dois outros bambus são amarrados horizontalmente por cima das vigas, servindo de ripas, e sôbre estas colocam-se fôlhas de palmeiras. Como cada uma destas fôlhas pode medir de doze a quatorze pés de comprimento, uma carreira em cada lado é cobertura suficiente, se o rancho não fôr muito grande ou se fôr para ser ocupado por poucos dias. Quando as fôlhas estão frescas formam uma proteção perfeita contra o sol ou a chuva. Quando já têm alguns dias, é necessário que sejam mudadas porque encolhem ao secar. Há outras espécies de fôlhas de palmeiras — isto é, as do palmito comestível — que ficam melhor colocadas horizontalmente sôbre os sarrafos, em vez de suspensas verticalmente da cumieira, como as da palmeira maior. Um rancho construído da maneira descrita, de dimensões de quatorze por dez pés, podia ser feito, por um homem, em cêrca de meia hora. Se, por acaso, caísse uma chuva pesada e continuada, era, às vêzes, necessario construir-se um segundo rancho, a fim de acomodar confortàvelmente tôda a turma de trabalhadores.

Foi num dêstes pequenos ranchos, então construídos no meio da floresta, numa distância de meio dia de viagem da povoação, que eu pendurei minha rêde, na tarde de dezenove de outubro. Havia um encanto sutil só em pensar que estávamos agora desligados de todo o mundo, e dependíamos do trabalho de nossas mãos até para fazer o teto que nos abrigava.

## CAPÍTULO IV

*Uma sugestão. ★ Os pássaros dançarinos. ★ Peculiaridades da vegetação da floresta. ★ A Jacutinga. ★ O Suruquá. ★ Domesticando-o. ★ Enfermidade. ★ O sangue da Jacutinga. ★ A bondade de um colono. ★ Os perigos de alguns climas brasileiros. ★ A vida do acampamento. ★ A cigarra. ★ Pescaria no Ivaí. ★ Lagartas que queimam.*

O homem que aspira novas sensações e deseja sair da monotonia da vida diária que leva, deve, de vez em quando, abandonar os confortos do lar e dormir num ambiente agreste. Para sua experiência, êle pode escolher uma noite tranqüila e calma de verão: o local pode ser um sossegado bosque ou uma mata distante, mesmo na prosáica e civilizadíssima Inglaterra. Arrisco-me a dizer que êste homem, naquelas poucas horas, terá sentido um prazer tão sincero e tão grande como nunca o sentira em tôda a sua vida.

Mas substitua, no pensamento, as matas conhecidas da Inglaterra pela vegetação exuberante de uma floresta subtropical brasileira. Em vez da certeza de estar num lugar civilizado, pense estar no meio de uma mata virgem, com silvícolas, estranhos e desconhecidos. Paro agora aqui, para deixar que o leitor diga até onde se exaltam as suas sensações de prazer.

Foi assim que passei a minha primeira noite nas profundezas de uma floresta brasileira — sos-

segado e satisfeito, apesar dos ataques furiosos dos mosquitos durante as primeiras horas.

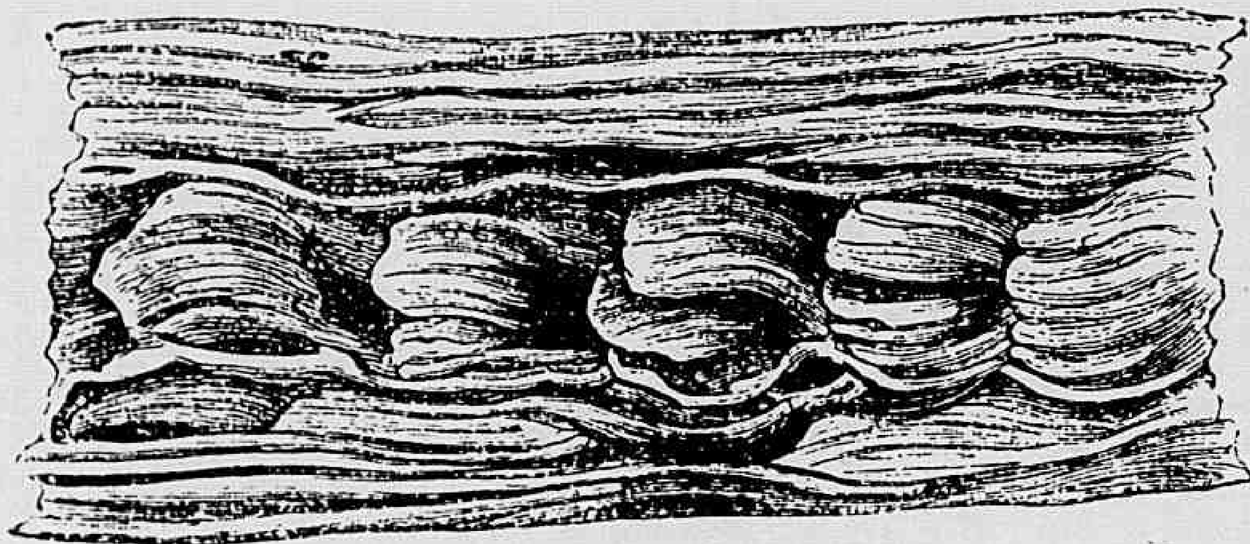
Era domingo o dia seguinte e, por isso, mandei que a turma descansasse. Apenas eu e dois homens fizemos uma caminhada até ao local onde seria o nosso próximo alojamento.

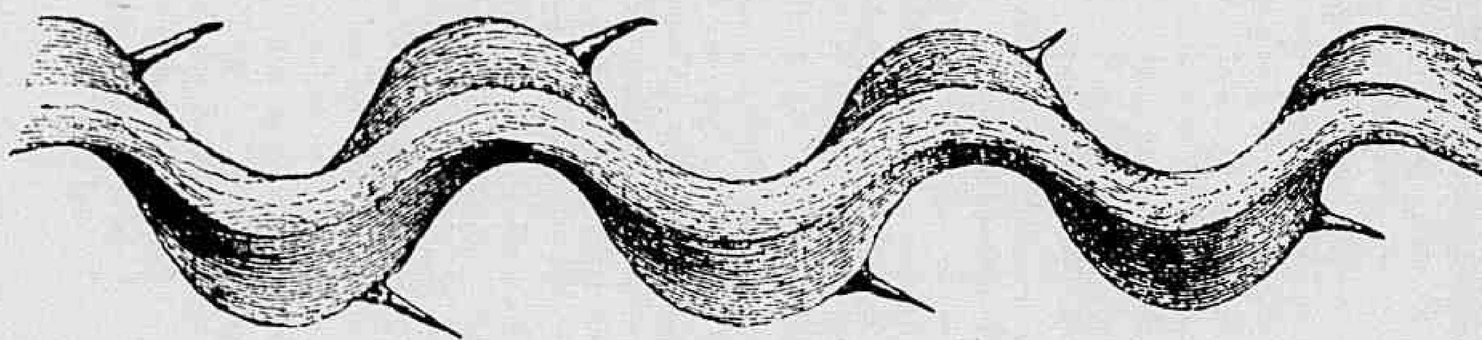
Um dêsses empregados era Pedro Antunes, que desde o início da expedição me fôra muito fiel e sincero. O outro, chamado Messeno Lopes, era seu tio. Na turma dos brasileiros, eram êstes os melhores empregados. Além dêstes dois havia, na turma, outro homem que era muito fiel, mas preguiçoso inveterado. Era Juca, descendente da nobre casa de Andrade, cujo conhecimento, como deve lembrar-se o leitor, fizemos na viagem de Ponta Grossa para Colônia Teresa. Êstes três, por assim dizer, formavam a élite de nosso grupo de brasileiros e eu tinha a certeza de que êles eram homens com quem eu podia contar em tôdas as situações.

E' muito raro, numa floresta brasileira, ouvir-se um pássaro gorjear. Parece que a natureza concentrou tôda a sua fôrça para oferecer belezas que apenas deleitam a visão. Os pássaros canoros de climas mais temperados não são, geralmente, encontrados. Em seu lugar, aparecem papagaios e tucanos de gritos desagradáveis e estridentes, piadores sérios como os japis, com os seus ninhos pretos e amarelos dependurados, ou lamentadores como as pombas, os noitebós e muitos outros com os quais nos familiarizamos no ano seguinte. Pouco tempo depois de eu e Pedro Messeno têrmos saido do nosso alojamento, tivemos a atenção voltada para o gorjeio de um pássaro. Logo que os meus companheiros ouviram-no, convidaram-me para acompanhá-los, dizendo que talvez eu fôsse presenciar uma cena muito curiosa.

Caminhávamos devagar, através da floresta que, neste lugar, não era densa. Cêrca de vinte jardas mais adiante chegamos a uma pequena clareira, cuja vegetação era formada de heras, palmeiras e murtas, enquanto, erguendo-se no firmamento, viam-se dois altos cedros estendendo os seus ramos e sua rica folhagem, estabelecendo um amplo pálio protetor. À uma extremidade da clareira, existia uma bacia, formada pelas águas de uma cachoeira. Em volta desta bacia, achavase reunido um bando de pássaros, do tamanho mais ou menos do melharuco, com linda plumagem azul e um topete vermelho com pontas pretas, no cocoruto. Um dêles estava imóvel num galho, gorjeando, enquanto os outros marcavam o compasso com os pés e as asas e chilreavam executando um acompanhamento em côro. A princípio não pude compreender o que êles estavam fazendo e pensei que estivessem dando uma demonstração de fôrça contra algum inimigo, uma cobra possìvelmente. Depois de ficar ali olhando, por alguns tempo, vi que não era nada disso. Êles não estavam excitados por cólera ou por mêdo de alguma coisa, mas sim, animados pelo poema do companheiro. Era, positivamente, um baile, onde êles davam um concêrto e se divertiam imensamente. Por fim, alguma coisa — nós talvez — os assustou e a festa terminou abruptamente, voando cada passarinho para o seu lado. Meus companheiros explicaram, então, que estas pequeninas criaturas eram conhecidas pelo nome de pássaros dançarinos. Messeno também disse que estava habituado a vê-los executar êstes bailados. Êle garantia que o macho era o menestrel e as fêmeas as dançarinas. Não tive oportunidade de verificar a veracidade desta afirmativa, contudo não lhe dou muito crédito. Provàvelmente, reunem-se machos e fêmeas, como acontece com a maioria dos pássaros antes das núpcias.

Marcamos, para sede de nosso próximo alojamento, um local onde se dava a confluência de três riachos e onde o fluir perene de suas águas arrastava a camada de terra da superfície, deixando à vista apenas o substrato rochoso. Aí, por êsse motivo, a selva era muito descampada.





**Detalhe de cipós em forma de fita.**

Sua vegetação consistia em heras e palmeiras que, nos terrenos rochosos desta natureza, se desenvolvem tão bem.

Os espaços abertos ou clareiras como esta constituem um traço muito caracteristico destas florestas. Aparecem, freqüentemente, em lugares onde o chão é escavado pelas águas da inundação dos riachos e, portanto, encontra-se sempre fio d'água correndo nestes locais. São os retiros prediletos de tôdas as espécies de animais, do maior mamifero, como a anta e o veado, às inúmeras variedades de insetos amantes da luz solar, como as borboletas, as abelhas, as vespas e as môscas de tamanho maior. Por outro lado, as terras das escavações, feitas pelas águas nestas clareiras, são levadas até a um ponto mais baixo, onde o vale é mais largo e menos íngreme e lá se depositam. Surge ali uma vegetação luxuriante de juncos e espinheiros que, como já disse, é o abrigo das espécies diferentes de mosquitos, insetos, e outros bichinhos peculiares dos lugares alagadiços.

Neste lugar matei uma ave que, mais tarde, encontrei em grande número no vale do Ivaí. Era a Jacutinga, uma espécie de Penélope, cuja

aparência variava entre o peru e a faisão. Seria esta ave que, quinze meses depois, iria salvar a existência do segundo grupo quando, durante algumas semanas, ficamos em situação difícil, sem comunicação com as nossas fontes de abastecimento. A mesma ave, pouco tempo depois, prestou-me um serviço do qual jamais me esquecerei.

Matei, também, dois exemplares de uma ave de aspecto muito diferente, chamada Suruquá. E' do tamanho do tordo e, excluindo-se os colibris, pode-se dizer que é o mais lindo habitante alado destas florestas. A plumagem do macho é de uma côr purpúrea e dourado brilhante, na cabeça, por baixo do pescoço e nas costas. O peito é de uma linda côr fortemente avermelhada. As asas são côr de ardósia escura, com pequeninas listras brancas. O bico é muito pequeno, mas a bôca é do tamanho da do noitebó. Os pés e as pernas, comparados ao tamanho da ave, parecem desproporcionadamente fracos e delicados. A plumagem da fêmea é mais sòbriamente colorida do que a do macho. Aquela apresenta uma côr acastanhada singela, enquanto o último é coberto de penas de côr vermelha viva, purpúrea e dourada. As asas de ambos são semelhantes.

Os hábitos destas aves são peculiares. Sua alimentação principal consiste em borboletas e outros insetos voadores de corpo tenro, e sua atividade só é exibida para perseguir a sua prêsa. Afora disso, ficam pousadas, imóveis, no galho de uma árvore, a uns trinta pés acima do solo. A única coisa que fazem, ao ouvir o detonar de uma arma, é voltar a cabeça. Mais de uma vez atirei numa destas aves, com o companheiro a menos de seis jardas de distância, pousado na mesma árvore, olhando, tranqüilamente, sem se perturbar.

O suruquá parecia se sentir atraído pelo ruído dos nossos machados. Freqüentemente, enquanto uma árvore estremecia sob os vigorosos golpes do machado, era comum ver-se uma daquelas aves voar precipitadamente para ali e pousar num dos seus galhos, onde permanecia tranqüila. Tinha-se a impressão de que tôda aquela agitação anterior era provocada pela perseguição de alguma ave de rapina. Creio que o balouçar das fôlhas, devido aos golpes do machado no tronco, os induzia a pensar que havia borboletas adejando em volta da árvore, daí a sua pressa em vir verificar. O fato é que êste pássaro é bem estúpido.

Meus companheiros disseram-me que o suruquá era sempre encontrado nos lugares freqüentados pelas jacutingas, sendo o maior inimigo destas. Explicaram-me, também, que êles ficavam assim pousados, pacientemente, durante horas a fio, esperando que passasse uma jacutinga sôbre a qual êles se atiravam, agarrando-a pela asa e estraçalhando-a em seguida. Esta, pelo que dizem muitos brasileiros, é a utilidade do afiado bico e da bôca exageradamente grande do suruquá.

Pelo que consegui apurar, posso dizer que êste pássaro, pela sua natureza, não serve para tão violenta profissão. Êle é tão delicado que um tiro é suficiente para abatê-lo. Ao tirar a pele de alguns espécimes, precisei ter muito cuidado, caso contrário as penas teriam saído aos punhados. Sua pele é tão delicada como a do bate-fôlhas.

Cozinhamos a Jacutinga para o almôço e depois bebemos o saboroso mel Mirim. Depois de construirmos a palhoça, onde iríamos ficar futuramente, voltamos ao alojamento.

Vou falar por alto a respeito da nossa vida nas selvas nos próximos dias que se sucederam. O trabalho foi árduo e ininterrupto, acompanhado, como era muito natural, sob aquelas circunstâncias, de falta de confôrto e comodidade. Comíamos, principalmente, feijão com farinha, pratos variados com aves que matávamos, ocasionalmente, e com outros produtos naturais da floresta, como mel e palmito. Minha roupa de uso e de cama consistia em uma rêde, duas camisas de flanela e um cobertor leve. Nesta ocasião eu ainda usava o terno de lona — ao qual já me referi — com que trabalhava durante o dia e dormia à noite. Acho que não havia roupa pior para aquêle trabalho, nem para aquêle clima. Eu só esperava receber novas roupas do nosso depósito, para, então, jogá-la fora.

No dia 25 de outubro, depois de têrmos ficado quase uma semana na selva, vivendo da maneira já descrita, aconteceu um fato que quase privou o grupo de outro dos seus membros.

Cêrca das três horas da manhã daquele dia, acordei sentindo muito frio. Saí da minha rêde e fui para perto do fogo, onde comecei a tremer muito. Alguns homens, percebendo que eu não estava me sentindo bem, levantaram-se e emprestaram-me os seus ponchos para que eu me agasalhasse.

Depois de um curto ataque de vômitos violentos, fiz tudo para ficar de pé, mas não tive fôrças. Pensei, a princípio, que estivesse envenenado e dei ordem para que, quando o dia clareasse, fôsse um homem enviado ao acampamento geral para buscar recursos. Fiquei inconsciente por muito tempo e quando voltei a mim, estava sendo carregado por Juca através da floresta. Mais ou menos duas horas depois de ter perdido os sentidos, pela segunda vez, encontrei-me deitado nas margens do rio Barra do Doutor.

Eu me sentia fraquíssimo. Pedia aos homens que estavam junto de mim, um prato de sopa, embora soubesse não ser possível.

Como estivesse deitado de costas, pude ver algumas jacutingas pousadas nas árvores. Pedi, então, a Juca, que banhava o meu rosto com água, para que matasse uma e me desse o sangue para beber. Matou duas e eu bebi-lhe o sangue ainda quente. Êste sangue, creio, salvou-me a vida, porque me deu vigor suficiente para resistir as duas horas seguintes, que foi o tempo que levamos para ir, de canoa, ao sítio do filho da Maruca, na foz do rio Barra.

Um dêsses estranhos acontecimentos que, mesmo aos mais céticos, pode parecer providencial, já me tinha feito pensar que o que eu tinha não era envenenamento, mas um ataque agudo de in-

flamação dos rins (*), cujo tratamento eu sabia ser um banho quente e a aplicação de ventosas. Graças à esta oportuna descoberta do meu mal, pude orientar os homens sôbre a maneira de proceder ao chegarmos ao sítio. Antes de chegarmos lá, ainda perdi os sentidos mais uma vez, só o tendo recuperado quando já estava deitado na cama, com água quente nas costas. Durante dois dias fiquei com aquela gente hospitaleira, seguindo depois para o nosso acampamento geral.

Descrevi êste ataque um tanto detalhadamente, para que o leitor tenha uma idéia do maior — talvez o único — perigo do clima desta parte do Brasil.

Êste perigo reside nas mudanças bruscas de temperatura que ocorrem a curtos intervalos de tempo.

Na noite em que eu adoeci, o termômetro caiu 38ºF. entre às seis da tarde e as três da manhã. No apêndice (nota E) eu dou uma tabela de temperatura, que será, sem dúvida, interessante para muitos leitores dêste livro.. Ver-se-á, por meio dela, que variações de temperatura ainda mais repentinas e mais assustadoras do que as registradas são comuns neste clima.

O conselho que o tropeiro nos deu quando estávamos nas campinas — *"nunca viaje sem o seu poncho"* — pode ser adotado em tôdas as partes das terras altas do Brasil, quer sejam de florestas ou de campo.

Depois desta enfermidade tirei quatro dias para descansar no acampamento geral, onde construi uma palhoça das que o leitor já conhece, com o acréscimo, apenas, de quatro paredes e uma porta. Nesta palhoça que, comparada com as tendas, era muito fresca, eu costumava escrever e desenhar o dia todo, completamente protegido contra os insetos por um grande mosquiteiro que, suspenso dos caibros, encostava no chão e cobria completamente a minha mesa e o meu banco.

Abelhas, vespas e maribondos, môscas de várias espécies e mosquitos rodeavam-me o dia todo, sem, entretanto, encontrarem uma entrada. Se houvesse a *"pólvora"* nesta região, eu, por certo, não teria a satisfação de ficar tão sossegado, porque elas passariam pelas malhas do cortinado como água numa peneira.

O dia todo as cigarras rodopiavam no acampamento, com um chiado que parecia o apito de uma locomotiva. A cigarra se assemelha a uma môsca de tamanho grande, medindo de três a quatro polegadas de uma asa a outra. Sua côr é, geralmente, verde-claro. Tem muita fôrça na asa e vôa com velocidade quase elétrica. Embora possa voar muito, contenta-se em pousar num galho, numa clareira da floresta. Não sei se a cigarra é encontrada só em determinados lugares e nem se a sua vida é limitada a algumas semanas apenas. O fato é que eu não me lembro de a ter visto noutro acampamento ou de ter ouvido o seu estridente chiado, a não ser durante os três meses de Setembro, Outubro e Novembro.

O que os espaços abertos do grande rio eram para as andorinhas, as clareiras e descampados da floresta pareciam ser para a cigarra, que dominava todos os insetos de gênero inferior (*).

E' uma das inúmeras espécies de insetos que aparecem com a aproximação do verão e que, tendo cumprido a sua missão de disseminação das sementes de uma nova geração, morre, ou quando começam as chuvas no mês de Dezembro, ou alguns meses mais tarde, quando começa o tempo frio, ficando assim a floresta sem novedécimos de seus insetos.

Às cinco horas, mais ou menos, tôdas as tardes, o ar ficava sensìvelmente mais fresco, e eu costumava ir pescar.

Um dos nossos empregados europeus, um sueco chamado Oberg, estava constantemente no acampamento, onde ia tratar de Lundholm, que ainda se achava doente. Oberg era um pescador entusiasmado e tinha prazer de me acompanhar nas pescarias.

A correnteza, do outro lado do rio, bem em frente ao acampamento, era muito forte, devido a um pequeno encachoeirado que havia mais para cima.

Era êste o local predileto para nossas pescarias. Ancorávamos a canoa no meio do rio, jogando n'água uma pesada pedra amarrada à uma corda. Isto feito, começávamos a pescar. Às vêzes tentávamos pescar com uma môsca, mas nem sempre dava resultado por causa do grande número de andorinhas, que voavam rentes à superfície líquida. Essas andorinhas freqüentemente pagavam as môscas, ficando, em conseqüência disso, prêsas ao anzol. Com linha chumbada, éramos mais bem sucedidos, pois antes do anoitecer conseguíamos de oito a dez libras de peixe.

Começamos a usar uma grande rêde de pescar de Curling. Esta rêde tinha sessenta pés de comprimento e ficava numa profundidade de sete pés dentro d'água: suas malhas eram de duas polegadas e meia, chumbada e com flutuantes de cortiça. Até então, ninguém tivera idéia de quanto ela nos ia ser útil. Em Colônia Teresa tentamos usá-la, mas não tivemos sorte porque a colocamos num lugar do rio onde havia muitos galhos secos de árvore. Quando a puxamos, as malhas prenderam-se, no fundo, rasgando-a.

Desta vez fomos mais precavidos; colocamos a rêde atravessada no rio, ficando, de um lado, prêsa por meio de pesadas pedras perto da margem. Puxamos a outra extremidade para o meio do rio e lá a prendemos da mesma maneira, fi-

(*) *O "acontecimento" a que me referi foi o seguinte: enquanto me encontrava deitado no chão à margem do Barra, à espera da canoa que tinha sido pedida, senti uma dor tão forte que pensei que era chegada a hora da minha morte. Virei-me para Tynson, um dos europeus que me acompanhavam e disse-lhe: — "Tynson, levanta-me, creio que vou morrer". Êle, apoiando um dos joelhos nas minhas costas, manteve-me sentado por alguns minutos; nessa posição senti um alívio extraordinário e, então, percebi repentinamente que o alívio que sentira era provocado pelo calor do joelho de Tynson nas minhas costas. Num segundo compreendi a situação e dei as necessárias instruções para o tratamento a fazer.*

(*) *Mais tarde, depois de haver escrito isso, minha atenção foi despertada por uma descrição muito interessante da cigarra, feita por Louis Figuier, numa obra intitulada "No Mundo dos Insetos". Figuier diz que a cigarra se alimenta exclusivamente da seiva de grandes árvores.*

cando a rêde atravessada na correnteza. Na manhã seguinte, antes do dia clarear, eu e Curling, ansiosos para saber os resultados, pegamos uma canoa e remamos para o local. A experiência havia ultrapassado as nossas expectativas. Mesmo antes de começar a arrastar a rêde para a beirada do rio, já podíamos ver os peixes presos nas malhas. A puxada da rêde produzia grande animação, pois quanto mais a puxávamos, maiores achávamos os peixes. Ao contá-los encontramos quatorze espécies diferentes, que variavam entre duas e dez libras. Ainda havia dois surubis, quatro dourados, o salmão brasileiro, e nada menos de sete cascudos. Quase todos os peixes estavam mortos, embora eu não visse razão para isso. E' bem possível que tenha sido em virtude do esfôrço que fizeram para sair das malhas.

Daí em diante só usávamos rêdes que nós mesmos fazíamos, de vez em quando — colocando-a no rio à noite e tirando-a de manhã. Não adianta colocar-se a rêde durante o dia, porque os peixes vêem as malhas e evitam-nas. Na ocasião de enchentes, isto é, na estação chuvosa, as rêdes não podiam ser usadas por causa da grande quantidade de madeira que descia na correnteza. Era justamente nesta ocasião que os nossos víveres escasseavam, e ser-nos-ia muito util, se pudéssemos usá-las.

Antes de concluir êste capítulo, quero mencionar outra espécie de inseto, que, nesta ocasião, chamou a nossa atenção, em primeiro lugar pela sua extraordinária beleza e em segundo pelo castigo que impunha a quem lhe pusesse a mão. Êste pertence a tribo das lagartas cabeludas. Tôdas as noites, depois do pôr do sol, em volta de tôda a clareira, víamos muitas dezenas destas lagartas luminosas, muitas das quais emitiam luz de cada um dos anéis que constituíam o seu corpo.

A fosforescência não se limitava à parte inferior do animal, como acontece com o pirilampo comum, mas também havia brilho no dorso e nos lados. O efeito óptico era semelhante ao produzido por um trem de estrada de ferro correndo à noite, com todos os carros iluminados. Eram muitas as variedades destas lagartas. O corpo tinha três proteções, isto é, era coberto por uma substância cabeluda que, em algumas espécies, tinham a forma de um musgo e, em outras, a forma de cornos de veados. Tocar naqueles bichos sem proteção nas mãos era quase o mesmo que mexer numa casa de maribondos. Cada cerda dá uma ferroada que produz uma dor semelhante às infringidas por uma espécie de formiga vermelha venenosa, muito comum em certas partes da floresta. Freqüentemente, uma delas caia-nos sôbre a mão ou na nuca, na ocasião em que trabalhávamos numa picada, e a dor era quase intolerável. O lugar ficava imediatamente irritado e inflamava muito. O melhor método de tratamento para estas ferroadas é aplicar-se uma bebida alcoólica, forte, como a cachaça, ou então amônia. As aves não tocam nestas lagartas. Parece que os seus maiores inimigos são certa espécie de formigas pretas, sôbre as quais terei ocasião de falar, mais tarde, e também os maribondos e as vespas.

Era comum, à noite, quatro ou cinco daqueles luminosos insetos subirem as paredes de minha cabana, produzindo uma linda iluminação. Apesar da fosforescência destas lagartas se estender sôbre quase todo o corpo, sua luz, entretanto, não é brilhante como a do pirilampo grande. E' bem mais suave.

São numerosas, especialmente nos meses de outubro e novembro. Como classe são, creio, sem exceção, as mais lindas entre tôda a organização animal destas florestas — quer quando vistas de dia, em seu vestuário musgoso de côr brilhante, quer à noite, quando brilham com todo o esplendor de sua luz fosforescente.

## CAPÍTULO V

*Novamente na floresta. ★ A vida no mundo animal e dos insetos. ★ A borboleta "Chicote". ★ Erupção de pele. ★ A cura com aipo. ★ A primeira caçada de anta. ★ O mensageiro de Curling. ★ Famintos. ★ Expedição de socorro. ★ Um feliz encontro. ★ Outra caçada de antas.*

No dia 1º de Novembro, voltei mais uma vez ao pequeno alojamento da floresta, de onde uma semana antes saira carregado nas costas dos meus auxiliares.

Estava completamente restabelecido, mas sentia, no entanto, ainda mais do que antes, a caminhada cansativa.

Êste alojamento era o segundo que havia construído na floresta. Como já disse superficialmente, ficava situado no ponto convergente de três riachos, retiro predileto de muitos insetos e outros animais. Conhecêramos aí o seu grande número e variedade.

Matamos duas pacas e uma pequena corça de chifres curtos, que um dos nossos cachorros encontrou perto de nossa palhoça. Deparamo-nos também com diversas espécies de aves, como jacutingas, jacus, suruquás e colibris. Em ocasiões diferentes, matamos quatorze cobras, dentro ou perto de nossa palhoça. Uma delas era uma pequena coral, belamente caracterizada, que se ocultara dentro de uma de minhas botas, de onde caiu quando fui calçá-la.

Depois disto, tôdas as vêzes que eu ia calçar as botas não deixava de sacudi-las primeiramente. Nunca mais, porém, encontrei cobras. No entanto, em seu lugar apareciam lagartos, rãs, bichos cabeludos, lagartas queimadeiras e aranhas venenosas. Era incalculável o número de abelhas Mirim que aparecia na clareira do acampamento, nas horas mais quentes do dia. A carne sêca e o toucinho dos empregados ficavam completamente cobertos dêstes insetos. Creio que era o sal dêstes dois artigos que as atraía. Ao contrário da abelha comum não faz o mel de flores. Em primeiro lugar porque há poucas flores nas florestas e as existentes ficam muito longe uma das outras, tornando-se, por isto, insuficiente para a manutenção do grande número de habitantes de suas colmeias. Em segundo lugar porque nunca vi uma destas abelhas pousar numa flor. Seu alimento natural parece consistir, principalmente, em matéria animal em decomposição e, com estas provisões rejeitadas da Natureza, elas fazem o delicioso mel, que é encontrado abundantemente na floresta.

**(Continua no próximo número)**

# A PUPILA RUBRA

Por ANTHONY WYNNE

## CAPÍTULO I

## REPELIDO

POR quê? — esta pergunta incisiva foi feita em tom calmo, como Estele gostava. Seus olhos baixaram diante da serenidade de Jack Derwick.

— Não sei mesmo por que, Jack.

— Mas isso é absurdo — declara êle. — Nós ficamos noivos há dois meses. Nossa felicidade é completa. Que direito tem seu pai de destrui-la desta maneira?

Estele não respondeu. Notou que a extremidade de seus dedos colocados na borda da mesa, empalideciam sob a pressão que lhes dava.

— Eu vou ver seu pai agora mesmo.

— Oh! Não...

Em sua voz ressoava agora uma entonação digna de piedade. Estele se aproximou do noivo e lhe pegou no braço:

— Por mim, Jack... Prometa-me que não falará nada a meu pai.

Ela parecia estar aterrorizada. Jack lhe passa, instintivamente, o braço pela cintura. A jovem não lhe opôs resistência.

— Prometa-me.

— Mas isto significa, afinal, que você aprova a decisão do velho. Diga-me por quê.

— Não é possível.

Êle retira o braço; andou ao longo do quarto e voltou em seguida.

Das janelas abertas podia-se perceber a vista soberba de um dos sítios mais selváticos da costa de Northumbria. Mas êle não prestou atenção a isso.

— Penso que há alguma razão — murmurou.

Jack esboçou amargo sorriso.

— Penso que você não é nem uma espiã, nem tampouco uma ladra, nem... qualquer dessas coisas que impedem, até ao último capítulo, de as heroínas de romances contraírem matrimônio.

Estele não respondeu; mas o sofrimento que se refletia em seus olhos, diziam muito bem do amargor que as últimas palavras pronunciadas por êle lhe causavam. Seu segrêdo, fôsse êle qual fôsse, devia ser terrível. Novamente o rapaz se aproxima dela e lhe toma as mãos.

— Olhe bem para mim, Estele — diz êle docemente.

A jovem ergue a cabeça. Êsse movimento fêz ressaltar o belo tornear de seu pescoço e o contôrno encantador de suas faces. Os raios do sol se refletem em seus cabelos de ouro e os inundam de luz.

— Diga se você ainda me ama.

— Jack, eu o amarei sempre.

Êle se inclina e a beija.

— Ouça-me bem, querida. Eu não insisto em querer saber do seu segrêdo. Permita-me apenas estar ao seu lado em caso de necessidade. Você não poderá mandar-me embora, pois eu não irei.

Um como gemido se escapa dos lábios de Estele.

— Mas é preciso que você parta. Se soubesse como é necessário que...

Parecia que ela reunia tôdas as suas fôrças para um supremo esfôrço. Sua voz se tornou mais calma, embora não menos imperiosa.

— Jack, você diz que me ama. Faça-o por mim, sem perguntar o "por quê", e sem mais demora. Parta esta noite para Londres, para o seu trabalho. Se... se as coisas mudarem... se isto ainda fôr possível, eu irei para sua companhia. Prometo-lhe.

Jack perecebeu que ela tremia ao falar assim.

— Estele, — disse êle — você está com mêdo...

— Sim. E cada hora que você passa a prolongar essa separação, mais aumenta o meu receio. Se, ao menos, você consentisse em partir, eu teria — creio — a fôrça necessária.

O sentido misterioso dessas palavras atingiram Jack no fundo do coração. Não havia uma hora antes, êle se julgava o eleito da Fortuna, tendo essa bela moça por noiva, e uma carreira magnífica a abrir-se diante dêle. Êle se deixa cair numa cadeira e ampara a cabeça nas mãos.

— Que Deus me perdôe, — diz êle em voz alta — mas eu não posso obedecer-te.

Sua fraqueza parecia corrigir-se, e, de novo, dar resolução e firmeza à sua fôrça moral.

— Ouça-me — fala Estele vivamente — já avisei, por telegrama dirigido ao *Times* e ao *Morning Post*, comunicando que o nosso noivado estava rompido. Já encarreguei a Travers de adquirir uma cabine para você no expresso noturno. Sua bagagem estará na estação às dez horas.

Jack se ergue precipitadamente. Os olhos chispavam de cólera.

— Quer isto dizer que eu fui repelido, antes mesmo de dar o meu consentimento... Eu já declarei que não irei jamais antes de falar com seu pai e pedir-lhe que...

Sua voz estaca. Êle já sentia os efeitos dessa situação. O olhar de sua noiva, cheio de censuras, era tão doloroso que êle não pôde suportá-lo. Um soluço escapou de seu peito. Êle se volta e sai

do quarto. Quando Jack a deixou só, Estele se sentou na poltrona em que êle estivera sentado. E os seus olhos estavam vazios de lágrimas.

## CAPÍTULO II

## UM ENCONTRO

Ao deixar Estele, seguiu Jack diretamente para seu quarto de dormir. Seu criado estava ocupado a retirar a roupa da noite. Jack lhe disse em poucas palavras que não era preciso separar a roupa. E concluiu:

— Eu regresso a Londres esta noite, Bayne. E' melhor fazer logo a mala.

Bayne já tinha visto seu patrão com êsse mau-humor. Não procura, sequer, tentar descobrir a razão dessa mudança súbita. Jack toma de um gorro e da bengala e sai para um passeio a pé.

Por essa bela tarde de novembro, êle se dirige para a beira-mar. Era uma de suas excursões favoritas e se sentia agora, mais que nunca, necessitado de receber a frescura que flutuava no ar. As primeiras colorações de belo pôr de sol, começavam a invadir o céu.

Continuou sua marcha ao longo das falésias, deixando que ondas de pensamento, tal como torrentes tumultuosas, turbilhonassem em sua cabeça. Estava seguindo o seu método, pois era assim que sempre agia quando tinha que tomar alguma decisão grave, método êsse que já o havia tornado famoso no tribunal de Justiça e na tribuna do Parlamento. Êle sempre achou que, uma vez passado o primeiro fluxo de incoerências, uma idéia clara, simples, se desenhava e lhe permitia apreciar o problema no seu conjunto e resolvê-lo. À medida que Jack passeava, mais se aproximava o pôr do sol, semeando ali e acolá, sôbre as águas do oceano, manchas de um rosa vivo. Mais além, confundindo-se com as luzes do ocaso, a bruma diáfana que mal permitia distinguir as linhas de um barco a flutuar sôbre as águas. Jack pára, olha-o fixamente, até que a vela desaparece no horizonte. Então êle se volta e passa a contemplar Calthorpe Hall, a residência de Estele, onde estavam tôdas as suas aspirações. A casa se envolvia na penumbra da tarde que morria, mas sua silhueta se destacava nìtidamente contra o céu que lhe fazia fundo de paisagem, e evocava todo o seu poder rude e majestoso. Os próprios pinheiros que a cercavam, pareciam pequeninos em comparação com o edifício. Sir William Armand — pensava Jack — soube muito bem escolher maravilhoso recanto onde passar a velhice.

Mas êstes pensamentos cederam lugar a uma onda de amarguras. Por que razão êsse homem, considerado em tôda a Inglaterra como um dos juristas mais hábeis de seu tempo, e, certamente com uma admirável personalidade, teria decidido insurgir-se contra a felicidade de sua filha? Era Estele, êle bem o sabia, o ídolo de seu pai, objeto de todos os seus pensamentos e de suas ambições. A implacável verdade, voltando a absorver-lhe os pensamentos, fê-lo morder os lábios. Qualquer que fôsse a razão, ela teria satisfeito ao pai de sua noiva, bem como a esta, da mesma forma, razão poderosa aos olhos de um homem, muito mais ainda do que aos olhos de uma mulher. O instinto de homem do Direito e da Lei, se fixa inteiramente sôbre êste aspecto. Quantas vêzes tinha êle visto objeções, dúvidas aparentemente fortes contra homens, julgados sem fundamento por mulheres e deixados de lado por isso. O espírito entre os homens e as mulheres trabalha diferentemente. Jack havia achado, com efeito, que a linha de conduta que êle se havia traçado nesses casos difíceis em que os homens e as mulheres os vêem do mesmo ângulo, deveria ser encontrada a solução dentro da própria natureza humana. Dinheiro e ambição, — os dois grandes móveis inumanos de conduta — sempre dividiram os dois sexos.

Entretanto, êle não podia, por um só instante sequer, admitir a idéia de que Estele houvesse deixado de amá-lo. Êle a conhecia muito bem para saber que, nesse caso, ela lhe teria dito com a maior franqueza. Não era moça para andar com mistérios em tôrno de um fato desagradável; seria capaz de enfrentar as dificuldades e dizer tudo, olhando face a face para o noivo.

Não. Ela o amava mais que nunca. Quem sabe se estava agindo assim para seu bem?

Tudo isso era, em verdade, uma idéia absurda. Que vantagem teria, na accepção mais material da palavra, na perda de uma das mais belas e, certamente, das mais ricas noivas da Inglaterra? A firma de seu pai — Amand & Blunder — era, por si própria, a chave para atingir o Tribunal, e isso êle já havia aproveitado bastante. Nenhum advogado no mundo gozava de maior reputação. Jack diminuiu a marcha, seguindo lentamente, a alma ansiosa e como que atordoada. O caminho, ao longo das escarpas, penetrava um pouco pelo interior, a fim de evitar uma dessas profundas depressões na rocha que formam uma das características da costa.

Entra em cerrado bosque de coníferas ainda tenras e verdes, no qual flutuava ainda, a despeito da avançada estação, delicioso odor de resina. Diante dêle o pequeno lugarejo de Calthorpe aninhando-se no seio das colinas, cujas longas ondulações se elevavam lentamente para a cadeia principal das Cheviots.

A luz se havia tornado mais tênue, mas ainda servia, mais que nunca, para real-

çar a beleza das coisas. Seu olhar foi da tôrre quadrada da velha igreja, com a casa do ministro emergindo por detrás das árvores, até aos tetos das casas, agora revestidos de púrpura esmaecida de incomparável riqueza. Chegara à igreja e se detém durante alguns segundos nas dolorosas recordações de sua vida. Fôra ali que êles se prometeram em casamen'o. Estele e êle projetaram o enlace naquele local. Depois da cerimônia, deveriam ir a pé ao longo das falésias, segundo um velho costume dos Squires de Calthorpe. E êle reviu, numa rápida visão o rosto de Estele, quando ela lhe pediu que aquiescesse a tal respeito, em obediência a uma tradição local.

Como êsse tempo maravilhoso parecia agora tão distante e impossível! Como distante e impossível era o último domingo passado, quando os dois, no banco da família, haviam assistido jun'os ao ofício religioso, êle ajoelhado ao seu lado, agradecia a Deus pela grande felicidade que lhe havia concedido.

Colocando os cotovelos sôbre o baixo muro que cercava o cemitério, seus olhos erraram sem objetivos por entre as ruas de túmulos. Uma sepultura nova, como se fôra aberta no dia anterior, parecia uma cicatriz entre as relvas, estendia-se diante dêle. Em face da cova, seu coração como que parou de pulsar. Jack cobriu o rosto com as mãos.

Um passo ressoa por detrás dêle. Jack se volta ràpidamente e dá cara a cara com o pastor da paróquia, o reverendo Hargreave Willoughby.

— Como!? O Sr. Dermick!...

E lhe estendeu a mão cordialmente, ajuntando:

— Pelo que vejo, miss Armand não deve estar longe, não?

Jack hesita um momento. Êle apreciou a perspicácia do pastor, mas achou preferível manter-se em silêncio. Além de tudo não havia ainda abandonado tôda a esperança.

— Oh! Não — disse êle com ares tão indiferentes quanto possível, estou sòzinho e estava a fazer uma pequena excursão a pé, antes de jantar. Dei umas voltas ao longo das falésias, a fim de gozar um pouco do magnífico espetáculo do crepúsculo.

O padre aprova a idéia com um aceno de cabeça. Seu rosto delicado e com o aspec'o de um asceta se ilumina de entusiasmo:

— Os ocasos do sol em Northumbria são divinos — declara. — Êles nos demonstram, cada dia, quanto está pertinho de nós a glória do Criador! Venha então a nossa casa para tomar uma xícara de chá. Minha criada ficará muito contente com isso.

No estado de ânimo em que estava Jack, aquêle convite lhe sorriu. Tirar-lhe-ia, pelo menos durante alguns momentos, o amargor de seus pensamentos. Em companhia do bom pároco, êle contorna a igreja, seguindo en'ão a estrada estreita que, bordada de faias, conduzia diretamente ao jardim da casa paroquial.

Quando entraram na sala de visitas, o chá foi servido, acompanhado de espêssas fatias de pão com manteiga parcimoniosamente aplicada. Êle já ouvira dizer que a situação não estava muito boa.

Uma olhadela para as vestes do reverendo Hargreave confirma essa impressão. Estavam muito surradas, bastante sujo o casacão, indicando que a escôva não o via desde muito. Manchas que, com certeza eram produzidas por sua bicicleta, se viam ao longo da calça, que, assim como o casacão, es'ava com várias marcas de sujo. Contudo, a bondade pessoal do pároco fazia esquecer suas vestes cotiadas. Quando êle falava de seu trabalho, das esperanças que nos mesmos depositava, seu rosto se iluminava e isto explicava perfeitamente a afeição que todos lhe tinham e o respeito geral de que gozava. Jack pensava, com efeito, que os olhos do padre refletiam uma exaltação mística que jamais tinha visto antes. Eram olhos estranhos, profundos, quase loucos, que brilhavam à medida que o reverendo falava, olhos que deviam ser os mesmos dos santos e mártires... Era preciso conhecer e olhar o pároco Hargreave para se saber como era grande o poder do espírito ou da alma sôbre a matéria... Tais homens constituem a fôrça e a glória da Igreja.

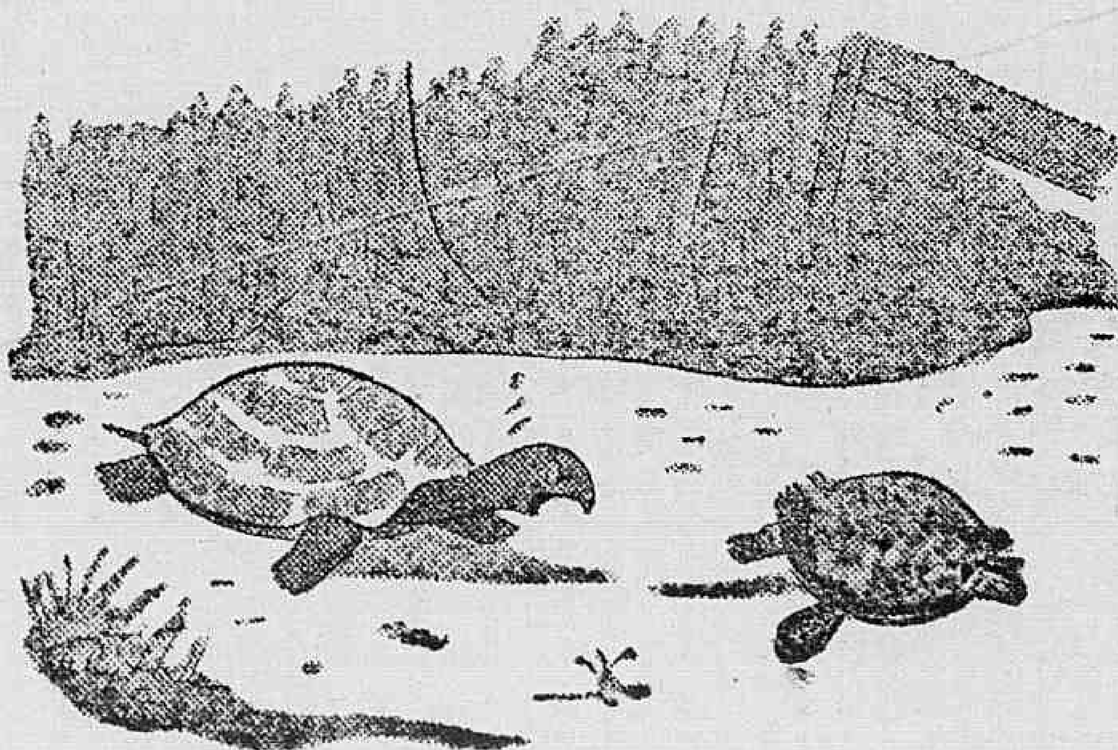
Quando Jack se levantou para partir, já estava muito mais calmo.

Estendendo-lhe a mão, falou:

— Não creio que o senhor saiba o quanto me fêz bem com a sua amabilidade, Sr. Willoughby. Mas posso dizer-lhe que, tendo miss Armand rompido o nosso noivado, é talvez a última oportunidade que tenho para agradecer-lhe a sua gentileza.

— Não diga!

Os olhos do pastor se arregalaram.



— **Recolha essa cabeça, bôbo, e passe a pôr onde deve ser!**

— Oh! — exclama êle. — Esta notícia me causa muita pena!

O vigário se mostra profundamente impressionado e se põe a passear ao longo da sala, para lá e para cá, em passos nervosos.

— Acha o senhor que os meus serviços de mediador seriam bem aceitos? — pergunta êle. — Tenho a impressão de que há alguma coisa a fazer, qualquer coisa a consertar. Deve haver algo errado em alguma parte...

— Penso que qualquer interferência de nada valeria. Sir William já decidiu assim — diz Jack — e Estele parece estar conformada com a decisão paterna.

O pastor parou e Jack notou que seu rosto estava vermelho. Suas mãos se abriam e se fechavam nervosamente, de uma forma tôda particular.

— O pai dela ordenou a miss Estele que o repelisse? — exclama êle com inflexão emocionada. — Mas isso é impossível!

— Desgraçadamente é verdade.

Jack se dispôs a partir. O ministro religioso o acompanha até à porta, mas sem pronunciar uma só palavra mais. Jack estava certo de que o vigário era um bom sujeito, ao mesmo tempo que um bravo lutador pela vida, sempre pronto a compartilhar das desventuras alheias. Seu oferecimento de mediação vinha de excelente coração. A cólera contra Sir William se tornou mais viva no espírito de Jack, quando êle se pôs a comparar o procedimento quase brutal de um, com as demonstrações de afeto demonstradas pelo vigário. O pai de Estele deveria, pelo menos, ter-lhe dado alguma razão sôbre o infeliz desfecho do noivado.

Uma expressão de ódio se estampou na fisionomia do rapaz. De súbito, êle não evita uma exclamação de surprêsa.

E' que divisou, a alguns metros de onde estava, atravessando o campo na direção da vila, sua ex-noiva, Estele em pessoa. Se bem que as trevas já cercassem o ambiente, Jack viu com nitidez que era Estele. Com a maior pressa, êle se dirigiu para o ponto onde sabia que o caminho se cruzava com a estrada real. Êsse ponto se achava entre uma casa e o hotel da localidade. A casa lhe roubou, por alguns instantes, a visão do local em que vinha a moça. Quando êle ficou em ângulo mais favorável, ela novamente ficou visível; mas, para grande surprêsa de Jack, a jovem torceu caminho e retomou, a passos rápidos, a direção de casa.

Na certa ela o havia visto antes, ou ao mesmo tempo em que êle a percebera, e, não desejando encontrar-se com o ex-noivo, recuara no trajeto que levava. Jack teve ímpetos de correr atrás dela, mas hesitou. De certo que a decisão de sua ex-noiva não mudara depois do último encontro com ela. E êle perguntava a seus botões, qual a razão que havia levado Estele, já tão tarde, até à vila, e se ela voltaria pelo mesmo caminho, quando se certificasse de que êle já não estava mais ali na encruzilhada. Embora soubesse êle a respeito da natureza e hábitos de Estele, não se lembrava de a ter visto agir assim em tempo nenhum.

E o rapaz resolveu esperar uns instantes e depois segui-la até ao seu castelo.

## CAPÍTULO III

## DESAPARECIDO

Todo mundo soube, dois dias mais tarde, do desaparecimento de Sir William Armand, principal sócio da firma Armand & Blunder. A notícia causou o maior reboliço nos meios jurídicos, porquanto Sir William era considerado como um homem no qual se podia, em qualquer circunstância, confiar qualquer causa, pois que êle era tido como pessoa da mais absoluta competência. A idéia de que desaparecera sùbitamente, sem deixar o menor traço, ou sem nenhuma explicação, parecia fato impossível e até grotesco.

Na Scotland Yard era grande a sensação, pois que chegavam de Calthorp os mais perturbadores relatos. Êle havia sido visto dois dias antes (isto é, no dia em que Estele rompera o noivado com Jack Dervick), ali pelas 4 horas da tarde. Era a essa hora que êle costumava deixar a hospedaria do "Black Bull" para dirigir-se a sua casa ao longo da falésia. Um estrangeiro, de nome Sawyer, que estava no albergue, e com quem êle tivera antes uma conferência de uma hora a portas fechadas, o acompanhava.

— E' um caso muito complicado — declara o Chefe, depois de ler todo o relatório que acabava de receber do comissário do distrito.

— Que pensa você disso, Biles?

— Acho também que é um caso muito encrencado.

O inspetor Biles falava em tom muito calmo, mas suas maneiras eram delicadas e firmes. Era êle um homem de estatura alta, sêco, cabelos frisados, olhos claros. Mas sua expressão era descansada, de bonacheirão.

— Com certeza você conheceu Sir William, não?

— Tive oportunidade de encontrá-lo. Pedi um relatório sôbre sua vida, antes de vir aqui. Mas não há nada que interesse.

— Nada, absolutamente.

— E êste Sr . Sawyer?

O policial move a cabeça negativamente. Não havia nenhuma informação a seu respeito.

— Enfim, — diz o Chefe — arranje-se da melhor maneira. O caso está entregue a você, é inteiramente de sua alçada.

Acho que você vai partir esta noite para o norte, não?

— Sim. E' preciso que eu esteja lá.

Quando Biles chega a sua casa encontra sôbre sua mesa de trabalho mais um relatório sôbre Sir William. Dizia-se no documento que êle havia deixado de participar ativamente dos negócios da firma, havia dois anos, se bem que não houvesse solicitado demissão oficial.

— Onde encontrou isso? — pergunta o inspetor de polícia a seu secretário sentado a um "bureau" junto ao seu.

— Na Agenda du Northumberland. Esta referência apareceu pela primeira vez no ano passado.

— Nada mais?

— Que eu saiba, não.

Biles releu com muita atenção os despachos do comissário do distrito. Êle procura focalizar, mentalmente, segundo o seu costume, um panorama do mistério. O "Black Bull" devia ser o modêlo normal de um albergue do campo, quente, com ligeiro odor de cerveja e presunto. Os quartos de dormir eram, sem dúvida, no primeiro andar, limpos, um pouco úmidos, com os leitos espaçosos, com suas cobertas em ordem. Sir William, certamente, não teria jamais convidado nenhum de seus clientes para tratar de assuntos ali.

Mas, por que iria êle incomodar-se para vir ver um estrangeiro hospedado ali por uma só noite? Êle devia estar ao corrente da vinda do Sr. Sawyer. Com certeza tivera um encontro com êle. Por que não convidara o Sr. Sawyer para ir ao seu castelo? A descrição dêsse misterioso personagem era irritantemente suscinta. Um homem de meia idade, bem pôsto, um tanto corpulento, usando barba e aparentando ares de quem anda um pouco agitado. Êsse retrato podia aplicar-se a todos os viajantes comerciais. Oh! Êsses policiais rurais são todos a mesma coisa. Êles, embora cravem os olhos em alguém, é como se não vissem nada.

Meteu a cabeça entre as mãos e deixou seus pensamentos girarem em tôrno do complicado assunto. Depois de muito matutar, considerou o caso extraordinário. Como admitir-se o desaparecimento de um homem de idade já avançada numa região onde era conhecido de todo mundo? As únicas explicações possíveis eram, naturalmente, o suicídio, o assassínio, ou o desaparecimento voluntário. Quanto às duas primeiras hipóteses, estavam fora de qualquer cogitação, embora tudo fôsse possível neste mundo; mas era a última que poderia fornecer a chave do mistério. De ordinário, essas pessoas já idosas não se matam com as próprias mãos. Mas são muito inclinadas a ir-se embora misteriosamente para outras terras... mesmo quando gozam de reputação ilibada.

— Mandou minha nota prevenindo todos os portos? — pergunta Biles a seu secretário.

— Sim, senhor.

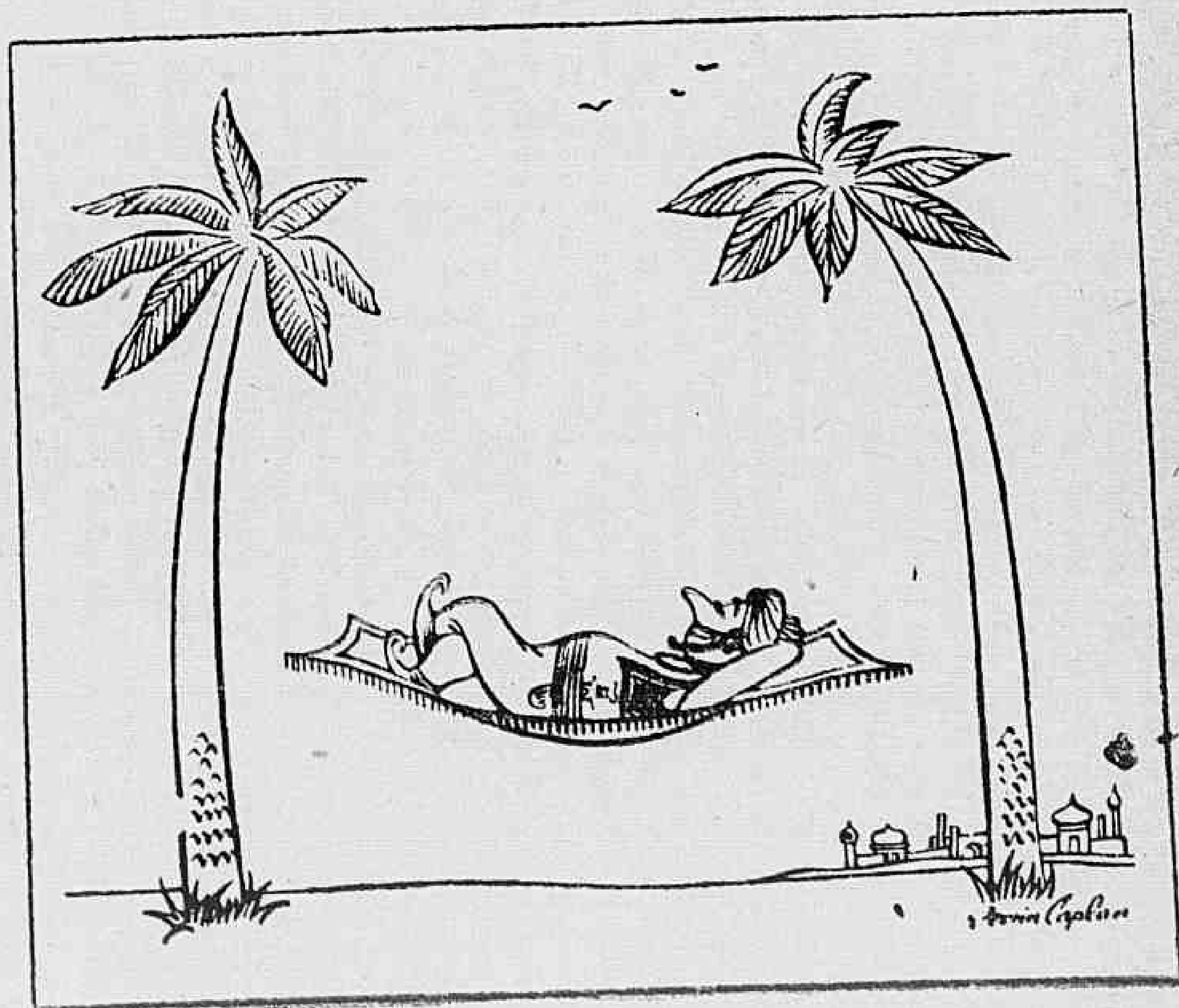
— Com todos os sinais de Sir William Armand?

— Sim, senhor.

O trem partia da estação de King's Cross, às 9.45. Eram seis horas, ainda. Biles resolveu ir jantar, imediatamente em sua casa. Antes de partir êle deixa ordem para serem enviadas ao "Black Bull" em Calthorpe para colherem informes acêrca de William ou em relação à firma Armand & Blunder. Tomou um táxi para Hampstead, imaginando em detalhes o projeto que lhe surgia e ressurgia no espírito, durante o trajeto. Era seu costume invariável, tôda vez que estava com um problema difícil para resolver, meditar muito antes de agir, e, depois de assentar um plano, verificar ponto por ponto no seu conjunto. Êste método podia ter suas desvantagens, mas muitas vêzes demonstrara seu real valor para que êle sonhasse em substituí-lo por um dêsses golpes geniais que os romancistas atribuem, constantemente, aos seus heróis policiais.

Sua residência, situada no alto de Holly Hill, dava a vista sôbre Londres. Da janela de seu quarto de trabalho, descortinava-se esplêndido panorama de campanários e de templos. Nascido em Hampstead, êle não desejava voltar lá sem estar seguro de absoluto sucesso.

Sua cozinheira, uma alegre e pequenina mulher, de rosto redondo como um pomo, havia preparado a ceia. Êle se sentou imediatamente à mesa, mas comeu pouco. A superexcitação de um novo crime predominava em seu espírito. Ao dirigir-se à estação da estrada de ferro, começou a pensar em Mr. Sawyer. No escritório de Sir William nada havia que esclarecesse a menor parte do fato. O Sr. Blunder tinha declarado, sem rebuços, ao detective que fôra incumbido de entrevistá-lo, que, ao que sabia, a firma não pos-



suía nenhum cliente com êsse nome. Biles não podia descobrir nenhuma razão para que Blunder, sócio de William, houvesse faltado com a verdade. Parecia, pois, com tôda a evidência, que William deveria man'er outros i•'erêsses em negócios particulares e ordinários.

Mas, quais? Os homens ricos guardam, zelosamente, o segrêdo de suas aplicações de dinheiro. Mas não empregam como homens de confiança pessoas sôbre as quais tenham hesitações e não as possam convidar para visitas em suas casas. A própria idéia de um encontro clandestino repugna a um homem da lei, pelo menos em circunstâncias que viessem comprometer a reputação de nobreza do mesmo. Não; quanto mais êle pensava no misterioso caso, mais certo estava de que devia haver aí qualquer coisa, talvez, a ameaçar-lhe a segurança e a tranqüilidade de espírito. Não podia haver nisso uma mulher, se bem que a hipótese não pudesse ser absolu'amente excluída. Talvez que o caso girasse, com tôda probabilidade, em tôrno de uma questão de dinheiro.

Imediatamente, antes de adormecer, os pensamentos do policial se transportaram para a filha de Sir William, Estele, bem como para seu noivo, Jack Derwick. Conheceriam êles, por acaso, as causas que determinaram os acontecimentos dêsses últimos dias?

## CAPÍTULO IV

## UM CASO MUITO SÉRIO

Às seis horas da manhã do dia seguinte, Biles descia no expresso em Newcastle. Ficou irritado quando no'ou que teria ainda de esperar umas duas horas. Ou havia êrro nos horários das estradas de ferro, ou então o seu secretário, a quem consultara, não tinha compreendido bem o caso da correspondência de comboios. Encaminhou-se ao restaurante e pediu uma xícara de chá. A empregadinha que o atendeu parecia disposta a manter com êle alguma palestra, e, ao fim de um ou dois minutos, começou o detective a falar sôbre o caso de Calthorpe, partindo do princípio de que os empregados que servem o público, nas estações, estão sempre a par de tôdas as novidades.

Desta vez a recompensa não se fêz esperar .Essa mocinha que servia no restaurante era natural de um povoado situado a duas milhas de Calthorpe, e apenas fazia um dia que estivera em visita à sua família. E ela estava com boa carga de novidades.

Tais novidades não passavam, porém, de tagarelices de comadres. De tudo o que ela disse, sòmente um detalhe pareceu de alguma importância a Biles, e foi o de ter Jack Derwick abandonado, sùbitamente, a residência de Calthorpe, precisamente na mesma noite do desaparecimento de Sir William.

— E como soube você disso? — perguntou êle à garçonete.

— Pela filha do meu primo, que trabalha como ajudante de cozinheira. Ela disse que Miss Estele tinha chorado apaixonadamente quando o Sr. John partiu.

— Mas como pode uma ajudante de cozinha ter tido ocasião de ver sua patroa em lágrimas?

— Também pensei nisso; mas a menina não viu Miss Estele a chorar. Quem lhe disse foi a criada de quarto. E o mais curioso de tudo isto é que Miss Estele se recolheu aos seus aposentos, naquela noite, antes de jantar. Nem mesmo disse "adeus" ao seu noivo. — e a empregadinha do café ajuntou com ares de quem sabia: — Deve ter havido alguma discussão, evidentemente. Isso lhe impediu de saber do desaparecimento de seu pai antes da manhã do dia seguinte.

— E' um caso muito estranho — disse Biles com ar meditativo, a saborear sua xícara de chá.

— Muito estranho, senhor. Dizem que a polícia de Londres se está ocupando do assun'o. Minha opinião é a de que mataram o velhinho para abocanhar seu dinheiro, apesar de me terem dito que não foi encontrado em parte alguma o seu cadáver.

Fazia muito frio no trem e a viagem foi das mais desagradáveis para Biles. Quando chegou ao ponto de desembarque o comissário do distrito já o estava esperando com o seu carro. Fizeram as cinco milhas que os separavam de Calthorpe à luz do alvorecer dessa maravilhosa paragem do norte, que parecia tôda feita de cristal e de ouro.

Logo que chegaram ao "Black Bull", Biles e o comissário pediram almôço, o qual lhes foi servido com presteza. Quando terminaram o repas'o, ambos se dirigiram a pequeno salão situado na parte posterior do albergue. Biles acende seu grande cachimbo negro e fica de pé, as costas para o fogo, enquanto o comissário, de nome Robson, lhe descreve o assunto até àquele dia. A primeira notícia do desaparecimento de Sir William viera de Calthorpe Hill, têrça-feira pela manhã, um dia depois de ter sido visto pela última vez. Fôra a própria filha, Miss Estele, quem telefonara à polícia. Imediatamen'e se fizeram buscas e rebuscas em tôdas as direções, pesquisando-se os arredores cuidadosamente. Mas, até então, não se havia encontrado o menor vestígio do desaparecido.

— Que pensa você, pessoalmente, dêsse caso? — pergunta Biles com a sua voz calma, a dar-lhe sempre ares de indiferença.

— Creio que Sir William tinha razões para desaparecer.

— Hum! Mas então êle teria partido

de auto ou de trem. Sabe-se perfeitamente que êle não tomou trem nenhum. Que se sabe acêrca de seus automóveis?

— Não se serviu de nenhum dêles.

— Se alugou algum por aí, saber-se-ia. Em tal caso, penso que teremos de concluir que êle fêz longo percurso a pé, ou então, deve ter-se ocultado... supondo-se que tenha êle, realmente, desaparecido.

A fisionomia do comissário se anuviou:

— Pensa o senhor que... — começa êle.

— Não. Eu não tenho ainda nenhuma idéia formada a êsse respeito. Pode ser que você tenha razão. E' apenas difícil de explicar. Agora, me diga: possui algumas informações acêrca dêsse Sawyer que estava com êle?

— Êsse cidadão regressou a Londres pelo trem de Belfort segunda-feira à noite.

— Pelo mesmo trem em que viajou também o Sr. Derwick, noivo de Miss Armand?

O comissário estremeceu.

— Sim. Mas, como sabia disso?

Biles ficou em silêncio durante uns segundos, e depois falou:

— Suponho que você obteve informes do chefe da estação. Ter-lhe-á êle dito, por acaso, que o Sr. Derwick e o Sr. Sawyer tenham viajado juntos?

— Não. Viajaram separadamente.

— Você não soube nada, nada mesmo, a respeito dêsse homem nem de onde veio êle?

— Nada, absolutamente. Na portaria do hotel consta o nome de James Sawyer, Londres. Mas êsse nome não foi escrito por êle mesmo, pois estava com a mão doente, tendo pedido que escrevessem por êle.

O comissário não possuía, realmente, outros informes e não era possível maiores esclarecimentos por êsse caminho. Biles retirou a cinza de seu cachimbo contra o guarda-fogo e sugeriu:

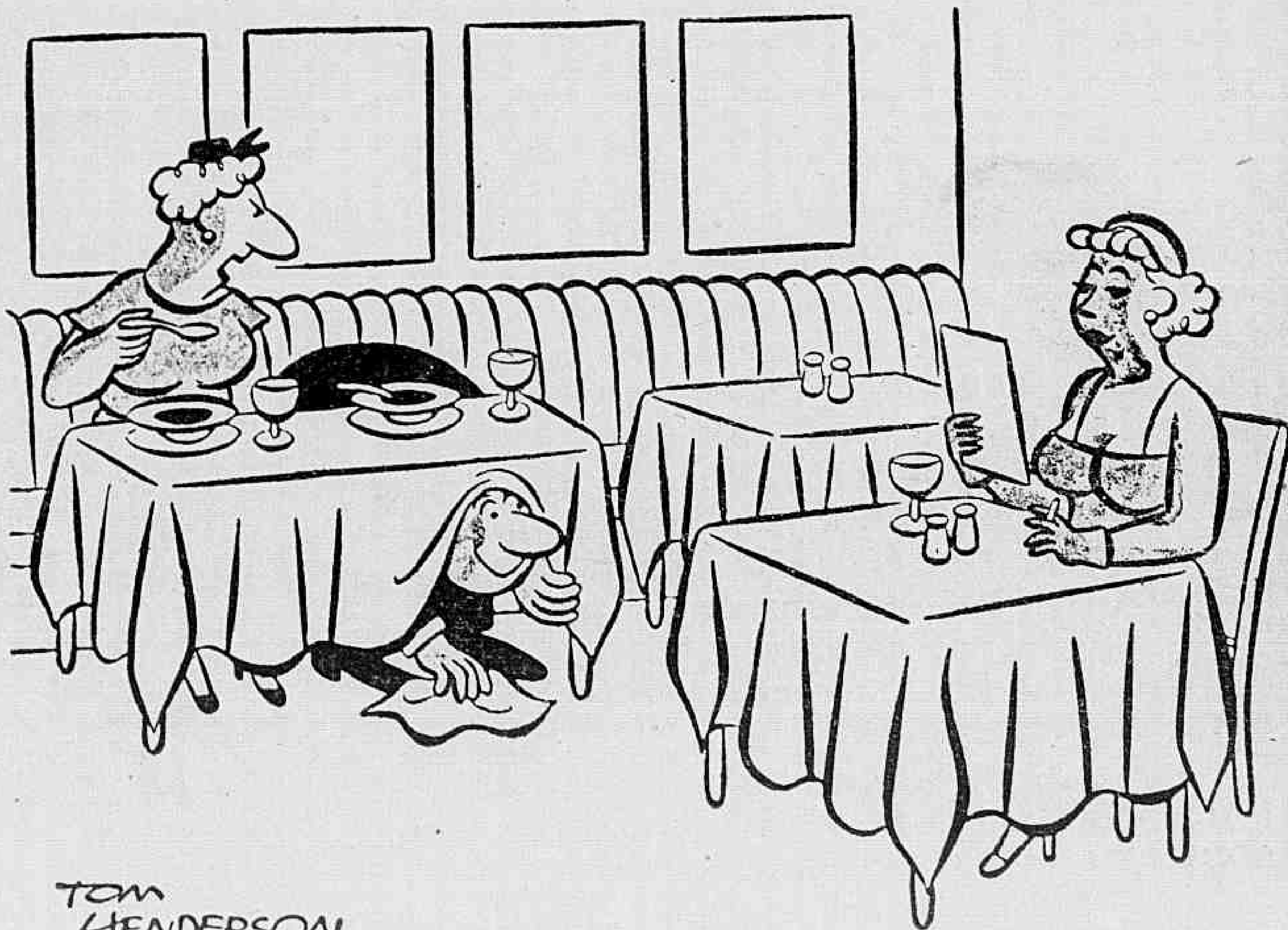
— Se você o permite, irei a pé até à residência de Sir William. Quero seguir pelo caminho ao longo da falésia, onde foi visto o desaparecido pela última vez e tomarei, depois, uma direção. Muito agradecerei se você vier encontrar-se comigo aqui, mais tarde, quando eu regressar da excursão.

Tomou do chapéu e se foi. A rua do povoado parecia estranhamente deserta e abandonada, mas êle sabia que ao norte ninguém podia julgar por essas aparências. Logo que o visitante passava, aparecia, geralmente, uma cabeça em cada janela. Para confirmar a opinião, êle se volta ràpidamente e olha para trás. Lá estava, em cada janela, uma cabeça... Biles sorriu com a prova provada.

Diante dêle se estendia pequeno bosque de árvores novas. À sua direita, a grande mansão de Calthorpe deixava ver as chaminés entre as árvores que a contornavam. A igreja ficava à esquerda. O caminho, por onde êle ia, levava diretamente ao bosque, e, pensou êle, seguia a depressão das falésias na direção da casa da possível vítima. Uma ramificação, que punha em contato direto a casa e a igreja, ia desembocar sôbre a estrada principal em algum ponto lá dentro da mata. O detective fêz de tudo isto um rápido desenho antes de prosseguir em seu passeio.

Atravessou os campos e penetrou no bosque. Chegando ao centro, êle parou, a fim de certificar-se se as árvores constituíam, ou não, uma boa cortina. Não havia nenhum dúvida. Em pleno dia, tudo o que se passasse ali no bosque, poderia ser visto a uma considerável distância.

Sir William havia sido visto ao cair da noite. Naquela hora do dia a cobertura do bosque se fazia mais eficaz. Biles o atravessa por duas vêzes de um lado a outro, e, em seguida, o contorna. Do lado do mar chegou quase à borda da falésia, que naquele ponto não era muito a pique. Era preciso rejeitar, como inadmissível, a hipótese de uma queda e ser o corpo arrastado para o mar. Além disso, Biles estava certo de que a maré estaria baixa na hora do desaparecimento; mas, se o desaparecido não caiu ao mar, para onde então teria ido êle? Que êle se houvesse ocultado em tal sítio, mesmo por uma noite, era inadmissível.




— Não diga que perdeu outra vez o guardanapo...

A única explicação possível era a de que, depois de haver descido a falésia para a praia, houvesse chegado à estrada principal, a alguma distância do povoado. Biles resolveu verificar essa hipótese para sua satisfação pessoal. Mas, como naquele momento o mar estivesse em tôda a sua plenitude, achou melhor deixar a verificação para outra hora e se dirigiu à residência de Sir William. Tocou a campainha. Veio recebê-lo um empregado que foi logo advertindo: "Miss Estele não pode receber ninguém".

— Queira desculpar — disse Biles gentilmente — mas espero que ela fará uma exceção para mim... se o amigo quiser entregar-lhe o meu cartão.

O criado leu e mudou de atitude.

— Queira entrar, senhor — disse, inclinando-se.

Biles foi introduzido no compartimento que reconheceu como sendo o escritório de Sir William.

Era uma sala com móveis fortes, paredes ocultas pelas prateleiras da biblioteca, ocupando o centro um "bureau". Cada cadeira tinha o seu valor. O detective examina ràpidamente o local. Nota que o mata-borrão sôbre a mesa tinha sido usado mui recentemente; muito limpo, apresentava, entretanto, manchas de tinta. Nota ainda que certas partes de um móvel de ferro perto da chaminé tinham sido quebradas e restauradas nos últimos dias. Um fragmento de cêra vermelha, aderente ainda ao "bureau", mostrava que o reparo daquela peça havia sido feito ali, sem dúvida. O vestígio de tinta que ficara no mata-borrão não era muito nítido, mas fàcilmente poderia lerse: "em nossa entrevista", e a assinatura de "William Armand". Ler um mata-borrão sem auxílio de espelho era processo de que Biles estava seguro.

Refletia Refletia na importância dessa descoberta quando Estele entrou. Um rápido olhar sôbre aquêle rosto pálido fêz com que o policial visse tôda a tortura moral por que estava passando a jovem. Mas êle detém os seus sentimentos.

— Miss Estele, eu sou — diz — o inspetor Biles, da Scotland Yard. Mandaram-me até aqui a fim de proceder a investigações a respeito do desaparecimento de seu pai. Vim vê-la porque sei que a senhorita pode ajudar-me.

Com os olhos cravados sôbre o rosto da moça, enquanto lhe falava, percebeu o detective que ela estremeceu um pouco, mas se equilibrou sem demora.

— Ah! Se eu o pudesse! — declara ela. — Estamos tão desolados e sem nenhum sinal de esperança!

— Lastimo sinceramente, senhorita... tanto mais que já estava a sofrer outras contrariedades pessoais.

Novamente os seus olhos claros puderam oferecer outros índices, mas a moça se conteve e apenas esboçou um gesto de assentimento.

— De certo o senhor leu a novidade nos jornais, creio.

Desta vez foi Biles que se surpreendeu, pois que êle nada havia lido na imprensa. Prosseguiu nas indagações acêrca do que lhe dissera aquela garçonete lá em Newcastle. Ìntimamente, êle censurava o seu secretário pela falta cometida em não ler as seções mundanas da imprensa. Por mais que lhe recomendasse, o rapaz sempre se esquecia dessa importante parte dos relatórios.

Continua o detective, ao acaso:

— A ruptura do seu noivado com o Sr. Derwick era assunto liquidado, suponho, antes do desaparecimento de seu pai?

— Oh! Certamente.

— Não há nenhuma relação entre os dois acontecimentos?

— Como poderia haver?

Estele fixa um tanto friamente o seu visitante, mas o detective acredita notar em seus olhos um sentimento algo dissimulado.

— Queira ouvir-me, Miss Armand, — disse êle com a voz mais doce que lhe era possível — eu lhe peço encarecidamente: se a senhorita sabe algo a tal respeito, por mais íntima e pessoal que seja, seu dever é o de pôr-me a par de tudo. Julgo que se trata de um caso extremamente grave.

Estele suspira profundamente.

— Que quer o senhor dizer? — pergunta em voz baixa.

— Quero dizer que os depoimentos, por mais frágeis que tenham sido êles, obtidos até agora, indicam que houve emboscada. Não posso acreditar que um homem na situação de seu pai esteja escondido voluntàriamente.

— Tenho certeza de que êle não faria tal.

— Diga-me, então, tudo o que souber.

Estele fica um momento sem nada dizer. Ainda em pé, ela apenas olhava suas próprias mãos apoiadas sôbre a borda do "bureau" de seu pai. No profundo silêncio que reinava, ouvia-se claramente o ritmo cadenciado das vagas que se quebravam na praia.

Por fim ela olha diretamente o seu interlocutor.

— Nada tenho a dizer, senão que rompi o meu noivado a pedido de meu pai.

Biles refletiu ràpidamente.

— E a senhorita, sem razões profundas, acedeu a êsse pedido?

— Meu pai me deu uma razão. Mas eu prometi guardar segrêdo.

— Mas será que essa promessa não poderá ser quebrada diante das circunstâncias?

— Não. Creio que não.

(Continua no próximon úmero)



# A química socorre a pecuária

FOI a guerra de 1914 que começou a chamar a atenção dos criadores brasileiros para a fortuna latente que êles tinham nas mãos, se fôsse cuidada com interêsse, carinho, e, sobretudo, com espírito moderno e construtivo.

Êsse espírito se vem formando. E hoje a pecuária é uma das nossas grandes riquezas.

Segundo os cálculos mais recentes, o Brasil deve possuir atualmente mais de 100 milhões de cabeças de gado. Sabe-se que em 1938 a estimativa organizada pelo Serviço de Estatística da Produção acusava 96.238.904 animais. Êsse total está assim discriminado: 41.872.874 bovinos; 23.521.666 suinos; 5.850.081 caprinos; 6.709.310 equinos; 4.118.273 asininos e muares.

Como se deduz, é auspicioso o desenvolvimento da pecuária brasileira. O Ministério da Agricultura, por intermédio do Departamento Nacional da Produção Animal, faz o fomento da produção animal, a defesa sanitária dos rebanhos, inspeciona os estabelecimentos e os produtos de origem animal.

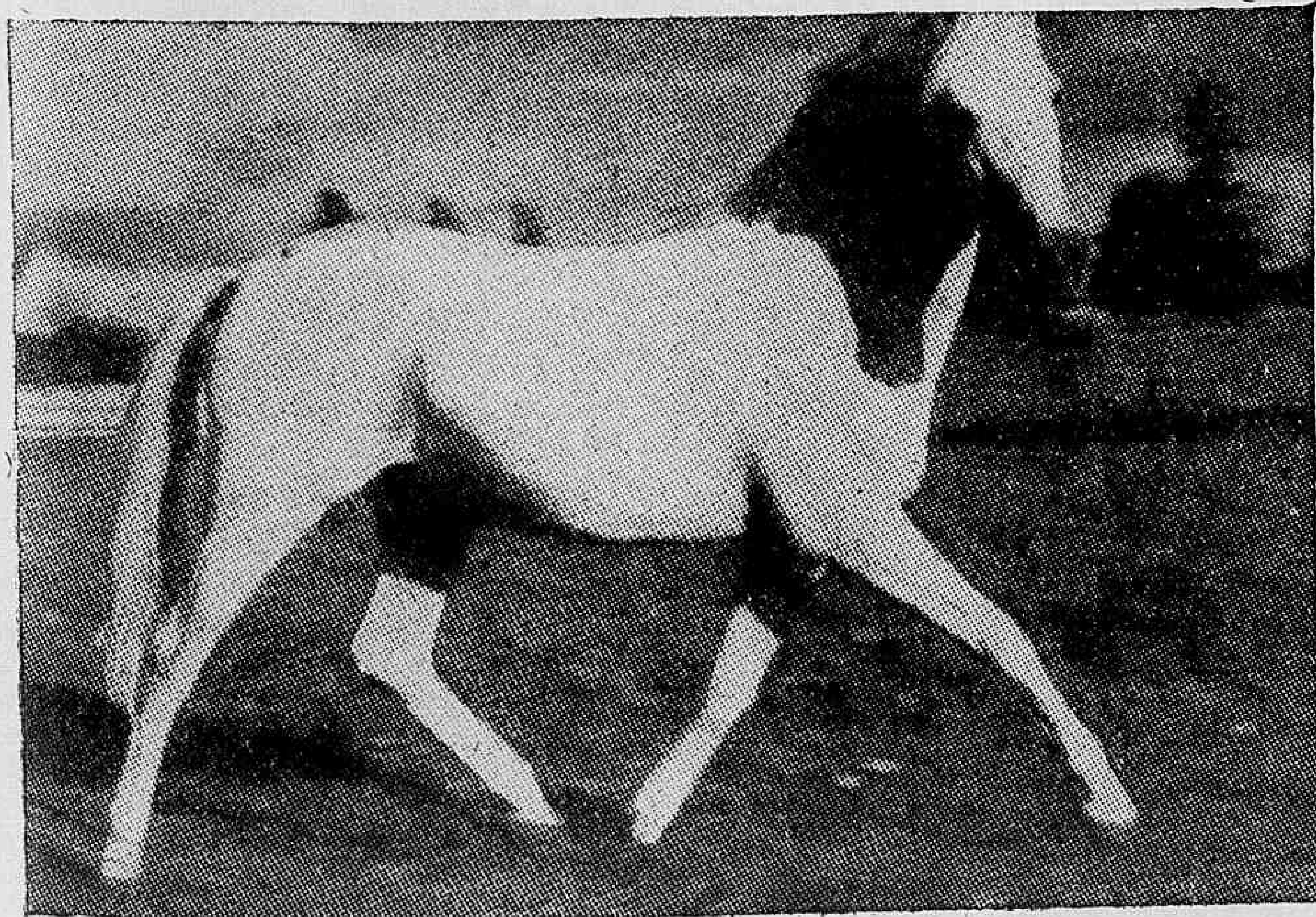
E' fácil avaliar o trabalho do criador animal e o papel importante do veterinário no combate aos males que ameaçam o gado. Dentre êsses males, merece especial atenção a verminose. Felizmente, a química, em boa hora, colocou à disposição dos criadores a fenotiazina, um produto que é o maior amigo do fazendeiro na defesa contra a verminose do gado.

## QUE E' A FENOTIAZINA

A fenotiazina é um composto orgânico e foi produzida sintèticamente pela primeira vez em fins do século XIX. A base da fenotiazina é a difenilamina, derivada do alcatrão de hulha, e o enxofre.

Só recentemente, porém, foi descoberta a utilidade positiva daquele pó verde azulado, insípido e insolúvel na água. Peritos a serviço da Direção Geral de Entomologia dos Estados Unidos começaram a fazer experiências com a droga a fim de ficar comprovado se a mesma poderia ser utilizada nas plantas como inseticida, chegando à conclusão de que era excelente para exterminar diversas pragas da lavoura.

Posteriormente os investigadores científicos do Departamento Zoológico da Direção Geral de Indústria Animal descobriram que, não obstante ser a fenotiazina mortal para os insetos, era relativamente inócua para os animais maiores.



**Admirem a beleza dêste animal soberbo. Êle estaria sèriamente ameaçado pela verminose, se não existisse hoje o milagre da fenotiazina.**

Essa observação foi um estímulo para que continuassem a ser feitas experiências, as quais trouxeram como resultado o aperfeiçoamento da droga até convertê-la em um antelmínico destinado ao extermínio de diversas espécies de parasitas gastro-intestinais.

Desde logo, verificou-se que a fenotiazina atacava eficazmente as lombrigas comuns, os ancilóstomos, as lombrigas intestinais e os vermes nodulares das ovelhas, assim como as ascárides e os vermes nodulares dos porcos. Mais tarde, descobriu-se que o produto é também um excelente remédio contra os estrongilídeos dos cavalos e contra os vermes cecais das aves de criação.

Além de sua eficácia como inseticida e fungicida para as plantas e como antelmíntico para os animais, êsse produto é ainda poderoso antisséptico das vias urinárias.

São muitas as suas utilidades, mas a sua eficácia na cura de animais atacados de parasitas gastro-intestinais é tão notável que é como poderoso antelmíntico que os químicos, os veterinários e os criadores classificam a fenotiazina — "uma das maravilhas do século".



**Tratar bem os animais é compensador. O vigor**

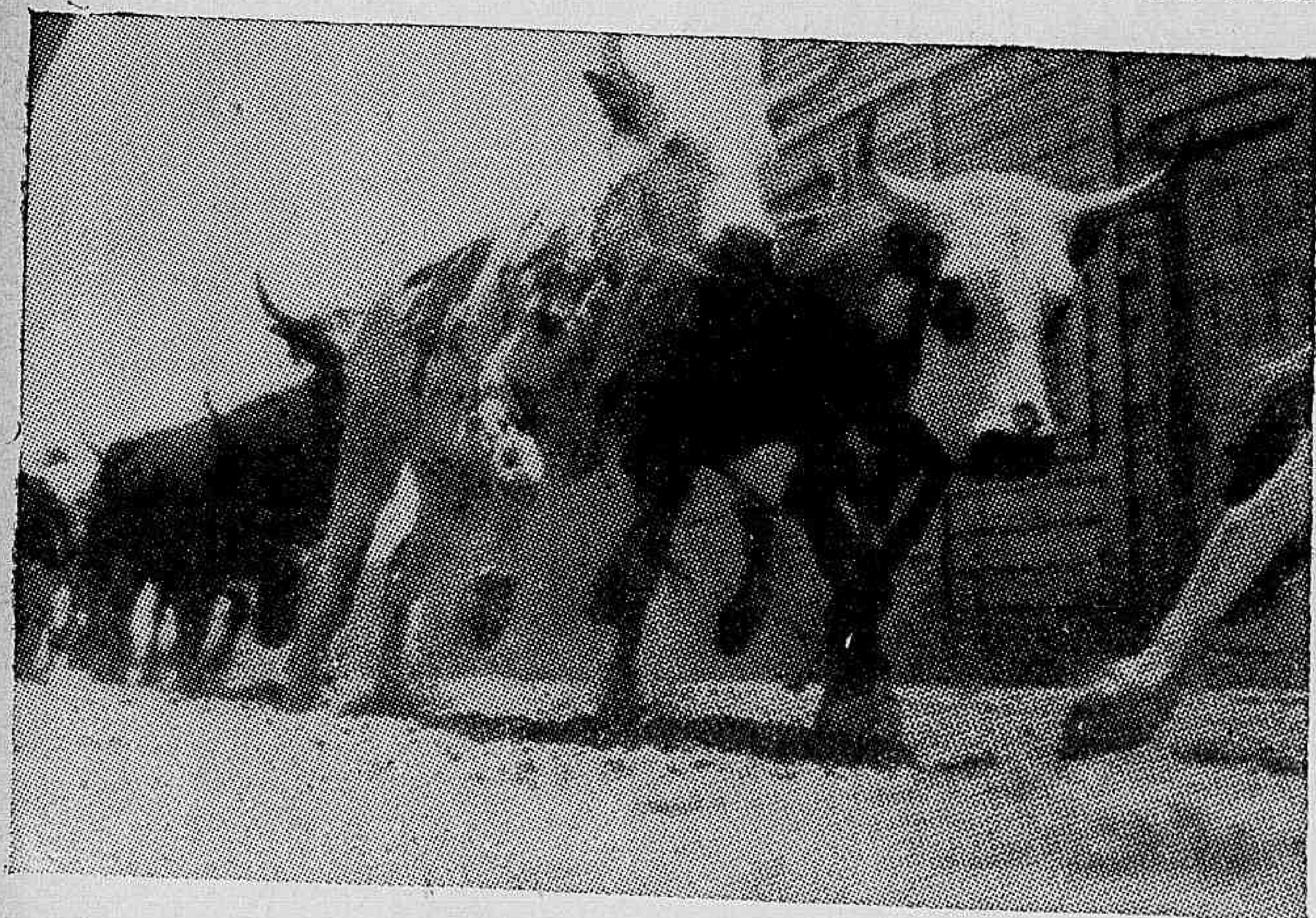
## VANTAGENS

Uma das principais vantagens do produto é não causar, absolutamente, qualquer efeito tóxico nos animais, ainda quando administrado em dose superior à indicada para determinados fins terapêuticos. Outra vantagem notável é ser a fenotiazina eficaz para a extirpação da maioria das espécies de parasitas gastro-intestinais, inclusive aquêles que mais danos causam ao gado vacum, equino e ovino.

E' o único antelmíntico que elimina o esofagóstomo do porco e também o único aplicado eficazmente nas verminoses das aves domésticas, sem afetar quase a produção de ovos.

## RESULTADOS

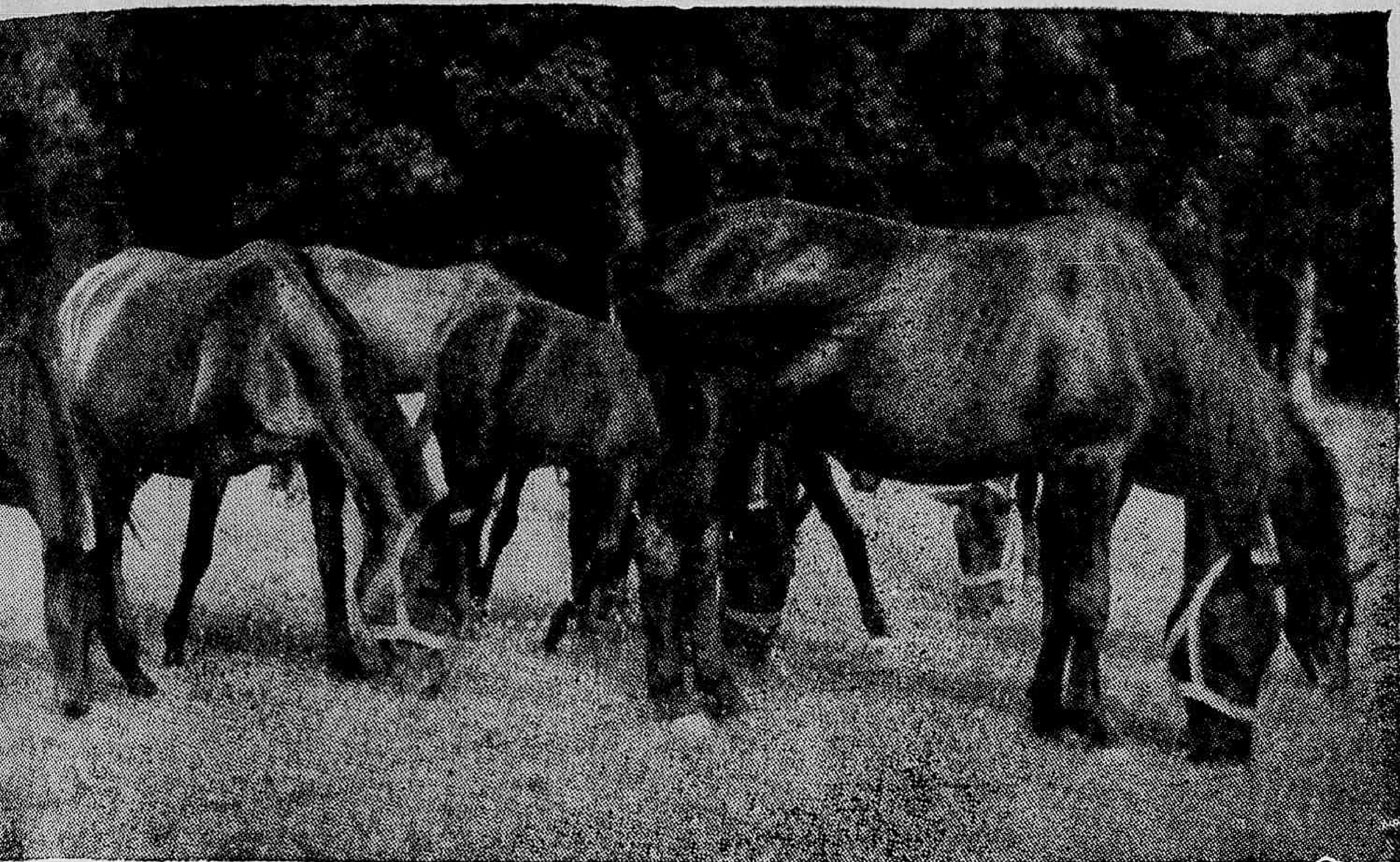
No tratamento do gado ovino, a fenotiazina tem demonstrado uma eficiência de 85 a 100 por cento na eliminação dos esofagóstomos e de outros vermes intestinais em geral. Administrado em doses adequadas ao porco, provou eliminar mais de 90 por cento dos esofagóstomos e cêrca de 60 por cento dos ascaris, aliciando principalmente os animais gravemente atacados. No combate à estrongolidiose a fenotiazina tem demonstrado uma eficiência de 100 por cento.



**O gado sadio alcança melhores preços, dá mais lucro.**

## REAÇÃO

Após a administração da fenotiazina, a urina dos animais tratados apresenta uma coloração vermelha quando exposta ao ar. Isso, todavia, não indica que os rins tenham sido atacados, pois êste fenômeno é proveniente da oxidação do corante Tionol contido na urina. Êste fato tem uma certa importância no tratamento das ovelhas. E' aconselhável, após a administração do remédio, manter as ovelhas num campo cujo solo absorva ràpidamente a urina, a fim de evitar que a lã fique manchada. Os animais tratados com a fenotia-



físico revela-se logo através do porte altivo e do pêlo sedoso.

zina pouco se alimentam durante um dia ou dois, mas nunca foi constatada uma reação desfavorável. Pelo contrário, o animal começa ràpidamente a refazer-se dos males causados pelos parasitas gastro-intestinais, agora eliminados.

## DOSAGEM TERAPÊUTICA

**Ovinos** — A dose eficiente deve ser de uma grama de fenotiazina por quilo de pêso vivo, ou sejam mais ou menos 25 gramas para ovelhas e 15 gramas para cordeiros.

**Suinos** — O Departamento de Indústria Animal dos Estados Unidos propôs a seguinte escala de dosagem em relação ao pêso do animal:

| Pêso dos porcos | Dosagem em gramas |
|---|---|
| até 12 quilos | 5 |
| de 12 " a 25 quilos | 8 |
| de 25 " a 50 " | 12 |
| de 50 " a 100 " | 10 |
| acima de 10 quilos | 30 |

**Equinos** — aproximadamente 50 gramas são considerados suficientes para tratar o animal de mais ou menos 500 quilos de pêso.

**Vacum** — de 50 a 80 gramas por animal, ou aproximadamente de 55 decigramas a 1 grama por quilo de pêso.

**Aves domésticas** — 5 centigramas em cápsulas ou 5 decigramas misturadas à ração para cada ave pesando 1,400 a 2,000 gramas.

Essas dosagens, longamente estudadas e experimentadas, dão excelentes resultados.

## MODO DE USAR

A fenotiazina pode ser administrada de quatro maneiras diferentes: como pó, misturado com a ração; em forma de bôlo; em cápsulas gelatinosas; sob a forma de beberagem.

Provàvelmente as formas de administração mais convenientes são as de beberagem ou bôlo, como também as cápsulas gelatinosas, pois dêste modo cada animal recebe a dose exata de medicamento.

Aos porcos a fenotiazina deve ser administrada quando os animais se apresentam suficientemente famintos e em condições de consumir imediatamente o alimento medicamentado. A droga deve ser adicionada a uma porção de forragem sêca e triturada que tenha três ou quatro vêzes o seu pêso.

Quando administrada em bolos, a fenotiazina pode ser misturada a outras substâncias como polvilho, fenolftalina, sais efervescentes e extrato de bilis de boi, sêco, com o que se obtém uma desintegração rápida do bôlo no estômago, e, também, uma relativa ação laxativa.

A descoberta da fenotiazina e seu uso como antelmíntico poderoso no combate aos parasitas intestinais do gado vacum, equino, ovino e das aves domésticas, constitui um ótimo presente da química aos criadores, pois a sua ação é mais eficaz do que a de qualquer outro produto anteriormente empregado para a mesma finalidade.

Dest'arte, um produto saído dos laboratórios de pesquisas do século XIX e durante décadas apenas uma curiosidade química, encontrou sua aplicação como o "Antelmíntico do Século XX".

Essa valiosa descoberta, posta hoje ao alcance de todos os criadores veio iniciar, pode-se dizer, uma era nova para a pecuária.

Problemas que pareciam há muito insanáveis, encontram agora uma solução definitiva.

A enorme, a velha preocupação dos criadores com os vermes intestinais que dizimavam o gado, está agora resolvida.

E essa questão interessa tanto aos criadores como aos governos, como aos higienistas, como aos consumidores de carne pelo mundo afora.

ALFONSO FANJUL

# Um código leiteiro que merece atenção

O Instituto de Manteiga e Queijo, de Missouri, E.U.A., aprovou um código contendo os requisitos mínimos para a fabricação de leite e de creme, fazendo-o imprimir em uma fôlha de papel para facilitar a sua distribuição entre os proprietários de fazendas leiteiras e às centrais a que fornecem. Por outro lado, foi recomendado a estas últimas que façam duas distribuições dessa fôlha de normas, em maio e agôsto, como um lembrete periódico a seus fornecedores.

Por considerá-lo de interêsse para todos os que negociam com leite e creme, damos a seguir as referidas normas, que abarcam os pontos principais do aparelhamento e da manipulação.

## EQUIPAMENTO LEITEIRO

1. Cubas estanhadas ou de aço inoxidável sem fendas ou costuras;
2. Pó, sem sabão, para limpar;
3. Esterilizador de cloro;
4. Escôva forte, de cerdas rígidas;
5. Disco de algodão — tipo sanitário — para coar;
6. Cuba sanitária, tipo comum, para o creme, ou baldes semelhantes;
7. Local isento de sujidade, pó ou môscas, para se coar o leite nas desnatadoras ou nos vasilhames;
8. Tanque, meio tonel, com água corrente, ou outros meios para fornecer, pelo menos, o dôbro de água da quantidade de leite ou creme que se tenha para esfriar;
9. Armações situadas em lugar onde não haja môscas nem pó, para arejar os utensílios e as partes da desnatadeira;
10. Desnatadeira mecânica, centrífuga, que deve ser lavada depois de cada vez que fôr usada.

## MÉTODO PARA ANTES DE ORDENHAR

1. Misture o esterilizador de cloro numa cuba de leite e despeje-a em tôdas as outras;
2. Coloque um disco de algodão no coador, pondo êste num vasilhame, e despeje o esterilizador através dêle. Agite o vasilhame, com a tampa fechada, a fim de ser esterilizada a superfície interior. Repita o processo com as outras cubas;
3. Ponha o esterilizador novamente nos vasilhames, levando-os ao estábulo;
4. Escove os pêlos soltos das ilhargas e as tetas com uma escôva dura;
5. Lave o ubre da vaca com um pano macio e com o esterilizador, para reduzir a propagação de enfermidades e evitar que sujeiras e pêlos soltos caiam no vasilhame;

## MÉTODO PARA DEPOIS DA ORDENHA

1. Côe o leite pelo disco de algodão para despejá-lo na desnataleira ou nos vasilhames;
2. Se o leite é destinado à venda, refresque-o, colocando os vasilhames na água mais fria de que disponha e agite-os com freqüência, para movimentar o leite e a água. Deixe-o em água fria até ser enviado ao seu destino;
3. Se vende creme, refresque-o, também em água, depois de separado, não o misturando com creme ou nata anteriormente esfriados até que ambos estejam com a mesma temperatura. Conserve-os frescos, até serem enviados à leiteria;
4. Envie ou entregue o creme pelo menos duas vêzes na semana;
5. Nunca misture o quente e o frio, seja leite ou creme.

## DEPOIS DE COAR E DESNATAR

1. Enxague os utensílios de leite ou de creme com água fresca, imediatamente depois de usados;
2. Esfregue-os com uma escôva forte, água morna e pó de limpar, que não contenha sabão;
3. Enxague-os numa solução morna de esterilizador de cloro;
4. Coloque-os na armação de estacas, até que sejam usados novamente.

# NOVAS INFORMAÇÕES SÔBRE O LEITE

Em continuação oferecemos algumas informações sôbre o valor nutritivo dos produtos do leite.

*A lactoflavina* — O leite é uma excelente fonte de lactoflavina (vitaminas B2 e G). Faz uns seis anos que foi descoberto que o leite em garrafas transparentes, expostas à luz, perdia grande parte dessa vitamina. Depois de certas pesquisas, chegou-se a conclusão de que 70% do leite que se distribuiu é protegido dos raios de luz cinco minutos após ter sido deixado na porta das casas. Sòmente 3,3% deixam de ser protegidos pelo espaço de duas horas e meia. Isto pode servir de lição aos consumidores.

*Ácido Ascórbico* — Não sòmente a lactoflavina é destruída ao ser o leite exposto à luz, como também o ácido ascórbico (vitamina C), adquirindo o leite um sabor desagradável, quando mantido assim exposto por muito tempo. Umas

tantas regras devem, outrossim, ser ministradas aos consumidores, para que aprendam a dar o cuidado devido ao leite, quando o recebem.

*Leite homogenizado* — Êste leite tem tido a melhor acolhida por parte do público. No processo de sua elaboração, os glóbulos de gordura são plasmados tão finamente que não formam a nata na parte superior da garrafa. Como não se deseja nenhuma espécie de creme, êste leite pode ser fervido a maiores temperaturas — até 77 graus centígrados pelo sistema de pasteurização rápida. O leite, quando pasteurizado dessa maneira, retém mais de seu conteúdo de vitamina C do que quando pasteurizado a temperaturas mais baixas, num espaço maior de tempo.

*Manteiga* — Milhares de amostras de manteiga foram colhidas no ano passado, em vários lugares, em diferentes estações e com tempo diverso de armazenágem. Depois de examinadas, verificou-se que possuíam um conteúdo mais alto de vitamina A que o anteriormente suposto. Descobriu-se uma média de 15.500 unidades internacionais por libra, em vez de 9.000, como se havia indicado anteriormente, depois de um trabalho limitado. A perda de vitamina A, devida à armazenagem por mais de um ano, foi, também, encontrada em parcelas insignificantes. Mais tarde ficou demonstrado que melhores métodos de colheita da forragem e de armazenamento ajudariam a aumentar, durante o inverno, o conteúdo de vitamina A nos produtos leiteiros.

*Niacina* — Embora exista pequena quantidade de niacina no leite, sabe-se, há anos, que ela é excelente para evitar a pelagra. Cada vez mais aumentam as evidências que provam a relação íntima dos elementos nutritivos nos alimentos. Com referência à niacina e, indubitàvelmente, a outros nutrientes e vitaminas, os requisitos para uma saúde normal podem ser consideràvelmente mais baixos quando o leite forma parte importante na dieta.

*Fator X* — A história completa sôbre os nutrientes, ainda não está, decididamente, terminada. Temos, por exemplo, substâncias nutritivas no leite que ainda não foram identificadas, às quais chamaremos *Fator X* — que, no entanto, quando fazem parte de uma dieta que contenha todos os nutrientes conhecidos, dá como resultante uma ação melhorada nas experiências com os animais. Êste fator X se relaciona com a natureza da reação alimentícia das vacas leiteiras. O efeito dessa ração não é sòmente devido ao fator X, que só se concentra na porção de gordura do leite, como também a outros fatôres concentrados na gordura.

Conclusão: Se atentarmos, por breves momentos no futuro, veremos novas maneiras de educar o consumidor, o que trará como conseqüência a familiarização do público com novos processos, novos valores nutritivos na indústria leiteira. Antevemos desde já o leite e a nata gelados, um maior uso de leite desnatado, queijo pasteurizado, vacas leiteiras livres de enfermidades e uma melhor qualidade de manteiga e sorvetes.

Pessoas que trabalham no campo de pesquisas da indústria leiteira uniram-se num esfôrço comum para a obtenção de produtos do leite que possuam mais sabor, que sejam mais nutritivos, completos e uniformes. Êste esfôrço comum para a educação do consumidor está bem justificado, quando se dá conta que o leite e seus produtos nos oferecem uma base sólida, ao redor da qual fazemos dietas alimentícias completas e econômicas, sem têrmos que recorrer aos custosos e complicados alimentos suplementares.

★

## O CONGELAMENTO MELHORA OS MAMÕES

Os mamões cortados na primavera e no verão e congelados em forma de polpa tornam-se melhores no outono e no inverno, segundo demonstrou em suas experiências o horticultor José Barrera, em Texas.

O Sr. Barrera colhe os mamões maduros nos meses de julho e agôsto, quando se encontram em ótimo estado, e passa-os por uma peneira depois de tirar-lhes a casca e as sementes. A massa ou polpa que disso resulta, coloca-a em vidros ou latas, ou em caixas forradas com papel encerado, e em seguida a congela durante 30 minutos. Os epicuristas são de opinião que o mamão assim congelado tem um sabor superior ao fruto arrancado das árvores nos meses mais frios.

O mamão congelado conserva côr idêntica aos recém-colhidos e não se notou nenhuma alteração química depois de ter permanecido congelado durante sete meses.

O Sr. Barrera cultiva um tipo de mamão mexicano que começa a dar frutos abundantes

★



quando as árvores alcançam de um a um metro e meio de altura. Essa qualidade de árvores chega a ter até seis metros de altura no seu desenvolvimento máximo.

Tendo em vista a sua grande feracidade, o Sr. Barrera está projetando a implantação de mil árvores mais, provàvelmente ainda êste ano, pois é de opinião que a indústria do cultivo de mamão tem grande futuro, já que a procura desta classe de fruta excede em muito a oferta.

O principal inconveniente quanto a tornar comercialmente possível a distribuição destas frutas vem sendo o seu embarque ou transporte porque o mamão é ainda mais frágil do que a banana madura, e a fruta fresca tem que ser colhida com muito cuidado para que possa chegar ao seu destino sem avaria.

O Sr. Barrera e o Sr. Brado Christensen, êste último presidente da Valley Freezers Inc., são de opinião de que na rápida congelação está a solução para o problema do transporte. O Sr. Christensen, que vem obtendo muito êxito na congelação da pinha, de espinafres, feijões, ervilhas, polpa de toranja e outras frutas e hortaliças, experimentou, também, a congelação rápida do mamão, acreditando que esta fruta tem enormes possibilidades comerciais.

Além de ser consumida em grande escala, como fruta fresca, o suco do mamão já está tendo grande procura para ser usado com sucos de outras frutas. Diz-se que o suco do mamão é muito proveitoso para as pessoas que sofrem de má digestão, pela grande quantidade de pepsina que contém.



## A FARINHA DE ALFAFA É UMA RICA FONTE DE VITAMINAS

Os primeiros agricultores romanos conheciam o valor da alfafa e os agricultores do mundo inteiro a vêm considerando como uma das culturas vegetais mais necessárias. Porém, desde a segunda guerra mundial, quando a alfafa transformada em farinha veio a ocupar um pôsto de destaque no mercado, é que temos aprendido ainda mais acêrca do seu verdadeiro valor.

A escassez de pensos estimulou as pesquisas e o que se descobriu revolucionou a indústria de pensos misturados. Diz-se que a farinha de alfafa contém 60 vêzes mais vitamina A que o milho amarelo nº 1. Se fôsse essa a sua única propriedade, não teria tido tanta importância; entretanto, se considerarmos a riqueza de suas propriedades pela lista que damos a seguir, veremos qual a importância dessa forragem:

Vitamina B1 (ou tiamina) — A farinha de alfafa desidratada contém mais vitamina B1 que o milho, a cevada ou o trigo e quase tanta como a aveia.

Vitamina B2 (ou riboflavina) — A farinha de alfafa é uma das fontes mais ricas desta vitamina. As melhores qualidades contêm tanta riboflavina como o leite desnatado em pó.

Vitamina C (ou ácido ascórbico) — A alfafa fresca contém quatro vêzes mais ácido ascórbico que o suco cítrico. A farinha não é tão rica em tal substância, mas contém quantidade suficiente.

Vitamina E (ou tocoferol alfa) — Entre os compostos das forragens comuns, a farinha de alfafa é um dos mais ricos nesta vitamina. Contém cêrca da quinta parte de um pêso igual de óleo de semente de trigo.

Vitamina K — A farinha de alfafa é uma fonte extraordinàriamente abundante desta vitamina.

Colina: A farinha de alfafa contém tanta colina como os grãos de cereais comuns.

Niacina — Também contém tanta niacina como a cevada e o trigo e muito mais que outros grãos de cereais.

Ácido pantotênico — A farinha de alfafa é tida como uma das mais ricas fontes desta substância. Contém de três a cinco vêzes mais que os grãos comuns, um pouco mais que o leite desnatado, em pó, e tanto quanto o sôro lácteo em pó.



— Não olhe agora, mas creio que você tem um secreto admirador!

# NO MUNDO DOS SELOS

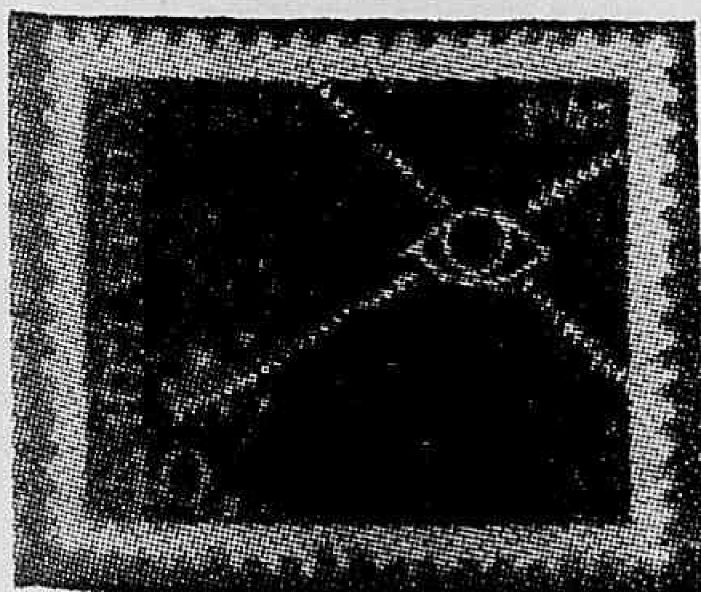
QUANDO UM SUBMARINO TRANSPORTOU MALAS POSTAIS... — As malas postais têm sido transportadas em tôdas as formas imagináveis, desde que o serviço postal foi criado para servir ao público, porém, uma só vez, na história da filatelia, foi empregado o submarino para o transporte de correspondência, volumes e valores de todo gênero, através do




**Sêlo francês de 18 f. (Nações Unidas)**

oceano Atlântico, entre a Alemanha e os Estados Unidos, sendo por isso que os carimbos, envelopes e selos editados para tal serviço há trinta e seis anos continuam tendo valor, embora sem uso.

De fato, quando começou a 1ª Grande Guerra (1914-1918) e o conseqüente bloqueio do Mar do Norte pela esquadra aliada, que impedia a passagem dos navios germânicos de superfície, tôda a mala destinada aos Es-



**Primeiro sêlo referente à televisão. Editado na Suíça, em fevereiro último, no valor de 40 f.**

tados Unidos era despachada através das nações neutras, forçadas assim a um desvio muitas vêzes de muitíssimas milhas. A necessidade de manter um serviço mais direto e mais rápido, especialmente quando se tratava da remessa de valiosos documentos, tornou-se de capital importância para a Alemanha e




foi em vista disso que a Deutsch Ozean Reederei organizou o que se chamou de Serviço Submarino da Marinha Mercante Alemã.

Em junho de 1916, êsse submarino, o Deutschland, deixou a Alemanha sob o comando do capitão Paul Koenig e após feliz penetração entre os campos de minas estabelecidos pelos Britânicos e tendo cruzado o Atlântico Norte, chegou a Baltimore, na América do Norte, com volumosa mala postal. Não se sabe o que o mesmo submarino transportou na sua viagem de retôrno, mas no ano seguinte nova viagem foi realizada da Alemanha a New London, no Connecticutt, tendo o barco novamente regressado à sua base alemã.

As cartas, de tôdas as partes da Alemanha, eram enviadas para Bremem, onde eram marcadas com um obliterador com a inscrição: "Bremen/T (auchboot) B (riefver kehr) /a data/ (o retrato do submarino) D (eutsch) O (zean) R (eederei)", e preparadas para a seguinte viagem.

O processo daí por diante era ligeiramente diferente. Desde que a autoridade postal se mostrava relutante em registrar a mala, o Deutsch Versicherungsbank (Banco Germânico de Seguros) as-




**Sêlo austríaco para comemorar a participação dêsse país nas próximas Olimpíadas.**

sumia o risco. Foi para isso necessário editar certificados de 50 marcos e selos de seis denominações: 5 marcos, verde; 10 marcos, carmim-rosa; 15 m., cinza; 20 m., ultramarino; 25 m., marron; e 50 m., lilás-rosa.

O remetente, depois de declarar o valor da sua remessa, recebia um dêsses certificados, caso o valor fôsse superior a 50 marcos e pêso acima de 50 gramas; se o valor ou pêso ou




**Sêlo francês de 8 f. (Baudelaire)**

ambos era grande, o necessário número dêsses selos-submarinos era afixado ao certificado, cancelado e restituído ao remetente, para servir como recibo. Embora o custo do seguro inclua as cargas postais, isso não era feito nas cartas transportadas por submarino.

O êxito dessas duas primeiras viagens do Deutschland, aumentou o pedido para êsse serviço e, mais tarde, em 1916, um segundo submarino, o Bremen, entrou em serviço e nova série de




**Sêlo francês de 12 f. (Verlaine)**

selos foi editada. Eram semelhantes aos primeiros, excepto que foram impressos em papel com marca de água e com os valores de 75 m., prêto sôbre prata, e 100 m., violeta sôbre ouro, pelo processo adicional.

O Bremen, aparentemente, bateu contra alguma das muitas minas espalhadas em seu trajeto pelos Inglêses, pois jamais se tornou a ouvir falar do seu destino.

Nem Alemães nem inglêses noticiaram o seu afundamento. O banco do seguro prontamente atendeu às reclamações dos remetentes, mas desde que alguns filatelistas compreenderam o que representava em valor filatélico aquêles certificados que possuíam como recibos, preferiram não ser reembolsados e ficar com as raridades filatélicas.

O Deutschland deixou Bremen,

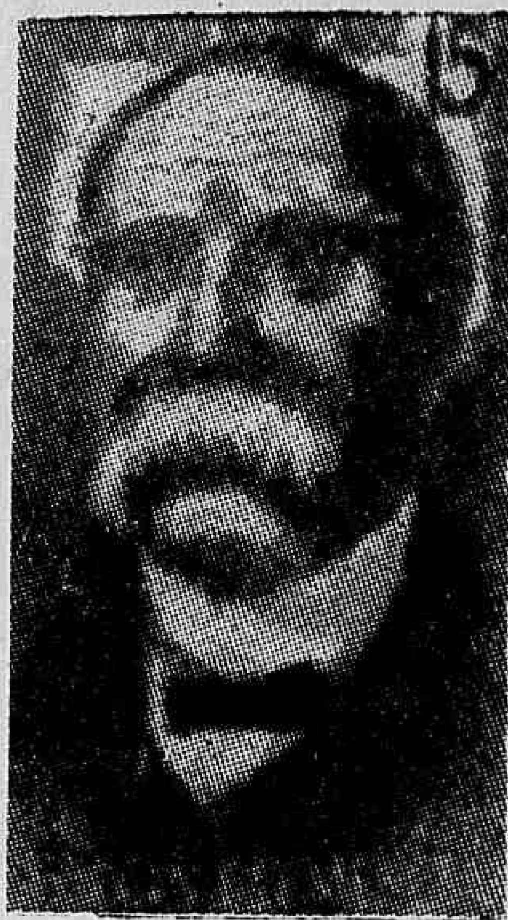



em fevereiro de 1917, numa terceira viagem, porém as relações diplomáticas entre a Alemanha e os Estados Unidos pioraram e o barco submersível foi chamado pelo rádio, retornando ao seu pôrto de partida. Tôda a mala foi restituída aos remetentes, com o carimbo "Devolvida em razão do cancelamento do serviço postal submarino".




**Novo desenho para a recente série canadense Cabeça de Carneiro de grandes chifes**

FRANÇA: — Prosseguindo na série histórica e literária, os Correios de França emitiram recentemente mais cinco selos de bela feitura, sendo o primeiro de 8 francos, com o retrato de Baudelaire; um sêlo de 12 f. com a figura de Verlaine; outro, de 15 francos, em homenagem a Rimbaud, mais um, como uma homenagem às Nações



**Sêlo francês de 15 f.**
**(Clemenceau)**

Unidas e a figura central a Tôrre Eiffel, no valor de 18 f. E, finalmente, um sêlo de 15 f., com o retrato de Georges Clemenceau, "o Tigre".

PORTUGAL: — O país irmão acaba de brindar os filatelistas com uma linda série em homenagem ao Museu Nacional dos Côches, onde surgem, admiràvelmente desenhados os côches de diferentes épocas, a saber: Século XVIII, num sêlo de 2$30; século XIX, no valor de $20; século XVIII, com carruagem diferente e no valor de $50 e, finalmente, século XVI, no valor de $10.

ARGENTINA: — Sêlo de dez centavos, para comemorar o direito de voto à mulher, o que pela primeira vez ocorreu nas últimas eleições de Novembro. O desenho é uma alegoria representando a "Nova Argentina agasalhando uma de suas filhas".

BARBADOS: — O corrente sêlo acaba de ser editado em papel claro e impresso em verde mais escuro do que o anterior.

CAMBÓDIA: — Um sêlo de $1.50, marron, com um desenho representando o Sultão Norodom




Sihanuk e a inscrição "Rayaume du Cambodge — U.F." foi editado para êsse protetorado francês, na Indo-China.

CABO VERDE: — A série de 1938 de Angola acaba de ser carimbada com novos valores para essa colônia portuguêsa, nos valores de: 1 escudo em 1.75 angolar; 2 e. em 10 a.; 10 e. em 35 centavos; 20 e. em 70 c.; 40 e. em 70 c.; e, finalmente, 500 e. em 80 c.




COLÔMBIA: — O sêlo de 3 centavos, azul, com taxa postal, foi carimbado para ser usado como sêlo de um centavo, enquanto o de 2 c., carmim-rosa, de 1939, foi carimbado com o dístico "Reversion de Mares".

CUBA: — Dois selos especiais, para o Natal, com sinos e flores típicas de dezembro e a inscrição "Navidades", foi editado nos valores: 1 centavo, verde e vermelho, e c cs., carmim e verde.

GUATEMALA: — Série de quatro selos foi editada em favor da Federação Educacional. Os valores são: meio centavo, azul e cinza; 1 c., marron e verde;




**Sêlo francês de 15 f.**
**(Rimbaud)**

2 c., azul e umber, e 4 c., marron e púrpura.

ITÁLIA: — O sêlo de 100 liras, carmim, de 1946, foi reeditado sem perfurações.

LUXEMBURGO: — Os quatro selos em homenagem a Laurent Menager, compositor, foram editados em 4 de dezembro nos valores: seis f., mais dez c.; 2 f., mais 15 c.; 4 f., mais 15 c.; e, finalmente, 8 f., mais 5 c.

# NOS DOMÍNIOS DA GRAMÁTICA

"Entre os muitos méritos dos nossos livros nem sempre figura o da pureza da linguagem."

MACHADO DE ASSIS.

## MIUDEZAS ORTOGRÁFICAS

Vimos, no artigo anterior, que o sistema de acentuação vigente apresenta duplo objetivo: indicar a sílaba tônica e diferençar vogais, nos homônimos imperfeitos homógrafos.

A acentuação tônica por ser resumida nas seguintes regras:

1.ª — acentuar todos os proparoxítonos: **pêssego, péssimo, pássaro, câmara, exército, fôlego.**

Observação do **Pequeno Vocabulário Ortográfico** da Academia Brasileira de Letras: "Incluem-se neste preceito os vocábulos terminados em encontros vocálicos que podem ser pronunciados como ditongos crescentes: **área, espontâneo, ignorância, imundície, lírio, mágoa, régua, tênue, vácuo,** etc.

2.ª — acentuar todos os paroxítonos terminados em ditongo oral ou nasal, em vogal nasal, em **i** ou **u**, seguidos, ou não, de **s**: **água, águas; deveríieis; faríeis; jóquei, jóqueis; órfão, órfãos; órgão, órgãos; ímã, ímãs; júri, júris; bônus.**

Observação: não se acentuam os prefixos paroxítonos em **i**: **semi-histórico.**

3.ª — acentuar todos os paroxítonos terminados em consoante que não seja **s** ou **m** precedido de **a** ou **e**: **açúcar, caráter, fácil, lúfen, fênix, vômer, álbum.**

No entanto, por causa da exceção aponta da: **pires, amaram, amarem** (**júris** leva acento por causa da regra 2.ª).

Obersação: não se acentuam os prefixos paroxítonos terminados em **r**: **super-homem.**

4.ª — acentuar os oxítonos terminados em **a, e, o,** seguidos, ou não, de **s**, e os terminados em **em, ens**: **sofá, sofás, café, cafés, cipó, cipós, porém, alguém, vintém, vinténs.**

5.ª — acentuar os monossílabos tônicos terminados em **a, e, o,** seguidos, ou não, de **s**: **pá, pás, pé, pés, pó, pós.**

### PARTICULARIDADES

a) O acento circunflexo e o til são mantidos nos derivados em — **mente** e nos derivados em que existem sufixos precedidos do infixo **z** (**zinho, zeiro, zada, zito,** etc.): **cômodo, cômodamente; cortês, cortêsmente; pêssego, pêssegozinho; dendê, dendêzeiro; cristã, cristãzinha.**

O acento agudo é substituído pelo acento grave, nos referidos derivados: **péssimo, pèssimamente; só, sòmente, sòzinho; avó, avòzinha; café, cafèzinho, cafèzeiro; volúvel, volùvelmente.**

Observação: Indica-se, dêsse modo, a sílaba de tonicidade secundária.

b) Levam acento agudo o **i** e o **u** tônicos que não formam ditongo com a vogal anterior: **aí, saúde, saía, viúvo, juízo.**

Não se usa o acento: 1) quando o **i** e o **u** estão seguidos de **l, m, n, r** ou **z** que não iniciam sílaba, ou **nh**: **constituinte, juiz, ruim, demiurgo, ainda, tainha**; 2) quando a vogal base dos ditongos **ui** e **iu** está precedida de vogal: **atraiu, caiu, contribuiu, pauis.**

c) Leva acento agudo o **u** tônico precedido de **g** ou **q** e seguido de **e** ou **i**: **argúi, averigúe, obliqúe.**

d) Levam acento agudo os ditongos orais abertos **éi, éu, ói,** quando tônicos: **réis, réu, herói, constrói, bacharéis.**

e) As formas verbais **crê, vê, lê** e **dê** fazem no plural: **crêem, vêem, lêem, dêem.** Assim também os compostos: **descrêem, revêem, relêem, desdêem.**

f) Leva acento circunflexo o primeiro **o** do hiato **ôo**: **vôo, perdôo, enjôo.**

g) O trema é usado: 1) no **u** pronunciado dos grupos **que, qui, gue, gui**: **freqüentar** ,ao lado de **aquecer**); **tranqüilo** (ao lado de **aquilo**); **agüentar** (ao lado de **guerra**); **argüição** (ao lado de **seguir**); 2) facultativamente, quando se pretende indicar semi-ditongo: **saüdade, vaïdade.**

Observação: Não se usa acento tônico nas formas verbais em **qüe, qüem**: **apropinqüe** (e não **apropínqüe**); **delinqüem** (e não **delínqüem**).

h) O til, que indica nasalização, indica tonicidade, se outro acento não fôr usado no vocábulo: **coração, capitães** (no entanto: **órfão, órgão**).

i) Nas formas verbais em **lo, la, los, las,** aplicam-se as regras de tonicidade com relação ao verbo pròpriamente dito: **vê-lo, dizê-lo, contraí-lo.**

Aí ficam as leis de acentuação tônica. No próximo número, sistematizaremos a parte de diferenciação de vogais.

JOSÉ RICARDO NETO

# Os melhores anos de nossa vida...

**A CIÊNCIA PODE AGORA DIZER QUANDO VOCÊ É "MELHOR", MENTAL E FISICAMENTE; QUANDO PODE GANHAR MAIS DINHEIRO E QUANDO PODE SER MAIS FELIZ...**

**Por JOHN E. GIBSON**

EM que idade você é mais arguto? Quando você está mais disposto a se apaixonar? Em que idade está apto a ganhar mais dinheiro? Para encontrar a resposta para essas e outras perguntas similares, os cientistas que dirigem universidades e institutos de pesquisas realizaram exaustivos estudos e procederam a muitos e muitos exames. Eis o que acabaram encontrando:

## EM QUE IDADE TEMOS MAIOR PODER FÍSICO?

Podemos esperar um maior desenvolvimento do poder muscular dos 20 aos 25 anos. E' quando os biceps atingem seu maior volume, potencial e todo o corpo pode exercer maiores esforços. Um exame cuidadoso e vasto revelou que o poder físico aumenta de ano para ano até o indivíduo atingir o meio do caminho entre os vinte e os trinta anos. Porém após os vinte e cinco, todo poder muscular começa a diminuir, porém tão gradativamente, a princípio, que o indivíduo dificilmente notará essa queda... antes de procurar usá-lo... e verificar que **"já não é mais o mesmo"!** Porém, com o aumento da idade, êsse declínio do poder muscular vai se revelando mais ràpidamente.

## EM QUE IDADE APRENDEMOS COM MAIOR FACILIDADE?

Os testes revelam que podemos aprender seja lá o que fôr muito mais depressa entre os vinte e os vinte e cinco anos. Estudos realizados na Universidade de Colúmbia, revelaram que a habilidade de uma pessoa aprender aumenta **desde a infância até aos 25 anos.** Depois dessa idade, porém, a capacidade de absorver novos conhecimentos começa a diminuir à razão de um por cento, anualmente.

O professor Edward L. Thordike, falecido há poucos meses, fazendo a revisão dos apontamentos referentes a êsses estudos afirmou, contrariando uma opinião há muito generalizada, que a infantil não é a melhor idade para se aprender. Por exemplo, qualquer idade, entre os 20 e os 45 anos é muitíssimo melhor para se aprender seja o que fôr do que entre os seis e os dezenove.

Depois dos 60, a capacidade de aprender novas utilidades está apreciàvelmente diminuída. Como psicologista, Thordike afirmava que um homem de 65 pode aprender sòmente a metade, por hora, do que poderia aos 25 anos.

## EM QUE IDADE TEMOS MAIOR CAPACIDADE MENTAL?

Segundo os testes, nossa capacidade de aprender — absorver e assimilar novos conhecimentos — começa a diminuir, gradativamente, depois que atingimos os 30 anos. **Porém a nossa capacidade de pensar e de raciocinar aumenta sensìvelmente depois dessa idade** — em razão de que as nossas faculdades ganharam suficiente experiência com os incessantes usos do cérebro.

Estudos muito sérios, levados a cabo em inúmeras universidades, revelaram que a média da capacidade mental de um indivíduo decresce com a idade. Porém a evidência indica que isso é largamente devido ao fato de que **muitos perdem o hábito de estudar**, deixando que o cérebro viva como "vadio", após deixarem a escola e a universidade.

Na Universidade de Minnesota, os investigadores "testaram" 5.500 estudantes de longo curso, cujas idades variavam de 20 a 70, todos êles presos a ocupações que estavam sempre exigindo um esfôrço de sua inteligência. Pois bem: êsses testes revelaram que na esmagadora maioria dos casos, a capacidade mental aumentara com a idade. O homem-médio de quarenta anos, tem apreciàvelmente mais dentro do crânio do que uma pessoas de trinta anos; uma pessoa de cinqüenta anos ganhará de outra de quarenta e cinco e, assim, sucessivamente. Para tal, porém, é necessário que tenham continuado a estudar e a usar o cérebro **incessantemente.**

## EM QUE IDADE A PERSONALIDADE SOFRE MAIOR TRANSFORMAÇÃO

Entre os 25 e os 35. Os estudos, a respeito, revelaram que nesse período de 10 anos os nossos gostos, interesses e atitudes, mudam **mais radicalmente** do que em qualquer outro período da nossa vida.

E o relatório final dêsse estudo indica que o indivíduo adulto possui uma definida série de tendências que se tornam mais e mais acentuadas com a passagem dos anos, a saber:

1 — Torna-se mais introvertido, mais dado a um exame-interno, a se vigiar e a pesar as próprias faculdades, com uma tendência acentuada a preferir a própria companhia que a dos outros (Essas características são encontradas mais em mulheres que em homens).

2 — O antigo interêsse pelos divertimentos (dancings, cinemas, esportes, etc.) é atenuado, entrando em franco declínio. Ao contrário, seu interêsse pelas atividades culturais (concertos, leituras, galerias de artes, etc.) aumenta.

3 — Entrega-se mais à leitura. Porém seu interêsse pela ficção entra em declínio. Prefere artigos de magazines e jornais.

4 — Seu interêsse pelas coisas da política e da religião vai aumentando com a passagem dos anos.

## EM QUE IDADE SOMOS MAIS EMOTIVOS?

Na Brown University, o professor William Royce Willoughby analisou a personalidade de 1.400 pessoas de ambos os sexos, de idade variando entre 15 e 75 anos. Verificou que as mulheres são mais emocionais entre os 55 e os 60; que o seu segundo climax emocional ocorre aos 30 anos; que são mais calmas e menos emotivas entre os 45 e os 50.

Êsse estudo revelou igualmente que as mulheres são muito mais emotivas que o homem, em qualquer idade — exceto — muito ligeiramente embora — nas proximidades dos 40 e, novamente, nas proximidades dos 50 anos.

### EM QUE IDADE TEMOS MELHOR ESPÍRITO CRIADOR?

O mais compreensivo estudo sôbre a questão foi feito por Harvey C. Lehman, professor de psicologia na Universidade de Ohio. Fêz uma análise detalhada dos anos de maior fertilidade criadora nas várias profissões, artes e ciências. Eis o resultado do seu monumental estudo, no qual gastou 20 anos.

A idade do maior progresso em ciência, matemáticas e invenções práticas é a que vai dos 33 aos 44. Os anos de maior progresso para as ciências físicas e pesquisas médicas pode ser situado entre os 35 e 39 anos. Os melhores anos para os psicologistas são os que vão dos 35 aos 39 igualmente.

Muitos pintores e compositores realizam seus melhores trabalhos antes dos 35 anos. Os exploradores, por sua vez, praticam suas melhores proezas e fazem os mais notáveis descobrimentos na altura dos 30 anos. Os poetas geralmente escrevem suas melhores obras entre os 26 e os 30. Os anos de maior produção para os romancistas são os que vão dos 22 aos 37 anos. Os autores de novelas curtas obtêm maior êxito com os trabalhos escritos entre os 40 e os 44.

### EM QUE IDADE ESTAMOS MAIS PREPARADOS PARA ENRIQUECER?

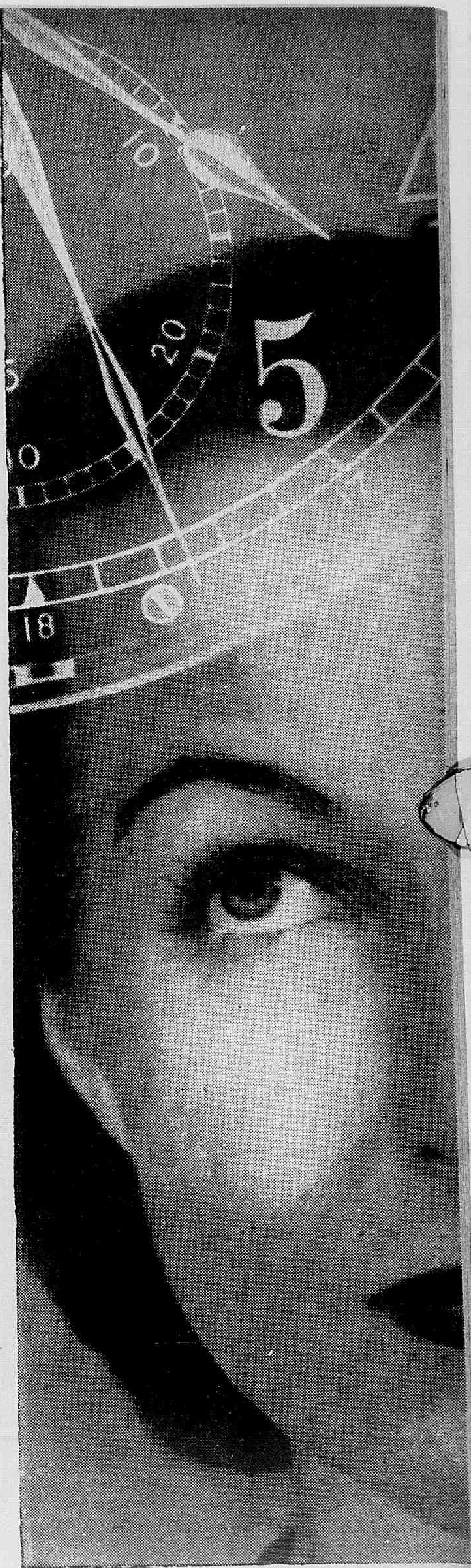
Apesar da melhor idade de produção em todos os campos ser a que mais se aproxima dos 30, ganhamos dinheiro mais fàcilmente lá para os 50 anos. Estudos realizados em larga escala sôbre essa capacidade de enriquecer, demonstraram que é entre os 55 e 56 anos que estamos mais capacitados para ganhar dinheiro — e guardá-lo. Outro inquérito revelou que alcançamos os cargos de direção entre os 55 e os 60 anos. Por isso, se os leitores ainda não conseguiram enriquecer, aos 40, não devem perder a esperança de vir a ser proprietários, ter automóvel e vida regalada. A idade "dourada" virá depois dos cinqüenta.

### EM QUE IDADE ESTAMOS MAIS INCLINADOS A AMAR APAIXONADAMENTE?

Eis um tema que a todos interessa, por certo. Para a mulher, os estudos revelaram que amam mais fàcilmente aos 18. Essa é a idade de maior vulnerabilidade do coração feminino. Para os homens essa fase perigosa é um pouco mais avançada. Sòmente lá para os 20 e até aos 25. Depois disso, o perigo vai diminuindo lentamente... até aos 40. A partir de então sofre perigosa recrudescência. Principalmente entre as mulheres.

### EM QUE IDADE SOMOS MAIS SENSÍVEIS À DOR?

Se o leitor martelar um dedo, aos 40, não sofrerá tanto quanto se isso ocorrer tendo 20 anos. O notável psiquiatra William P. Chapman "testou" as reações à dor em 200 pessoas entre os 10 e os 85 anos. Verificou que na grande maioria dos indivíduos, a sensibilidade decresce progressivamente com a idade. Seu estudo revelou, mais, que um homem de 20 é, em média, 22 por cento mais sensível à dor que outro, de mais de 45. Moral: **Acautelem-se contra as quedas e pancadas enquanto moços — dói muito mais!**



Em que idade as mulheres estão mais inclinadas a amar apaixonadamente?

## EM QUE IDADE SOMOS MAIS PROPENSOS A PERDER A CALMA?

Para encontrar a resposta a essa pergunta, o psicologista Hulsey Cason, da Universidade do Wisconsin, estudou cêrca de mil pacientes, de 10 a 90 anos. Verificou que os indivíduos de idade mediana (40 a 50) se aborrecem, e ficam irritados mais fàcilmente que os demais. Os jovens são os menos irritáveis, porém a coisa vai piorando, de ano para ano, tornando-se mais discutidores, nervosos e impacientes.

## EM QUE IDADE AS REAÇÕES SÃO MAIS RÁPIDAS?

Estudos realizados em diferentes Universidades norte-americanas revelaram que nossas reações físicas se tornam mais e mais rápidas com a passagem dos anos... até aos 20. Daí por diante vão decrescendo. Na altura dos 60 reagimos com a metade da rapidez que demonstrávamos aos 25. Em outras palavras, **o cérebro exigirá, então, duas vêzes mais tempo para transmitir um impulso e o corpo para agir.** Essa é uma das razões por que os mais velhos são mais sujeitos a acidentes. Êles vêem o perigo, mas a reação física em geral é um pouquinho inferior, em velocidade, à margem normal que permite precaver-se. Um moço ouvirá a buzina de um automóvel quase ao mesmo tempo em que o motorista calca o botão. Um velho ouvirá, também, na mesma ocasião. Infelizmente os seus reflexos são menos instantâneos.

Cientìficamente, encontrar a nossa melhor idade, não é fácil. As vantagens e desvantagens de cada idade se intercalam e baralham. Algumas de nossas faculdades e capacidades funcionam melhor segundo vamos avançando em idade; com outras ocorre o contrário. A ciência pode, sim, apontar os atributos de cada idade, sob o microscópio clínico; mas seria preciso um Salomão, para debitar e creditar tudo e decidir, finalmente, **quais são os melhores anos de nossa vida!**

★

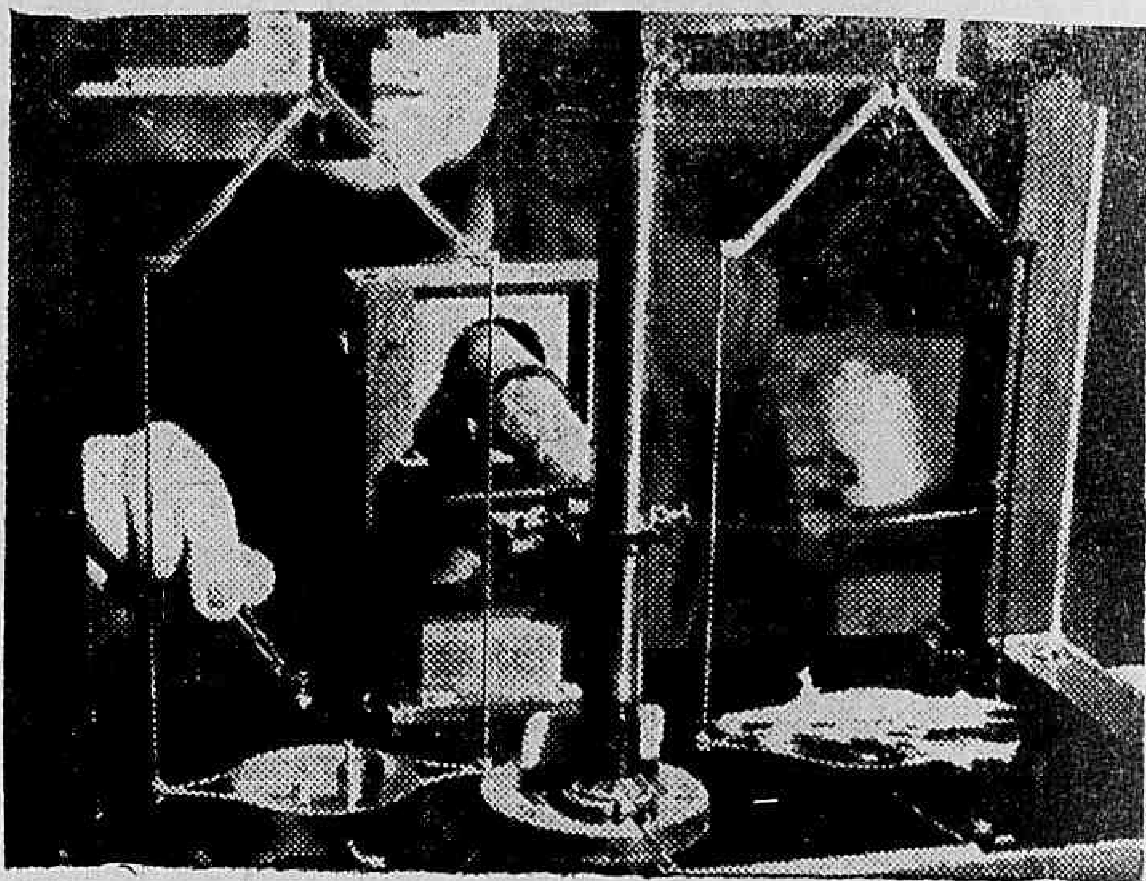
## COMO VOCÊ RESOLVERIA ISTO?

**(Resposta da página n. 42)**

O construtor-amador apanhou o tubo de borracha de regar o jardim, retirou o «bico» de metal e foi amarrar uma das extremidades colada à parede, verticalmente, até ficar com a bôca na altura exata da janela da casa. A seguir, enquanto sua espôsa ficava observando essa extremidade, êle levou a outra ponta para a garage onde procedeu da mesma forma: amarrou o cano de borracha na vertical, sustentando a bôca na **altura que julgou a mais aproximada** da outra. Então, com um regador, começou a encher o cano com água e, levantando-o e baixando-o, um pouquinho mais e um pouquinho menos, pôde estabelecer **com a ajuda da água surgida nas duas extremidades,** o nível exato da mesma... **e a altura correta para ser aberta a janela.**

# Os Estados Unidos "pesam"

A fim de planejar com absoluta segurança a produção da alimentação e das fibras, tão necessárias à sua prodigiosa indústria, os Estados Unidos podem já hoje, literalmente, «pesar» o seu estoque básico, representado comercialmente por... um bi-



**Balanças analíticas pesam os pequeninos recortes de cada mapa. Êsses recortes são classificados, o mais aproximadamente possível, relativamente ao seu uso para a agricultura.**

## DURMA BEM, QUERIDO!






**— Boa-noite, querida.**



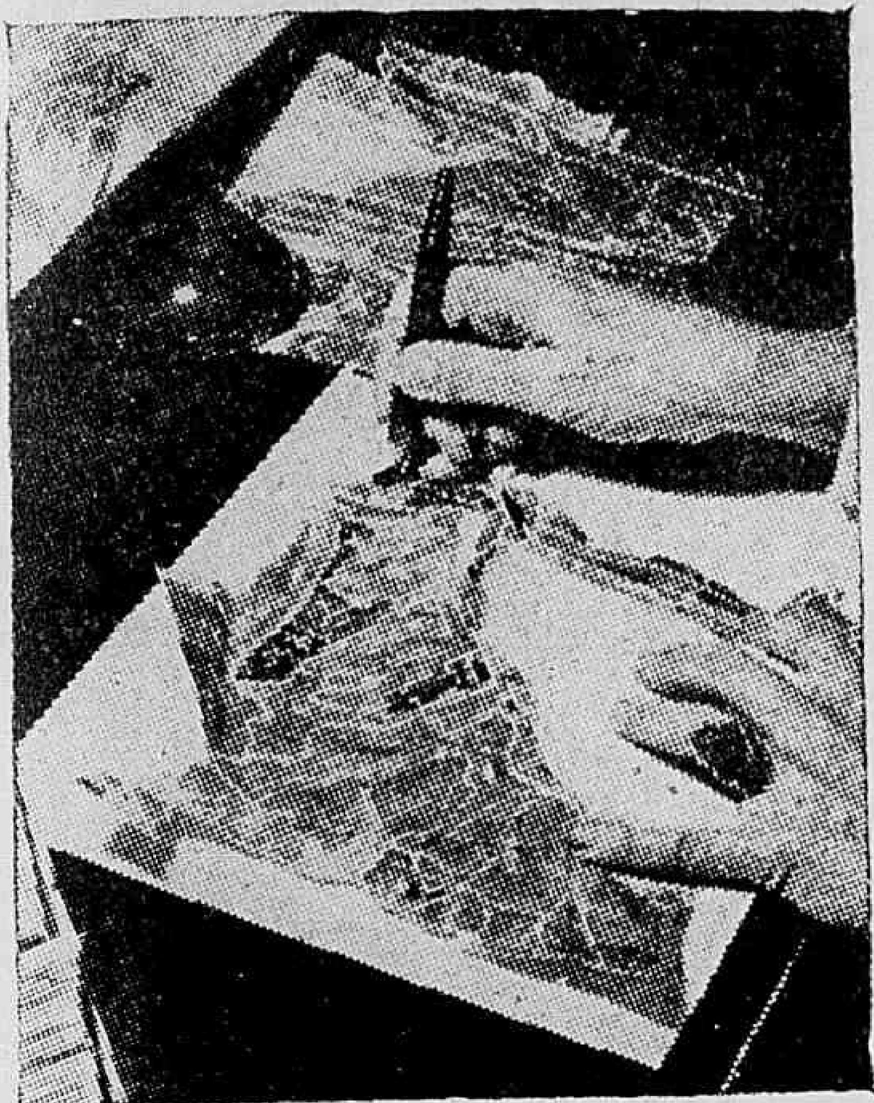
**— Ah! Esqueci de dizer a você que do Banco telefonaram reclamando o pagamento da casa.**



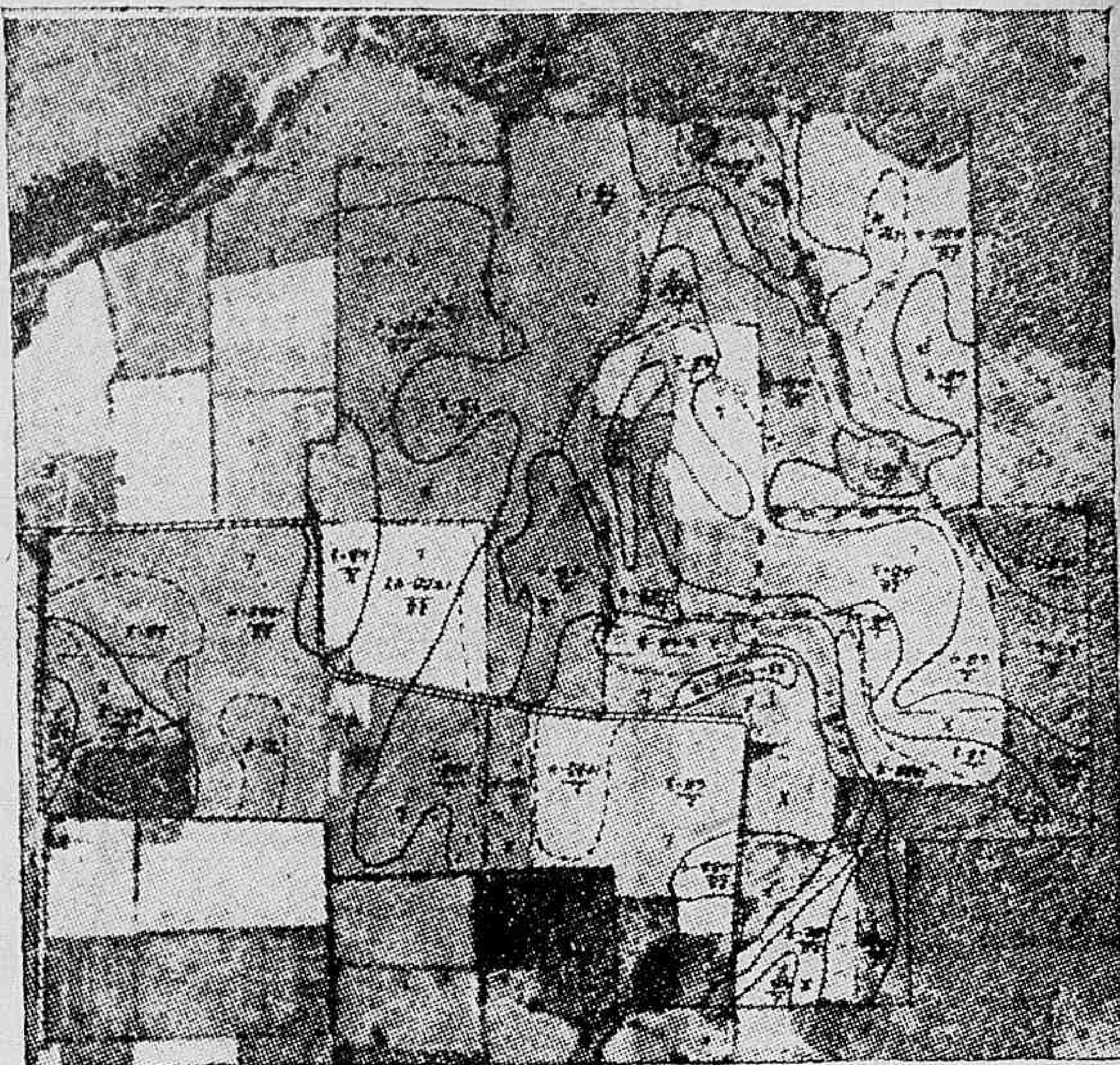

**— Ouvi dizer que o Govêrno vai construir abrigos contra raids aéreos.**

# os seus recursos

lhão e um quarto de acres de terras lavráveis. Para realizar essa espantosa façanha, o Serviço de Conservação do Solo descobriu e está usando ativamente um novo processo para inventariar as centenas de tipos de solo, em que são variáveis os graus de erosão e a declividade, além dos inúmeros fatôres climáticos e humanos que os envolvem. O método básico,



**Dúzias de parcelas de terras, variando de forma e classificação, são recortadas de cada área inspecionada no mapa.**



**Ao alto, um aspecto do mapa, e, sôbre êle, o celofane transparente, com os recortes de classificação. Na parte inferior do clichê, a tábua de anotações, para ser preenchida pelos funcionários do serviço de conservação do solo, anexo ao Departamento de Agricultura.**

o princípio dêsse processo diz respeito a que um acre de terra, em um mapa, deve pesar o mesmo que um acre em outro mapa.

Depois que o solo examinado é passado para um mapa fotográfico, numa escala **standard**, os cartógrafos, usando instrumentos adequados, recortam as terras parceladamente, à maneira de um **puzzle** ou «quebra-cabeça», guardando recortes similares em envelopes separados. Cada conteúdo dêsses envelopes é pesado em delicadíssimas balanças analíticas e, do conhecimento do seu pêso, por unidade, a área total da terra correspondente é calculada.

Os ajustes são feitos por variações, em papel especial e pesado, para verificação dos ligeiros desvios das fotografias aéreas, nas topografias de escala menor.

Em uma das duas técnicas atualmente mais usadas para o inventário dos terrenos, um **recortado**, sôbre celofane transparente, é aplicado sôbre o mapa sendo computada a área das parcelas, contando-se os quadrados e por interpolação. No outro processo, um estilete é movido completamente em redor do perímetro de cada pedaço de terra e a área é lida fàcilmente num indicador. As investigações revelaram que o novo método nunca apresenta uma certeza inferior a 99 por cento!



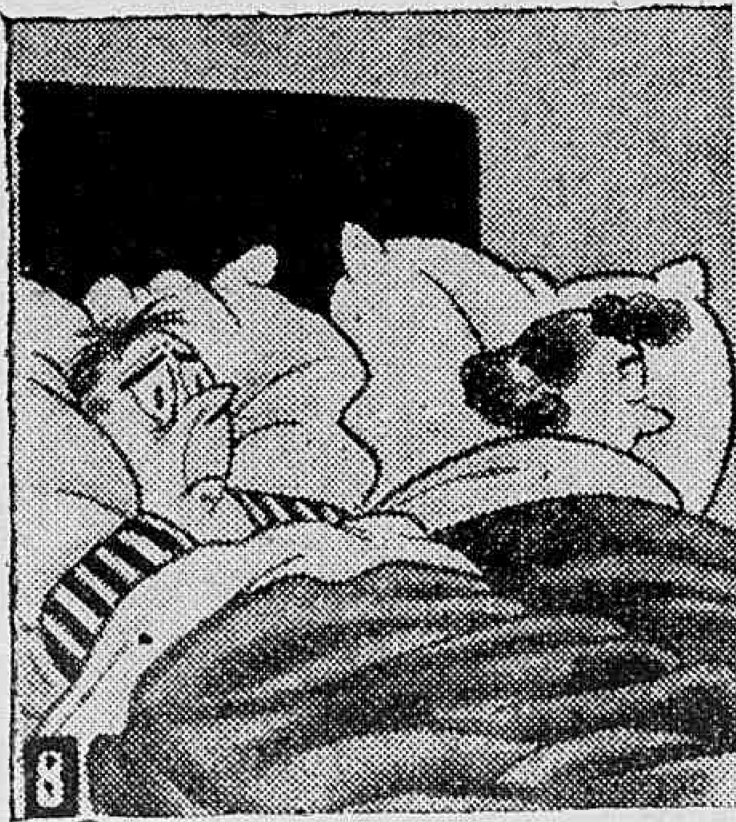

**— O vizinho disse que a guerra arruinará o comércio...**




**— Você acha que as crianças escaparão das bombas?**

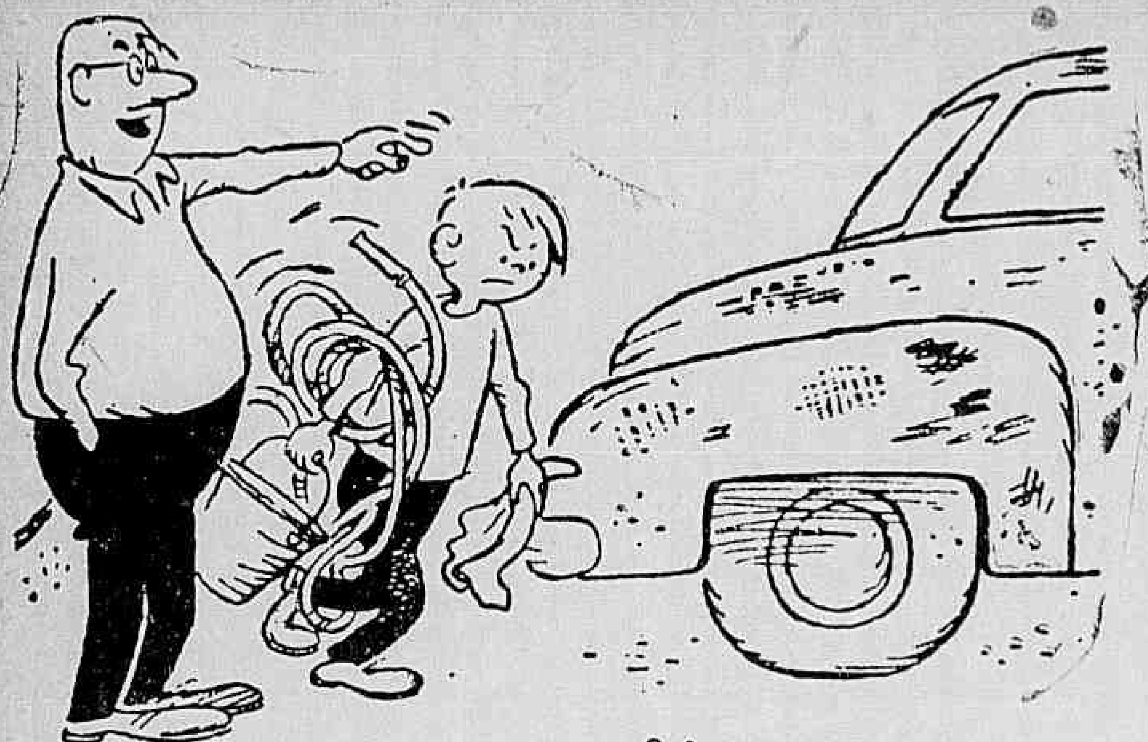


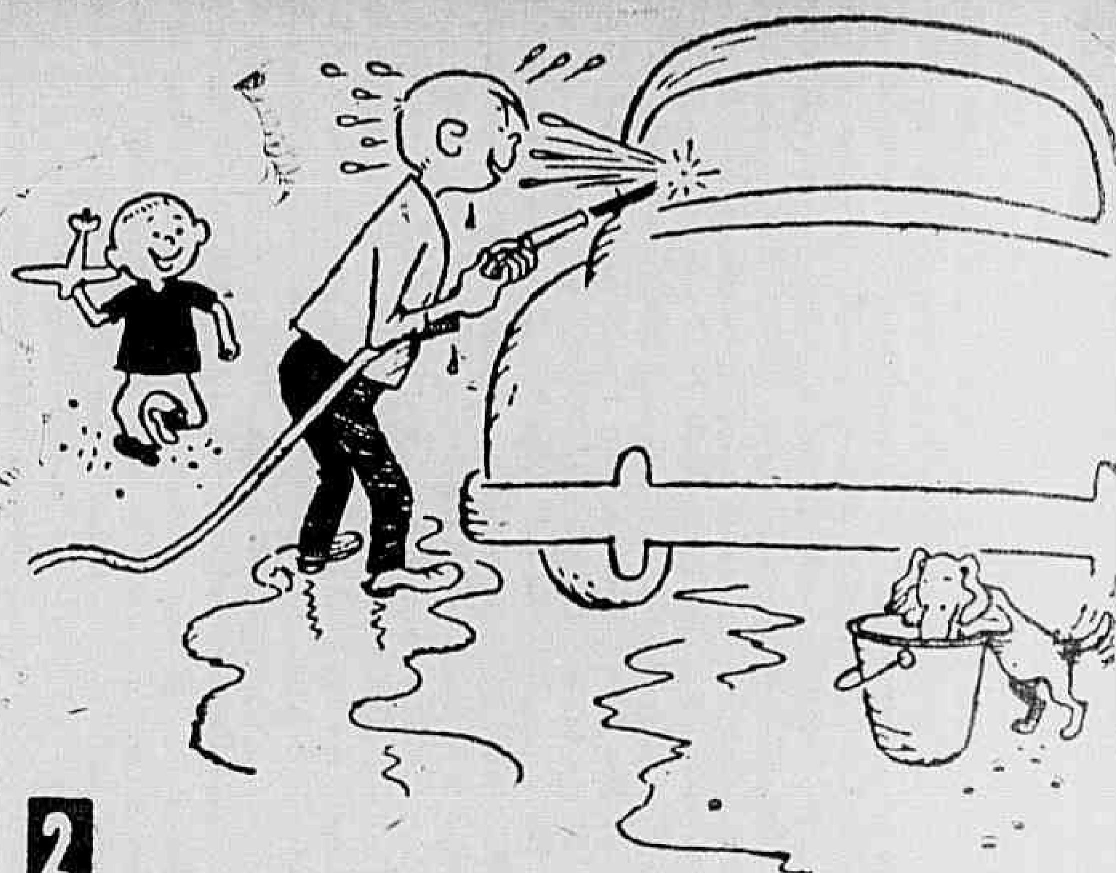

**— Oh! Realmente, esta não é hora de pensar nestas coisas...**

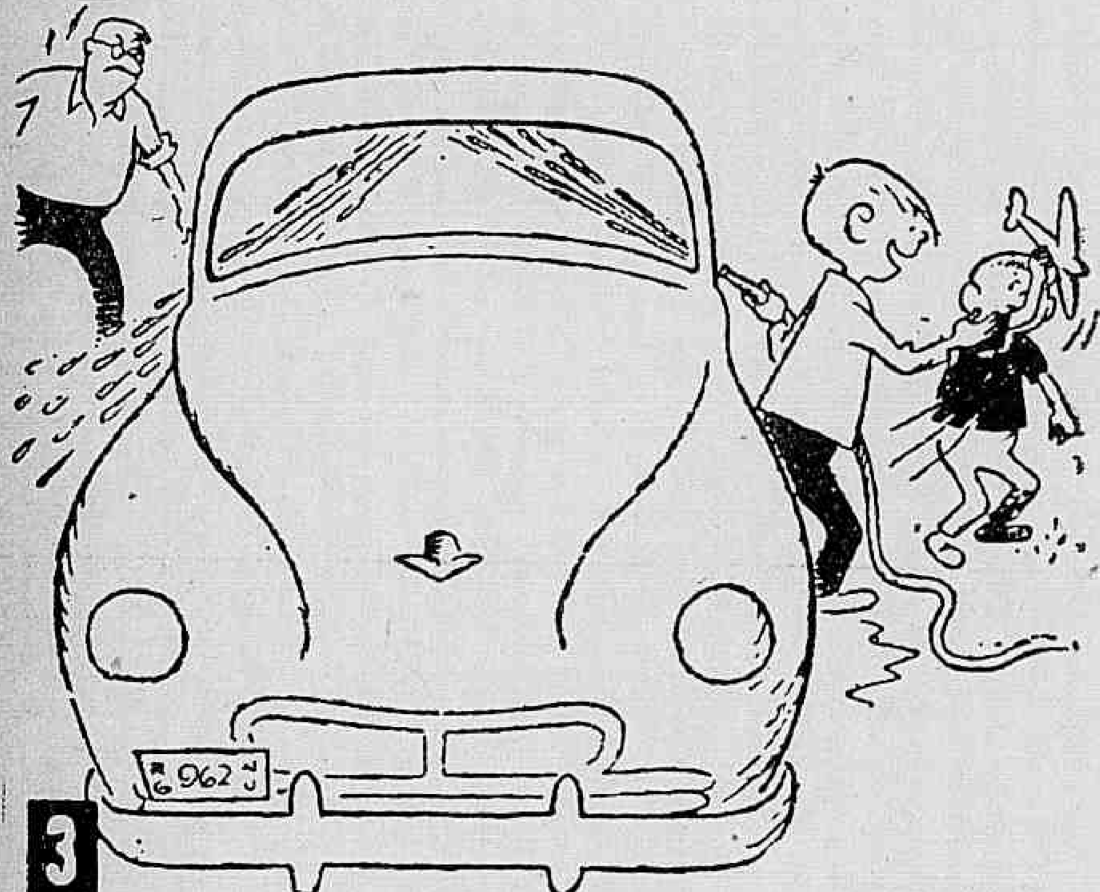


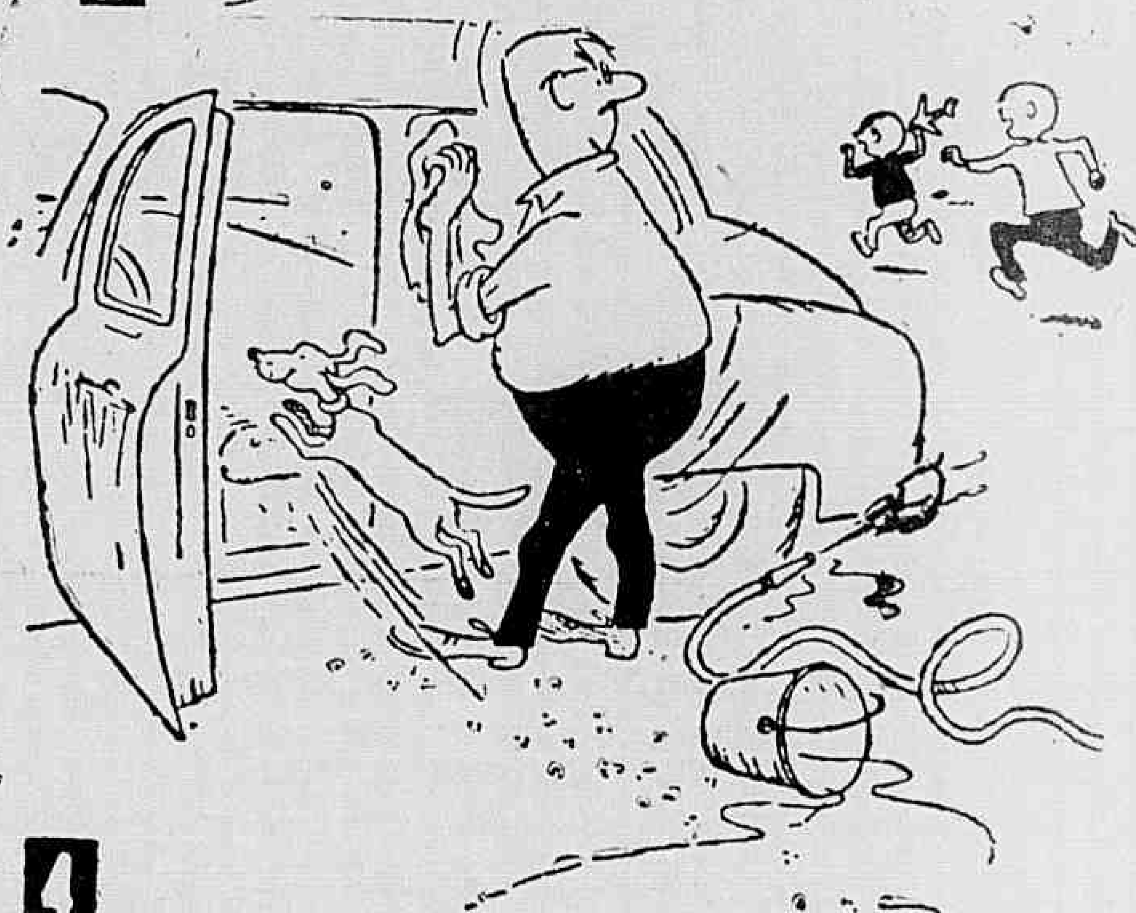

**— Boa-noite, querido.**

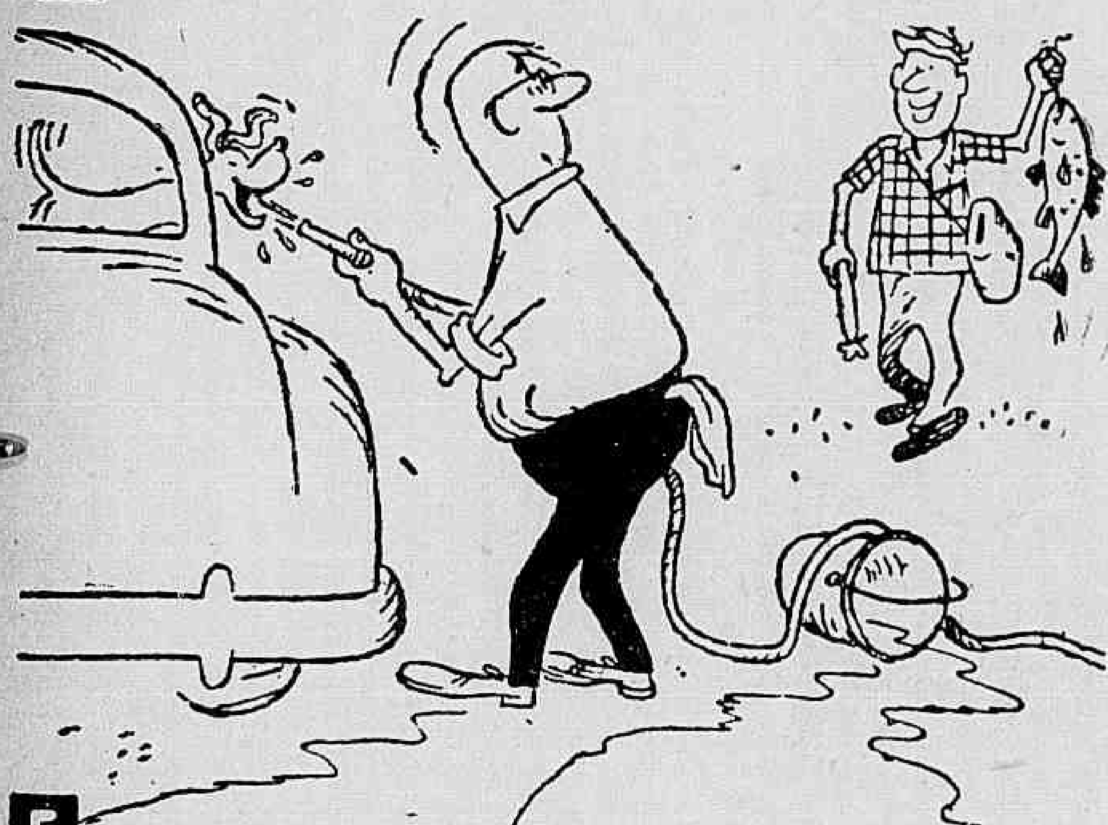
# QUANDO OS HOMENS TRABALHAM...

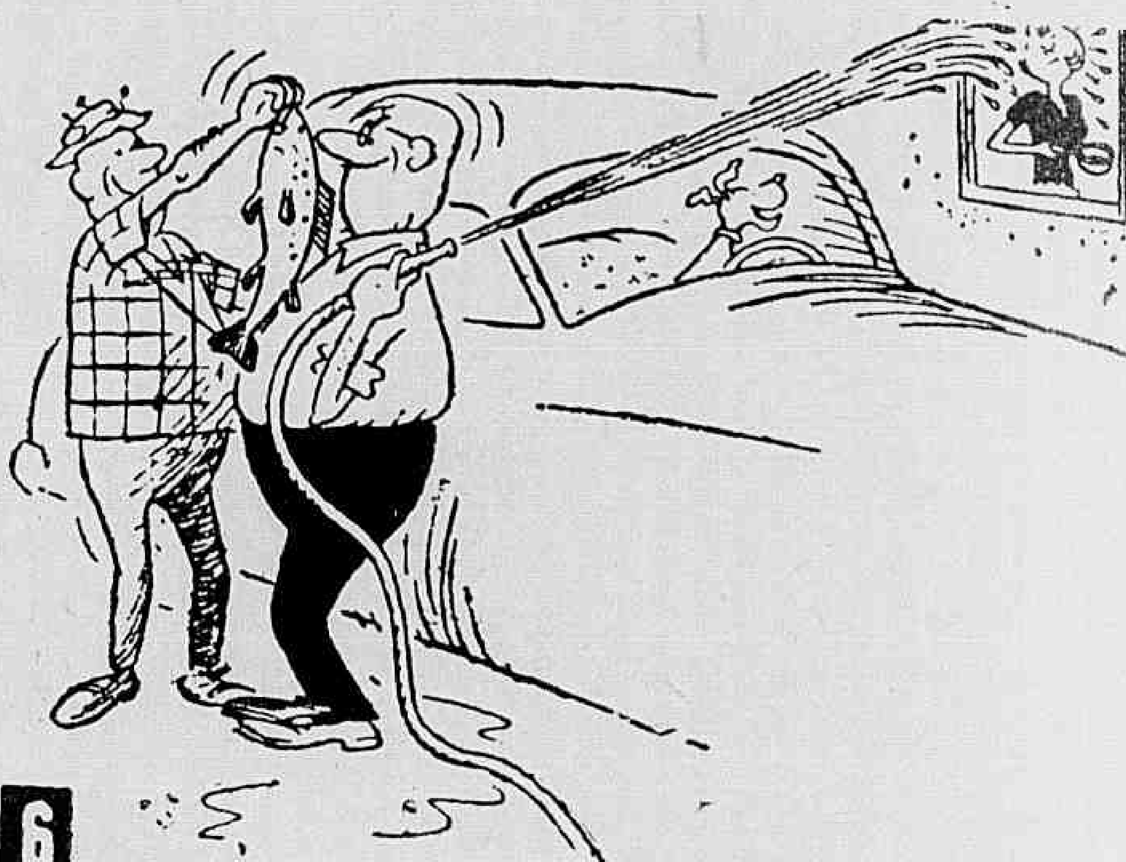


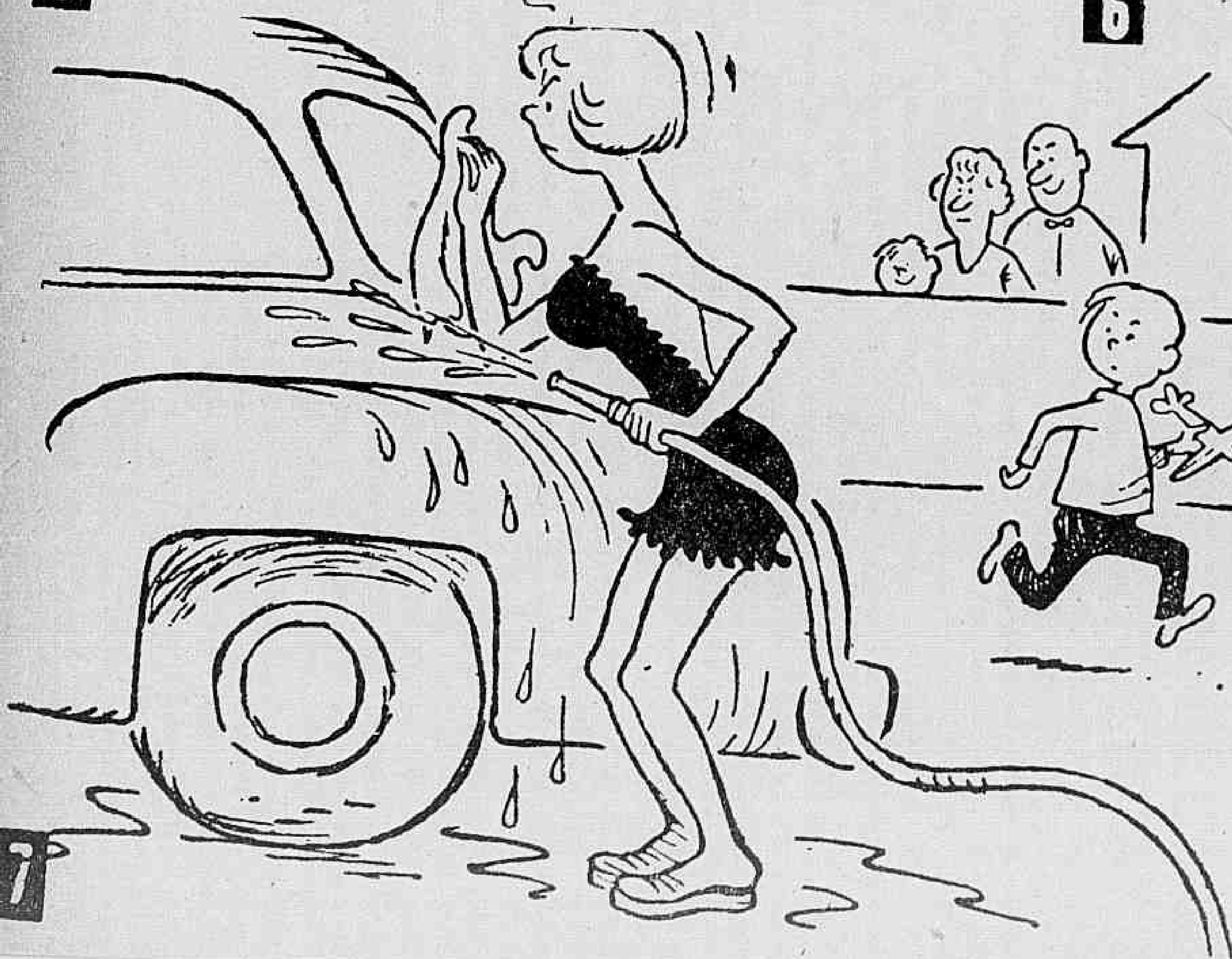



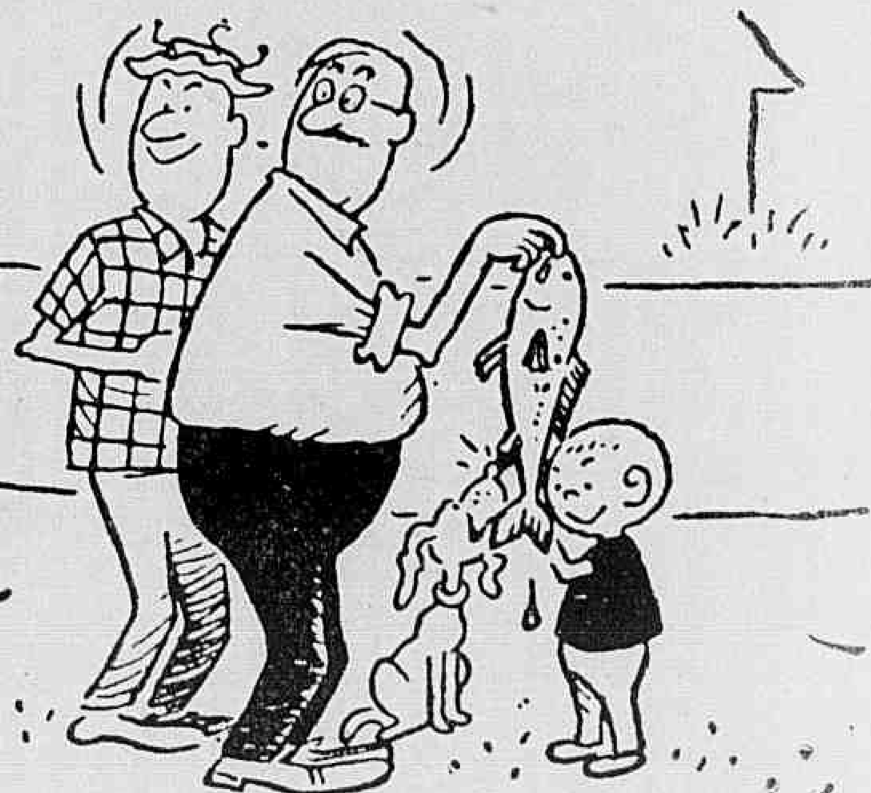



GEORGE WOLFE

OLHANDO O MUNDO HÁ SESSENTA DIAS

# MEMENTO de EU SEI TUDO

## OS FATOS OCORRIDOS EM FEVEREIRO DE 1952

1 — SEXTA-FEIRA: — A Assembléia Geral da ONU qualifica a Rússia de nação não cumpridora de suas obrigações internacionais por não ter pôsto em prática os têrmos do tratado sino-soviético de 1945. — A Assembléia Geral rejeita o apêlo soviético ao Conselho de Segurança para conceder a quatorze países admissão simultânea na ONU. — Os delegados da ONU, nas negociações de trégua na Coréia, propõem a Suiça, Suécia e Noruega como membros do projetado grupo para inspecionar o cumprimento da trégua quando se chegar a um armistício. — O General Dwight Eisenhower declara que a Europa está ainda "muito longe de haver alcançado a meta de sua segurança", e adverte com energia às nações européias de que não devem sentir-se tranqüilas à espera de que os Estados Unidos realizem tôda a tarefa nesse sentido. — O Primeiro Ministro Alcide de Gasperi e seu gabinete alcançam um voto de confiança da Câmara dos Deputados, por 285 contra 233 votos e três abstenções. — Estabelecidas as bases para um amplo plano de colaboração entre os Estados Unidos e o Brasil no terreno da energia atômica, o que permitirá a êste país aproveitar seus "vastos recursos" de urânio. — Chega ao pôrto desta Capital o navio-escola "Almirante Saldanha", que completou o XII cruzeiros de instrução.

2 — SÁBADO: — As três comissões — Política, Econômica e Social — da Assembléia Geral das Nações Unidas, aprovam a proposta anglo-franco-americana para a convocação de uma sessão extraordinária da Assembléia Geral para tratar do caso da Coréia, depois da conclusão do armistício, *"se a evolução da situação o justificar"*. — A Comissão Especial das Nações Unidas, fazendo caso omisso da denúncia soviética de que aviões norte-americanos utilizaram projéteis "tóxicos" na Coréia, rejeita, por esmagadora maioria, a proposta russa que pedia a imediata intervenção da O.N.U. nas negociações de trégua. — O Gabinete do Primeiro Ministro Aly Maher, formado há uma semana, reune-se oficialmente, pela primeira vez, presumìvelmente para traçar a política egípcia nas esperadas negociações para solucionar a disputa anglo-egípcia Mohylie el Din, secretário-geral do Gabinete Maher, diz que o Primeiro Ministro "está disposto a negociar e a aceitar quaisquer propostas que satisfaçam as aspirações nacionais egípcias". — O Ministro do Exterior da Grã-Bretanha, Sr. Anthony Eden, confirma que a Grã-Bretanha pretende associar-se, por todos os modos possíveis, ao Exército Europeu. — O General Eisenhower aconselha suas tropas — e as ocidentais também — a não colocarem uma paz barata e fácil acima da liberdade. Ao passar em revista a primeira parada conjunta de seis nações no Quartel General das Fôrças Terrestres Aliadas, no antigo Castelo de Fontainebleau, Eisenhower diz que as Nações do Pacto do Atlântico só recorreriam à fôrça para a "sua própria defesa". — O Sr. Presidente da República segue para Petrópolis, onde passará a temporada de verão. — No Banco do Brasil é instituída uma comissão para estudar o registro dos capitais estrangeiros.

3 — DOMINGO: — Círculos aliados declaram-se otimistas acêrca da marcha das negociações de armistício na Coréia. — Noticiado que se chegou a um acôrdo em tôrno de sete cláusulas, reduzindo-se as divergências quanto a questão da troca de prisioneiros. — Novas escaramuças

O pêlo nas pernas, braços e axilas comprometem a sua presença na rua, nas praias e nas reuniões elegantes. Para eliminar os pêlos supérfluos não use navalha: use RACÉ, o maravilhoso e eficiente depilatório em pó perfumado. Elimina com incrível rapidez os pêlos incômodos.

**À venda nas boas perfumarias.**

**Laboratórios VINDOBONA**

**Rua Uruguaiana n. 104 - 5.º - Rio**

O perfeito destruidor do pêlo

Racé

Laboratorios Vindobona do Brasil Ltda.

Racé

**Queira enviar-me o folheto grátis referente ao depilatório «Racé».**

NOME ..............

RUA ..............

CIDADE ..............

ESTADO ..............

E.S.T. — R-24

em diversas localidades da Tunisia, entre a polícia e nacionalistas. — Na Terra Graham, na Antártica, fôrças argentinas atiram contra tripulantes de um navio inglês, que ali tentavam desembarcar. — O incidente provoca um protesto do embaixador britânico em Buenos Aires. — Sepultado, no Cemitério de São João Batista, o Dr. Otávio Reis, Diretor da Estrada de Ferro e Minas de São Jerônimo.

4 — SEGUNDA-FEIRA: — Na Tunísia, rigorosas buscas de armas são efetuadas nas residências de agitadores. — Um jornal alemão anuncia que o ex-chefe nazista Martin Bormann está vivendo num convento franciscano, em Roma. — O embaixador britânico no Cairo conferencia com o "premier" egípcio. Diz-se, porém, que são prematuras quaisquer notícias de reinício das negociações. — Declara-se que nenhum incidente se verificou nas últimas 24 horas. — Um estudo da Comissão Econômica para a Europa revela que, relativamente, a Rússia está dispendendo muito mais que os Estados Unidos em seu programa de rearmamento.

5 — TÊRÇA-FEIRA: — Realiza-se a sessão de encerramento da VI Assembléia Geral da O.N.U., que, entre as suas últimas resoluções, adia o debate sôbre a questão coreana. — Noticia-se que intensa atividade diplomática se desenvolve no Cairo, por parte dos representantes dos Estados Unidos, Iraque e Arábia Saudita, em busca de uma solução para a disputa anglo-egípcia. — Tecem-se comentários em tôrno do desejo dos produtores brasileiros em conseguir o aumento dos preços-teto do café nos Estados Unidos. — A Santa Sé desmente categòricamente a notícia de que o ex-líder nazista Martin Bormann se encontra num Convento franciscano em Roma. — Num desastre de aviação, ocorrido na Bélgica, perecem 15 pessoas. — Circulam rumores de que os Estados Unidos estão cogitando do fechamento de tôdas as suas embaixadas nos países satélites da Rússia. — O Presidente Truman comunicou ao Congresso que pretende transferir para a França, Inglaterra, Grécia, Turquia e Iugoslávia, a quantia destinada a prestar assistência militar à Europa. — Apresenta suas credenciais ao Sr. Presidente da República, no Palácio Rio Negro, em Petrópolis, o novo Ministro da Áustria.

6 — QUARTA-FEIRA: — O soberano britânico falece em sua residência de campo, em Sandringham, na Inglaterra, tendo o passamento ocorrido durante o sono do rei. — E' proclamada sucessora a Princesa Elizabeth, que se encontra em viagem, de regresso da África para Londres, e que tomou o nome de Elizabeth II. — Os comunistas apresentam nova proposta aos aliados visando encontrar uma solução para as dificuldades que se antepõem à celebração do armistício na Coréia. — A Rússia Soviética apõe seu "veto" à admissão da Itália nas Nações Unidas. — A proposta do govêrno de Bonn, de uma conferência das quatro potências de ocupação, tendendo a preparar eleições em tôda a Alemanha, causa o efeito de uma explosão nos meios diplomáticos de Washington, onde tudo era ignorado a respeito dessa iniciativa. — O Sr. Presidente da República assina decreto nomeando o Dr. Genolino Amado para o cargo de Diretor da Agência Nacional. — E' incorporado à Armada o Cruzador "Tamandaré".

7 — QUINTA-FEIRA: — Anuncia-se que a morte do soberano britânico foi causada por uma trombose coronária. — A Rainha Elizabeth, logo depois de sua chegada a Londres, determina que os funerais de Jorge VI sejam realizados na próxima sexta-feira. — Um antigo coronel do exército polonês, prestando depoimento na Câmara dos Representantes norte-americana, responsabiliza os russos pela matança de Katyn, onde foram trucidados cêrca de 10 mil poloneses. — O Chanceler Adenauer fala perante o

ALMEIDA COMÉRCIO E INDÚSTRIA DE FERRO Ltda.
Sucessora de L.B. de Almeida & Cia.
DISTRIBUIDORES DA CIA. SIDERÚRGICA NACIONAL — CIA. SIDERÚRGICA BELGO MINEIRA E OUTRAS USINAS NACIONAIS.
FUNDIÇÃO DE FERRO E OUTROS METAIS
Oficina mecânica em geral — Fogões à gás e lenha, marca «Progresso» — Prensas para ladrilhos e escritório.
Bancos para jardim — Colunas de ferro fundido para iluminação de jardins.
IMPORTADORES DE
Chapas de ferro pretas, galvanizadas e corrugadas para portas — Ferro em barras — Vergalhões — Cantoneiras — T — U — e eixos para transmissões — Tubos de ferro galvanizados, pretos, vermelhos e de aço para caldeira.
COMUNICAM A SUA NOVA RÊDE DE TELEFONES, A SABER:
MESA TRONCO ........ 52-2104
SECÇÃO DE VENDAS ........ 52-2102
SECÇÃO DE VENDAS ........ 22-0409
EXPEDIÇÃO ........ 22-1584
SECÇÃO TÉCNICA ........ 52-2103
CONTABILIDADE ........ 22-1342
GERÊNCIA ........ 22-2549
RUA DOS ARCOS, 28-42
RIO DE JANEIRO

Parlamento de Bonn, justificando a atitude de seu govêrno em aderir ao plano defensivo da Europa. — O Chefe do Govêrno da Alemanha Ocidental refere-se também as divergências com a França sôbre a questão do Sarre e acusa a União Soviética. — Noticia-se que na próxima semana serão reiniciadas, em Buenos Aires, as conversações para a renovação do Convênio Comercial entre o Brasil e a Argentina. — Em Buenos Aires consideram-se exageradas as notícias que circularam no estrangeiro sôbre a descoberta de uma conspiração contra o govêrno argentino. — O govêrno londrino envia um protesto ao Cairo pelas atrocidades cometidas contra os súditos britânicos no Egito. — A nota britânica responsabiliza a polícia local pelas ocorrências. — Pelo Sr. Presidente da República é assinado decreto nomeando para Superintendente da Fundação da Casa Popular o Sr. Jorge Bhering de Oliveira Matos.

8— SEXTA-FEIRA: — A jovem Rainha da Grã-Bretanha é solenemente proclamada "Elizabeth II, pela Graça de Deus", em meio das tradicionais pompas dos tempos medievos, no Palácio de São Jaime, em Londres. Ao fim de um debate a fundo, durante dois dias, sôbre o rearmamento, o "Bundestag" — Câmara Baixa — aprova por 204 votos contra 156 e seis abstenções, a resolução dos partidos da coalisão governamental pedindo a participação da Alemanha, na defesa ocidental, "como membro com plena igualdade de direito". — Os comunistas aceitam a proposta das Nações Unidas para se reiniciar amanhã as conversações das delegações principais de armistício na Coréia. — O Secretário Geral da O.N.U., Trygvie Lie, opina que o perigo de guerra atualmente é menor que há três meses e "sensivelmente menor que há um ano". Falando a um grupo de jornalistas, Lie diz que, apesar das contrariedades e tropeços da sexta sessão da Assembléia Geral, está convencido de que "estamos agora em melhores condições de continuar a obra da paz do que antes do início das reuniões da Assembléia". — Informa-se oficialmente que a conferência de Lisboa, do Conselho do Tratado do Atlântico Norte, foi adiada para 20 de Fevereiro, devido à morte do Rei Jorge VI.

9 — SÁBADO: — Anuncia-se, oficialmente, que a Côrte Britânica permanecerá de luto pelo Rei Jorge VI até ao dia 31 de Maio. — Os principais negociadores da ONU na conferência de trégua na Coréia concordam parcialmente com a proposta comunista para que se realize uma conferência internacional com o fim de estabelecer a paz no Extremo Oriente depois da assinatura do armistício. — O Departamento de Estado revela que a Embaixada da Espanha lhe entregou um memorando relativo à declaração feita pelo Presidente Truman, segundo a qual nunca teve simpatias pelo regime franquista. — O govêrno italiano denuncia seu tratado de paz com a Rússia que, como se sabe, recusou o pedido de revisão apresentado pelo govêrno de Roma.

10 — DOMINGO: — Os restos mortais do soberano britânico são transladados de Sandrigham para Londres. — Anuncia-se que o corpo ficará em exposição em Westminster Hall até ao momento do sepultamento, na sexta-feira próxima. — Um avião-transporte, pouco depois de levantar vôo do aeródromo de Newark, foi de encontro a um edifício espatifando-se. Pereceram no acidente cêrca de 30 pessoas, tendo outras saído salvas com ferimentos. — Os britânicos suspendem as restrições ao tráfego entre Suez, Ismaila e Port Said. — Anuncia-se que vão ser reiniciadas imediatamente as negociações para a solução da disputa anglo-egípcia.

11 — SEGUNDA-FEIRA: — A Câmara dos Comuns rende uma homenagem ao Rei Jorge VI, quando é lida uma mensagem da Rainha Elizabeth II. — O Embaixador Batista Luzardo, ao chegar a Buenos Aires, faz declarações acêrca das relações entre o Brasil e a Argentina, inclusive sôbre o novo Convênio Comercial em negociações. — Noticia-se que os Estados Unidos iniciaram negociações bilaterais com sete nações americanas, inclusive o Brasil, com o propósito de concertar acôrdos militares de segurança mútua. — Os aliados declaram que não permitirão a participação da China Comunista na Conferência da Paz na Coréia. Entre outras coisas, alega o Almirante Joy que a China sempre declarou que tomou parte na luta sòmente com contingentes de voluntários.

12 — TÊRÇA-FEIRA: — Encerram-se os trabalhos da Comissão Militar do Pacto do Atlântico,

CASA GARIBALDI
FUNDADA EM 1860
J. P. dos Santos & Cia., Ltda.
Vidros, espelhos, metais niquelados, cristais para vitrines.
VIDROS PLANOS EM GERAL
Marca Registrada
Rua Almirante Baltazar, 265
(S. Cristovão)
Tels.: 48-7232 / 28-5024
CAIXA POSTAL, 3747 —
End. Telegráfico: «GARIBALDI»

os quais serão apreciados pela Conferência dos países signatários do referido Pacto, que se realizará também em Lisboa. — Noticia-se que se está estudando a possibilidade do rearmamento imediato da Alemanha. — A recente declaração do Presidente Truman de que não tolerará o regime franquista provoca uma nota da chancelaria espanhola, a qual deplora as palavras do chefe do govêrno de Washington. — O Gabinete belga é derrotado no Parlamento com a aprovação de uma moção apresentada pelos socialistas censurando o Rei Baudoin por ter decidido a não assistir aos funerais do Rei Jorge VI. — A Assembléia Nacional francesa rejeita uma moção apresentada pelo govêrno, no sentido de serem imediatamente discutidos os projetos financeiros. Entretanto, após uma reunião dos Presidentes dos grupos parlamentares, a Assembléia modifica a sua decisão, atendendo ao pedido governamental. — Fracassa a greve geral inspirada pelos comunistas na França. — Do Egito noticia-se que estão sendo reabertos os estabelecimentos estudantis, fechados desde as ocorrências de Janeiro. — Irrompe uma polêmica entre dirigentes das fôrças armadas e membros do antigo govêrno, acêrca da responsabilidade pelos acontecimentos.

13 — QUARTA-FEIRA: — As Nações Unidas e os comunistas concordam em trocar todos os prisioneiros de guerra dentro de dois meses a contar da assinatura do armistício na Coréia. As Nações Unidas também formulam uma oferta conciliatória para chegar a um acôrdo com os comunistas quanto ao número de portos pelos quais as tropas revezadas poderão passar durante a trégua. — O Partido Socialista Francês pede que a Assembléia Nacional se oponha à decisão final sôbre o rearmamento alemão, até que o Comité de Desarmamento das Nações Unidas informe a respeito. — O Primeiro Ministro Winston Churchill tem sua primeira audiência formal com a Rainha Elizabeth II, curvando-se profundamente antes de ler sua breve mensagem de condolências em nome dos Comuns. — O Grão-Duque Vladimir, pretendente ao trono da Rússia, apela às nações ocidentais para que colaborem com êle para "libertar a Rússia do inimigo comum".

14 — QUINTA-FEIRA: — Em exposição ao Parlamento de Bonn, o General Heussinger declara que a tarefa principal, no plano defensivo europeu, pertencerá ao exército alemão. — Na Assembléia Nacional Francesa prosseguem os debates acêrca da criação do Exército Europeu. — O Primeiro Ministro Faure, após demorada exposição do assunto, apresenta a questão como um voto de confiança ao govêrno. — O govêrno egípcio deplora as ocorrências de 26 de Janeiro último verificadas no Cairo e promete indenizar os prejuízos causados nos graves distúrbios então registrados. — Encontram-se em curso negociações visando uma reaproximação entre a Inglaterra e o Egito. — O Senador Taft e o Sr. Warren, Governador da Califórnia, em sua propaganda eleitoral, usam como arma a política norte-americana no Extremo Oriente. — O Presidente Truman declara que ainda não tomou qualquer decisão quanto a apresentação de sua candidatura. — Falece o ator português Nascimento Fernandes. — O Sr. André Marie, Ministro da Educação da França, faz uma comunicação sôbre a criação do Instituto de Altos Estudos da América Latina. — Novos comentários tece a imprensa norte-americana sôbre as medidas do govêrno brasileiro acêrca do retôrno de capitais investidos em nosso país. — Encerra-se, sob a presidência do Sr. Ministro da Fazenda o VII Congresso das Caixas Econômicas Federais.

15 — SEXTA-FEIRA: — O Rei Jorge VI é sepultado no mausoléu dos monarcas britânicos, sob a antiga capela de S. Jorge, depois de uma cerimônia de 25 minutos, na qual a Rainha Elizabeth II lança terra sôbre o ataúde de seu pai com uma vasilha de prata. Num gesto tocante — mais de filha do que de rainha — Elizabeth entra e sai da capela ao lado de sua mãe viúva, em vez de deixar que esta a seguisse atrás, segundo as regras da etiquêta. — Comentando a moção apresentada ao Senado pelo Senador Tom Connally, pedindo que os Estados Unidos rompam as relações diplomáticas com a Hungria, um porta-voz do Departamento de Estado declara que o problema das relações entre os Estados Unidos e os governos comunistas era alvo de um estudo constante e minucioso por parte dos serviços diplomáticos americanos. — Vinte e um homens e oito mulheres, acusados de espionagem e alta traição, como membros de uma cadeia de espionagem comunista, comparecem diante de uma Côrte Marcial de Atenas. — O ex-Primeiro Mi-

A BELEZA DOS SEIOS BÉL-HORMON
Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumosos, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.

BÉL-HORMON



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» nº ....

NOME ..............................
RUA .................... Nº ......
CIDADE ............ ESTADO .........

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

nistro Paul Reynaud declara em entrevista que, enquanto as tropas britânicas, francesas e norte-americanas permanecem na Alemanha, o rearmamento dêsse país não representa perigo para a França.

16 — SÁBADO: — As Nações Unidas rejeitam a tentativa comunista de incluir a Rússia entre as seis Nações neutras que fiscalizarão o armistício coreano, porém aceitam as duas outras indicações comunistas — Polônia e Tchecoslováquia. — O govêrno da Alemanha Ocidental declara que o pedido da Alemanha Oriental às quatro potências de ocupação, para que firmassem prontamente o Tratado de Paz "não era senão outra tática de propaganda". — Os Estados Unidos dão garantias à França de que as tropas norte-americanas permanecerão, provàvelmente, por muito tempo mais na Europa, de modo que os franceses não devem temer uma traição da Alemanha em conseqüência do rearmamento desta. — A Grécia é oficialmente convidada a ingressar na Organização do Tratado do Atlântico Norte. O convite é feito pelo encarregado de negócios norte-americano, em nome das doze nações que integram a organização. — O Sr. Presidente da República assina decreto admitindo na Ordem do Mérito Aeronáutico o Sr. Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Melo.

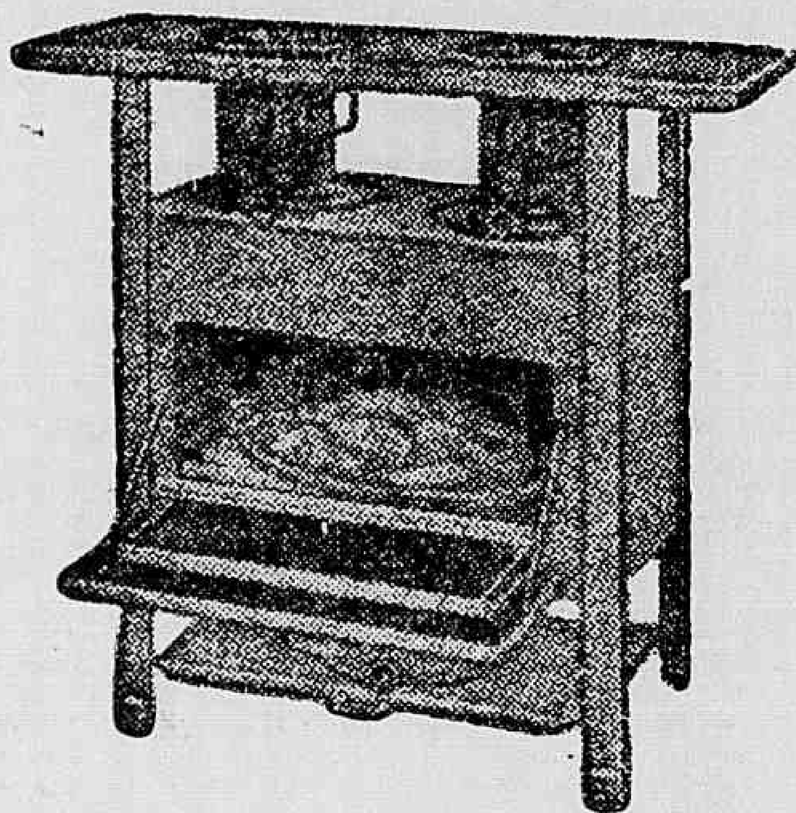
17 — DOMINGO: — Em Lisboa continuam as conversações preparatórias para a Conferência dos países signatários do Pacto do Atlântico. — Estuda-se as necessidades defensivas e as possibilidades econômicas de cada país. — O Primeiro Ministro Ali Maker faz declarações sôbre o desejo de independência do povo egípcio. — Ordenada a reabertura das universidades egípcias. — Cai na Sicília um avião-transporte inglês, perecendo carbonizadas as 34 pessoas que viajavam no aparelho.

18 — SEGUNDA-FEIRA: — Em Londres realiza-se nova e prolongada Conferência entre os Chanceleres Acheson, Eden, Schuman e Adenauer, versando as conversações acêrca da participação da Alemanha nos planos de defesa europeus. — Anuncia-se a prisão dos principais responsáveis pelas graves ocorrências verificadas no Cairo. — A polícia sueca descobre uma organização de comunistas que se encontrava a serviço da espionagem soviética. — Em Londres noticia-se que a Inglaterra efetuará na Austrália, ainda êste ano, a primeira explosão de uma bomba atômica. — O govêrno norte-americano anuncia que nova série de explosões atômicas serão realizadas no Pacífico.

19 — TÊRÇA-FEIRA: — Prosseguem em Londres as conversações preparatórias entre os chanceleres Acheson, Attlee, Schuman e Adenauer, para a Conferência Atlântica de Lisboa. — E' emitido um comunicado declarando que se estava prestes a alcançar uma feliz conclusão nas negociações. — Mais tarde aquêles chanceleres partem para a capital portuguêsa. — O Chanceler Martin Artajo, atualmente em Londres, pronuncia declarações acêrca da posição espanhola em relação aos planos defensivos da Europa Ocidental. — O deputado radical argentino Mauricio Yadarola protesta veementemente contra a cassação de suas imunidades parlamentares. — E' nomeado Intendente de Buenos Aires o Sr. Jorge Sabate. — O Primeiro Ministro Yoshida faz declarações, perante a Dieta japonêsa, acêrca do Pacto de Segurança nipo-americano. Encontram-se em curso negociações visando o estabelecimento de relações do Japão com a China Nacionalista. — Falece o escritor norueguês Knut Manson, detentor do Prêmio Nobel de Literatura. — Dois criminosos de guerra franceses são executados. — Em dois navios, partem de Portsmouth, com destino à Austrália, 400 toneladas de equipamentos e 100 especialistas, para as experiências atômicas que serão realizadas ali pela Inglaterra. — Falece nesta capital o Desembargador Urbano Muller Sales. — O Professor André Dreyfus falece em São Paulo.

20 — QUARTA-FEIRA: — A nona sessão da Organização do Tratado do Atlântico Norte inaugura em Lisboa seus trabalhos, com a aprovação da participação alemã na defesa européia em causa. A fórmula conciliatória concertada em Londres entre os Três Grandes e o chanceler da Alemanha Ocidental, Konrad Adenauer, elimina as principais divergências entre a França e a Alemanha. — No discurso que pronunciou na sessão de abertura do Conselho Atlântico, o Secretário de Estado norte-americano, Sr. Dean Acheson, declara inicialmente que as potências atlânticas "não desejam dispor de fôrças ar-


FOGÕES E FOGAREIROS
a gás de óleo crú ou querosene
R E I



A venda nas boas casas do ramo
INDÚSTRIAS "REI"
RUA DAS MARRECAS, n.º 5
Fabricantes do afamado
CHUVEIRO ELÉTRICO "REI"

madas para desencadear guerra preventiva". "Desejamos a paz e um objetivo de nossos esforços, de todos os sacrifícios passados e futuros, é permitir-vos viver em paz". — Os delegados da ONU nas negociações de armistício mantêm seu veto à participação russa nas equipes que fiscalizarão o cessar-fogo coreano. Após infrutífera reunião de duas horas, os delegados da ONU acusam os comunistas de retardarem as conversações. — Revela-se que a Inglaterra deixou de gastar cêrca de 120 milhões de libras esterlinas que havia reservado para o programa armamentista dêste ano. — Anuncia-se que a Grã-Bretanha, provàvelmente, realizará mais de uma explosão atômica nas experiências que pretende fazer na Austrália. — O Presidente Truman não quis dizer, em sua habitual entrevista coletiva à imprensa, se os Estados Unidos se comprometeram com a Grã-Bretanha a enviar tropas ao estrangeiro.

21 — QUINTA-FEIRA: — Noticia-se que foram suspensas tôdas as restrições impostas pelos britânicos. — O "premier" egípcio declara que vão ser reiniciadas as negociações com a Inglaterra. — Revela-se que os norte-americanos construíram **uma base aérea secreta no Pólo Norte. — Assinado** um acôrdo para a ajuda militar norte-americana ao Equador. — Nomeados novos embaixadores para Portugal e Itália. — Realiza-se em Paris o casamento da Senhorinha Ema Largoiti com o Marquês Pierre de Segur. — Noticia-se que partirá no dia 20 de Março próximo, para o Brasil, uma embaixada cultural portuguêsa, chefiada pelo Secretário da Informação, Sr. José Manuel Costa. — Importantes figuras do Partido Comunista da Itália abandonam suas hostes acusando-as de "antinacional". — Novas detenções de elementos a serviço da espionagem russa verificam-se na Suécia. — Noticiado que o govêrno britânico reduziu em 38 milhões de libras esterlinas o programa de rearmamento para 1952-53. — Circulam rumores de que a "Scotland Yard" descobriu um "complot" comunista. — Nomeado Alto Comissário na Austrália Sir Alexander Clutternuck.

22 — SEXTA-FEIRA: — O Conselho do Atlântico aprova a criação de um exército europeu composto por seis nações, incluindo fôrças alemãs. Ordena que êsse exército tenha o apoio do poderio militar das 14 nações que formam parte do Pacto do Atlântico e de uma frota aérea de 3.500 aviões. — Segundo se noticia, treze mil soldados nacionalistas chineses estão se concentrando na Birmânia Oriental, a despeito dos protestos birmaneses, e estão se organizando para um ataque contra a China Comunista. — Quinze delegações à ONU alinham-se em favor de um protesto junto ao Conselho de Segurança contra o domínio francês sôbre a Tunísia, alegando que as desordens ali representam ameaça à paz internacional. — O General Douglas Mac Arthur publica uma declaração na qual afirma que não apoiará a candidatura do General Dwight Eisenhower "a uma função política". — O Peru e os Estados Unidos assinam um acôrdo bilateral de assistência militar, reiterando ambas as nações os seus compromissos de defender o hemisfério ocidental e fomentar a paz internacional, dentro das estipulações da Carta das Nações Unidas.

23 — SÁBADO: — De Londres informam que ali foram presos numerosos elementos comunistas, que agiam em combinação com conhecidos elementos da espionagem internacional. — Virtualmente paralisadas as conversações pró-armistício em Pan Mun Jom, onde os delegados comunistas e aliados trocam ásperas censuras e nada realizam de aproveitável. Enquanto isso, as tropas da ONU melharam as suas posições no setor oeste e a aviação derruba quatro caças adversários. — O rei Faruk, do Egito, falando a jornalistas, por ocasião de uma exposição de flores, declara ter fundadas esperanças de resolver ràpidamente a situação do Suez. — Melhora sensivelmente a situação da sêca nos Estados nordestinos com as

Senhora!
Na toilette diária nunca deve ser esquecida a sua HIGIENE ÍNTIMA
Metrolina
ANTISSÉPTICO
ADSTRINGENTE
BACTERICIDA

primeiras chuvas. No Ceará as chuvas caem com grande fôrça e prolongadamente. — Distúrbios em diferentes cidades da Tchecoslováquia, obrigando a importantes deslocamentos de fôrças policiais e do Exército. — A Inglaterra enfrenta a pior crise financeira de tôda a sua história, segundo foi revelado oficialmente. — Persiste a crise ministerial francesa, estando a nação, por assim dizer, sem govêrno e, portanto, sem meios de atender a importantes problemas, principalmente os de ordem financeira.

24 — DOMINGO: — Ofensiva da imprensa Soviética contra a ONU. — O Alto Comissário norte-americano para a Alemanha Ocidental, John J. McCloy, em seu nono relatório trimestral ao Departamento de Estado norte-americano sôbre a Alemanha, afirma que o crescimento do néonazismo representa um constante "perigo potencial", mau que não constitui ameaça imediata para a República Ocidental alemã. — Agitação comunista em Fortaleza, Ceará, sendo efetuada prisões. — Prossegue ativamente a dragagem do pôrto de Belém, do Pará. — Revela-se de Tóquio que está sendo organizada uma delegação japonêsa que virá ao Brasil negociar novo acôrdo comercial.

25 — SEGUNDA-FEIRA: — Violento temporal desaba sôbre a capital paulista, inundando ruas, praças e residências, com grave prejuízo para o comércio. — Novo processo para extração do óleo do carôço do algodão anunciado pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos. Com equipamento duas vêzes menor ao que hoje se emprega, obtém-se um rendimento três vêzes superior. — Violento expurgo no partido comunista da Tchecoslováquia. — Revelam os técnicos militares norte-americanos a fabricação, pelos Russos, de um novo tipo de bombardeiro capaz de bombardear diretamente qualquer ponto do território norte-americano. — A Rússia tenta, pela centésima vez, na Assembléia da ONU, expulsar a China Nacionalista daquela sociedade e a admissão, em seu lugar, do regime vermelho de Pequim.

26 — TÊRÇA-FEIRA: — Fragorosa derrota soviética na ONU, quando é revogado o seu pedido de expulsão da China Nacionalista e admissão do govêrno vermelho de Pequim. — Falando na Câmara dos Comuns, o "premier" Winston Churchill diz que o govêrno anterior (trabalhista) criou, ao custo de muitos milhões de esterlinos, uma importante fábrica necessária à produção regular da bomba-atômica. — Revela-se, nos círculos competentes, haver novas esperanças de breve reinício das conversações anglo-egípcias, agora em tom amistoso. — Revelam os círculos chegados ao Palácio de Buckingham, que a Rainha Elizabeth II não será coroada êste ano. Esboça-se uma crise no gabinete italiano, motivada, entre outras coisas, pela prolongada enfermidade de vários de seus ministros principais. — A França não esconde seu temor quanto ao rearmamento alemão, exigindo mais e mais garantias aos Estados Unidos.

27 — QUARTA-FEIRA: — O Conselho do Atlântico aprova a constituição de 50 divisões e de uma fôrça aérea de 4.000 aviões. — A França organizará, em 1952, 12 divisões e 27 esquadrilhas. Em troca receberá 600 milhões de dólares, mais 300 milhões à guisa de ajuda econômica. — O Sr. Trigve Lie, ao chegar aos Estados Unidos, de regresso da Europa, declara que a tensão mundial geral declinou um pouco. — A Câmara dos Comuns rejeita, por 318 votos contra 285, a moção de censura trabalhista, dirigida pessoalmente contra Winston Churchill, por seu discurso perante o Congresso norte-americano. — De Pan Mun Jom revelam que o Comando aliado apresentou verdadeiro "ultimatum" aos comunistas: ou cedem quanto à questão da repatriação voluntária dos prisioneiros de guerra e a exclusão da União Soviética da Comissão Fiscalizadora, ou abandonem as negociações para alcançar um armistício na Coréia. — Informam os círculos com-


CORPO ESBELTO E FACEIRO!

VINHO CHICO MINEIRO

Seja inteligente! não espere engordar demais, tome de hoje em diante VINHO CHICO MINEIRO que conservará o seu porte elegante. A perda de pêso é natural, não faz mal e não provoca rugas. Insista no tratamento e depois do terceiro vidro o seu corpo tomará linhas firmes e delgadas adquirindo forma elegante indispensável à mulher moderna.

EUTRICHOL ESPECIAL

que faz voltar a côr natural aos cabelos brancos. Fórmula completamente inofensiva, não contém nitrato de prata ou outro sal prejudicial à saúde. Revigoriza o cabelo, não o deixando quebradiço. Pode ser usado indefinidamente, e o seu uso previne a queda do cabelo e elimina a caspa. Antes de acabar o primeiro vidro, o seu cabelo estará revigorizado, tendo voltado, portanto, à sua côr natural.

*À venda nas boas Farmácias.*

PARA COMPLETAR A SUA BELEZA E PERSONALIDADE USE ÊSTES PRODUTOS DA MULTIFARMA.

LEITE DE ARROZ BISCUIT

Para manter a limpeza e a higiene da pele, use LEITE DE ARROZ pela manhã, à tarde antes da maquilagem e à noite antes de deitar. Para fixar o pó de arroz não há melhor que o próprio LEITE DE ARROZ. O seu uso constante remove as partículas mortas e queimadas da pele, sardas, manchas, panos e cravos, tornando-a lisa, macia, aveludada e eliminando o cheiro desagradável do suor.

*(Exigir a marca BISCUIT)*

MULTIFARMA

Rua Direita, 191 — 6º andar
SÃO PAULO
Remessas pelo Reembôlso.

petentes que a Inglaterra e os Estados Unidos têm, agora, uma só política asiática. — Nos Estados Unidos são condenados à morte, por espionagem atômica, os comunistas Julius e Esther Rosenbert.

28 — QUINTA-FEIRA: — Noticia-se que o Secretário de Estado, Sr. Dean Acheson, fará hoje uma exposição acêrca das resoluções da Conferência de Lisboa sôbre o plano de defesa da Europa. O Presidente Truman faz elogiosas referências àquela reunião. — Fala-se sôbre a possibilidade da inclusão da Espanha no Pacto do Atlântico. — O Primeiro Ministro Nehru faz declarações sôbre a política externa de seu govêrno, referindo-se à presença de tropas comunistas nas fronteiras da Índia e Birmânia e ao comunismo em seu país. — Noticia-se que serão reencetadas hoje as conversações destinadas a solucionar a disputa anglo-egípcia. — Adianta-se que nas negociações não serão abordados assuntos atinentes às relações dos países árabes com Israel. — Em Tóquio é assinado um Pacto de Segurança entre os Estados Unidos e o Japão, pelo qual tropas norte-americanas permanecerão ocupando diversas bases japonêsas. — Nos debates sôbre a política externa do gabinete conservador o ex-Primeiro Ministro Attlee fala acêrca de um acôrdo secreto que Churchill teria concluído com os Estados Unidos quando de sua recente viagem.

29 — SEXTA-FEIRA: — Paul Reynaud, um dos mais experimentados políticos franceses, concorda em tentar resolver a crise política surgida no país, a fim de que não seja retardado o programa rearmamentista e a união da Europa Ocidental. — Os aliados rechaçam irrevogàvelmente a Rússia como possível supervisora da trégua na Coréia, e põem o futuro das conversações do armistício nas mãos dos comunistas. — A Rússia acusa o Congresso dos Estados Unidos de "insultar" e "caluniar" a União Soviética ao investigar a matança de 15.000 efetivos militares na região de Katyn durante a segunda guerra mundial. — O Marechal Tito, da Iugoslávia, declara que a questão de Trieste poderia ser resolvida na base de um acôrdo mútuo ítalo-iugoslavo em suplemento ao tratado de paz com a Itália. — A polícia japonêsa é alertada em todo o país para impedir as desordens ordenadas pelos dirigentes comunistas para o dia 1º de Março, data em que transcorre mais um aniversário do levante da Coréia contra a dominação japonêsa.

---

## Ao público

O sr. Oswaldo de Castro Oliveira, que se tem apresentado como agente desta revista no interior de Minas e Bahia, não é e nunca foi nosso representante.


# MATERIAL GRÁFICO

# VENDE-SE

## MÁQUINA IMPRESSORA

**marca WALTER SCOTT, formato 4-B, com motor General Eletric de 5-HP, dupla rotação, alimentador manual e equipada com 1 chave de fenda, 1 macête, 2 escôvas, 1 chave de cunhos, 16 cunhos, 3 ramas, 3 chaves de caixa, 6 chaves de pino, 1 lingueta do batente e 11 quilos de guarnições de ferro.**

## GUILHOTINA

**marca MARRIL & SONS, com 1,49 mts., de bôca, 2,38 metros de mesa, fita métrica de precisão, instalação elétrica com caixa blindada, mecanismo de proteção para o operador e motor MEECH de 3-HP.**

## CORTADOR

**Um cortador de entrelinhas com chanfrador combinado.**

**Propostas e informações com o sr. WENCESLAU — CIA. EDITÔRA AMERICANA — Tel.: 22-8647 — RUA VISCONDE DE MARANGUAPE, 15 — RIO DE JANEIRO**

# 65 LIVROS VIVOS 'A SUA ESCOLHA!

LIVROS VIVOS SÃO LIVROS DE PRIMEIRA NECESSIDADE.
POR PREÇOS BARATOS, OFERECEMOS A PRIMEIRA E MAIOR COLEÇÃO DE LIVROS JÁ PUBLICADA NO BRASIL! PEÇA HOJE!

- Páginas sensuais — Nº 131 — 20,00
- Para conquistar homens — Nº 136 — 20,00
- Castro Alves — Os Escravos — Nº 121 - 10,00
- Habilidades e proezas da juventude — Nº 137 — 15,00
- Poesias — Hinos do Equador — Nº 60 — 10,00
- Táticas de Xadrez — Nº 123 — 15,00
- O Banho — Emile Zola — O Beijo e outros contos — Nº 65 — 15,00
- Discursos para todas as ocasiões — Nº 122 — 15,00
- Pequenas biografias de grandes escritores — Nº 128 — 15,00
- O inquérito Kinsey sobre o sexo — Nº 127 — 20,00
- Anormalidades sexuais — Nº 95 — 20,00
- Desenvolva a memória — prático eficiente — Nº 82 — 10,00
- Manual do Motorista — Nº 36 — 15,00
- A arte e a técnica do beijo — Nº 93 — 15,00
- Cenas de amor dos melhores romances — Nº 81 — 10,00
- Espumas flutuantes — Castro Alves — Nº 46 - 10,00
- A Santa Cruz de Caravaca — Nº 94 — 15,00
- O nu através da arte — Nº 1 — 20,00
- A arte de fazer doces — Nº 85 — 15,00
- Manual do detetive amador — Nº 29 — 10,00
- Certo ou errado? — Nº 69 — 15,00
- Estudos sobre amor e sexo — Nº 91 — 15,00
- A arte de desenhar — Nº 70 — 30,00
- O que todos os homens devem saber para conquistar as mulheres — Nº 124 — 20,00
- Curso de desenho arquitetônico — Nº 45 — 150,00
- Técnica e prática sexual — Nº 2 — 20,00
- Costumes sexuais estranhos — Nº 4 — 15,00
- Como ler as mãos — Nº 14 — 15,00
- Testes de inteligência — Nº 78 — 10,00
- Guia íntimo da sexualidade — Nº 5 — 15,00
- Cartas de amor — Nº 20 — 15,00
- As chaves ocultas do poder — Nº 11 — 15,00
- Correspondência amorosa — Nº 21 — 15,00
- A conquista amorosa — Nº 92 — 15,00
- Como ler os pensamentos — Nº 13 — 15,00
- Dicionário de citações de frases célebres — Nº 80 — 15,00
- Enxertia prática — Nº 50 — 15,00
- Problemas sexuais dos solteiros — Nº 66 — 15,00
- Datilografia sem mestre — Nº 96 — 15,00
- Psicosexualidade — Nº 126 — 20,00
- Como interpretar os sonhos — Nº 12 — 10,00
- A felicidade sexual no casamento — Nº 3 — 15,00
- Dicionário de provérbios — Nº 88 — 15,00
- Desenho artístico — Nº 41 — 80,00
- Como se fazer amar — Nº 23 — 15,00
- Práticas sexuais no matrimônio — Nº 125 — 20,00
- Hipnotismo prático — Nº 15 — 15,00
- Vocabulário ortográfico de bolso — Nº 89 — 40,00
- Modêlos de cartas para todos os fins — Nº 90 — 15,00
- Estimulantes sexuais — Nº 67 — 15,00
- Como tirar a sorte — Nº 39 — 15,00
- Vigor sexual — Nº 6 — 20,00
- Erros de português e suas correções — Nº 26 — 15,00
- O livro das mágicas — Nº 68 — 10,00
- Quebra-cabeças, mágicas e passatempos — Nº 22 — 15,00
- Yes Sir! Inglês sem Mestre — Nº 32 — 12,00
- Instalações elétricas — Nº 38 - 60,00
- A cozinha nortista — Nº 86 — 10,00
- A arte de desenhar a mulher — Nº 42 — 30,00
- Como evitar a solidão amorosa — Nº 18 — 15,00
- Teste para os seus conhecimentos — Nº 34 — 15,00
- Formulário de matemática — Nº 37 — 20,00
- Fala e escreve corretamente a tua língua — Nº 27 — 15,00
- Grafologia prática — Nº 64 — 15,00
- A Carne — Júlio Ribeiro — Nº 140 — 25,00

**PARA COMPRAR:**
NÃO MANDE DINHEIRO, CHEQUES OU VALES POSTAIS.
NO INTERIOR: PEÇA PELO REEMBOLSO POSTAL
NO RIO: PROCURE NOSSO BALCÃO OU NAS PRINCIPAIS LIVRARIAS

**EDITORA GERTUM CARNEIRO S.A.**
Rua México, 128 - Dep. 5-B RIO

Peço enviar pelo REEMBOLSO POSTAL os livros cujos números indico abaixo:

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

BASTA INDICAR O NÚMERO

Nos pedidos abaixo de Cr$100,00 há aumento de 10%

NOME . . . . . . . . . .
RUA . . . . . . . . . .
LOCALIDADE . . . . . . . . . .
ESTADO . . . . . . . . . .

# ASSEGURE O SEU FUTURO

## ESTUDANDO POR CORRESPONDENCIA

### DESENHO ARQUITETONICO DESENHO MECANICO e DESENHO ARTISTICO

inclusive *desenho comercial e publicitário*

Confie na sua personalidade e ganhe respeito, admiração e uma posição social destacada. UM FUTURO BRILHANTE aguarda V. S. e uma vida cheia de possibilidades ilimitadas. Ajudá-lo-emos a desenvolver o seu talento, a ampliar a sua imaginação e a aplicar a sua capacidade construtiva e organizadora.

### CONTABILIDADE

Ficará habilitado a ganhar os melhores ordenados como guarda-livros especializado.

CADA ALUNO FARÁ ESCRITURAÇÃO COMPLETA DE UMA CASA COMERCIAL.

O Brasil sente atualmente uma tremenda necessidade de técnicos em contabilidade e direção administrativa. V. S. poderá fàcilmente chegar a um dêstes postos almejados e realizar o sonho de uma vida brilhante.

### CORTE E COSTURA *Tricô e Bordado*

*Centenas e centenas de moças e de senhoras tiveram a vida completamente transformada graças ao estudo pelo nosso método fácil, rapido e eficiente. Em pouco tempo e com despesas insignificantes VIRÁ V. S. A SER UMA VERDADEIRA ARTISTA, perfeitamente capaz de executar todo e qualquer trabalho, inclusive trajes de casamento, lingerie fina, vestidos para esporte, etc., etc.*

### PORTUGUÊS
### INGLÊS
### AUXILIAR E CAIXA
### CORRESPONDENTE
### SECRETÁRIO
### ESTENO-DATILOGRAFIA

Realise a sua independência econômica, melhorando o seu "standard" profissional e intelectual. A vida, em tôda parte, é dirigida pela lei biologica: vence o mais forte. Seja um dêstes, desenvolva sua inteligência, aumente o seu valor. UMA NOVA VIDA ABRE-SE NA SUA FRENTE. Não vacile e avance confiante, firme e orgulhoso de si mesmo.

## . . . EIS O QUE CONSEGUEM OS NOSSOS ALUNOS, FELIZES E TRIUNFANTES . . .



10 DE MAIO DE 1951.

Até agora pude apresentar às autoridades Eclesiásticas e com satisfação ver aprovados: 1) O projeto para um grandioso prédio de dois andares, para as Associações Paroquiais em Jaguariaiva. 2) O projeto para um Salão Nobre e uma Igreja, medindo os dois 13x30 m, a serem realizados no grande "Colégio Santa Maria em Eng. Gultierez (Paraná). 3) O grande Colégio e Hospital para as Irmãs Franciscanas de Campinas, a ser levantado também em Eng. Gultierez; além disso outros pequenos trabalhos.

*Frei Luis M. de Bassano Capuchinho*
JAGUARIAIVA - Est. do Paraná



25 DE ABRIL DE 1951.

Estou muito contente com os estudos, pois já consegui emprêgo num escritório de uma casa comercial.

*Sara de Souza Roque*
CORONEL FABRICIANO
Est. de Minas Gerais



10 DE MAIO DE 1951.

Já estou apta a desempenhar a minha profissão, pois venho fazendo, além das costuras de minha família, outras que me têm dado rendimento.

*Aparecida de Paula*
SANTA ADÉLIA
Est. de São Paulo



29 DE MARÇO DE 1951.

Tendo completado o Curso de Contabilidade, estou trabalhando no ramo, contando atualmente com 12 escritas comerciais.

*Severino Pereira do Nascimento*
CORUMBÁ
Est. de Mato Grosso



8 DE DEZEMBRO DE 1950.

Venho dar-lhe os meus mais profundos agradecimentos, pois estou trabalhando como Auxiliar de Escritório na firma Irmãos Chrisóstomo, ganhando bem e com um futuro promissor.

*Idelcides Pereira Silva*
PENAPOLIS - Est. de S. Paulo



19 DE FEVEREIRO DE 1951.

*Hoje mantenho em meu serviço regular de costuras cinco costureiras, ex-alunas minhas, e ao mesmo tempo leciono numa turma de oito alunas.*

*Ornila S. C. Correia*
TIMBAUBA
Est. de Pernambuco



3 DE MARÇO DE 1951.

Sou feliz porque encontrei em seu Instituto o meu ideal na vida. Tenho costurado muito para meus filhos e meu espôso. Faço vestidos para fora e tôdas gostam das minhas costuras e assim já estou ganhando dinheiro.

*Alayde A. Chiavazolli*
PETRÓPOLIS - Est. do Rio



25 DE MAIO DE 1951.

Graças aos conhecimentos adquiridos por intermédio dêsse Instituto, estou fazendo todo o serviço de Contabilidade de duas firmas comerciais.

*Ataulpo Pereira Lima*
PASSOS - Est. de Minas



SÃO JOSÉ DOS CAMPOS
25 DE MAIO DE 1951

Envio ao Instituto a fotografia da ponte "pencil" que construí, cujo projeto e construção foram executados por mim, sem auxílio de técnico algum, apenas pelo que aprendi nesse Instituto. Esta ponte se acha construida sôbre o Rio Buquira, na Estrada de Campos de Jordão - Fazenda do Pingo D'Água - Km 121.500m e êste trabalho foi muito comentado aqui e na Capital.



*Nicolau R. Marques*
SÃO JOSÉ DOS CAMPOS
Estado de S. Paulo



24 DE FEVEREIRO DE 1951.

Sinto-me satisfeita porque já recuperei o dinheiro que gastei e já estou depositando dinheiro no Banco Financial da Producão

*Benedita G. Marinho*
IPUIUNA - Est. de Minas



7 DE DEZEMBRO DE 1950.

Eu era lavrador e hoje, graças aos estudos por correspondência do Instituto Universal Brasileiro Ltda., estou ganhando um bom ordenado como Auxiliar de Escritório.

*Alvaro G. Sanches*
MURUTINGA - Est. de S. Paulo



6 DE JANEIRO DE 1951.

Venho agradecer o meu Curso realizado nesse Instituto, por ser tão prático e fácil. Já consegui emprêgo com boas condições.

*Ulidor Karsten*
BLUMENAU
Est. de Sta. Catarina



8 DE FEVEREIRO DE 1951.

Acho-me bastante satisfeito com os estudos de Contabilidade dêste Instituto, pois estou trabalhando em Contabilidade Bancária, gerenciando uma Coope.ativa.

*Geraldo Alves Ferreira*
ITAPETIM - Est. de Pernambuco

não perca tempo

e mande-nos

HOJE

o coupon ao lado



INSTITUTO UNIVERSAL BRASILEIRO
CAIXA POSTAL 5058 — SÃO PAULO

1425

*Ilmo. Sr. Diretor: Peço enviar-me GRATIS o folheto completo sôbre*

*o curso de* ........................................ *por correspondência*
*(indicar o curso desejado)*

NOME ........................................

RUA ........................................ N. ..........

CIDADE ........................................

ESTADO ........................................

# QUEBRA CABEÇAS

Diretor: DR. LAVRUD — Secretário: DABLIÚ — ANO XXXIV — Nº 11 — Abril — 1952
Dicionários adotados nesta seção: Simões da Fonseca — Hildebrando — Gustavo Barroso, Pequeno Brasileiro, 9ª edição — Japyrassu e Casanovas: Monossilábicos — Sylvio Alves, Breviário — Dicionário de Nomes Próprios, de Lidaci — Provérbios Originais, do Dr. Lavrud.
Tôda correspondência sôbre charadas deve ser dirigida para a redação de EU SEI TUDO — Rua Visconde de Maranguape, 15 — e endereçada ao redator desta seção.

## LOGOGRIFOS

— 1 —

*Jardim extenso e murado* — 1-9-5-6-7-2
Tendo uma *árvore* frei Jorge — 6-7-8-5-8
Bem no centro. Era um ducado
Sem *taimbé* nem caborge... — 1-2-5-4-7

O titular pequenino,
*Brilhava* nos seus folguedos. — 9-5-3-8-4
Dava festa de menino
Rodeado de brinquedos.

Ali, tudo era alegria,
Sem travos, desconfianças,
O amor, a euforia,
Num *govêrno de crianças*.

*Jayreis* (Salvador)

---

### SUBLIME VENTURA

— 2 —

Enquanto a turba *passa* indiferente, — 5-12-7-5-10-4-4-10
Unida a sua mente à do Senhor,
Sorrisos n'alma segue avante o crente,
Iluminado pela luz do Amor.

Como a brisa que *vôa lentamente*, — 5-10-8-7-10
Osculando furtiva o viajor,
De manso, muito manso, brandamente,
Êle *espalha* essa luz com todo ardor — 8-7-2-10-11-8-10

Feliz daquele que com amor intenso,
Ramificando as flores da Bondade,
Esparge com carinho. E com ternura,

*Incita* para o Bem, o ser propenso, — 6-4-1-3-7-10
Talhado para o *Mal*. — E' a caridade — 9-3-2
A flor que nos perfuma de *ventura!*

*Heliotrópio* (Pôrto Alegre)

## CHARADAS NOVÍSSIMAS

3 — Duas-duas — Houve *época* em que a polícia era *ativa* no combate à *desordem*.

*Acobar* (Maceió)

---

4 — Uma-uma — Com o *choque*, aumentou o *brilho* do *lavor de ouro sôbre esmalte*.

*Carlino* (Niterói)

---

5 — Duas-duas — *Ora!* Futebol *joga* tanto o gaúcho como o *nortista*.

*Dr. Zinho* (Taubaté)

---

6 — Duas-duas — Só mesmo indivíduo *acriançado* aceita tão *grande quantidade* de maroteiras do refinado *patife*.

*Dr. Zepanta* (Coruripe — Al.)

---

7 — Três-uma-três — Debaixo de *vaias* ninguém *vive em harmonia*, diz ao *individuo mentiroso* o *individuo loquaz*.

*El Principe* (Uberaba)

8 — Uma-duas — A minha *situação* não permite fazer *parte* desta viagem de turismo, pois me acho *sem dinheiro*.

*Farani* (Salvador)

---

9 — Duas-duas — Fazes *arrelia*, meto-te a *correia* e prendo-te à *algema*.

*Fusinho*, CEC-GCN (Bangu, Rio)

---

10 — Três-duas — *Causa espanto* aos *homens sanguinários* a ousadia do sujeito *tagarela*, desafiando-os para duelo...

*J. A. Pimentel* (Itapaci, Go.)

---

11 — Duas-uma — Se qualquer pessoa disser uma *piada* ou fizer *troça* comigo, leva uma boa *bofetada*.

*Jafasil* (B. Simões, Irará, Bahia)

---

12 — Uma-duas — A *tristeza* é uma *coisa* que nos *torna fraco*.

*K.T.Q.Z.* (Rio)



NA ACIDEZ DO ESTÔMAGO...
● ENO é de ação imediata! Azia? Prisão de Ventre? Use ENO ao deitar e ao levantar...
LAXANTE
ANTI-ÁCIDO
ESTOMACAL


"SAL DE FRUCTA"
ENO
A VIDA DE HOJE PRECISA DO ENO

13 — Duas-duas — Ao *menor* sinal de perturbação do *intestino* chamo o médico, sem *desdouro* algum.
*Lidaci*, T.G. (Rio)

14 — Duas-duas — Quem *confunde* os seus com os *bôlsos* alheios, não pode ser um *ladrão sutil*.
*Malba Tantan*, C.E.S. (Santos)

15 — Duas-uma — *Desfruta* no carnaval, trajado de mulher com *mantilha*, o *engraçado* folião.
*Mambira de Jiquitaia* (Salvador)

16 — Duas-duas — *Procure* verificar se não há *nenhuma* relação entre um grande criminoso e uma *pequena cadeia*.
*Plá* (Rio)

17 — Duas-duas — Quem gaba sua *terra natal* não *erra*, *está claro*.
*Roazo* (S. Luís, Mar.)




**Juntas rijas e inchadas, torturadas pelo reumatismo, são sintomas de rins debilitados. As dores que estes males provocam, são insuportáveis, deixando o doente desanimado, a passar as noites em claro, sem fôrças para o trabalho ou disposição para gozar a vida. Milhares de pessoas sofrem essas dores, quando poderiam evitar, de vez, tais padecimentos, tomando as Pilulas De Witt para os Rins e a Bexiga. Especialmente preparadas para combater os distúrbios renais, as Pilulas De Witt aliviam as dores prontamente, restaurando o vigor e a vitalidade ao organismo, graças à sua magnífica ação tonificante.**

**Pilulas DE WITT**
**para os Rins e a Bexiga**
**Em vidros de 40 e 100 pilulas**
**O grande é mais econômico**

★

## ENIGMAS

— 18 —

Veja que *cousa complicada*
Tece "Nhô Quincas", velho tio:
Rega jardim pela invernada,
Planta capim por todo estio
Onde?
*Dr. Jofran* (Fortaleza)

*Ao amigo Dr. Lavrud*:

— 19 —

Se à casa da minha amada
Vou duas vêzes seguidas
Sem os bombons que ela adora,
Ela fica tão zangada,
Que me prega mil partidas,
E em *confusão* grita e chora.
*R. Kurban*, T.B. (São Paulo)

— 20 —

Prudente morubixaba
dizia com grande unção:
um chefe inábil acaba
com a glória da nação.
*Si* ao invés em apto guia
a direção fôr parar
terá a tribo alegria
*Confôrto* e bem-estar.
*Roama* (Guapiaçu)

★

## CHARADAS SINCOPADAS

21 — Três (duas) — Sob a *sombra* acolhedora de uma árvore, a menina brinca com sua *boneca*.
*Arpetra*, C.E.S. (Santos)

22 — Três (duas) — A *mulher que gosta de andar muito fora de casa* dá-se, na minha terra, o apelido de *goteira do telhado*.
*Alô Tropina*, H.C. (Rio)

23 — Três (duas) — Todo sujeito *cuidadoso* prega *estampilha* com zêlo.
*Edur Gomes Monteiro* (Cuiabá)

24 — Três (duas):
Num pensamento *acertado*
Muita gente tem falado
De um modo tolo, qualquer.
Mas, às vêzes, na *sentença*,
Aparece a diferença
E não se diz o que quer.
*Apolônia Vilar* (Campina Grande)

25 — Três (duas) — A *pessoa inconstante proíbe* o direito do sucesso a si próprio.
*Jorge Guimarães* (Maceió)

26 — Três (duas) — Que extravagância daquele *manhoso*, usar a tiracolo a *correia dupla que sustenta o estribo!*
*Fiote* (Cuiabá)

27 — Três duas) — Êle tinha *contado* receber uma obra literária, mas lhe coube por sorte um frasco de *óleo aromático*. Que decepção!
*Heron Silpes* (Canavieiras)

28 — Três (duas) — Êle é *de espírito monacal* e não tem *pendor* pela igreja.
*Irahydes* (Rio)

29 — Três (duas) — Foi numa *correnteza forte dos rios, quase cachoeira*, que caiu um *fardo* de algodão.
*Levon* (S. Paulo)

30 — Três (duas) — Esta é *vulgar*, não se *aflija!*
*Lutércio*, H.C. (Rio)

31 — Três (duas) — Entre na *faixa*, não se *constranja*.
*Nilva*, C.E.C. (Rio)

32 — Três (duas) — Todo *sedutor de mulheres* se julga digno de figurar numa *moldura*.
*Matsuk*, T.E. (Rio)

33 — Três (duas) — Existe certa *harmonia* nesta *historieta*.
*Nostradamus* (Santos)

34 — Três (duas) — Menino *implicante* e *manhoso!*
*O Sineiro*, GCN-CEC (S. Paulo)

## CHARADAS ANTIGAS

— 35 —

Não *molesta* o seu pescoço — 2
o *defeito* de trazer — 2
bem apertado, ao almôço,
a *gravata de mulher?*
*Mário Noval* (Bissau)

— 36 —

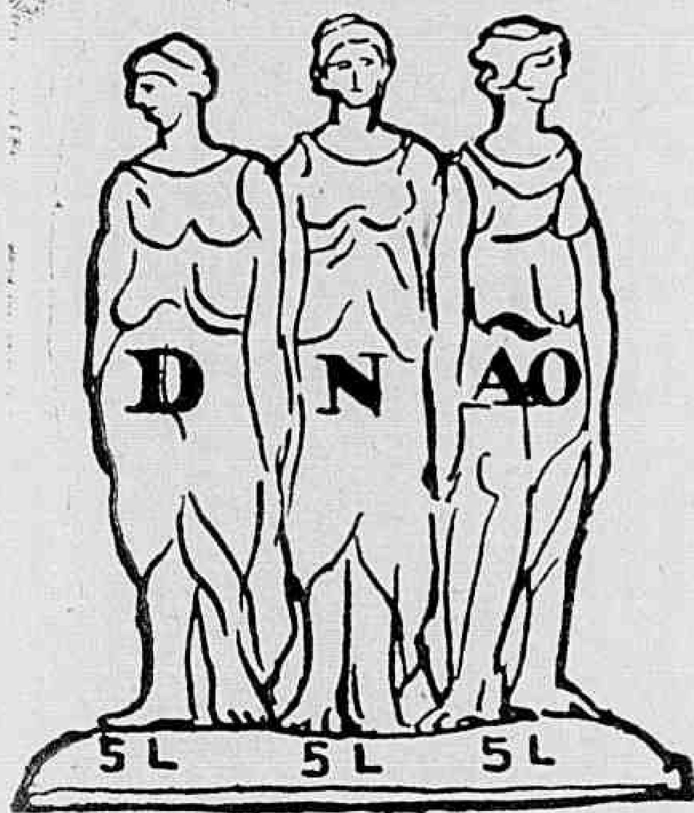
Um *toleirão* desgraçado, — 3
Na *corrente de água* escura, — 2
Fazendo *asneira* — coitado! —
Foi buscar a sepultura.
*Lord* (Goiânia)

— 37 —

Não tenho nenhum *receio* — 2
Disse um *senhor* já idoso, — 1
De enfrentar de verdade
Qualquer tipo *pavoroso*.
*Luferra* (Palmares)

★

## ENIGMA FIGURADO — 54




*Ao Jayreis, lembrando o nosso almôço da Colombo:*

*Dr. Lavrud* (Rio)

★

## CHARADAS CASAIS

38 — Duas — O *agrupamento de pessoas* presenciou a fratura que sofri no *joelho*.
*Arnaldo Nunes* (Rio)

39 — Duas — O *conflito* no mundo causa-me *profunda tristeza*.

*Adolfo Tuchman* (Rio)

40 — Quatro — Quem *gagueja* não deixa êsse defeito porque não faz forte *tentativa*.
*Bisilva* (Manaus)

41 — Três — *Aumenta* de valor o *auxílio* sem interêsse.
*Conde de la Fere* (Salvador)

42 — Três — E' no *locutório* que os fiéis vão fazer seu *ajuste de contas* com Deus.
*Conselheiro* (S. José de Mipibu)

43 — Três:
Por que você *se exaspera?*
Tenha calma, coração!
Não fique feito uma fera,
Nem se exalte tanto em *vão*.
*Dr. Barreto Cardoso* (Maceió)

44 — Três — O escafandrista *mergulha*, apanha o óleo e lubrifica o *timão da charrua*.
*Debrito*, GCN-CEC (Recife)

45 — Quatro — O *rústico* camponês casou-se com uma mulher *baixa*.
*Trinca Fantasma* (Salvador)

46 — Duas — Êle *seduz* todo o auditório quando interpreta a tal *poesia lírica*.
*Major Agá* (Itajubá)

47 — Três — *Entristece*-me ver depois de uma inundação tanta gente sem *abrigo*.
*Ed Vep* (Maceió)

48 — Três — O *mau* vício *corrompe* o caráter do homem, levando-o fatalmente à desonra.
*Emidlej*, A.C.C.B. (Salvador)

49 — Três — Entrei na *escaramuça pleno* de satisfação.
*Gumercindo Leite* (João Pessoa)

50 — Duas — Não há possibilidade de confusão entre o *lugar de um rio onde a passagem é difícil* e um braço de *mar*, por menor que êste seja.
*Guijuno* (Rio)

51 — Cinco — Conheço uma mulher que, além de ser *asmática*, sofre de uma *dor que abala todos os dentes e os daixa aluidos*.
*Gomes Júnior* (Maceió)

52 — Três — Sou muito *franco*, aprecio qualquer problema, desde que a *solução* não me faça perder muito tempo.
*Gil Virio* (Andradina)

53 — Duas:
Febre alta e *calafrio*
Vêm de momento a momento.
Tem o doente fastio;
Não quer saber de *alimento*.
*Lord* Goiânia)




JUVENTUDE
ALEXANDRE
VIDA
VIGOR
MOCIDADE
DOS
CABELOS



## ENIGMA FIGURADO — 55



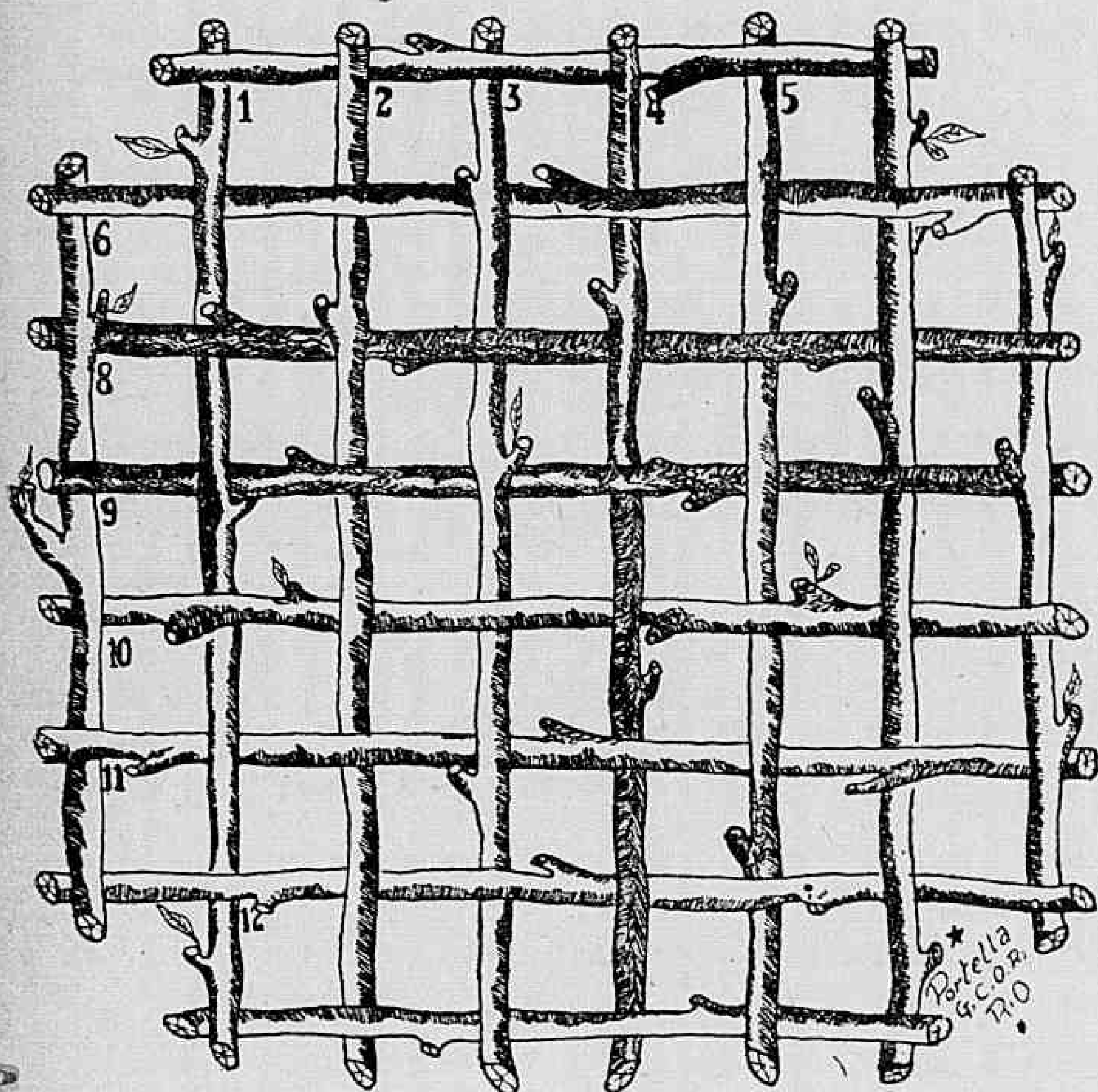


*Merode*, GEM (Pará de Minas)

★

## PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA Nº 1



*Portella* — G.C.O.R. (Rio)

*Horizontais*: 1 — Acarima; 6 — Cordilheira do Brasil, entra no Estado de Mato Grosso; 8 — Feita com primor; 9 — Firmeza de alma; 10 — Excitará; 11 — Graças; 12 — Ilustre casa de Castella (pl).

*Verticais*: 1 — Conjunto de coisas densas ou eriçadas; 2 — Araribá; 3 — Denunciante; 4 — Seguirá, adotará; 5 — Fulmines; 6 — Fardos; 7 — Curas.

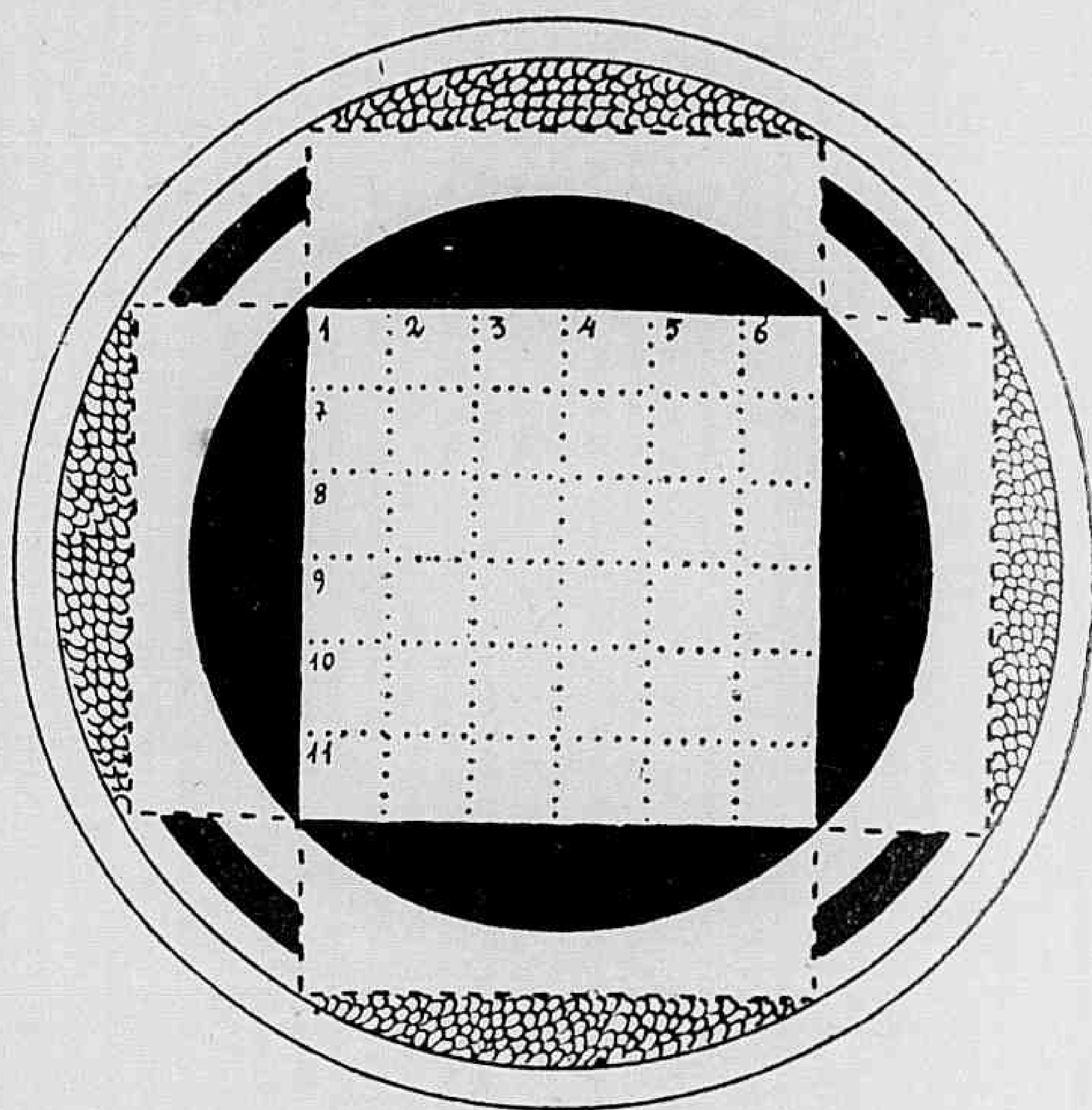
★

## 2º TORNEIO DE 1951

APURAÇÃO FINAL

Janota, Julião Riminot, O Sineiro, Carlino, Ziul, Lutércio, Nilva, Plá, Nostradamus, Cantagalo, Dr. Kean, Oicaroh, Durmel, Jotoledo, Irahydes, Eulina Guimarães, El Principe, Imara, Dupla Jorisa, Jayreis, Seamva, Pompeu Júnior, Dr. Zinho, Toberal, Sefton, Farani, Major Agá, Buridan, Matsuk, Emidlej, Racha, Thisbe, Walter T. Chaves,

PROBLEMA Nº 2



*Radge* — G.C.N. (Recife)

*Horizontais*: 1 — Roda formada pelos quatro braços da fateixa; 7 — Satisfazer; 8 — Finória; 9 — Pregaram; 10 — Diabrura; 11 — Amargos.

*Verticais*: 1 — Cativa; 2 — Escolheram; 3 — Asnice;; 4 — Continuar; 5 — Durado, existido (desde certo tempo); 6 — Abelhas silvestres da família dos Apídeos.

## Ao público

O sr. Oswaldo de Castro Oliveira, que se tem apresentado como agente desta revista no interior de Minas e Bahia, não é e nunca foi nosso representante.

Alivio rápido para
HEMORROIDES
Man-Zan é a pomada que alivia, na hora, as dôres e os pruridos causados pelas hemorroides. Man-Zan acalma e refresca. MAIS ATÉ: Man-Zan é antisséptico suave para os tecidos, mortal para as bactérias. Por isso, Man-Zan também previne as infecções e outros graves males consequentes das hemorroides.
Um produto De Witt - à venda em tôdas as farmácias.
Coadjuvante para Hemorroides
Pomada ManZan
Aprovado pelo Depto. Nacional de Saúde, sob n. 77, em 12/2/41.

BIGODE
DE SENHORAS E VERRUGAS
ELIMINAÇÃO GARANTIDA SEM CICATRIZES
GUILHERME KLOTZ
AV. BRIG. LUIZ ANTÔNIO, 4289 - S. PAULO
Peça prospectos

# CARTOMANCIA

Ro-San, Malba Tantan, Caboclo, Edpim, Jotorácio, Sertanejo II, Mambira de Jiquitaia, Arpetra, Lupe, Gato Prêto, Johanes Latium, Xixto, Aglaé, Ycaro, Ronega, Alvasco, Radge, Sônia, Sam, Alô Tropina, Zizinho, Kinosos, Chico Bacamarte, Binastro, Rafinha, Alguém, Édipo, Lujoca, Varetas, Leiria Dias, Ruvina, Antero, Dick, Envergonhado, Jocati, Ordisi, O. Janz, Juca Pirolito, Padre Chagas, Nami, Tencel, Lord, Viviane, Oidaleh, Debrito, Roazo, Spartaco, Júpiter, Zepenha, Lidaci, De Souza, Paraná, Diamante, Ralvo Ilvas, Sinhô, Ueniri, Centauro, Pele Vermelha, Paco, Raul Petrocelli, R. Kurban, Don Roal — 158 pontos; Aufergo — 157; Gil Virio — 155; Régito, Conde de la Fere — 154; Tony — 152; Argonauta — 151; Seu Teixeira — 150; Botucarahy — 145; Milon — 144; Sphinx, Plutarco, Donatila Borba — 143; Welton, Notrya, Zèzinho — 138; Zuncronitano — 123; Magali — 100; Bisilva — 99; Dr. Barreto Cardoso — 96; Sertaneja — 80.

★

INSCRIÇÕES

Foram inscritos: *Carike* (São Paulo); *Gomes Júnior* (Maceió); *Dom Papá* (Capital); *Acobar* (Maceió); *Oarcio* (Rio).

★

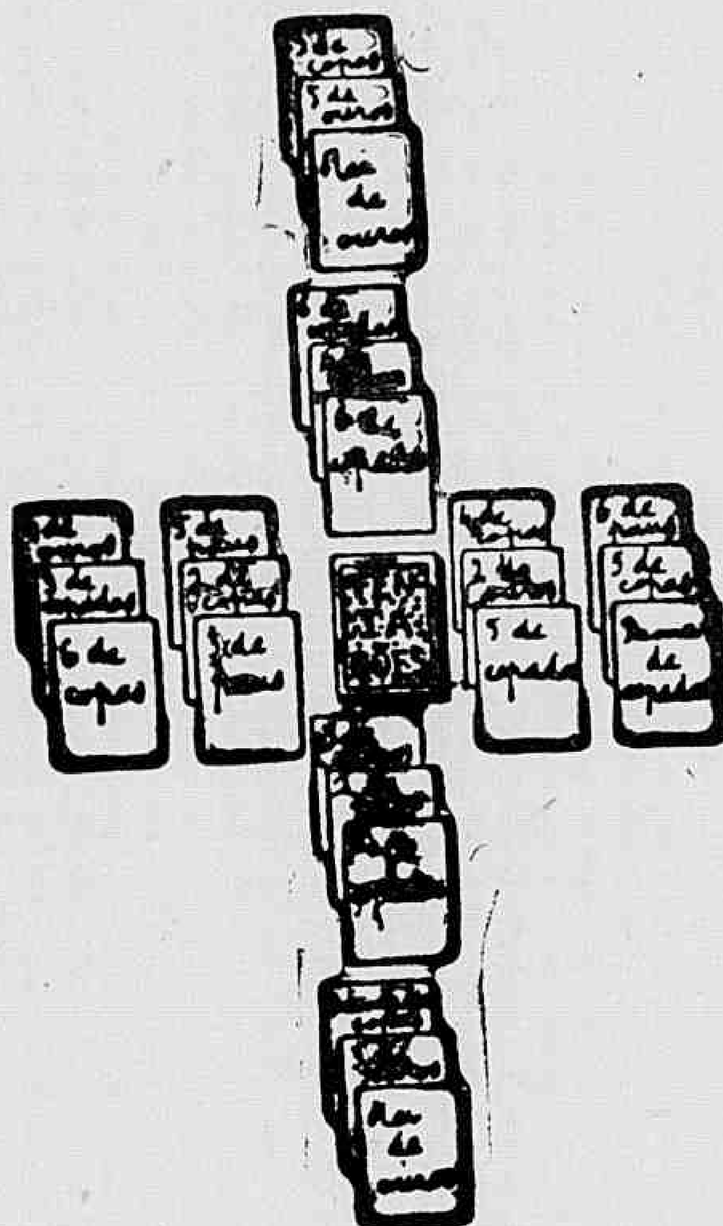
PRAZO

Para as soluções de cada mês, Distrito Federal e Niterói, 45 dias; demais Estados, 90.

Tôda a correspondência para esta seção deve ser dirigida a seu diretor,

*DR. LAVRUD*

MINEIRINHA LOURA (solteira, Minas Gerais) — Noto um jovem de bons sentimentos, procurando interessar a consulente. Suas cartas mostram ainda, uma série de contrariedades, causadas por uma jovem morena. Uma carta vinda por mar, lhe trará notícia boas. Procure usar roupas de côres claras. Vejo alegrias motivadas por um casamento feliz.



**Mapa em que têm que ser escritos os valores das cartas; deve ser cortado e enviado a esta redação, com o nome ou pseudônimo do consulente e localidade de onde vem.**

GERTINHA (solteira, Distrito Federal) — Noto que os dias pares lhe trarão maior ventura. Em horas de refeição ouvirá palavras de elogio. Vejo algo de anormal em relação a uma carta que receberá. Durante uma viagem conhecerá um jovem que lhe dará grandes alegrias. No futuro, sua vida será alegre e calma.

SENHORITA AMOR (solteira, Ipanema) — Uma mulher invejosa porá obstáculos a um projeto seu. Para fazer novas amizades, procure dias pares. Noto que sua pedra talismã deve ser a esmeralda. Vejo pequeno acidente vitimando uma criança clara. Um homem da lei a auxiliará num caso de justiça que surgirá.

FLOR TRISTE (solteira, Rio de Janeiro) — Vejo que sofrerá pequeno prejuízo, por ser muito confiante. Por meio de uma carta que virá por mar, saberá da conclusão de importante negócio. Uma de suas amigas lhe dará sincera demonstração de amizade. Noto que uma questão de família, envolverá também seu nome. Para o futuro, vejo abastança.



PENTEADOS
Perfeitos
com os cabelos sedosos, brilhantes e com aquela elegância própria das pessoas de bom gosto, resultam do uso constante de FIXBRIL.
FIXBRIL

Uma cousa ...

exige outra:

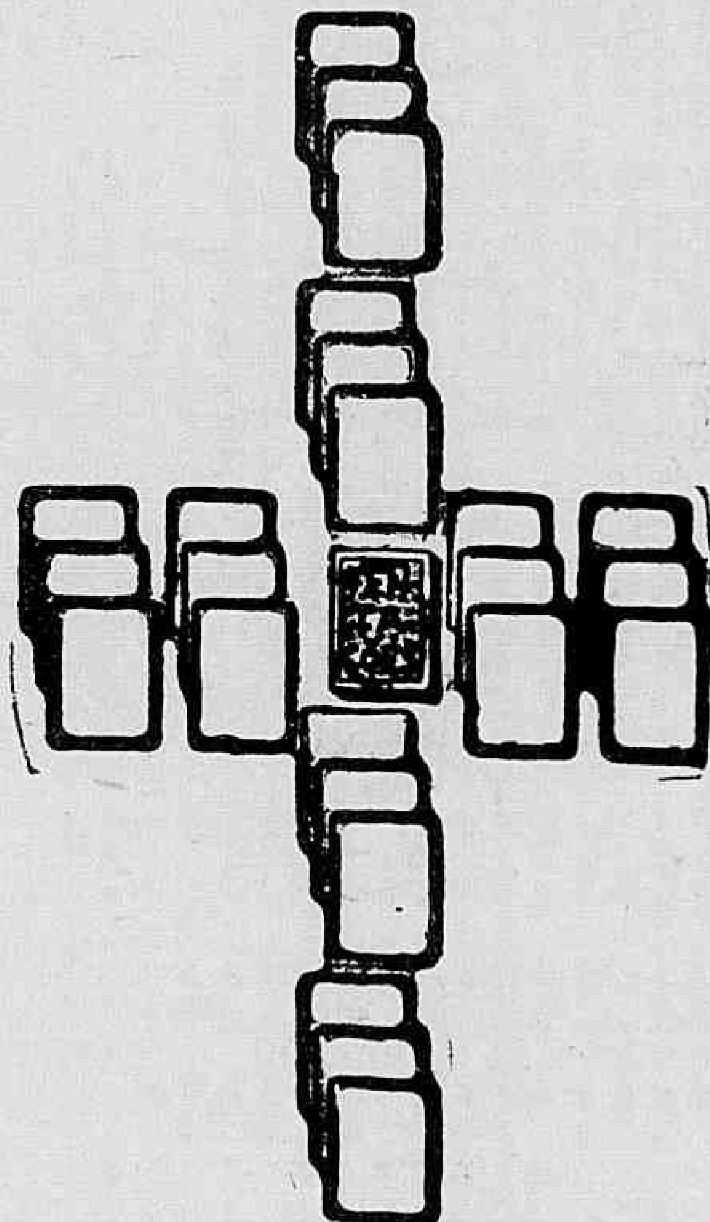


Polvilho Antisséptico
GRANADO
DESODORANTE
CICATRIZANTE

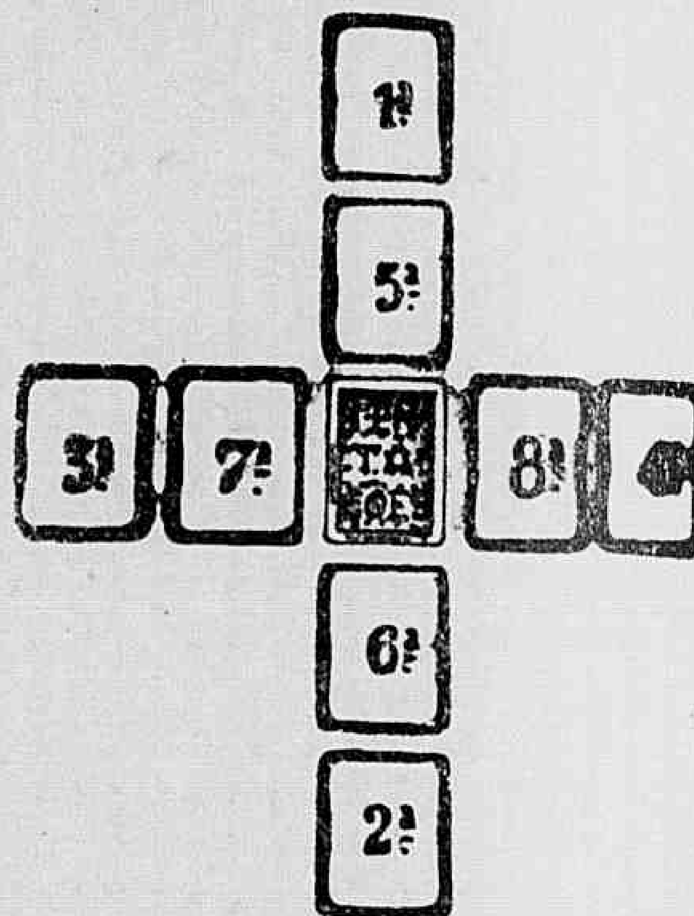


AMOR DO CAMPO (solteira, São Paulo) — Pela porta da rua chegarão novas alviçareiras. Uma pessoa de sua família será ludibriada numa questão de terras. Vejo um casamento feliz, alegrando sua casa. Sua vida financeira passará por sensível melhora. Sua pedra talismã deve ser o rubi. Vida longa.

JOSÉLIA (solteira, Belo Horizonte) — Noto que possui temperamento místico. Um jovem que há muito freqüenta sua casa, lhe dirá palavras de amor. Uma intriga surgirá com a chegada de uma carta. Vejo sensíveis melhorias em sua vida social-financeira. Aparece o plano de uma viagem, onde obterá lucros. Em uma reunião se sentirá humilhada.


**Modêlo de como tem que ser escrito o mapa.**

CÂNDIDA (solteira, Belo Horizonte) — Uma pessoa de sua família será ajudada por uma senhora de bom coração. Uma de suas amigas cometerá pequena leviandade. Fará um negócio, onde não terá prejuízo. Breve perderá um pequeno objeto de valor estimativo. Suas cartas revelam ainda vida longa e venturosa.



**Maneira de deitar as cartas em cruzeta, na ordem numérica em que estão dispostas.**

**VENTUROSA** (solteira, Rio de Janeiro) — Vejo para breve, parcial mudança em sua vida financeira. A seu lado aparece um jovem que lhe dedica sincera afeição. Sucederá algo, durante um passeio marítimo. Durante as refeições haverá pequena controvérsia. Uma pessoa intermediária lhe trará notícias de alguém que há muito se ausentou.

**ROSA DA CHINA** (solteira, Icaraí) — Receberá um presente que a encherá de júbilo. Durante uma solenidade, seu nome será citado como exemplo. Noto lucros em um negócio há muito iniciado. Pes-

**COMO APRENDER A DANÇAR**




**4ª EDIÇÃO AMPLIADA**

Com a nova dança, «Baião», Samba liso, e os últimos passos de Bolero, Rumba, Swing, contendo 120 gráficos, 830 passos, facilitando as senhoritas e cavalheiros a aprenderem em suas próprias casas em 10 dias apenas, no princípio sem companheiro ou companheira. Método de rítmos modernos pelo Prof. Gino Fornaciari, Diretor e Prof. do «CURSO PRÁTICO DE DANÇAS RITZ». Aulas particulares, rua da Liberdade, 120 — Preço: Cr$ 45,00 — Pedidos pelo reembôlso postal — com o autor — Caixa Postal, 649 — São Paulo.

A venda também nas livrarias do Rio e Livrarias e Casas de Música de São Paulo.

soas amigas a confortarão durante um transe doloroso de sua vida. Vejo indícios de casamento venturoso. No porvir terá calma.

**ESTUDIOSA** (solteira, Distrito Federal) — Em horas de refeições receberá consentimento para um projeto há muito idealizado. Um documento perdido será brevemente encontrado. Noto que uma jovem de sua amizade será difamada. Pela porta da rua chegarão boas notícias. Há indícios de abastança no futuro.

**CARMEN** (solteira, Distrito Federal) — Durante um passeio marítimo perderá pequeno objeto de estimação. Vejo que um homem da lei procura obstar um empreendimento de pessoa de sua família. A seu lado está uma jovem invejosa. Há um plano de viagem que lhe dará lucros. Terá futuro promissor.

**COUPON PARA A RESPOSTA**

NOME OU PSEUDÔNIMO ....................................

SEXO ....................................

LOCAL DA CONSULTA ....................................

ESTADO CIVIL ....................................

IDADE ....................................




— Sim. Rompemos o noivado e restituí o anel a êle!

Leia a

CENA MUDA

CINEMA — RÁDIO — MÚSICA

—NOVIDADES—REPORTAGENS



AGORA sinto-me mais jovem

Não há melhor tônico que a Emulsão de Scott, isto diziam meus pais e agora o repito eu! Porque voltei ao remédio antigo e o resultado me surpreendeu! Sinto-me mais jovem, sadio, e sobretudo livre dos resfriados que, assiduamente, me tomavam. Emulsão de Scott é o tônico completo pela fórmula feliz que reuniu as vitaminas do óleo de fígado de bacalhau com cálcio e fósforo.



EMULSÃO DE SCOTT

Tônico das Gerações

N. 419 DO ANO XXXV
# EU SEI TUDO
N. 11 — 1952 ABRIL

SUMÁRIO:

Frontispício: A Grande "Surprêsa" (Conto — Côres) .......... 7
O Heroísmo de Hank Fletcher (Episódio Real) ............... 10
O Trabalho, segundo Bastiat, Mantegazza, Sydney Smith, Homero e Edmundo de Amicis ........................................ 10
Um caixote cheio de brinquedos (pelo General Carlos P. Romulo) 11
Esteja em dia com o mundo ................................ 12
Os grandes problemas navais de última guerra .............. 13
A "Boa Resposta" do mês .................................. 17
Retôrno ao normal ........................................ 18
As contas do patrão irlandês .............................. 18
Seu filho é Onychophago? ................................ 19
Para remover moirões ..................................... 20
Pequena estufa portátil ................................... 20
Recadinhos para o leiteiro ................................ 21
Contra a troca dos cavalos de corrida ...................... 21
O túnel sob o Monte Branco — "Mais um caminho que leva a Roma" ............................................... 22
De sheriff de cinema a sheriff de verdade (Episódio real) ....... 25
É crime se uma espôsa deita óleo de rícino no whisky do marido? 26
O coração de Luísa (Romance — continuação) ............... 43
O Grande "Trouxa" (Episódio real — Côres) ............... 51
Façanhas de um famoso fantasma (Episódio real — Côres) .... 52
Pelo buraco da fechadura (Conto — Côres) ................. 55
Milagre no Presídio (Episódio real — Côres) ............... 57
O impalpável "submarino" (Episódio da última guerra) ...... 58
Para abrir melhor a porta de uma garage ................... 58
O Matrimônio, segundo Tomasseo, Tucídides e Smiles ........ 58
Hitler e o mistério da sua morte (Continuação) ............. 59
As pedras faladoras (Conto) ............................... 64
Explorando o Brasil Meridional (Continuação) .............. 67
A Pupila Rubra (Romance — Início) ........................ 75
Vida do Campo — A Química socorre a Pecuária ............. 83
No Mundo dos Selos ....................................... 89
Nos domínios da Gramática ................................. 91
Os melhores anos de nossa vida ............................ 92
Memento EU SEI TUDO — Fevereiro de 1952 .................. 97
Charadas — Quebra-cabeças ................................ 107
Cartomancia .............................................. 113

★

**A CAPA** — Jogar ou não jogar. Sim! Eis a questão; questão palpitante que divide o Congresso e a Imprensa, surgindo os que discorrem apontando os males do jôgo, livre ou regulamentado enquanto em número equivalente vão aparecendo os que defendem o jôgo legalizado, regulamentado, controlado pelo govêrno, bom para distribuir bem-estar pela pobreza e também para reforçar os cofres públicos. Mas, acima de tudo, o jôgo, como distração, tem defensores ardorosos. E' tão bom uma biscazinha, ou uma canastra, em casa ou até mesmo na praia, a "leite de pato", é claro...

---

# Ao público

O sr. Oswaldo de Castro Oliveira, que se tem apresentado como agente desta revista no interior de Minas e Bahia, não é e nunca foi nosso representante.

## CORRESPONDÊNCIA



LUIZ E. SELLMER (Santa Maria — R. G. do Sul) — Gratos pela remessa da belíssima folhinha. Anotamos o seu comentário, que aprovamos inteiramente, prometendo providenciar.

★

ALBINO GUZELLA (Santa Rosa) — A informação que nos enviou não está certa. Deve haver algum equívoco. O n. 84 não contém a matéria referida. Aguardamos notícias.

★

LUIZ OTÁVIO (Rua Barão de Itaipu, 59 — V. Isabel — Distrito Federal) — Agradecemos o interêsse demonstrado pelo nosso Almanaque. Entretanto, o assunto não cabe no nosso programa.

★

OSWALDO DE PAIVA (Niterói — Estado do Rio) — Recebemos o material. Infelizmente as gravuras não podem ser aproveitadas, o que prejudica o assunto.

★

MARIETA GONÇALVES LOPES (Belo Horizonte) — Não havíamos prometido? Como dizem os franceses: **Chose promise, chose due!**

★

GUSTAV GOETLER (Curitiba —Paraná) — Seu pedido foi entregue ao exame da administração, que se entenderá diretamente com o amigo.

★

ALBERTO MONTEIRO (Recife — Pernambuco) — Impossível publicar o material enviado, cujo assunto foge totalmente ao nosso programa. Agradecemos, mesmo assim, o interêsse demonstrado.